

O

# MUYRAKYTĀ E OS IDOLOS SYMBOLICOS

ESTUDO DA ORIGEM ASIÁTICA DA CIVILIZAÇÃO DO AMAZONAS NOS TEMPOS  
PREHISTÓRICOS

POR

*J. Barboza Rodrigues*

DIRECTOR DO JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO

Ex-Director do Museu Botânico do Amazonas, Cavalheiro da Antiga, Nobilíssima e  
Esclarecida Ordem de S. Thiago da Espada e da Ordem Equestre da Coroa  
da Italia, Membro do Instituto Hist. Geogr. e Ethnogr. do Brazil, do Inst. Archeol. de Pernambuco,  
do Inst. Pharm. do Rio de Janeiro, da Academia Cearense, do Inst. Hist. de S. Paulo,  
da Real Soc. Anthrop. e Ethnol. de Florença, da Academia Real de Sciencias  
de Lisboa, do Inst. de Coimbra, da Soc. dos Naturalistas de Freiburg,  
da Imp. e Real Soc. Bot. de Vienna, da Real Soc. Bot. de Edin-  
burgo, da Soc. Bot. de Marseille, das Soc. de Geogr. de Paris  
e do Rio de Janeiro, Laureado pelo Inst. de Sciencias  
phys. e nat. de Florença e pela Academia  
Nacional de Paris, etc.

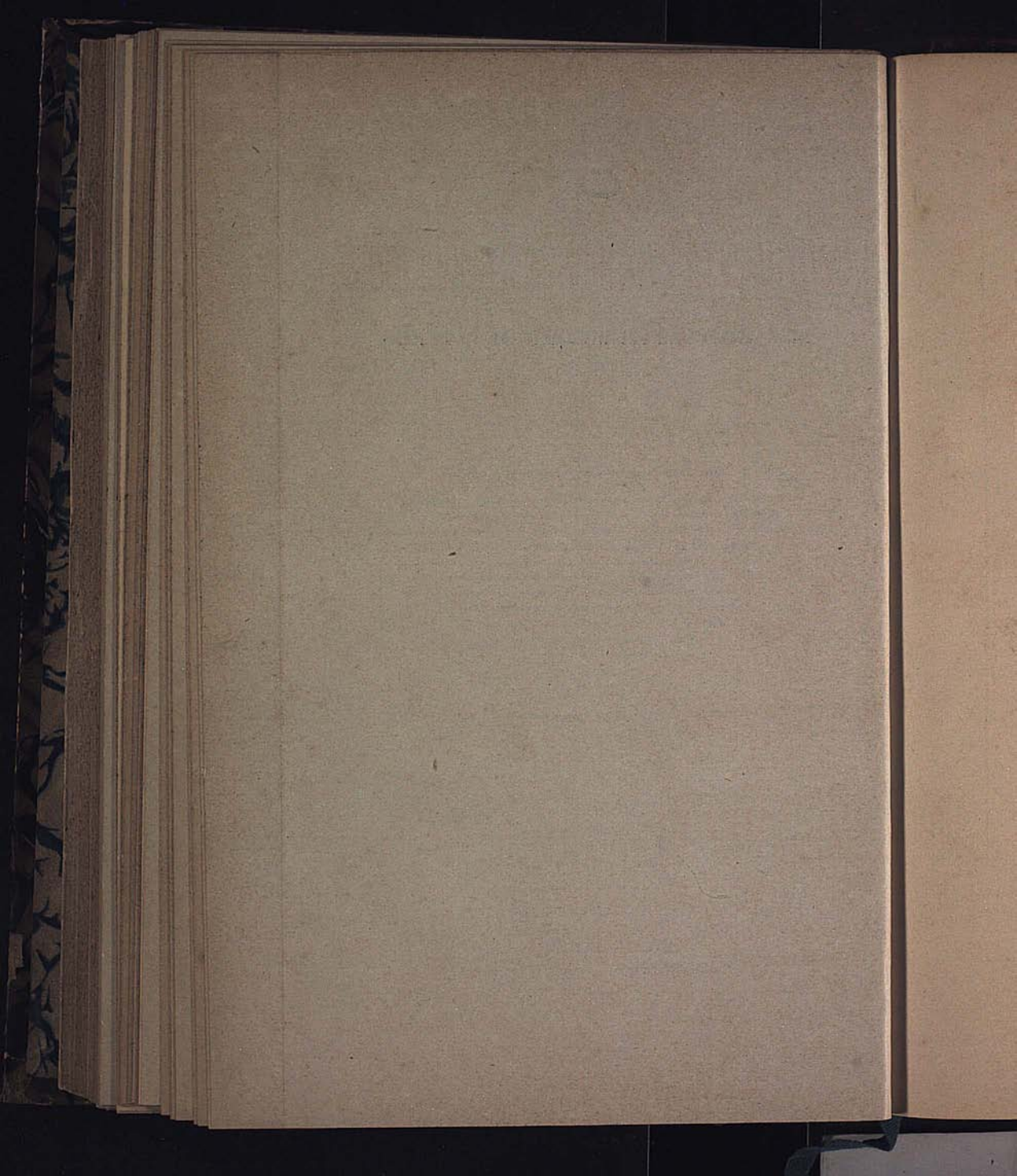
---

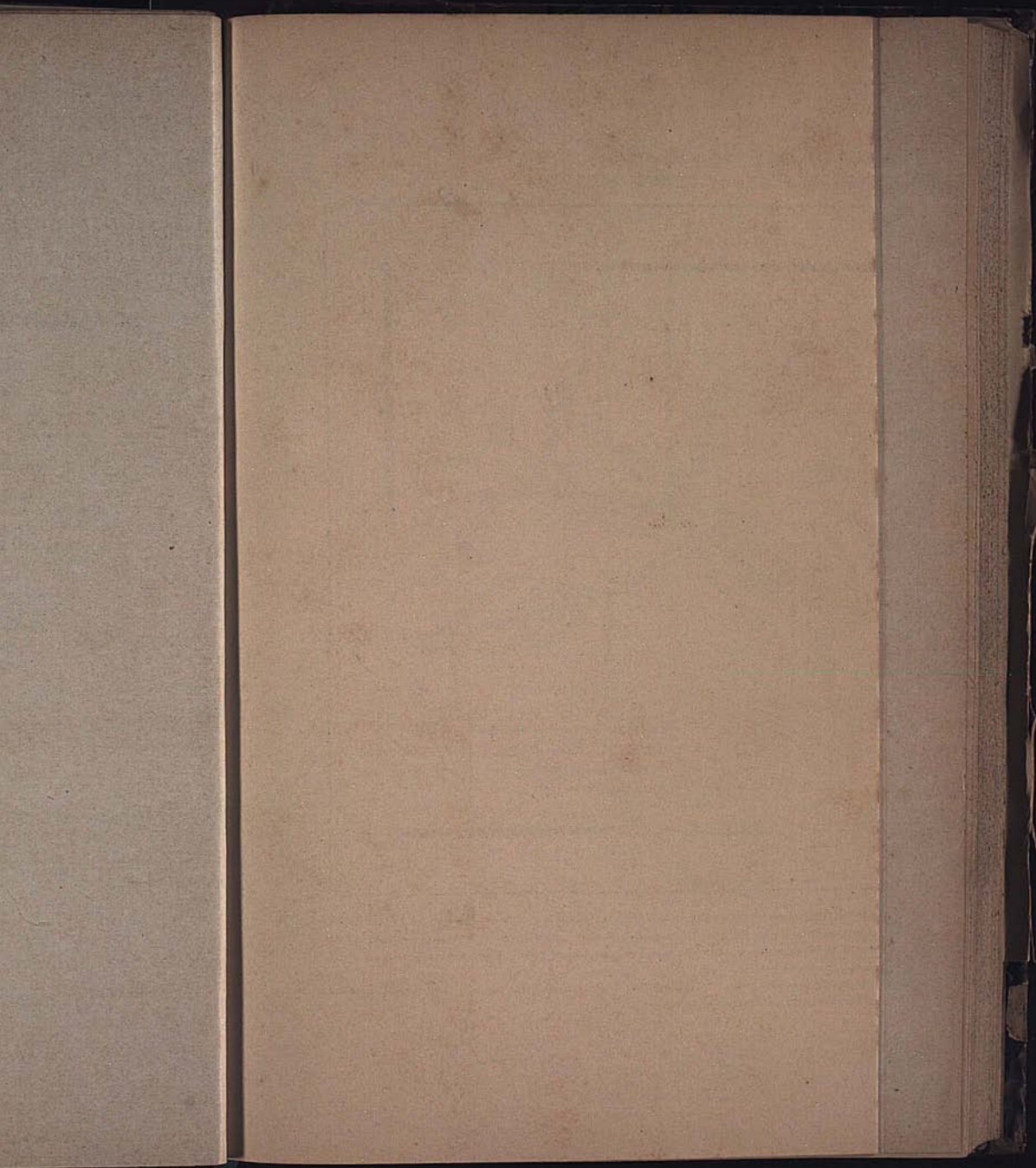
2º VOLUME

---

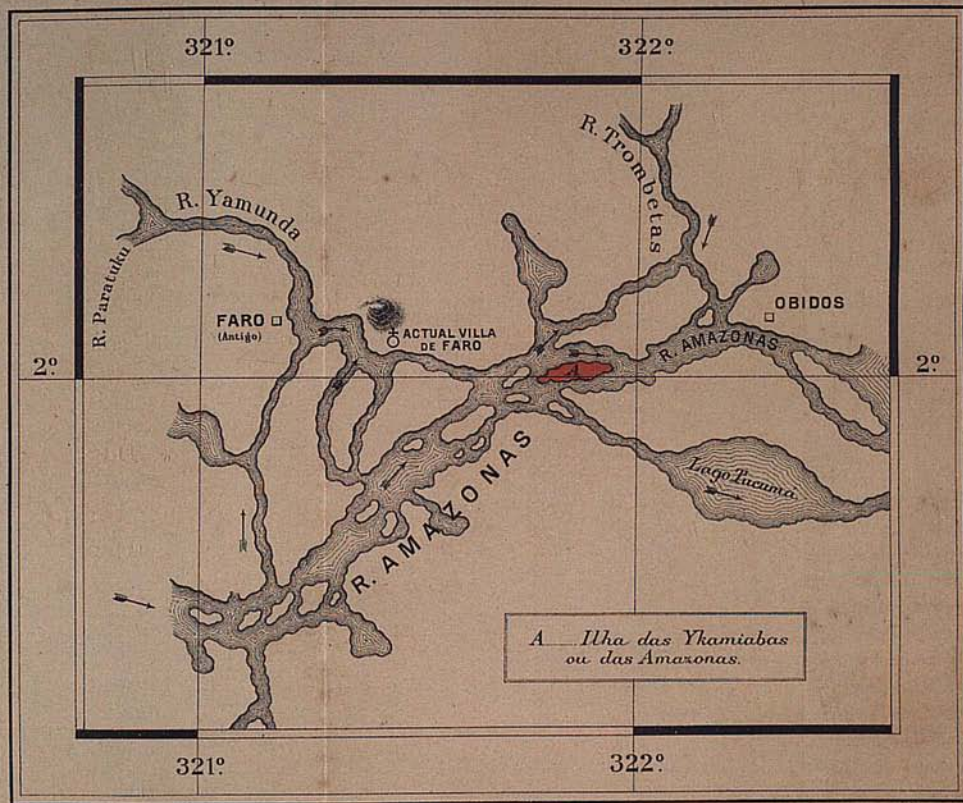
RIO DE JANEIRO  
IMPRENSA NACIONAL

1899





REGIÃO DAS YKAMIABAS,  
DOS IDOLOS E MUYRAKYTANS EM 1780



Este mappa foi copiado de um levantamento pelos astrónomos portugueses em 1780, e serve para se ver as modificações que soffreu esta região, com as alluvidos do Amazonas e com o decrescimento do volume de suas aguas, e outrosim mostrar a ilha em que, segundo opinião minha habitaram as pretendidas Amazonas ou Ykamiabas, que ahí se perpetuaram pelos Muyrakytans. Esta ilha em parte destruída n'este seculo, hoje, está ligada à margem norte e indicada n'esta planta pela letra A e na que levantei, com o nome de *Tawaquera das Amazonas*, na costa do Perú.

Comparando-se a 1ª carta do Amazonas do Padre Samuel Fritz, de 1690, com a de La Condamine, de 1743, esta de 1780, com a de Costa Azevedo de 1868 e com a minha (1874) vê-se a mudança extraordinária que modificou esta região, só n'estes ultimos dous seculos.

Tendo c  
riencia e a  
ultimo quarte  
sado dos n  
unica prova  
tenho despr  
praticos arch  
logicos. Não  
umas verdad  
velho mundo  
teem o cunho  
maravilhoso

Neste ca  
Yai, que s  
tribus selvag  
Grosso, e da

Estes fac  
modificados,



região, com as alluções de  
terras baixas Amazonas ou Yka-  
na nesta planta pela letra A  
Costa Azevedo de 1868 e

## INTRODUCCÃO

En Amérique, comme en Europe, les immigrations ont été intermittentes, et séparées parfois par des siècles. L'Amérique a été peuplée comme par un grand fleuve humain, ayant ses sources en Asie, traversant le continent entier du Nord au Sud, et recevant le long de son cours, quelques faibles ruisseaux.

Quatrefages. — Rev. Scient. XLVI — 1890. p. 485.

Tendo como lemma scientifico que só a observação, a experiencia e a pratica nos podem fazer chegar á verdade, neste ultimo quarto de seculo, tenho-me occupado em desvendar o passado dos nossos selvicolas, tomando por guia o *Muyrakytã*, a unica prova palpavel, que nos pôde dizer alguma cousa. Nada tenho desprezado, e dahi uma serie de viagens e de estudos praticos archeologicos, ethnographicos, linguisticos e anthropologicos. Não desprezei o *folk-lore*, e entre as lendas indigenas, umas verdadeiramente mythologicas, mas identicas a outras do velho mundo, encontrei algumas que, se bem pareçam fabulosas, teem o cunho de factos historicos, adulterados e modificados pelo maravilhoso que o tempo imprime e pelo meio que atravessam.

Neste caso está a lenda sagrada de *Izy*, ou *Bokan*, o *Jurupari Yaiú*, que se prende a factos, que vi perpetuados em diversas tribus selvagens, entre si desconhecidas, do Amazonas a Matto-Grosso, e das Guyanas ao Perú.

Estes factos, que teem percorrido os seculos, mais ou menos modificados, perpetuados pela *poranduba*, são religiosa e secre-

tamente praticados e observados como dogmas. Sobre esses factos, que para os selvagens é uma lei, guardam profundo segredo, não chegando aos ouvidos sinão daquelles que entre elles gozem de plena confiança e com espirito observador possam arrancar-lhes a confidencia. Esses factos, presos á lenda, se ligam ao muyrakytã e á invasão do territorio brasileiro.

Logo depois da descoberta desse talismã, procurando provas da sua origem, deparei com a lenda em questão; entre diversos fragmentos que apanhei, e, debaixo da veste mythologica, encontrei um facto historico. A historia entre os indios é a tradição, perpetuada annualmente pela *poranduba*, que se modifica com o correr dos tempos e com a dicção dos diversos narradores que se succedem, quando os predecessores cahem sob a cegadeira da morte.

De indagação em indagação, depois de muita observação, pelos confrontos, cheguei á conclusão de que as festas chamadas, hoje, do *jurupary* não eram mais do que ceremonias representativas e figuradas, para perpetuar a lembrança de factos passados em tempos idos; a vinda de um homem *estranho, legislador*, e *reformador*, que appareceu, deixando discipulos, que propagaram suas doutrinas e suas leis.

Esse estrangeiro, com o correr dos tempos, perdeu forçosamente o primitivo nome que se adulterou, e essa figura historica foi tomada por fabulosa, transformada em mytho e passou a ser identificada pelos missionarios ao Sa'an biblico, com o nome de Yurupary.

Para melhor firmar o meu juizo a respeito ouvia os indios, os tapuyos, os civilisados em contacto com estes, sendo sobre o assumpto um bom auxiliar o finado Padre José Cupertino Salgado, que, quando religioso, com o nome de Frei Sant'Anna, foi missionario no rio dos Uaupés. Este conhecia bem os usos e costumes das diversas tribus desse rio e com a sua intelligencia esclarecida bem os avaliava.

No correr dos annos de 1873 e 1874 tomei varios episodios da lenda, a que me refiro, e outras que me fizeram distinguir dous Yuruparys: o que representa o pesadelo e o somnambulismo e o que perpetua a apparição de um personagem estranho.

Na  
lendas  
Na  
de bar  
indios  
Bolivia  
dispens  
e entra  
Fo  
que cor  
Izy, co  
Pe  
vida, p  
que não  
riam m  
retirado  
tarde, c  
En  
o meu  
meu tra  
o manu  
1887, v  
a impre  
sahia do  
nico do  
Dev  
historia  
Em  
Sr. Ben  
José Ro

1 Tra  
\* Resp  
servir no 1  
1884, visto  
ter copiado  
rante o tem  
os Criciana  
Pola V  
De V. 2

Na minha *Poranduba Amazonense*, publiquei algumas dessas lendas e expliquei os factos em artigo especial.

Na época acima chegavam a Manãos as *monções*, compostas de batelões carregados de generos indigenas, tripulados por indios de varias tribus do rio Uaupés, do rio Madeira e da Bolivia e, então, tive occasião de, com grande difficuldade e dispendio, conseguir obter o meu intento, apanhando as lendas e entrando no espirito das suas crenças.

Foi assim, nas minhas viagens pelos afluentes do Amazonas, que consegui as variantes e pude apanhar quasi toda a lenda de Izy, conhecida hoje por Yurupary.

Pelos seus fragmentos estudei factos, mas sempre em duvida, porque tinha para mim que eram élos de uma longa cadeia; que não os tinha completos, e esses que me faltavam poderiam me confirmar muito ou destruir a minha crença. Tendo-me retirado do Amazonas, não pude ter uma contraprova sinão mais tarde, em 1883, quando para ahí voltei.

Então com afan continuei meus estudos e consegui firmar o meu juizo, ante novas provas sobre o assumpto. Preparei o meu trabalho para o prelo, para o que mandei em 1884 copiar o manuscripto e as lendas. A Assembléa Provincial, em 1887, vendo a importancia do assumpto, mandou, por lei, fazer a impressão do presente trabalho. Com effeito, a primeira parte sahia do prelo, quando fui chamado para dirigir o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, pelo que o segundo ficou inedito.

Devo referir os factos, para que a verdade nada occulte á historia.

Em 1887 tive occasião de me relacionar, por intermedio do Sr. Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, com o Sr. Maximiano José Roberto, que em 1873 ainda era bem menino.

<sup>1</sup> Transcrevo aqui a resposta que recebi a uma carta datada de 6 de Maio de 1890.

\* Respondendo á carta acima cabe-me declarar que tendo sido designado para servir no Museu Botânico, de que era V. S. seu digno Director em Dezembro de 1884, viatto ser um empregado da Secretaria do Governo, recordo-me, perfeitamente, ter copiado as lendas do que trata V. S. e algumas do Jurupary e outras mais, durante o tempo em que V. S. se achava, pela segunda vez, no Rio Jausary, pacificando os Crichanas; isto em principio de 1885, no mez de Marco.

Pela V. S. desta minha resposta, fazer o uso que lhe convier.

Do V. S. Amigo obrigatissimo. — *Francisco José de Castro e Costa.*

Sendo este neto de uma india do Rio Uaupés e filho de uma meluça, fallava por isso a lingua geral, e como, quasi sempre, estava com os indios desse rio, que vinham commerciar com seu pai, facil lhe era incumbir-se do trabalho.

Por essa circumstancia pedi ao mesmo, em 1888, por intermedio tambem do Sr. Aranha, (que me fizesse o possivel para tomar a lenda; mas, não a alterando e escrevendo-a tal qual dictasse o narrador e, se fosse possivel, o que era mais facil, a escrevesse na lingua geral. Expliquei os motivos da instancia d'esse pedido e fiz ver a importancia que ligava ao assumpto, expondo-lhe que vinha dar muita luz à questão do Muyrakytã.

Interessou-se e prometeu-me. Com effeito: tempos depois me disse que já havia começado a tomar a lenda; mas, que por ser muito longa e depender da vontade dos indios, só mais tarde me daria concluida. Por varias vezes repeti o pedido e sempre apparecia a evasiva de que tinha o manuscripto no *sítio*; que depois de concluido então me entregaria.

Por muitas vezes conversei sobre o assumpto com os Srs. Conde Stradelli e Benio Aranha e, quando eu contava receber o manuscripto, pelo interesse que então mostravam, tive noticia de que o Sr. Conde, já d'elle estava de posse; ia traduzil-o em italiano e remetter para a Europa. Pedi então ao mesmo Sr. Conde que me deixasse ler antes de enviar-a para Europa; mas, sempre se esquivou.

Contrariou-me então bastante o facto, por me parecer que a lenda seria diferente da que eu possuía; mas, mesmo assim, ia ser impressa a que eu tinha, se não fosse a circumstancia da minha retirada do Amazonas. Em 1889, publiquei a parte que tinha em tupi na *Poranduba Amazonense*, deixando de publicar a que possuía em portuguez, por não entrar no plano da mesma obra, que era toda linguistica.

Em 1891, recebi um extracto do *Boletim da Sociedade Geographica de Roma*, de julho de 1890 e nelle vi a lenda publicada pelo Sr. Conde Stradelli. Isso não me surpreendeu, mas confirmou a facto, que sempre pensei que se não tivesse dado.

Ancioso a li e foi grande a minha surpresa vendo ser exactamente a minha, apenas com mais alguns detalhes romantizados e nomes adulterados, que não modificam o fundo historico,



Fiquei satisfeito vendo n'outro extracto, de maio, a pag. 31 o Sr. Conde dizer: «Allorche parlando-me col mio buon amico, Massimiano José Roberto, questo me disce che il lavoro *è gli lo, aveva gia fatto*, e se volendo, metteva il manuscrito a mia disposizione: potete figurarvi se accettai.»

De uma indiscrição e de uma ingenua confiança minha, proveio a lenda que foi publicada em italiano.

Antes de mim ninguem teve conhecimento dessa lenda, que descobri, guiado pelo Muyrakytā.

Dada esta explicação, que julgo necessaria, permita-se-me que entre em outras considerações.

\* \* \*

Como fiz ver na primeira parte deste trabalho, duas grandes immigrações, em épocas mui afastadas uma de outra, aportavam a este continente e nelle se subdividiám.

Uma verdadeiramente *karayba* outra já *karany*, sendo esta muito mais moderna, relativamente áquella, que data dos tempos mythologicos. A *karayba* foi contemporanea da que entrou pela Europa, deixando nella as palafites e gerações, que ainda hoje se representam por diversas raças, entre outras a dos Vasconsos, a que introduziu a nephrite e perpetuou os nomes de *Kar, Dun, Tul*, puros ou mais ou menos adulterados ou modificados; e a *karany*, que foi uma fracção desta, já oriunda da America, e com usos e costumes afastados pelo tempo, pelas lutas e pelo isolamento.

A primeira estabeleceu-se na parte occidental das duas Americas e constituiu nações que conservaram mais ou menos os usos asiaticos, entre elles o da *platycephalia*, por isso mais civilizada, chegando a erguer sumptuosos monumentos; o outro ramo da mesma origem foi o que atravessou a Europa e da França, pela Hespanha, de Portugal, pelo Atlantico, chegou ás Antilhas, indo ao encontro da que veio pelo Pacifico. Esta estendeu-se para o Occidente, isolou-se; internou-se para o Norte, decahiu, embruteceu, perdeu, com o tempo e o meio as tradições patrias, modificou a lingua, perdeu a religião e os costumes e mesmo o physico, abandonando a deformação craneana.

Uma estendeu-se da Alta California até ao Chile, Nova Granada, Perú e Bolivia e centro do Brazil; outra concentrou-se no territorio hoje dos Estados Unidos, ao norte da Florida. Seculos depois soffreu o embate dos vagalhões da primeira invasão, que se estendia para o oriente e ante os seus obstaculos emigrou para o Sul, habitou as Antilhas e mais tarde, como um furacão, cahiu na costa norte brazileira, levando ante si os Tapiyas, miracemas Granadinas, Peruanas e Bolivianas (karaybas), que se concentravam.

Perseguidos, porém, por estes, foram descendo e se estabeleceram no Paraguay, onde esbarraram com as tribus, que do Perú e Bolivia tinham se estabelecido nas grandes campinas das margens do Paraguay; pelo que teem ainda o nome de *Chacu*.<sup>1</sup>

A primeira invasão para o littoral do Brazil foi a da raça Tapiya, que desceu do planalto central sahida das miracemas Peruanas e Bolivianas que caminhavam para o Norte, perseguidas por outras que subiam do Pacifico se internando pelo Perú; a segunda foi a Kariny que desceu das Antilhas, e a terceira, a moderna Karayba, a mais valente dos tempos modernos. Dessas tres divisões das primitivas invasões, verdadeiramente karaybas, dos portadores da nephrite e dos idolos, a que foi a introductora da civilisação do Amazonas foi a karayba neo-Granadina. Dahi as raças Karayba, Tupi, Tupinambá ou Karany, do Brazil. Uma ficou-se no Norte, outra no Centro e a terceira no littoral; mas pelas lutas reemigraram, se subdividiram, se cruzaram, e aos poucos modificaram costumes, usos e linguagem. Umaz traziam o *Muyrakytã*, outras usavam o *tembetã*; uns eram idolatras e tinham tradições da mãe patria, julgavam-se filhos do sol e das serpentes, fallavam dous dialectos, o nobre e o plebeu, outros

(1) Palavra kichua, que quer dizer *ajuntamento, reunião* de gente.

Hoje, no Perú, segundo Veldez, significa « cerco disposto pelos indios para que nello entrem as vigonhas, quando são batidas a fim de as apanhar »; por conseguinte, é um ponto de reunião. Devo notar que as ruínas *the most remarkable in the New Mexico*, segundo Bancroft, estão no Rio *Chaco*, tributario do Rio S. Juan. Essas ruínas mostram um *ajuntamento de gente*, que na sua linguagem tinha para isso exprimir o termo *Chaco*, como no Perú. Temos, pois, na linha migratoria do *muyrakytã*, entre dous povos, hoje de usos e costumes diferentes, a mesma palavra com o mesmo significado, unindo-os ao mesmo tronco. Será coincidência?

tendo perdido as suas tradições não eram mais idolatras, julgavam-se autochthones e só respeitavam o espirito maligno.

Destroços karaybas cortados e separados dos centros proprios pelas lutas, chegaram tambem ao Rio da Prata e ao centro do Brazil, acossados pelos Karanys.

Pela descoberta da America, ainda existiam, tanto que os portuguezes os encontraram na Capitania de S. Vicente e os hespanhóes no Rio da Prata com os nomes de Karayus, Kariyós, etc.

Os tupinambás karanys descendem, naturalmente, das tribus que Rochefort denomina Copachita, da America do Norte, que posteriormente vieram dar ás Lucayas perseguidos pelos Apalachitas, adoradores do Sol, que vinham do lado da California. Se bem que aquellos, a principio inesperadamente, se apoderassem de uma parte do paiz dos Apalachitas, pelo que foram por estes os Copachitas denominados Karaybas, quando elles é que o eram, em relação á America, pelo facto de serem estrangeiros invasores, comtudo esse nome foi, mais tarde, retribuido pelos Copachitas aos valentes adoradores do sol, já seculos depois, quando formavam uma nova nação que se distinguia no Brazil com o nome de Tupinambá.

Foi depois de uma luta religiosa entre os Apalachitas e os Copachitas, sem religião, que se originou a miracema para a America do Sul, d'onde sahira a raça Tupinambá. Da primitiva alliança entre os Copachitas e Apalachitas houve cruzamentos, de maneira que, quando a guerra religiosa levantou-se e deu lugar ao exodo Copachita, costumes Apalachitas tambem foram levados pelos retirantes. Os restos destes costumes, depois mesmo da chegada dos batidos Copachitas á nova patria, ás Lucayas, produziram novas desordens, que acabaram por separar inteiramente as duas raças e a dos que tinham adoptado a sua religião — a do Sol.

Conservaram-se, pois, uns nas Lucayas, e outros desceram para o Brazil. Assenhorearam-se das ilhas e das costas do golpho do Mexico por um lado e das do Sul por outro.

Ficaram os conquistadores valentes, (Karaybas) e sahiram os que o não eram (Karanys).

a até ao Chile, Nova  
Brazil; outra concen-  
Unidos, ao norte da  
parte dos vagalhões da  
o oriente e ante os  
bitou as Antilhas e mais  
norte brasileira, levando  
, Peruanas e Bolivianas

m descendo e se esta-  
am com as tribus, que  
nas grandes campinas  
inda o nome de *Chacu*. 1  
lo Brazil foi a da raça  
sahida das miracemas  
para o Norte, perseguidas  
ternando pelo Perú; a  
ntilhas, e a terceira, a  
empos modernos. Dessas  
rdadeiramente karaybas,  
a que foi a introductora  
neo-Granadina. Dahi as  
rany, do Brazil. Uma fi-  
terceira no littoral; mas  
m, se cruzaram, e aos  
languagem. Umaz traziam  
t; uns eram idolatras e  
avam-se filhos do sol e  
nobre e o plebeu, outros

lo, reunião de gente.  
co disposto pelos indios para que  
as apanhar »; por consequente,  
*the most remarkable in the New*  
ibutario do Rio S. Juan. Essas  
sua linguagem tinha para isso  
t, na linha migratoria do muy-  
diferentes, a mesma palavra com  
será coincidência?

Perdurou dahi a guerra entre as duas nações e pela mescla com os das Lucayas modificaram os costumes primitivos. Os que immigraram para o Sul ainda mais se separaram pela linguagem. Vem dahi e das lutas posteriores a afinidade entre os dous dialectos tupi e karayba.

Quanto ás lutas, que, nos tempos historicos, se deram e que produziram fusão e amalgama de linguas e costumes, veja-se o que disse no capitulo da primeira parte, que trata da arvore monogenica, onde estabeleci os caracteres das tres raças pela conformação craneana.

O Sr. Viollet-le-Duc, estudando a natureza e o gráo de adiantamento das artes, nas ruinas da America, conclue dizendo que as nações civilisadas foram de uma mescla das raças Turanianas e Aryanas. As obras de alvenaria resentem-se do sangue Turaniano e as de madeira do Aryano, sendo o maior elemento da raça amarella e o mais moderno da branca, predominando todavia o sangue amarello na mescla com o Ariano.<sup>1</sup>

Que os ascendentes karaybas foram os Apalachitas, o disse Rochefort, (quem melhor os descreveu) sendo dessa mesma opinião, Pedro Martyr, Bory de S. Vicent e Brasseur de Bourbourg, discordando, entretanto, d'Orbigny, no seu *Homem Americano* e Lafitau nos *Moeurs des Sauvages Americains*, que, como Herodoto, crê que sejam seus avoengos os povos da Eubea. Em parte tem razão, porque estes foram os contemporaneos das primitivas immigrações para a America. Essa opinião, que bate a dos primeiros, chega todavia á mesma conclusão, posto que baseada em uma interpretação erronea da palavra *guarany*. Apoiando-se em Montoya, que traduziu *guarany* por *guerreiro*, diz que a palavra karayba é adulteração daquelle, quando *guarany* quer dizer o contrario: *o que não é guerreiro* (Kara-ny).

A palavra *Kara, kari* indigena ainda não tinha sido interpretada, fui eu o primeiro a fazel-o. O proprio guaranylogo Baptista Caetano não a traduziu. Muitas vezes discutimos essa palavra «que, dizia elle, vinha de algum dialecto estranho ou era corruptella»

<sup>1</sup> Bancroft. *Nat. Races of the Pac. Stat.* IV. 362.

tanto, que no seu *Vocabulario* ainda dá *guarani* e *guarini* com o significado de *guerrcar*, *pelejar* e tratando de *kara* e *kari*, nos *Ensaíos de sciencia*, á pag. 120 do 2º vol., diz: « Ficam de pé as duvidas sobre as radicaes *kara* e *kari*, que demandam ulterior estudo. »

¶ Para confirmar que os Karanys não eram guerreiros, citarei o que disse o Dr. Washburn na sua *Historia do Paraguay*,<sup>1</sup> tratando dos da época do descobrimento: « Pero los guaranies del Paraguay no teniam el valor necesario para oponerse con éxito à la invasion del estrangeiro. No eram ni *vengativos* ni *guérreros*. »

O Dr. Baptista Caetano concordava que exprimia sempre *eminencia*, *cousa saliente*, ou *importante*, mas nunca suppoz que viesse do *Karu*, que produziu o *tyranno*, e que viesse do centro d'Asia acompanhando a nephrite e os idolos.

Baptista Caetano não admittia, como afirma Fidel Lopes, que o Kichua tivesse afinidade com o Sanscrito e muito menos o tupi, entretanto a elle se prendem os povos que fallam as duas linguas, como nos demonstra a ethmologia, auxiliada pela chimica.

Foi do *Kuro*, que originou *Kara*, que veio tambem o nome de *Cyro*.

¶ Agradate, da tribu dos Pasagardos, o fundador da monarchia dos Persas, conhecido na historia por *Cyzo*, o primeiro, o grande, só teve esse appellido depois da conquista do Imperio Medo-bactriano. Como estrangeiro, e conquistador, *mão*, teve o nome de *Kyrios*, latinisado em *Cyrus*, o que prova bem a origem e o emprego que tem esse termo em todas as partes do mundo em que é applicado. Tanto foi mão, que, segundo Herodoto, foi o *flagello* da humanidade, pelo que a rainha dos Massagetas mergulhou-lhe a cabeça n'um vaso de sangue, dizendo: « Sacia-te com este sangue de que eras tão sequioso. »

A essas tribus, que, como já disse, invadiram a America, trazendo a nephrite e o termo *kara*, eu denomino *karaybas*, por serem estranhos, conquistadores, e mãos.

<sup>1</sup> *Rev. del Paraguay* Año I, n. 2. pag. 64.

Como significando *nobre, fidalgo*, ficou perpetuado entre todas as tribus do Brazil e chegou até nós. O que se nobilitou, o que se assemelhou aos *Karas*, teve o nome do *Moakara*. Os *Makaras* veem dos Lydios, dos Heros, posteriores aos *Karas*, e chegou á America. Nas ilhas Fortunadas tem um duplo caracter o de *homens de raça divina*, e o de *homens de raça barbara*.<sup>1</sup>

O indio, como o gentio, tinha e tem nomes para designar superioridade e distincções.

Obedece ao Muruichaua, ou murubichab, (o que faz o de sangue),<sup>2</sup> o *Murubichab*, dos Karins; ao *Tuichaua* ou *tubichab* (o de sangue); respeita o *Payé* (o que adivinha); o *Pahy-açu*, (o bispo); o *Pahy* (o padre); o *Abaré* (o casto); e sujeita-se ao *Moakara* (o nobre); ao *Abaeté* (o illustre), e ao *Karyua* (o senhor).

Cada tribu tem um Muruichaua que exerce o poder supremo, delegando outros poderes aos tuichauas, que governam as *malocas*, que constituem a *taua* ou *taba*.

O poder sobre as cousas sobrenaturaes pertence ao *payé*, ao qual se curva o Muruichaua. Com a conquista e as missões vieram o Bispo, e os Padres, a quem deram o nome de *Pahy-açu* e *Pahy*,<sup>3</sup> como alguns a principio escreveram, que davam aos *anciãos*, distinguindo-os dos frades que foram denominados *Pahy-tukuras* (pae gafanhoto), pela grande semellinça do frade com um *Acridium* de pó. No Paraguay deram alguns jesuitas, como a Nobrega, para distinguil-o, o nome de *Abaré*, emquanto que geralmente para distinguir os padres dessa ordem denominavam *Pahy-una*, pae Preto. O que tudo pôde, porque está acima de tudo pelo seu nascimento e acções é o *Moakara*, a quem o Muruichaua ouve e de quem segue os conselhos. Os mais honrados, virtuosos e graves, mesmo os *abaetés*, tambem o ouvem e respeitam.

<sup>1</sup> Eckstein. *Sur les sources de la cosmogonie de Sanchoniathon*, pag. 450.

<sup>2</sup> Vide o que eu disse sobre este vocabulo na *Rev. do Inst. Hist.*, Suppl. ao vol. LI pag. 89.

<sup>3</sup> *Pahy* não é palavra lupi, não é mais do que *pay*, *pai*, *pae*, portuguez, o, *pater*, latino. O som do *y* que equivale a dous *i*, como em *ideya*, proluziu a palavra que se toma por indigena.

Todos, porém, se curvam ao valente, ao estrangeiro que tem meios de supplantar ao *Karyua* ou *Karyba*.

Os índios que não tinham outro chefe, a não ser o Muruichaua, com a chegada dos kariuas portuguezes, deram ao Rei o tratamento de *Muruichaua reté*, o verdadeiro chefe.

Moakara é um titulo nobiliarchico; abaré, abaeté mostram qualidades; muruichaua, tuichaua, payé, e pahy são cargos, e o kariua é o estranho á tribu a quem se teme e em geral se odeia.

Os Moakaras em geral são filhos de Muruichauas, são homens poderosos, *fidalgos*, distinctos pelo seu nascimento, ou illustrados, pelo seu valor, coragem e virtudes, que os assemelham aos Karas.

Na minha meninice ouvi ainda tratar de *Moakaras* os fidalgos que acompanharam o Sr. D. João VI ao Brazil, no tempo em que, pelas ruas do Rio de Janeiro, ainda se apregoava a agua: *Y Karioca !.. (Agua para casa, branco !)*

Contarei uma anecdota historica para mostrar como os índios prezam e se orgulham de ter uma ascendencia nobre.

Subia, outr'ora, um portuguez o Rio Negro com um companheiro e parando no *teyupar* de uma india, impressionado pela sua physionomia disse:

— Esta mulher tem má cara !..

Ao que logo interveio a india, suppondo ter elle se expressado na lingua geral:

— Kariua, re kuá tenhê ipó ce ypyrungaua moakara?

Isto é: Como soubestes, branco, que descendo de fidalgo?

Segundo o Padre Cardim e outros, dava-se o titulo de *Moçakara* ao valente encarregado de descarregar o golpe na cabeça do prisioneiro, cujas carnes tinham de servir para o banquete dos canibaeas, passando este titulo de geração em geração com muito apreço.

Entre os antigos Karaybas era tambem suprema honra o sacrificio de um vencido, cuja cerimonia e honra eram analogos á dos Aztecas.

Moçakara quer dizer o que se fez *honrado, estimado, querido, valente, poderoso, sabio, nobre*: de *mo*, antes *mbo*, *fazer-se Kara*, o valente, o poderoso.

Este titulo honorifico, comtudo, não se dava só naquellas condições: era antes um titulo, por assim dizer, nobiliarchico, que quando por outras façanhas ou nascimento se não obtinha, então a de sacrificar um inimigo era bastante.

Tanto assim é, que, Martim Affonso de Souza, o celebre Ararigboia, depois, de por sua valentia, leaes serviços e ajudar Mem de Sá na edificação da cidade do Rio de Janeiro, ser nobilitado pelo habito de Christo, foi que passou a ser tratado por *Moakara*.

Basta citar o que disse, em carta, o Padre Antonio Vieira ao Provincial Francisco Gonçalves, em 5 de outubro de 1653, para não nos restar duvida sobre o assumpto.

Relatando a viagem ao Rio Tocantins, diz:

«Vão nestas dezaseis canoas um Capitão com oito officiaes reformados portuguezes, duzentos indios de remo e arco, quarenta *cavalheiros* e de gente de serviço até sessenta, que fazem por todos mais de trezentas pessoas. E porque *não faça duvida o nome de cavalheiros*, e de saber que entre os indios destas partes é costume de se *armarem cavalheiros*, e isto com grandes ceremonias a seu uso. Destes se chamão tambem por *nascimento* ou por officios, são como a *gente nobre*, e estes não remão, nem servem aos portuguezes e só os acompanhão na guerra e delles se escolhem os que hão de mandar os demais.»

Uma das provas de que os Tupinambás teem uma origem asiatica, sem fallarmos do typo, que é igual aos dessa origem, está em diversas palavras tupís, que teem a mesma pronuncia e a mesma significação que nas linguas primitivas da Asia Central.

Lembrarei aqui apenas uma, entre muitas que estudei e das quaes algumas se verão adiante, a muito vulgar *Tupá*, que os Karanys mestiçados fizeram *Tupan*, os portuguezes *Tupana* e que hoje tem o significado de *Deus*.

*Tupá*, o *raio*, o *trovão*, é uma dessas palavras compostas de significação derivada, cujo sentido foi mudado naturalmente pelo christianismo, que se aproveitou da idéa do indio. *Tupá* sempre exprimiu o raio, o trovão e não propriamente Deus.

Lery nos diz, fallando dos Tupinambás: «quand ils entendent le *Tonnerre*, qu'ils nomment, *Toufan*, ils sont grandement effrayés»,



e Nobrega, tratando dos Tupiniquins, afirma que: «esta gentildade nenhuma coisa adora, nem conhecem Deus, sómente aos *trouvões*, que chamam Tupane».

Os tupinambás tinham os verbos *tuk* e *tug*, bater, ferir, queimar, produzir fogo, e *tupá*, trovejar, donde *tupá* também veio significar o trovão, o raio e o *tupá ucrab*, o brilho do raio, o relampejar.

Pela indole da lingua nunca um indio exprime um verbo no infinito absoluto, sempre apparece na terceira pessoa do singular do indicativo. Não dizem trovejar e sim *elle troveja*, como o francez diz *il tonne* e o inglez *he thunders*. Tupá tem o radical *tuk* ou *tug*, que é a mesma *tup*, *tap*, sanskrita, modificada pela phonetica, que significa igualmente *queimar*, *ferir*, e também *calor*, donde veio o *tap-ere* latino, ser quente e produziu, o *tap*, *top*, *tup*, do kechua, significando o esplendor, brilho de luz, calor, o ardente. Os tupis também fizeram *tapu* e *teapu*, no sentido de estrondar, ribombar, fazer barulho, retumbar, etc., o que é um dos efeitos do raio, além de ter brilho, queimar e ferir. Modificado pela phonetica o que brilha, bate, fere e queima, produziu *tuk*, ferir *tug*, queimar e *tup-á* que com a addicção do suffixo *a* (feito de, formado de) e com a nasalisação de algumas tribus deu o *tupá*. Dizendo o indio *tupá*, troveja, ahí implicitamente vai incluída a idéa de uma força sobrenatural, divina, de um poder supremo, a cuja vontade o raio obedece e por isso, quando em absoluto diz *tupá*, a raio, o trovão, a este se prende subentendida a Divindade, o deificação das forças da natureza e por isso os missionarios se aproveitaram para exprimir Deus. Assim a concepção monotheista dos missionarios traduziu o que exprimia o Poder de Deus, pelo proprio Deus e a radical que exprimia *calor*, *resplendor*, *ferir*, *queimar*, passando por uma nova phase, perdeu o sentido attributivo e veio a significar o poder supremo — Deus. A radical sanskrita, conservada tradicionalmente no dialecto indigena que exprimia uma idéa de *fogo*, originada do *calor*, donde dimana a *luz*, o *brilho*, bem é dita pelo indio quando diz *Tupá*, o que é feito de fogo. Este, hoje, é expresso por *latá*, mas também tem a mesma radical, quer dizer: o que

é composto, formado de luz, de brilho e de calor. Temos, pois, uma radical sanskrita nas linguas *inka* e *iupi*, de origem asiatica. Assim como dos Aryanos que appellidaram o *céo* de brilhante, *Dyau*s veio o  $\zeta\epsilon\upsilon\varsigma$ , grego, que passou ao *Deus* ou *Deum* latino, o Jupiter dos Romanos, exprimindo o Omnipotente, assim o *Tupã* passou de trovão para Deus. Isso nos prova tambem a unidade das duas miracemas que sahiram uma para Europa e outra para America.

O *tupã* é, mais ou menos, contemporaneo do *Dyau*s. A origem daquelle é como a deste asiatica e assim como os gregos de uma força da natureza fizeram um Deus do Olympo, que descarrega raios, assim os nossos indigenas temiam a mesma força e, se não deram o mesmo nome de *Dyau*, deram outro com uma radical da mesma origem.

Disse que os portadores da nephrite para America foram os mesmos que a levaram á Europa, disse mais, marcando a marcha pela Europa, que esses povos estiveram em Troya e hoje mais do que nunca estou convencido, porque, além da nephrite, apparece hoje na ceramica e nas armas de pedra, da cidade cantada por Homero, perfeita identidade com as que se encontram nas necropoles do Amazonas, dos tempos prehistoricos. Nota-se nos vasos mortuarios (*iukaçauas*), nos cantaros (*igaçauas*) e em vasos funebres, quasi sempre a representação de uma cara tendo em relevo os olhos, as sobrancelhas e o nariz, ligados sempre este áquellas por uma só linha formando um *tau* — T — ou com a forma superior horisontal ou com as extremidades na mesma incravadas. Os olhos ou formam uma só elevação globulosa ou um oblongo cortado por uma linha recta horisontal. Nas *iukaçauas*, ás vezes os braços, o umbigo e as partes genitae femininas são representadas.

Pois hem, na ceramica desenterrada nas excavações feitas em 1873 pelo Dr. Henri Schliemann, nas planicies de Troya, proximo aos tumulos de Achilles, de Patroclo, onde passa o leito primitivo do Scamandro, nas ruinas do sepulchro de Baticia, que no tempo dos Deuses era conhecida por Myrina (*Illiada* II. 811-815) e no sitio da antiga Ophryniun ha vasos inteiramente iguaes aos nossos com a representação das mesmas caras,

feitas pelo mesmo processo e tão eguaes que se confundem as troyanas com as brasileiras. Essas caras representam cabeças de corujas ou mochos, que symbolisam a deusa protectora de Troya, a Minerva Iliana, que representa na America *Chia*, a lua, a irmã de *Bochicha*, que era a soberana que presidia as terras, e por isso era tambem representada por corujas. O culto da lua, symbolisado pela coruja, vinha dos Karas e dos Nahuas, sendo o seu culto sempre o de orgias licenciosas, porque sempre por erotica foi tida a lua. A lenda do *Yacy tafere* confirma essa idolatria e a sua representação na ceramica. Veja-se o *Atlas des antiquités Troyennes* do Dr. Schliemann, corram-se as suas numerosas photographias e ver-se-ha que nas Estampas 32, 43, 51, 59, 64, 73, 75, 119, 145, 147, 149, 159, 166, 167, 174, 188, 190, 199, etc., os vasos teem ás caras iguaes as das antiguidades de Mirakanguera e de Marajó. Os machados e os cunhos de pedra do Amazonas são inteiramente iguaes, tambem, aos que estão representados na Estampa 99 da mesma obra.

Que afinidade, que similitude, que coincidência é essa?! Simples acaso? Mas, a nephrite acompanha essa coincidência! Ha mais ou menos 31 seculos que está soterrada a ceramica Troyana, dos tempos mythologicos Homerianos, as nossas não dataram do mesmo tempo? Não temos dados para affirmção, porque não possuímos elementos historicos, mas temos as lendas mythologicas. O que é exacto é que a nossa ceramica é ante Colombiana e que a natureza do terreno que soterra essas antiguidades apresenta uma era mui remota. Poderá ser muito mais moderna, porém o que é certo é que a tradição perpetuou entre os artistas americanos o mesmo uso, o mesmo estylo, a maneira de esculpir dos povos que invadiram Troya. O polytheismo, tirado das forças da natureza, que era representado por Deuses entre os povos homericos, existe representado, como vimos nos idolos archeologicos americanos, modificados pelo meio.

Hypotheses, dirão; mas o futuro elucidará a questão.

Para ainda mostrar como do Norte, pelos Karaybas, chegou ao Brazil a influencia asiatica que foi á Europa, alongarei mais esta introdução com uma lenda, que dos Esquimãos, do Oceano

glacial arctico, pela Groenlandia e Canadá chegou ao Amazonas, a lenda do *Homem lua*, *Falkren Innok*, que não é mais do que a do *Yacy-taperé*, tapera da lua, ou *Yacy-uaruá*, espelho da lua, encontrada por mim entre os indigenas do rio Yamundá. <sup>1</sup> Esta mesma lenda existe na mythologia grega, como adiante veremos, nos mostrando, como tenho dito, que do mesmo centro partiu para a Europa uma *miracema* e para a America outra.

Transcrevo aqui ambas, para serem comparadas:

#### YACY-UARUÁ

Quando desceu pelo Yamundá a *tribu de mulheres*, ficaram na serra dois irmãos, irmão e irmã. Esta foi habitar a margem do lago e aquelle o alto da serra. Tempos depois apaixonou-se a irmã pelo irmão.

Em seu peito escondia a paixão criminosa e occultava os seus impulsos. Uma noite, porém, conseguiu seus intentos. Dirigiu-se á serra e pernoitou com o irmão. Depois dessa noite, seguiram-se outras de amores mysteriosos, que cada vez despertava nelle, quando acordava, os desejos de conhecer quem em sua rede o ia abraçar. Durante o dia a irmã não se trahia. Uma occasião, porém, preparou-se para descobrir quem era a desconhecida, que durante a noite apparecia e durante o dia se occultava.

Como de costume, aproximou-se ella á noite, da rede. Seu irmão fingia dormir. Mansamente inclinou-se para elle... ia beijal-o, quando sentio que seu irmão, passando-lhe as mãos pelas faces, as tinha deixado húmidas. Ao romper da alva dirigio-se ao lago, em cujas margens habitava, e foi mirar-se no espelho de suas aguas. Viu-se manchada de fulligem.

Comprehendeu então o horror de sua posição, e para não corar ante o irmão, que assim a reconheceria, quando viesse vel-a, fugiu para casa. Momentos depois voltava com um arco e um maço de flechas. Manejando com mestria o arco, despediu uma flecha para o céu, que ali ficou segura. Despediu após esta outras, foi fechando umas ás outras até formar uma longa vara, por onde subiu e transformou-se em lua. Vindo o irmão vel-a no dia seguinte e não a encontrando, de dôr transformou-se em mutum, segundo uns, ou em sol segundo outros, e desde então procura abraçar a irmã, que sempre ante elle foge. Quando apparece o sol, a lua tem-se escondido.

<sup>1</sup> Publicada em 1875 á pag. 32 do meu relatório sobre o Rio Yamundá, reproduzida depois pelo Professor Hart, nos *Torlôise Myths* á pag. 40 e pelo Dr. Mello Moraes Filho na sua *Litteratura*, na *Revista Anthropologica*, e nos *Mythos e Poemas*.

## O HOMEM-LUA 1

Viviam a principio um homem e a sua irmã. Ambos eram bellissimos, e o joven se ennamorou da irmã e a ella queria unir-se. Elle queria surprehendê-la durante a noite, afim de que ella nada suspeitasse e ignorasse de quem recebia visita. Perseguida á noite por este desconhecido, que ella não podia reconhecer pela escuridão da sua cabana, *Maligna* (nome da moça), tingiu as mãos com fundo de panella e durante o abraço que lhe deu o seu adorador, manchou o rosto de fulligem, sem que elle suspeitasse.

Depois que chegou o dia, o rosto do irmão, sujo de preto, mostrou a sua desgraça.

Em gemidos afogou a sua dor, e fugiu da cabana para nella não mais entrar. O incestuoso, transportado pela paixão, seguiu a irmã, que então subiu para o céo, sol resplandecente, seguida da lua com o rosto sujo, que a segue com insistencia, sem que comtudo possa alcançá-la.

Vê-se que as lendas são as mesmas, sendo, porém, protagonista de uma a irmã e da outra o irmão.

Como se alteram as lendas, pelas migrações, ninguem melhor explica do que Max Müller nos seus *Ensaios de mythologia comparada*.

O facto, entretanto, é que a lenda Canadense, é vulgar tambem na Asia, onde o sol e a lua são ora de um, ora de outro sexo.

A lenda que achei no alto Yamundá encontrei-a tambem no Rio Branco, lugares onde existem as tradições das Ikamiabas, portadoras do Muyrakytā, representado hoje pelo Nanacy, entre as tribus do Rio Uaupés.

Na Groelandia o protagonista é o sol, que com suas mãos manchou a roupa e as faces da lua.<sup>2</sup>

Como se explica o facto de apparecer na Groelandia, no Canadá e no Amazonas a mesma lenda?

Não é introdução de missionarios ou viajantes, porquanto, quando os primeiros exploradores entraram no Yamundá, já ali os indios denominavam a serra e o lago que existe na mesma, de

<sup>1</sup> Petitot. *Traditions indiennes du Canada* pag. 7 e 8.; Dr. V. Grossi, *Langue, litteratura e tradizione popolari degli indigeni da America*. pag. 14.

<sup>2</sup> Egede. *Deser. et Hist. Not. du Groeland*. pag. 156.

Yacy-taperé e Yacy-uaruá. Por que só na região em que se encontra o muyrakytā appareceu a lenda?

Compreende-se como um conto, uma lenda, uma fabula, como a que La Fontaine escreveu sobre o titulo *La laitiere et le pot au lait* seja originada dos contos de Pankalandra, collecção de contos sanskritos da India, traduzidos 550 annos depois de Christo, em persa, passando-se o facto com um Brahmane, que calculava o arroz que tinha num pote. Pela litteratura de 20 seculos, de modificação em modificação, chegou a ser *Perrete* e o pote de leite; mas como chegou atravez dos mares e de uma para outra America um conto esquimáo, referido verbalmente antes da descoberta da mesma, até o Amazonas? Não é, pois, uma reliquia dos povos primitivos que chegaram ao grande rio e ahi perpetuaram com a pedra verde as suas tradições?

O ser, no conto esquimáo, a lua do sexo masculino, nada influe, porque entre os nossos selvagens, como observei, e como na mythologia asiatica a lua é hermaphrodita. Na Chaldéa a lua, *Sin* é um Deus e o sol é uma mulher.

Esta lenda, como a de Izy, prende á nephrite, aos Karas e á sua gynecocratia. Quando appareceu o legislador Izy, no rio Içana, na serra de Tunahy, ahi as mulheres governavam.

Agora mostrarei que esta lenda que atravessou a America de Norte a Sul, e que veio pelo caminho da Asia, tambem desta emigrou para a Europa, onde appareceu na mythologia grega; vê-se que n'esse tempo se originou tambem a população americana, que usava ceramica igual á de Troya. Se os costumes, as linguas desapareceram, comtudo ficaram nos nomes de localidades, e na memoria dos habitantes sementes que com boa cultura ainda germinarão. A mythologia americana, bem estudada e comparada, reunidos os élos exparsos, e distanciados, formarão a cadeia que prende os povos americanos á Asia.

Vejamos como na Grecia, na Karia, se perpetuou a lenda dos amores de dous irmãos incestuosos, o sol e a lua. Se tivesse havido um Homero americano, os nomes dos heroes brasileiros teriam sido perpetuados, como se perpetuaram os de *Endymion* e *Silene*.

Segundo Cicero, Juvenal, Theocrito, a tradição grega dava a Endymion varias origens; porém a mais corrente e que mais foi perpetuada é a seguinte:

Endymion era um joven de uma belleza notavel, e por isso Silene, apaixonando-se por elle, levou-o para o Monte Latmos e ali o fazia adormecer para, sem ser conhecida, todas as noites com elle entregar-se á expansão do seu amor.

Quem era Silene? A lua. Quem era Endymion? o sol, como na lenda amazonense. Sobre o monte *Yacy tapéré*, davam-se os encontros amorosos, como sobre o monte Latmos, davam-se os dos herões gregos. Entre muitos nomes dados ao sol, tinha tambem o de Endymion, que, segundo Max Muller, significa *o sol poente*. Assim como Yacy, quando sol desaparece se apresenta, sempre o perseguindo sem nunca poder mais se unir a elle, assim Silene caminha atrás de Endymion, sem nunca mais poder abraçá-lo. Sempre o irmão a fugir da irmã incestuosa, que para sua vergonha ainda tem as faces manchadas.

Agora pergunto: Como os selvagens do Amazonas conheciam Endymion e Silene?

Teriam lido os chronistas gregos, que, como historia, escreveram a mythologia?

Quem antes da descoberta do Amazonas denominou o Latmos brasileiro de Yacy-tapéré? Os portadores do *muyrakytá*, das *pedras verdes ou divinas*, as pretendidas Amazonas, que n'esse monte habitaram, pelo que tem tambem a serra o nome de *Itakamiaba*.

Agora, ainda sou forçado a dizer mais algumas palavras sobre o *homem Americano*.

O Sr. Ameghino, de Buenos Ayres, depois de passar em revista todas as opiniões de varios autores, que pretendem que os povos indigenas americanos sejam oriundos de immigrações, diz: «pero negamos absolutamente que alguna de ellas haya dado origen al pueblo americano, que, probaremos, remonta á una época mui anterior á todos essas pretendidas emigraciones.»<sup>1</sup>

<sup>1</sup> *La Antiquidad del hombre en el Plata*. Paris, 1880, 1º vol., pag. 7.

Todavía diz também: « nosotros nos hemos detenido espressamente sobre este punto porque al mismo tiempo que reconocemos la facilidad de essas communicaciones y que realmente hubo emigraciones del antigo al nuevo continente, no vemos en esto una razon para admittir como un hecho exacto que este ha sido poblado por emigraciones que han venido de aquel »<sup>1</sup> Concorde, que: « El grado de civilizacion que habia alcanzado el pueblo peruano no hace mas que indicarnos que es el resultado de una larga evolucion primitiva verificada *en situ*, lo que á su vez prueba la gran antiguidad del hombre en essas regiones, sin que esto importe decir que em tiempos mas ó menos remotos no pueda haberse hecho sentir la influencia de una civilizacion estrangerá bajo una forma individual o colectiva. »<sup>2</sup> Acrescenta que: « Como la de los Incas, la de los Muyscas y la de Utatlan, la civilizacion azteca no ha sido mas que una reorganizacion *in situ* de otra preexistente, mas brillante y cuyo origen ignoramos. »<sup>3</sup>

De accordo, as successivas emigrações de mais a mais civilizadas iam introduzindo o progresso, e com elle as artes, a industria e outros melhoramentos, ao passo que também ia dando lugar a lutas e a dispersões e a modificações do physico, de costumes e de linguagem.

E' fóra também de duvida que quando na America havia nações florescentes e, relativamente a hoje, civilizadas, que edificavam templos, na Europa dominavam povos barbaros que só levantavam dolmens. As primeiras correntes migratorias foram, pela facilidade de transportes, para America.

Levado pelas descobertas do homem terciario e quaternario na America e na Europa, afirma que os povos americanos são autochtones e não descendentes do homem bíblico, que é muito mais moderno; que foram contemporaneos dos megaterios, dos *grypodontes*, *toxodontes*, etc., e que com esses terriveis animaes, da monstruosa fauna de então viveram. Não duvido e também

<sup>1</sup> Obr. cit, pag. 43.

<sup>2</sup> Obr. cit, pag. 43.

<sup>3</sup> Obr. cit, pag. 66.



não é essa a minha questão, o que affirmo é que as gerações actuaes descendem das ante-colombianas, que se originaram de outras, e que asde hoje são oriundas e filhas d'essas immigrações do velho Continente. A origem, o berço primitivo do Star americano é que ainda não foi achado; ossadas humanas entre a fauna e a flora da época terciaria ainda não convencem, porque não temos ainda bases seguras para affirmar que a revolução geologica que produziu essa época na Europa seja a mesma da America. A época d'essa fauna parece ter sido muito mais duradoura na America do que na Europa, tanto que objectos ha de ceramica que attestam ser de tempos historicos; apresentam imagens de animaes, como elephantes, que naturalmente foram feitos por homens contemporaneos d'elles. Na America do Norte muitos d'esses objectos têm sido encontrados. O mesmo D. Ameghino, dando provas de emigrações americanas para o velho continente cita factos de figuras de elephantes na America.<sup>1</sup>

Como Brasseur de Bourbourg, o Sr. Ameghino levanta tambem a idéa, sem seguil-a, de que os Americanos poderiam ter emigrado para o velho Continente; mas, ali, além da tradição biblica, dos manuscriptos chinezes, da tradição indigena e da historia apparece uma prova palpavel que tudo destróe, o muryrakytā, a jade. Onde existe na America a pedreira que originou os objectos prehistoricos feitos d'esse mineral e que existem soterrados em seu solo? Em parte alguma. Existe no centro da Asia, o berço do genero humano. Vieram de lá para cá e não foram de cá para lá e alguém os trouxe.

Não duvidamos que existisse na época terciaria o homem na America; mas está mathematicamente provado que essa época, que comprehende o plioceno superior, terciario superior que corresponde ao Pampeano superior do Sr. Ameghino, que, segundo Lyell, tem quasi 50 % de especies fosseis identicas ás que existem hoje, seja preAdamica? Não precisamos de Anthrópopticos para chegar ao pai da humanidade. Entre o 5º

<sup>1</sup> Obr. cit. pag. 175.

dia bíblico e o 6º, em que foi creado o homem, já não ha differença, os peixes, os passaros e os *animas que têm vida e movimento* haviam sido creados e o homem com elles podia viver.

O genesis não determina, nem denomina o terreno; mas, na simplicidade do dizer bíblico, a geogenia se aclara.

Assim como nas épocas historicas se deram as emigrações, nas épocas mythologicas podiam se dar e talvez com mais facilidade. A geologia talvez mais tarde isso nos esclareça. Não foram os predecessores de Adão, mas sim os seus descendentes que para as plagas americanas aportaram. Aberta nos tempos mythologicos a estrada, foi ella depois sempre batida até aos tempos historicos e modernos. Antes de aberta para a Europa a emigração, já para a America ella se dava. Si os restos paleontologicos da época pliocena mostram uma raça inferior, não quer dizer isso que não houvesse uma mais superior, como ainda hoje. O homem terciario está mal estudado, não são ainda avolumados os materiaes humanos para um estudo completo. A paleontologia e archeologia ainda não determinaram a idade de Adão, nem tão pouco com precisão o seu berço. Querer exactidão mathematica nos pequenos e simples versiculos do Genesis, quando grandes estudos geologicos ainda nada de positivo disseram, é muito orgulho humano. A *vol d'oiseau* toquei neste assumpto para que não se supponha que a apparição do *homem americano* destróe as emigrações para a America e invalida o poder do amuleto de nephrite.

O homem terciario não faz mais do que provar que mais antiga é a corrente emigratoria, do que parecia e que os predecessores dos portadores do *muyrakitã* tiveram por batedores aquelles que querem que fossem *anthropopiticos*. Ha 250.000<sup>III</sup> annos appareceu na Europa o typo *Neanderthal*, que posteriormente se suppõe aperfeiçoado no Cro Magnon, e porque os dessas raça não viriam tambem para a America? Nas raças americanas tambem ha *dolichocephalos* e *platycephalos*! O estudo craneologico é um guia, mas do qual devemos desconfiar.<sup>III</sup> Em uma tribu de individuos mais ou menos aparentados em 500<sup>III</sup> individuos não encontraremos dois craneos iguaes.

Conheci e estudei tribus selvagens, isoladas, vivendo sem cruzamentos, cujos craneos não apresentavam, nem tinham um caracter proprio, differencial dos das outras.

O meio de vida, os exercicios, os trabalhos que passam, assim como os usos e os costumes modificam muito o physico e o moral do homem, como tambem a fôrma do craneo.

Comparem-se as tribus selvagens de hoje, na mesma zona, mas, umas ribeirinhas e outras florestaes e ver-se-ha a differença que no physico entre si apresentam, sendo comtudo da mesma raça e ás vezes da mesma tribu.

O physico e a antiguidade do homem sobre a terra não destroem a origem da raça americana.

Além de que resta ainda provar se realmente a formação Pampeana de Ameghino é o plioceno e se o terreno não é quaternario ou contemporaneo. Darwin diz que é recente e Burmeister que é quaternario. Quando ainda seja terciario vem o craneo de Calaveras, encontrado na California, mostrar que por esse paiz, como tenho dito, começaram as emigrações.

O futuro o dirá e para mim, que tenho tido por pharol o Muyrakytã, creio que será este, com as circumstancias que o cercam, preso á ethnologia, á archeologia e á linguistica, que illuminará a verdade. Não o desprezem, tomem-o, estudem-o e elle em mãos mais habeis dirá ainda mais do que a mim tem dito. Fischer, que me auxiliava, infelizmente é morto, mas outro que o substitua e a verdade apparecerá.

Devo, para finalizar, como homenagem a um sabio illustre e autoridade na materia, o Professor Quatrefages, aqui registrar o que me disse elle em 23 de setembro de 1890:

« J'ai precieusement gardé celui que vous avez bien voulu me destiner et un de mes premiers soins, dès que j'ai été libre, a été de le lire. Il m'a très vivement intéressé. Vos conclusions générales sont trop d'accord avec les doctrines que je defends depuis 35 ans pour que je confesse plus predisposé d'avance à les accepter. Il y a bien longtemps que j'ai dit que l'homme a été, de tout temps plus voyageur que ne l'admettent encore certains savants j'ai toujours soutenu que l'Amerique a été peuplée en entier par des colons venus de

l'Ancien Monde. Vous apportez de nouvelles preuves à l'appui e je suis tout disposé à adopter vos conclusions.

Outre le fait que les pierres vertes ne se trouvent jamais que travaillées, qu'elles sont en une matière qui n'a encore été rencontrée à l'état brut qu'en Asie me parait militer puissamment en faveur de vos conclusions.»

Antes de terminar, cumpre-me dizer que muitas observações e notas apparecem repetidas porque, fazendo parte de trabalhos escriptos em varias épocas, foram aqui reunidas por completarem-se mutuamente.

Peço, por isso, desculpas ao leitor que, creio, de boa mente relevará essa falta.

*O autor.*

Jardim Botânico, em 17 de outubro de 1898.

velles preuves à l'ap-  
s conclusions.

ne se trouvent jamais  
tière qui n'a encore  
ie me parait militer

r que muitas obser-  
ue, fazendo parte de  
am aqui reunidas por

que, creio, de boa-

*O autor.*

de 1898.

## PRIMEIRA PARTE

### LENDAS

Les pères l'on redite aux enfants, et moi voya-  
geur aux terres lointaines, j'ai fidèlement rap-  
porté ce que des Indiens m'en ont appris.

CHATAUBRIAND. *Œuv. compl. IV. p. 660.*

Diz  
taperé,  
Yacy-u

Que  
que na  
grande  
habitav

Dia  
aguas e  
que est  
gulhanc  
rakytã,  
desejav  
sahiam

Cor  
quem s

<sup>1</sup> vide

---

# I

## YACY-UARUÁ <sup>(1)</sup>

O ESPELHO DE LUA

(Rio Yamundá)

Dizem, que nas fontes do Rio Yamundá, na Serra Yacytaperé, ha um formoso lago, consagrado á lua, denominado Yacy-uaruá.

Que, annualmente, em certa phase da lua, as Ikamiabas que na serra habitavam, faziam, em determinada epoca, uma grande festa, consagrada á lua e á mãe do *muyrakytã*, que habitava o fundo do mesmo lago.

Dias depois de continuada festa, na occasião em que as aguas estavam lisas e a lua nellas se reflectia, as Ikamiabas que estavam em torno do lago, n'elle se prècipitavam e, mergulhando, iam ao fundo receber das mãos da mãe do *Muyrakytã*, os preciosos talismans, com as configurações que desejavam. Recebiam ainda molles; porém, logo depois que sahiam d'agua endureciam.

Com essas pedras mimoseavam ellas aos homens com quem se relacionavam.

---

<sup>1</sup> Vide Barl. Rib. — *Explor. do Rio Jamundá*. 1875 pag. 33 e seguintes.

---

## II

### VERSÃO DO RIO YAMUNDÁ

Tuyué etá o nheeng, kochiyima, paá, yané ipyrongaua kunhã etá, paá, yepé akayá popé yacy iporongape, aetá o iukuaku, ariré etá o monhang moracé<sup>1</sup> uaçu, moracé riré aetá o çõ ypaua semeéua rupi o maan yacy ypaua popé uarúá yaué katu, ariré aetá o páin katu o pure ypaua popé o yapumi aetá o çõ yururá muyrakytã cy cupé aé muyrakytã.

Aé muyrakytã cy o meeng aetá cupé o páin mahi uaa amõ kururu, yané, amõ yaué, amõ i apoan, i parauá<sup>2</sup>.

Nhaan maá itá o ikó ramé y pope i membeka ráin o cema ramé okara keté itá rama uana o pytá.

---

### TRADUÇÃO DA LENDA SUPRA

Os velhos contavam, outr'ora, que no nosso principio as mulheres em certo dia do mez e pela lua nova, jejuavam e depois faziam uma grande festa (com dansas) e depois

---

<sup>1</sup> Por poracé.

<sup>2</sup> De côr verde, como a dô papagaio.



iam para a margem do lago e quando este ficava como um espelho, e reflectia a lua, todas saltavam, mergulhavam e iam pedir o muyrakytã á sua mãe.

A mãe do muyrakytã dava-lhes de todas as fórmas, como de sapo, de machado, redondos e de diversas côres esverdeadas.

Quando estavam n'agua eram molles e quando d'ella sahiam ficavam como de pedra.

#### AMUNDÁ

paá, yané ipyrongaua  
 cy iporongape, aetá o  
 é<sup>1</sup> uaçu, moracé riré  
 aan yacy ypaua popé  
 atu o pure ypaua popé  
 i cy cupé aé muyrakytã.  
 cupé o páin mahi uad  
 poan, i parauá<sup>2</sup>.  
 ope i membeka ráin o  
 o pytá.

#### A SUPRA

e no nosso principio as  
 la lua nova, jejuavam  
 com dansas) e depois

---

### III

#### VERSÃO DOS INDIOS UABOYS

No lago Yacy-uaruá, em que morava a mãe do muyrakytã, existiam vivos esses talismans, onde só as mulheres os apanhavam.

Para isso ellas feriam uma parte do corpo, e deixavam cahir, sobre aquelle que desejavam pôssuir, uma gotta de sangue.

O muyrakytã morria, e ellas, mergulhando, assim facilmente os apanhavam..

Haviam de varias fórmas e de varias côres.

Com elles então, a mulher que tinha tido uma filha, recompensava o amante, pae.

Ainda hoje é crença geral que essa pedra é animada.

---

Co  
munda  
homer  
Es  
porém  
fazer.  
ora, a  
gitivas  
nhand  
seus  
emfim  
Am  
amant  
receber  
que t  
condiç  
Fo  
Re  
Se  
que se  
Es  
terra,

### III

#### AS IKAMIABAS

( Rio Yamundá )

Contam que, no nosso principio, desceram pelo rio Yamundá umas mulheres que tinham abandonado todos os homens da sua tribu.

Estes desgostosos as seguiam procurando alcançal-as; porém, tantos eram os obstaculos que nunca o podiam fazer. Ora, eram os espinhos que se cruzavam pela floresta; ora, animaes ferozes que protegiam a retaguarda das fugitivas; aqui bandos de guaribas (mycetes) que acompanhando-os de cima dos galhos iam sobre elles lançando seus escrementos; alli o kurupira que os transviava, emfim, toda a especie de obstaculos protegia essas mulheres.

Afinal, estas, condoidas d'aquelles que foram seus amantes, ao chegarem á serra do Yacy-taperê fizeram alto e receberam, pela ultima vez, então como senhoras, aquelles que tinham sido seus senhores absolutos, impondo-lhes condições, que acceltaram.

Foram estas: só serem recebidos uma vez por anno.

Receberem os filhos varões que nascessem d'essa união.

Serem considerados benemeritos só os paes das filhas, que seriam recompensados com um muyrakytã.

Estas mulheres depois desapareceram pelo centro da terra, guiadas por um tatú que lhes abria o caminho.

---

## IV

### PAHY-TUNARÉ

(*Serra do Paytuna*)

Dizem que, outr'ora, a serra do Paytuna era habitada só por mulheres, que tinham abandonado todos os homens, conservando comsigo apenas um ancião, que tinha esse nome.

Os filhos que nasciam d'essa união eram mortos e só conservavam as filhas.

Um dia, porém, uma dessas mulheres teve um filho, tão feio e tão cheio de feridas, que teve pena de matá-lo; mas, como não pudesse conservá-lo, escondeu-o em uma gruta, no meio da floresta.

Recorreu ás plantas para curá-lo, e como não o conseguisse, meteu-o num *tipity*, passou a *tipity-pema*<sup>1</sup> e o espremeu.

Tantas foram as materias que escorreram, que quando a mãe o tirou de dentro do *tipity*, estava transformado.

Era a criança mais linda que então se vira.

Cresceu. As mulheres, que desconfiaram da sua existencia, foram procurá-lo e o acharam, começando logo a seduzil-o com os seus encantos.

---

<sup>1</sup> *Tipity* é um cylindro, feito de talas, elastico em que se mette a massa da mandioca para esgotá-la e assim secca, fazer-se a farinha. A *tipity-pema* é o páo que serve para espichá-lo.

Um dia disse elle: Esconda-me, minha mãe, porque as mulheres me perseguem.

Começou, então, uma serie de mudanças de lugares, que a mãe escolhia para escondel-o; porém, sempre as mulheres o descobriam.

Afinal concordaram que o melhor seria lançal-o ao lago, porque ahi ellas não iriam procural-o.

Foi pois, Paytunaré, assim se chamava elle, viver no lago, onde ia todas as semanas a mãe chamal-o para dar-lhe de comer.

Aos gritos de:— Paytunaré! — que a mãe soltava, apparecia na margem um enorme peixe, que se transformava em gentil mancebo e vinha acariciar a mãe.

Espionada esta, foi descoberta a morada de Paytunaré.

Então, em certos dias, iam as mulheres ao lago, e imitando a voz da mãe, repetiam na praia: — Paytunaré! Paytunaré!

Illudido, sahia d'agua o mancebo, que era recebido nos braços das mulheres.

Estabelecendo-se relações entre estas e elle, foram se esquecendo do pobre velho, que ignorava o que se passava.

Vendo que poucas vezes ellas o procuravam, tratou de investigar a causa, e occulto as surprehendeu, um dia, com Paytunaré.

Levado pelo ciume, procurou vingar-se.

Preparou uma rede de fibras vegetaes e lançou-a ao lago. Quando puxou a rede veio Paytunaré preso.

Este, sentindo-se perdido, por um movimento rapido despedaçou a rede e fugio.

Desesperado, fez Paytuna nova rede de *curauá*, com a qual se deu a mesma cousa.

Teve outra ideia.

Estando reunidas as mulheres, exprobou-lhes a sua differença, recebendo protestos de amor. Pediu, então, uma prova, que, para não causar motivos de desconfiança, immediatamente deram.

Cada uma cortou uma trança de seus cabellos.  
Com estes teceu o velho outra rede, e foi lançal-a ao rio.

Desta vez a força de Paytunaré foi impotente. A's mãos de seu pai terminou Paytunaré os seus dias.

O seu desaparecimento espalhou a consternação entre ellas e a tristeza as acabrunhou.

Sabendo depois, ellas, que Paytuna fôra o assassino de seu amante, abandonaram-o e fugiram.

Elle as acompanhou. Chegando a uma gruta, por ella entraram. Ouviu, elle, então, uma musica celestial que abria o caminho das mulheres atravez da terra.

Tentou avançar, porém uma infinidade de aranhas, lacraias e outros bichos peçonhentos o impediram.

Lançou fogo á gruta e caminhou.

A musica continuava, e quando elle ia a seguil-as appareceu uma multidão de cobras.

Desanimado, voltou ao seu *teyupar*, onde só haviam os seus *cherimbabos*.

Não tendo quem lhe preparasse a sua roça, no dia seguinte foi para o matto e fez uma derrubada. Quando voltou, já com fome, encontrou o forno quente e cheio de *beijus-cika*.

Quem os fez, não soube.

Diariamente, quando voltava do trabalho, sempre achava a refeição feita.

Dando tratos á imaginação, resolveu rasgar o véo que encobria o mysterio.

Fingiu seguir para a roça e numa moita de arvores occultou-se.

Viu, então, um papagaio que tinha, e com quem conversava no seu isolamento, voar do poleiro para o forno. Ahi metamorphoseou-se em uma linda Tapuya, que largando a roupagem de pennas junto ao forno, entrou a trabalhar. Espremeu a mandioca, preparou o beiju e acendeu o forno. Rapido, quando o fogo ateou-se, saltou sobre ella, envol-

veu-a com um braço pelas costas e lançou as pennas ao fogo. <sup>1</sup>

— Quem tu és? perguntou.

— A unica mulher que, te amava, que, não querendo seguir as outras, foi transformada em papagaio.

\* \* \*

Termina aqui a lenda e ainda hoje os naturaes mostram na serra do Paytuna, perto da do Ereré, em Monte Alegre, a gruta, o forno, e outros logares do episodio da lenda.

<sup>1</sup> Devo aqui notar a analogia que ha entre este facto e o da lenda do diluivio dos Peruanos.

Segundo Brassour de Bourbonnais, na sua *Relation des choses de Yucatan*, pag. XXXII, depois do diluivio, dous irmãos que se salvaram, depois que as aguas baixaram foram ao valle procurar alimento e « De retour à la cabane qu'ils avaient bâtie sur la montagne, ils y trouvèrent avec étonnement des mets préparés par des mains inconnues. Curieux de penetrer ce mystère, convinrent, au bout de quelques jours, que l'un des deux resterait au logis et se cacherait pour découvrir les êtres bien-faisants à qui ils étaient redevables de ces soins. Retiré dans un coin, celui-ci vit avec surprise entrer deux aras, aux visages de femmes, qui préparèrent aussitôt le maïs et les viandes qui devaient servir au repas. En l'apercevant les deux oiseaux voulurent s'enfuir, mais il saisit un qui devint sa femme. »

---

V

UAUPÉ IPYRONGAUA

(Rio Uhaiary)

Yané etá ramonha o mombeú, arimbaé, yané ipirongaua aetá rendaua paraná uaçu remeêpe y murutinga, paá, nhaan paraná.

Nhaan paraná koité o ikó ipaua roaqui aap, arimbaé, o ikó, paá, muyrakytã roca.

Muyrakytã cy o moé aintá o monhang arama yaué.

Yepé koema koyté muyrakytã cy o cema o ço uatá kaá rupi mboya uaçu yaué.

Yepé apegaua o ço uatá kaa mondó o maité mboya reté uatá o iuká nhaan muyrakytã cy.

O manó riré muyrakytã cy paraná omonang o ço pype o pain iui o pylá paraná rangaua *Uaymi poriaçu* <sup>(1)</sup> opé nhaan iuitêra.

Mira etá <sup>(2)</sup> inti uatá o manó o ço cekare o monhang aetá rendaua iui uaté uatá opé.

---

(1) Serra da *Velha pobre*, na margem esquerda do Amazonas, abaixo do Monte Alegre e pouco acima de Almeirim.

(2) Refere-se ás Ikamiabas.



Çorimáo rupi, paá, o ço aetá, arimbaé o ité Kayari rupi  
 aap uana etá o pytá Kuaá yaué yané ramonha aetá ipy-  
 rongaua umbeú yandé.

TRADUÇÃO DA LENDA SUPRA

ORIGEM DOS UAUPÉS

Antigamente, nossos avós contavam, que, no principio,  
 o logar d'elles era em um grande rio de aguas brancas.

Estava esse rio junto de um lago, onde outr'ora estava  
 a casa da mãe do muyrakytã.

A mãe do muyrakytã ensinou-lhes como elle se fazia.

Uma occasião, de manhã, a mãe do muyrakytã sahiu  
 pelo matto a passeiar sob a fórma da cobra grande.

Um homem, que tinha ido caçar, pensando ser uma  
 verdadeira cobra, matou a mãe do muyrakytã.

Depois que a mãe do muyrakytã morreu o rio cresceu  
 e foram ao fundo todas as terras, ficando a marca na *Serra  
 da Velha pobre*.

A gente, dizem, que não morreu, procurou fazer as suas  
 habitações nas terras altas.

Subiu o Solimões e entrou pelo Rio Negro onde ficou.  
 Isto contavam, antigamente, nossos avós.

---

## VI

( IZY )

VERSÃO DACÊ OU DOS TUKANOS

( Rio dos Uaupés ou Ukiary )

Yepé ara opé pahy etá i u matêre arama aítá u ú arama ipadu ( <sup>1</sup> ) aramilunto yepé cunhan mucu u cêca aítá père, aítá u aé in ichupé:

— Maá taá re iure re maan?

— Maá mu taá ? Che iuire cha u ú putare ipadu pe irumo.

Aé uana, paá, pahy etá u cema, u ço ana, aítá u chare, unhan mucu u petá oca opé mamé aítá ico uad.

Ariri nhaan cunhan mucu upetá i poroanté iunto, intimaan chíi apegaua u iricuso ( <sup>2</sup> ).

Copocó ariri, paá, pahy elá u peiú aé ( <sup>3</sup> ) ne, paá, u ricó taira, ariri aítá peiú iuire ne u ricó taira.

---

( <sup>1</sup> ) É o *Erythroxylon coca*, cujas folhas torradas e pulverizadas, com cinza de grelos de embauba, (*Cecropia*) ou farinha d'água, se conservam na bocca, para prevenir o fome, anestesiando os musculos do estomago.

( <sup>2</sup> ) Sem ter contacto carnal com homem.

( <sup>3</sup> ) Os pagés fazem os curativos lançando fumaça de cigarro sobre os doentes.

Yepé ara opé, paá, u içaáua u çu icó paraná quindaua queté, aap iunto paraná piterpe tariyra u çuú i *marica*, aeana, paá taira u cema.

Aé ana, paá, pahy etá u pecêca nhaan taira aítá u racó caá queté, inti ana i manha u maan ne uçuáu, maá queté pahy etá mumbure, i chii aap uana caá pe, paá, i u munhan.

Turuçu ariri ana u iucuáo amo ramé umbure tatá i pira, i pó etá rupi, umbure tatá, i acanga, umbure tatá, teapó icó cáá pe, i u quendaua çoá.

Aé ana, paá, pahy etá ué in:

— Cunhan etá tenhen pe maan cecé.

#### TRADUÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Reuniram-se, um dia, os anciões para tomar ipadu, e logo depois foi ter com elles uma rapariga.

— O que vens tu fazer?

— O que ha de ser? Quero tambem tomar ipadu com vocês.

Contam, que os anciões sahiram e foram se embora, deixando ficar a rapariga na casa em que elles estavam.

Depois d'isso a rapariga ficou gravida, sem ter tido relação com homem algum.

Pouco depois, os anciões por duas vezes, com grandes intervallos, a assopraram, porém ella não deu á luz.

Atravessando ella, um dia, para o outro lado do rio, uma trahira<sup>1</sup> mordeu-lhe a barriga e dizem que então nasceu o filho.

Contam que, então, os anciões agerraram o filho e levaram-o para o matto, para a mãe não ver nem saber onde elles o tinham posto.

(1) E' um peixe, do genero *Erythrinus*, de dentes muito afiados e que morde muito.

Dizem que ahí no matto cresceu.

Depois de grande apparecia, ás vezes, pondo fogo pela cabeça, pelas mãos e pelo corpo, fazendo barulho com a cara coberta.

Então os anciões disseram:

— Mulheres, vocês não olhem para elle.

Tu  
ary pa  
tuyuè  
taina.

AA  
byra a  
aeté re  
aeté ir

(<sup>1</sup>) T  
(<sup>2</sup>) E  
factos, qu  
cripções n  
guardam

(<sup>3</sup>) E

eu.  
vezes, pondo fogo pela  
fazendo barulho com a

para elle.

## VII

### IZY IPYRONGAUA

(ORIGEM DE IZY.)

Lenda Yaii <sup>(1)</sup> ou Tarlaná <sup>(2)</sup>

(Rio dos Uaupés)

Tuyué etá umbeú yané iupirungaua opé u iucuáu Ucai-ary paraná opé u iucuáu cunhan etá reyia aetá irumuara tuyué etá, tuyué reté uana, aetá tiana <sup>(3)</sup> u munhan euáu taina.

Aap aetá u puitá umuacé ti recé aetá u ricó recé membyra aetá u maan recé u páu arauira chil ti auá u puitá aetá recuiara arauira opé. Yepé ara u iucuáo yepé payé aetá irumo uauá ure, u nheen :

— Tenhen peraceara pe icó?

<sup>(1)</sup> Tigre, no dialecto tarlano.

<sup>(2)</sup> Esta lenda está contada resumidamente, porque nella entram muitos outros factos, que denotam uma verdadeira emigração, ter havido lutas, e factos que as inscrições nas rochas perpetuam, como referem os índios. Sobre estes factos, porém, guardam um profundo segredo.

<sup>(3)</sup> Por *inti ana*.

— Çupi, yané raceara yá icó ti <sup>(1)</sup> recé ya ricó ape-  
gaua u munhan arama taina yané arama, tuyué u ú ana  
*cangerecu* inti ana maá arama.

— Tenhen pe raceara pe ricó rain curi periyáçaua.

— Mayé? Mayé?!... <sup>(2)</sup>

Aetá cuire çuri.

— Pe cuá u mayé, pe coin-ranhé <sup>(3)</sup> pe yaçuca.

Aetá u nhana, aetá nheengare paraná queté u yaçuca.

U cema ramé *y'* chíi payé u nheen:

— Cuire pe ricó pe membyra boia ussu u puruan páu  
uana penhen.

U çaçau riró yacy etá u iucuá u tain etá nhaan ara  
opé tenhen. Cunhan mucu pire uaá u ricó i membyra  
puranga pire uaá. Cuá taina u yumunhan. I purunga  
pire u yumunhan, riri curumi uaçu etá u mendare putare  
irumo aé ti u putare. Yepé ara untá caa rupi u acemo  
Uaku iuá macaca etá u ú icó.

— Puranga catu cuaá iuá etá mira ú arama!

— Re putare? Uacu u purunu ichupé.

— Cha putare.

Macaca etá u iapy ichupé. Aé u çaan yepé iuá.

— I catu.

U çanhana ceyia u ú recé ana u çururu yuru yuquicé  
i putiá rupi u cecare taina rapé.

U çaçau nhaan yacy etá ti ana yacy i marica u yu-  
munan u çu icó. Curumi uaçu etá u purunu:

— Auá u puruan indé? Aetá u purunu u iucá pu-  
tare recé i membyra pain.

— Indé ti reputare yané cuire yá iucá indé ti camé  
re mumbeú auá u mupuruan uaá indé.

(1) Por inti.

(2) Por maá yaué.

(3) Em vez de rain.

ó ti (1) recé ya ricó ape-  
ané arama, tuyué u ú ana  
ó rain curi periyáçaua.

n ranhé (3) pe yaçuca.  
are paraná queté u yaçuca.  
u nheen:  
ra boia ussu u puruan páu

iucuáu tain etá nhaan ara  
ire uáá u ricó i membyra  
u yúmunnan. I purunga  
uçu etá u mendare putare  
ara uatá caa rupi u acemo

etá mira ú arama!  
unu ichupé.

Aé u çaan yepé iuá.

ana u çururu yuru yuquicé  
pé.

ti ana yacy i marica u yu-  
çu etá u purunu:  
Aetá u purunu u iucá pu-

quire yá iucá indé ti camé  
n uáá indé.

Cunhan mucu u çuachara:

— Iché ti cha cuáu mayé cuáá u yumunhan arama  
ce marica opé, maá nhu ú cha Uacu iuá.

— Anhen! Maá mu taá yá munhan cuire.

U çaçáu riri yacy etá i mimbyruare, u ricó ana i  
membyra.

Petuna ramé u çu u quire i mimbyra u canhema.

U iachió reté, u cecare upain rupi inti u acemo; u  
çyca Uacu rupitá pe u cenó taina u iachió, u cecare ti  
u acemo.

Aap i petuna aap u quire Uacu rupitá pé. Upaca  
coema ramé u maan i camé recé uticanga i yuquicé  
yma, taina u ú u quire ramé petuna pucuçaua.

Ara yaué yaué u cenó taina u iachió; petuna u çyca,  
coema ramé ara yaué yaué i camé uticanga, taina u ú  
u pau. Nhaan yaué ara yaué yaué. Yepé acayu riri ti  
yaué taina u iachió, i camé u ticanga.

Nhaan riré u cenu taina u yumuçarai, u pucá pucá, (1)  
u nhana nhana, inti u maan auá u yumuçarai uáá.

Ara u çaçau u çu icó. Yepé ara u iucuáo i mem-  
byra apegaua uana, u cemo tatá i pó chii, i áua  
chii.

— Ce manha cu çu cui (2) ana iché yá çu oca queté.

O pain mira etá çuri, u nhana i queté, tuyué etá,  
ure arama u maan cecé.

Payé u maan ramé cecé u peitú aé u meen céra Izy;  
«indé ne iupirungaua iuá.» I iuiya etá (3) u nheen:

— Cuaá curi yané ruichaua arama. Yá putare aé  
ruichaua arama.

(1) Para exprimir a continuidade de uma ação, os índios, rep. tem o vocábulo, assim de *pucá*, *rir-se* e *nhana*, *correr* fazem *pucá-pucá*, *nhana-nhana*, que quer dizer *rir-se* muito, *correr* muito.

(2) Por *ihé* *che* *icó*.

(3) Por *multidão*.

Aé u nheen :

— Inti cha cuáu pe ruichaua arama, ti rain cha ricó itá i *manacy* cha icó arama pe ruichaua arama, u icó uaá yacy iuitêra teanha pupé uaá u icó.

Coaracy u meen, paá, ichupé yepé matiry i pura i popé opain nhe maán maracaimbara, i pepóra etá uaiara etá.

Coaracy unheen ichupé :

— Cu çu cui. Opain maan re munhan putare uaá re u acemo curi iqué ocapepe. Mamé cha u cyca indé curi re cyca, u pohnê curi ne cenu.

— Aetá umbeú cunhan etá u çu putare yacy iuitêra opé itá piãmo, itá tuichaua. Apegaua etá u putare iuire. Pahy etá u nheen :

— Cunhan etá ti u pecyca cuáu nhaan itá.

Aetá opain u iupiru u matamonhan.

Izy u iuñca aramé i matiry chii *panera* miri umbure tatá pe i popé cicantan u mupupure.

Panera u iupiru ramé u pupure tatátinga achii u cemo Andirá etá. Achii u cemo Uacuráo etá, Murucututus etá, Yacurutu etá, uirá etá piluna pura. Achii u cemo amu uirá etá Muiuy etá. Achii u cemo Uiráuçu miri etá, u cemo ramé Uirá uçu moacara Izy u pecyca aé u nheen : « Uiráuçu iraçú iché teanha iuitêra opé aríri re rure curi iuire iché arama curi cha chare indé.

— Uiráuçu u raçu Izy yacy iuitêra popé. Ucyca ramé iuitêra iarpe u acemo Yacy u apeca iarpe. Yacy u nheen :

— A'han ne itá, re pecyca ne moacaraçaua i irumo curi re icó ne iuiya etá ruichaua rama. Re munuan ne mira etá, re moicucuacu aetá cha có cha moé indé, re munu re cuáu arama, re munu ne mira etá. Nhaan ti uaá u cenu ne nheenga re iucá. Coire coin uana.

Izy u çu ana. U cyca ramé u iuire u munu i chii Uiráuçu.

Aetá, paá, u cyca ramé u cenó tuyué etá payé irumo u mombeú pau maá Yacy u nheen uaá u iururéo ti



arama uaá umbeú, u canhemo aetá chii. Cunhan etá u cuáu putare rocé maan Izy u nheen uaá aetá u ganane tuyué etá.

Petuna ramé cunhan mucu etá poranga pyre uaá u çu tuyué etá pyre quiçaua opé aap aetá u murimuri tuyué etá umbeú arama.

Tuyué etá i maraare u quire, u paca ramé coema eté ti yaúé u maan auá.

— Iché ce quire aiua.

— Iché iuire.

— Iché iuire.

Tuyué etá nhaá ié (1) u iupiru u purunguetá.

Cunhan etá u cuáo riri u paip maan Izy u nheen uaá aetá u çu u munhan aetá ruichaua aetá çupé. Apegaua etá u putare iuire. Tuyué umbeú uaá yepe Izy u çape, i tanimuca i uitá u muçain, uaá achii u cemo iauaiera etá, tocandyra etá, amu maan çacy uaá etá, uirari, auá remetema çacy uaá etá, amu u yereu cururu rama; amu u yereu boia arama.

Izy u incuáu iuire u munu aetá u iucuacu, u nupá apegaua etá, cunhan etá, u nhans yepé cunhan racacuera u mumbeú uaá maan, u iururéu uaá ti arama uaá u muçain i nheenga, i irumo u purumunhan, ariri u iucá.

Ariri u munhan i payauaru-açu, (2) u munuan herundy tuyué u puitá uaá, u moatuca cunhan etá ti arama u çu u maan, inti u cenó yapicá irumo.

U meeng i nheeng peçaçu u nheen ichupé:

— U pain cunhan etá u cuáo putare uaá ce acuautuçaçaua u manu cuire; muire apegaua etá u umbeú uaá u manu curi; pe umbeú curumi uaçú etá çupé, tenhen pe umbeú taina etá çupé.

U nheen pau riri u ischió. Cunhan etá maan munhan-gara pire uaá u cuáo u putare u çu u yapeçaca.

(1) Por yaud.

(2) Payauaru-açu é um grande beijú, com que preparam o *cachiry*, bebida inebriante, que usam nas suas festas, por isso aqui está Payauaru significando *feito*.

U nheen pau riré u manu páu aetá, u yeréu itá rama.  
Izy u iachió i manha u çu recé u iapeçaca u manu.

Izy ariri u puruçai u moité i muruichauaçaua i moa-  
caraçaua peçaçu u çu ariri iauaca quieté, amoramé ualá cad  
rupi.

Acayu etá u çaçau.

Yepé ara opé curumi etá yepé icó muirá uirpe.

Uacu aap iunto yepé payé u cyca ue in:

— Curumi etá penhen iucuacu, inti ramé penhen iucuacu  
cha ú penhen.

Ariri, paá, curumi etá inti iucuacu putare, aeana yepé  
ara opé Paye u i ucuáo, aéana u pecêca aítá u mucuna  
upáu.

Aé ana, paá, curumi etá paia i pèaiua payé recé aé  
uana, aítá munhan care aítá cachiry, aítá u ú arama, aé  
uana, paá, aítá cenõe care ure arama u ú aítá irumo.  
Ariri, paá, payé u cêca, aítá u ú uaa ara opé, aé ana u  
uracare cachiry irumo, aé ana, u caú catu u cuan ara.  
Aé uana, paá, pahy etá u maan u caúêra, aé ana etá ué  
dinheen:

— Yá çu yá munhan tatá, yá çupé arama yá ipêca  
arama.

Aé ana, paá, aítá umbure payé tatá pe; payé u cai,  
tanimuca arama uana u puitá.

Petuna ramé payé tanimuca u cê inhê *Uatanhon* <sup>(1)</sup>  
arama, coema aítá u çu u maan tanimuca u cênhê uana.

— Mahi taá coté payé tanimbuca cuera u cênhê uana  
*Uatanhon* arama?

Nhaan *Uatanhon* i pocu i u manhan çaua u iare iuaca  
opé, nhaan *Uatanhon* rupitá petêra rupi payé ri anga u  
iupire *Acuti puru* <sup>(2)</sup> arama.

Aé uana, paá, pahy etá u cuau payé anga u iupire.

(1) Nomo que dño á palmeira p. *c'ituba*, dos tapuyos, (*Triart. a.*, sp.)

(2) *Acuti*, cutia, *puru*, emprestada.

Uatanhon rupi, aé uana aítá u munoca Uatanhon u are  
iurpe aé uana, paá, aítá ué in:

— Cuêre inti uana payé anga u i ure.

[TRADUÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Contam, os velhos, que, no nosso principio, appareceu no  
rio Ukaiary uma grande porção de mulheres, acompanhadas  
de velhos já impotentes, pelo que não podiam ter filhos.

Ficaram sentidas por não terem mais filhos, e por verem  
que assim se acabaria o mundo, não ficando ninguem em  
seu logar.

Appareceu-lhes um dia o feiticeiro que viera com ellas  
e assim lhes perguntou:

— Vocês estão tristes?

— Sim, estamos tristes porque vemos que os homens  
estão impotentes e apezar de terem bebido o kangeruku  
não prestam.

— Não fiquem tristes porque terão ainda descendentes.

— Como? Como?

Ficaram alegres.

— Vocês vão saber, tomem primeiro um bauho.

Correram cantando para o rio e foram se banhar.

Quando sahiram d'agua o feiticeiro lhes disse:

— Agora vocês terão filhos, porque já a cobra grande  
as empenhou.

Depois de passadas as luas appareceram, no mesmo dia,  
todas as crianças.

A mais moça foi que teve a filha mais bonita. Esta  
criança cresceu. Quando cresceu tornou-se ainda mais bo-  
nita e todos os rapazes queriam casar-se com ella. Andando  
um dia pelo matto encontrou com uns macacos comendo  
fructas de Uaku.

— São bem bonitas estas fructas para se comer.

— Queres? Perguntou-lhe o Uaku.

— Quero.

Os macacos atiraram-lhe fructas, e ella provou uma.

— É hõa!...

Ajuntou uma porção, comeu muitas, a escorrer o caldo até chegar ao caminho das crianças.

Passaram-se luas sem que apparecessem os menstros emquanto a barriga lhe crescia. Os rapazes perguntaram:

— Quem te empenhou?

Elles perguntavam porque queriam matar o pai de seu filho.

— Tu não nos quizeste, pois agora te matamos se não nos contares quem foi que te empenhou.

A moça respondeu:

— Não sei o que foi que fez a minha barriga crescer, eu só comi as fructas de Uaku.

— Deveras? O que fazer agora?

Depois, de passar algumas luas, teve o filho.

A' noite, quando foi dormir, desapareceu o filho. Chorou muito, procurou-o por toda a parte; porém não o viu; chegando junto ao tronco do Uaku ouviu uma criança chorar, porém não a achou. Ahí no tóco do Uaku á noite dormiu. Acordando, de manhã, achou os seios seccos, a criança havia mamado toda a noite.

Todos os dias ouvia a criança chorar até chegar a noite, e de manhã tinha os peltos seccos, porque a criança mava. Assim todos os dias.

Um anno depois a criança não chorou mais e os peitos seccaram. Depois d'isso ouvia a criança brincar, rir, correr, não vendo quem brincava.

Os dias foram-se passando.

Um dia appareceu-lhe o filho já homem, e sahindo-lhe fogo das mãos e da cabeça.

— Minha mãe, já aqui estou, vamos para casa.

Todo o povo alegrou-se, correu para elle e os anciões vieram vel-o.

Quando os feiçiceiros o viram o assopraram e deram-lhe o nome de Izy; «tu te originaste da fructa». O povo fallou:

— Este será o nosso chefe.

Nós o queremos para chefe.

Elle disse:

— Não posso ser vosso chefe, ainda não tenho a pedra *nanacy* para ser chefe, é a que está na serra do gancho da lua.

Dizem, que o sol lhe dera um saquinho cheio de cousas encantadas, que servem para feitiço.

O sol lhe disse:

— Aqui está, meu filho, tudo quanto quizeres fazer aqui dentro acharás. Onde eu chegar tu chegarás e todos te ouvirão. (1)

Contam, que as mulheres queriam ir á serra buscar a pedra de chefe. Os homens tambem o queriam. Os feiçiceiros então fallaram:

— As mulheres não podem pegar n'essa pedra.

Começaram todos a brigar.

Izy tirou, então, do saquinho umas panellinhas, poz n'ellas fogo e breu a ferver.

Quando começou a ferver, da fumaça, sahiram moreegos. Depois sahiram Uakuráos, Murukututus, Yakurutus e outras aves nocturnas.

Depois sahiram outras aves, como andorinhas. Depois sahiram gaviões e quando sahia o Gavião real, Izy o agarrou e disse:

— Gavião, leva-me á serra do gancho da lua e me tornarás a trazer para eu te soltar.

(1) Note-se a analogia que existe com a lenda Peruana do Inca *Roku*. Peralta, autor da *Lima fundada*, em nota, nos diz que uma india chamada *Mama-Ihuaco* teve um filho de rara belleza, que o criou secretamente em uma gruta, d'onde sahio já homem, coberto de um vestuario de ouro resplandecente. Depois levou-o para o alto de uma montanha e o adorou, proclamando-o filho do sol. Os indios quando o viram o admiraram e o tomaram para seu chefe.

O Gavião o levou á serra.

Chegando em cima da serra, achou ahi a lua assentada.

A lua fallou:

— Toma a tua pedra, recebe a tua nobreza, que com ella serás chefe do teu povo. Reune a tua gente e faz jejuar, que eu vou te ensinar como has de governar a tua gente. Aquelle que te não obedecer mata. Agora vai-te embora.

Izy foi-se embora.

Chegando, de volta, mandou embora o gavião.

Dizem, que quando chegou chamou os anciões e os feiticeiros, contou-lhes tudo quanto a lua lhe dissera e pediu que não contassem e desapareceu d'elles.

As mulheres querendo saber o que Izy disséra, procuraram enganar os velhos.

Quando anoiteceu, as moças mais seductororas foram ter á rede dos velhos e os *agradaram* para que contassem.

Os velhos, *cansados*, dormiram e quando acordaram não viram ninguem.

— Eu sonhei.

— Eu tambem.

— Eu tambem.

Começaram os velhos a conversar.

As mulheres tendo sabido tudo quanto Izy disse, foram-se fazer chefes.

Os homens tambem quizeram.

Dos velhos que contaram, um Izy queimou, lançou as cinzas no vento e d'ellas sahíram lacraias, outros ani-maes e plantas venenosas; outro virou em sapo, outro em cobra.

Izy reapareceu, mandou jejuar, açoitou os homens e as mulheres, correu atrás da que revelou o segredo, e para que não o divulgasse mais, a matou depois de ter tido copula com ella.

Depois d'isso fez a sua grande festa, reuniu quatro velhos, e prohibiu as mulheres de vel-a e ouvi-la.

Deu o  
— Tod  
segredos  
rerão; vo  
crianças.

Depois  
As mu  
cutar.

Quand  
formaram-

Izy che  
Izy, de

e a sua  
do no ma

Os an  
Estave

chegou un  
— Rap

vocês.

Contar  
um dia ll  
todos.

Dizem  
com o pr

para bebe  
elles.

Contar  
dia, enche

de não sa  
bebado di

— Van  
Então

zido a cir  
A' noi

quando fo  
— Con

Deu ordens novas e disse-lhes :

— Todas as mulheres que quizerem saber os meus segredos morrerão; todos os homens que contarem morrerão; vocês podem contar aos rapazes, porém não ás crianças.

Depois de fallar chorou.

As mulheres, mais curiosas, querendo saber foram escutar.

Quando acabou de fallar todas ellas morreram, e transformaram-se em pedras.

Izy chorou por ter ido sua mãe, tambem, escutar e morrer.

Izy, depois d'isso, dansou para festejar a sua chefatura e a sua nova nobreza, indo depois para o céo, passeando no matto algumas vezes.

Os annos se passaram.

Estavam um dia os rapazes debaixo do Uaku quando chegou um payé, camarada de Izy, que disse :

— Rapazes, vocês jejuem, e si o não fizerem eu como vocês.

Contam que os rapazes não quizeram jejuar e que um dia lhes appareceu o payé e pegou n'elles e engoliu todos.

Dizem, então, que os paes dos meninos zangaram-se com o payé, que mandaram fazer um grande cachiry para beber, e mandaram vir o payé para beber com elles.

Contam que depois que chegou, elles beberam todo o dia, encheram-o bem de cachiry e o embebedaram a ponto de não saber si era dia. Contam que os velhos vendo-o bebado disseram :

— Vamos fazer fogo para o queimar para nos vingar.

Então o puzeram no fogo, o payé ardeu e ficou reduzido a cinzas.

A' noite, das cinzas, nasceu o Uatanhon, e pela manhã quando foram ver acharam as cinzas nascidas.

— Como das cinzas do payé nasceu o Uatanhon?

Aquelle Uatanhon cresceu e as folhas tocavam o céu, e pelo amago do Uatanhon subiu a alma do payé sob a forma de um Akuti-puru.

Então, dizem, que sabendo os velhos que tinha subido, pelo Uatanhon, a alma do payé, o cortaram, e cahiu em baixo, dizendo elles:

— Agora já a alma d'elle não vem.

Uana  
ricó cuhan  
paé, u m  
Yepé i, p  
u çu paé  
U céc  
Cuem  
nheenga.  
Yepé  
Inti cha  
mucu po  
Ariré  
aramé, p  
i purang  
Apeg-  
— Re  
Aé cu  
— Ch  
Aram  
apegaula



as folhas tocavam o céu,  
saiu a alma do payé sob a

os velhos que tinha subido,  
e, o cortaram, e cahiu em

vão vem.

## VIII

### CUNHAMBUCU ETÁ MALOCA

O RECOLHIMENTO DAS VIRGENS

(Rio Branco)

Uanauá pupé Ucaiary queté u acemo pas, cuchiyma u ricó cuhambucu etá inti rain ucuáú apegaua recé uara aítá, paá, u manhana muyrakyatans etá aítá maá etá irumo. Yepé i, paá, u iauau yepé cunhan mucu etá, chii uara u çu paá, u cecare i mena.

U cêca caa pe, pêtuna uana, aap uana u quire.

Cuema ramé u yachió paá icó, u cenun apegaua etá nheenga.

Yepé aítá chiuara, paá, u nheeng u icó: — I ché curi inti cha menara arami ima curi cha u acemo cunhan mucu poranga, arami, curi cha menare.

Ariré, paá, aítá ure u acemo, paá, nhaan cunhan, aramé, paá, nhaan apegaua u maan cecé u acemo, paá, i puranga, cunhan iuire, paá, u acemo apegaua poranga.

Apegaua u nheen ichupé:

— Re menare putare cerá ce irumo?

Aé cunhan u nheen:

— Cha putare.

Aramé ana apegaua u raçu aé cetama queté. Nhaan apegaua Yacamin tapuya, paá, aé.

Ariré i paia étá u menare nhaan cunhan irumo, aité u menare riré aité u çu u iaçuca igarapé pupé, aap uana, paá, aité u ucemo yacamin caa, aité, u queteca, paá, étá pira pupé i irumo, paá, aité u iaçuca. Aé ana, paá, mo-coin yaué aité u puitá yacamin rama. (1)

Ariré, paá u çaa u ricó ana, çupíá, ariré, paá, i marica u iamunhan reté, inti ana, paá, uatá cuáu.

Aé cunhan, paá, u nheen:

— Cuaá inti ce rupiá, cuaá ipó ce membyra.

Muire yacé riré u mucema mocoin taina, yepé cunhan, yepé apegaua. U iumunhan u çu icó nhaan taina étá. Apegaua miri, paá, quirimauara u iucé, paá, u iumu, i manha, paá, nheen ichupé arama:

— Ce membyra, tenhen curi amoara opé re iumu yacamin.

I manha, paá, inti u maan amoara opé aité u quire, yepé peluna opé, paá, u maan aité u quire u icó. U maan ramé, paá, i ácanhema u maan i membyra étá.

Cunhan miri, paá u ricó ceíuey çuá arapé, apegaua miri u ricó amu yacy tatá étá boia yaué u iumamana i pira recé.

I manha iacanhema u puitá, u çu cenu i mena u maan arama nhaan taina étá.

Ure aité paia iacanhema iuira u puitá. U nheen, paá:

— I ché uirá uaa taá ce remericó u ricóarama taina!

Ariré, paá, u çu payé étá pire aité nheen arama i chupé: maiçaua taá cuá i ché uirá maa taá ce remericó u ricó arama taina?

Payé étá, paá, u nheen ichupé:

— Ne raira étá tenhen nhaan. Re icó ramé ne remericó irumo aé u maan u icó yacy tatá étá recé arecé, yacy tatá étá u cemo aité recé.

(1) Ha uma planta (Yakamy kaa) que cresce á margem dos riachos, com a qual, dizem os tapuyos, que os jacamins esfregam-se com ella quando se lavam, porém aqui symbolicamente, diz-se que ficou pertencendo á tribu do marido.

I paia  
iuire u çu  
pecica çu  
U ucé  
U iucé  
aitá. Ariré  
Aé u  
— Ma  
Yá çu  
— Yá  
Aité  
iucá uana  
I man  
— Ce  
catu, cui  
mosiua c  
Aé ar  
— Ter  
atare uad  
Ariré,  
Pé, ru  
— Ce  
pupé? Cha  
cembyra,  
ne ramun  
maloca qu  
cha cuau  
— Ter  
cha umbá  
Aité u  
miri u pec  
catu puitá  
itá uare i p  
Çamun  
nhaan cur  
eté iuire, p

I paia u çu pucuçau u purunguetá payé irumo i manha iuire u çu uatá, nhaan pucuçaua nhaan apegaua meri u pecica çuiua, uirapara irumo u çu u camunu.

U ucemo, paá, yacami etá, u iucá o pain paá aítá.

U iucá upain ariré nhaan etá ure a muitá, u iucá iuire aítá. Ariré u çu oca quieté. Ariré u ceca i manha.

Aé u nheen i manha çupé:

— Mãe! Cha iucá upain ana yacamin etá.

Yá çu yá maan.

— Yá çu.

Aítá ueca ramé aap i manha u maan aé curumi u iucá uana i paia, payé etá irumo catu.

I manha, paá, u nheen ichupé:

— Cembyra, iné ré iucá uana ne paia, payé etá irumo catu, cuire inti ana uá u meen yané remitú. I né re moaiua catu yaué.

Aé ana, paá, curumi meri u çuachara:

— Tenhen çaceara ne pyá, manha, aé rama iché máa u atare usá iché curi cha meen.

Ariré, paá, aítá u çu ana çamunha retama quieté.

Pé, rupi, paá, nheen membyra çupé:

— Cembyra, maá etá curi yá ceca ne ramunha retama pupé? Cha iure ramé cuchiyma achii inti rain cha icó cembyra, ti rami cha cuau apegaua receusara, cuire curi ne ramunha u puitare iuire u mundéu iché cunhan etá maloca quieté nhaán oca petuna uaçu a pupé inti arama cha cuau apegaua etá recéuara.

— Tenupá ce manha che piá curi, cha ceca ramé aap cha umbáu nhaan maan etá irumo.

Aítá u ceca ramé çamunha retama pupé, nhaan curumi miri u pecéca yepé itá uaçu u iapi nhaan oca pupé i peua catu puitá, cunhan etá icó aap u nhana upain achii, nhaan itá uare i puciçaua irumo u mutépé catu iui.

Çamunha u maan ramé nhaan u cequeié catu paá, nhaan curumi çuhi, u pain tuichaua etá, upain nhaan mira etá iuire, paá, u cequeié içuhi.

Aramé, paa, yepé tuichaua u nheen:

— Iché curi cha çaiçu reté penhen upain ara, popé anhu cha putare ne chii, remungaturu maá remuafua uáa maa yaué cuchiyma u icó.

Aramé, paá, nhaa curumi miri u nheen tuichaua çupé:

— Iché iuire, cha iucé cha maan upain maan cendaua rupi.

Curumi miri u pecêca nhaan itá uaçu u çu u chiare cendaua cuera popé.

Aéana, paá, aetá u puitá catu aetá anama retama pupé.

Ariré, paa, nhaan cembyra meri inti recé u ricó i mena i maacé.

Aramé ana, paá, curumi miri u nheen i manha çupé:

— Remeen iché arama ce rendira cha raçu arama u ipuçanu i ché nhu cha cuau mamé u ricó i puçanga.

Aramé, paá, i quiuira u raçu aé iuaca quieté, inti recé u putare cemira u menare. Aé cuire yá maan aycy tatá yá cenu aan Ceucy.

Ariré, paa, i manha u maan aítá u icopocó u çu aetá racacuera u cecare arama aetá, uçaçau ramé yepé garapé ara rupi boía uaçu u mucuna aé.

Embyra apegaua ucêca ramé inti u acemo i manha u çu iuire u cecare i manha. U çu upain tetama rupi maa rupi u çu uáa u chare u çu icó taira etá, ariré, paa, u acema ana i manha. U acemo riré i manha u raçu iuaca quité i irumo. Aé cuire nhaan yacy tatá yá cenu uáa Pinon, ou boya uaçu.

Cuaá cha umbeú uáa yané iupirungaua, yané ramunha etá arauira iupirungaua opé.

#### TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Dizem que havia outr'ora, no Rio Uanauá, que sahe no Ucaiaiy, moças virgens que guardavam os talismans e os attributos de Jurupari.

Dizem  
marido.

Chegan  
drugada es

Um d'e

— Eu r

bonita enté

Depois

achou-a for

O hom

— Que

A moç

— Que

O hom

Aquelle

Os pais

banhar-se

com a qua

Dizem

mins.

Depois

a não pode

Dizem

— Isto

Alguns

mulher e t

Foram

O men

pelo que a

— Meu

mins.

A mãe

noite, poré

Olhand

A men

menino um

Dizem que, uma vez, fugiu uma das moças e foi procurar marido.

Chegando ao matto, e anoitecendo, ahi dormiu. De madrugada estava chorando quando ouviu homens fallarem.

Um d'elles estava dizendo:

— Eu não me hei de casar; si encontrar uma moça bonita então me casarei.

Depois d'isso encontraram a moça, e o homem, vendo-a, achou-a formosa e ella tambem o achou bonito.

O homem lhe disse:

— Queres te casar commigo?

A moça disse:

— Quero.

O homem então levou-a para sua terra.

Aquelle homem era da nação Yakamim.

Os pais o casaram e depois, de casados, foram elles banhar-se ao riacho e ahi acharam a herva Yakamim, com a qual esfregaram o corpo e se lavaram.

Dizem que então, ambos, transformaram-se em yakamins.

Depois d'isso sentiu que tinha ovos e a barriga cresceu a não poder mais andar.

Dizem que a mulher dissera:

— Isto não são ovos, isto talvez sejam filhos.

Alguns mezes depois deu á luz duas crianças, uma mulher e um homem.

Foram crescendo as crianças.

O menino era forçoso, e dizem que gostava de frechar, pelo que a mãe lhe disse:

— Meu filho, em tempo algum tu frecharás Yakamins.

A mãe d'elles nunca os vira quando dormiam; uma noite, porém, foi vel-os dormir.

Olhando para seus filhos assustou-se.

A menina, dizem, que tinha sete estrellas na testa, e o menino uma cobra de estrellas enrolada no corpo.

A mãe ficou assustada e chamou o marido para ver as crianças.

Veio o pai d'ellas e assustou-se tambem. Fallou.

— Eu sou ave, como é que tenho crianças?

Depois d'isso, dizem, foi ter com os payés e disse-lhes:

— Que quer dizer isto, eu sou ave e minha mulher tem crianças?

Os payés disseram-lhe:

— Tambem são teus filhos. Quando estiveste com tua mulher ella estava olhando para as estrellas e por isso sahiram n'elles as estrellas.

Emquanto o pai conversava com os payés, a mãe foi tambem passeiar, e o menino pegou nas frechas e no arco e foi caçar.

Emcontrou Yakamins e matou todos.

Depois de ter morto todos, vieram outros que tambem matou. Depois foi para casa.

Depois chegou a mãe.

Elle disse á mãe:

— Minha mãe! Eu matei todos os Yakamins. Vamos ver?

— Vamos.

Quando chegaram ella viu que o filho tinha morto o pai e todos os payés.

A mãe disse-lhe:

— Meu filho, tu mataste teu pai e bem assim os payés; agora ninguem nos dá o sustento. Tu nos estragaste muito.

Então, dizem que o menino respondera:

— Não entristeça o seu coração, mãe, para isso estou eu, o que fallar eu lhe darei.

Depois d'isso foram para a terra dos avós.

Em caminho disse ao filho:

— Meu filho, como chegaremos á terra de teu avó? Quando, outr'ora, de lá sahi não tinha filhos, estava virgem; agora teu avó ha de querer metter-me na casa tenebrosa, para que eu não conheça homens.

— De

lá eu acal

Quand

n'uma gr

As mulhe

cahiu, pel

O avó

aquella g

Dizem

— En

quero que

como ant

Disse

— Eu

logar.

O mer

Ficara

Depois

O mer

— Dê

porque só

D'este

que ella s

as Sete es

Vendo

foi-lhes n

riacho a c

Quand

á sua pro

Foi po

filhos, até

Depois

Ella é

ou Cobra

O que

nossos avó

— Deixe estar, minha mãe, eu verei, quando eu chegar lá eu acabo com essas cousas.

Quando elles chegaram á terra do avô, o menino pegou n'uma grande pedra e lançou sobre a casa e a achatou. As mulheres, todas, que lá estavam fugiram. A pedra que cahiu, pelo seu proprio peso, afundou-se pela terra.

O avô quando viu aquillo teve medo do menino, e toda aquella gente tambem teve medo d'elle.

Dizem que, então, o chefe fallara:

— Em toda vida estimarei muito a vocês, mas só quero que concertem o que estragaram e ponham tudo como anteriormente estava.

Disse então o menino ao chefe:

— Eu tambem gosto de ver todas as cousas em seu logar.

O menino pegou na pedra e deixou-a no seu logar.

Ficaram então bem na terra dos parentes.

Depois d'isso, a menina por não ter marido adoeceu.

O menino então disse a sua mãe:

— Dê para mim minha irmã, para eu leval-a e cural-a, porque só eu sei onde está o remedio.

D'este modo o irmão levou-a para o céu, por não querer que ella se curasse e é ella que agora vemos e chamamos as Sete estrellas (Pleyades).

Vendo depois d'isso, a mãe, que elles se demoravam foi-lhes no encalço a procural-os e quando passava por um riacho a cobra grande a enguliu.

Quando chegou, o filho, não achando a mãe foi tambem á sua procura.

Foi por todas as terras e por onde foi passando deixou filhos, até encontrar sua mãe.

Depois de achar a mãe levou-a para o céu.

Ella é hoje aquella estrella que nós chamamos Pinon ou Cobra grande (Serpentarius).

O que eu conto foi no nosso principio, na origem de nossos avós.

IX

AS VESPAS E OS REIS DE XIBALBA

AMAZONAS

GUATEMALA

GUATEMALA

Ai! Ai!...

O marimbondo me picou.  
Minha mãe do mel  
Que marimbondo minha  
mãe?

A Mamangua?

Minha mãe, não foi ella,  
Minha mãe.

Ai! Ai!...

A Tapiukaua?

Minha mãe do mel,  
Não foi ella, minha mãe.

Ai! Ai!...

A Tanbatikaua?

Não, minha mãe do mel.  
Não foi ella, minha mãe.

Xan fué derecho al primero  
que estabasentado lo mor-  
dió primero; y no habló  
y logo mordio al segundo,  
y tan pouco habló; mor-  
dio al tercero que era  
*Hum-camé* y dizo, aqui  
quijando-se, dijo, quando  
fuo picado:

Que es esso? Hum-came lo  
dijo el cuarto:  
Quien te mordió? No sé.  
Mordió al otro e dijo,

Hay!...

Que es esso *Yacub-camé*? lo  
dijo el quinto:

Hay! Hay!...

Dijo *Xiquiripat*.

I mordio al sexto, y dijo

Il piqua le premier; mais  
il ne parla pas.  
Alors il piqua l'autre mais  
il ne parla pas d'avan-  
tage.

Il piqua donc le troisième,  
qui était *Hum-Camé*.

Ay! Ay!...

— Qu'est-ce, Hum-camé  
quoi donc vous a piqué?  
lui dit

*Yaku-camé*,

Quelque chose que je ne  
sais.

Ay! Ay!...

Dit à sons tour le quadri-  
ème. Qu'est-ce donc *Yaku-  
camé* que vous a é  
piqué?

Ay! Ay!...

Dit *Xiquiripat*.

Qu'est-ce donc que vous a  
piqué? Celui qui était  
assis le sixième s'écria.

AMAZONAS

Ai! Ai!

A Tuconha

Não, minha m  
Não foi ella, m

Ai! Ai!

A *Mayuh*

Minha mãe do  
Não foi ella, m

Ai! Ai!

A *Totuk*

Minha mãe do  
Não foi ella.

Ai! Ai!

A *Uruba*

Minha mãe do  
Não foi ella, m

Ai! Ai!

A *Aturik*

Minha mãe do  
Não foi ella.

Ai! Ai!

A *Yauara*

Minha mãe do  
Não foi ella.

Ai! Ai!

A *Mboya*

Minha mãe do  
Não foi ella.



## AMAZONAS

Ai! Ai!...

*A Tucanhakaua?*

Minha mãe do mel.  
Não foi ella, minha mãe.

Ai! Ai!

*A Moyukaua?*

Minha mãe do mel?  
Não foi ella, minha mãe.

Ai! Ai!...

*A Totukaua?*

Minha mãe do mel.  
Não foi ella.

Ai! Ai!...

*A Urubukaua?*

Minha mãe do mel,  
Não foi ella, minha mãe.

Ai! Ai!...

*A Aturukaua?*

Minha mãe do mel.  
Não foi ella.

Ai! Ai!...

*A Yuarakaua?*

Minha mãe do mel?  
Não foi ella.

Ai! Ai!...

*A Mbeyukaua?*

Minha mãe do mel,  
Não foi ella.

## GUATEMALA

Hay! Hay!...

Que es esso? *Cuchumaquic*,  
que te ha mordido? lo  
dijo Xiquiripat.

Que es esso que te ha mor-  
dido? dijo quando mordió  
al septimo.

Hay! Hay!...

Que te ha mordido *Akalpuh*.

Y quando mordió al octavo  
que dijo:

Hay! Hay!...

Que es esso *Ahateana*?

Que te mordió. Y quando  
mordió al nono que dijo:

Hay! Hay!...

Que te mordió *Chamitabak*?  
Y quando mordió al decimo  
que dijo

Hay! Hay!...

Que te mordió *Chamitaholom*?

Y moriendo al undecimo  
que dijo

Hay! Hay!...

Que te mordió? Y morien-  
do al duodecimo que  
dijo

Hay! Hay!...

Que te mordió *Patan*?

Y moriendo al terciode-  
cimo, que dijo

Hay! Hay!...

Lo dijo otra vez: Que te  
mordió *Quicxizic*?

Y moriendo al quarto de-  
cimo que dijo

## GUATEMALA

Ay! Ay!...

Qu'est donc

*Cuchumaquic?*

Qu'est-ce que vous a piqué?  
Ajouta le septième

Ay! Ay!...

Ajouta t'il.

Qu'est-ce donc *Ahalpul*?  
Qui donc vous a piqué?  
Ajouta le huitième.

Ay! Ay!...

Qu'y a t'il *Ahateana*?  
Qui donc vous a piqué?  
dit à son tour le neu-  
vième.

Ay! Ay!...

Qu'est ce donc *Chamitabak*?  
Qui est ce que vous a pi-  
qué? dit de son côté le  
dixième.

Ay! Ay!...

Quoi donc *Chamitaholom*?

Qui vous a piqué? ajouta  
le onzième.

Ay! Ay!...

Qu'est ce dit le douzième.

Ay! Ay!...

Qu'est ce que c'est *Patan*?

Qu'est ce que vous a piqué?  
dit alors le treizième.

Ay! Ay!...

Qu'est ce que c'est *Quicxizic*?

Qu'est ce que vous a piqué?  
demanda le quatorzième.

BALBA

GUATEMALA

piqua le premier; mais  
il ne parla pas.  
Lors il piqua l'autre mois  
il ne parla pas d'avance-  
tage.

piqua donc le troisième,  
qui était *Hum-Camé*.

Ay! Ay!...

Qu'est-ce, *Hum-camé*?  
quoi donc vous a piqué?  
lui dit

*Yaku-camé*,

quelque chose que je ne  
sais.

Ay! Ay!...

dit à son tour le quatri-  
ème. Qu'est-ce donc *Yaku-*  
*ku-camé* que vous a  
piqué?

Ay! Ay!...

dit *Xiquiripat*.  
Qu'est-ce donc que vous a  
piqué? Celui qui était  
assis le sixième s'écria.

## AMAZONAS

Aí! Aí!...

A *Yalykau*?

Minha mão do mel.  
Não foi ella, minha mão  
do mel.<sup>1</sup>

## GUATEMALA

Hay! Hay!...

Le dijo a *Quieticacae*, que  
te mordió!<sup>2</sup>

## GUATEMALA

Ay! Ay!...

Qui donc vous a piqué?  
*Quiyricogog*!<sup>3</sup>

NOTA — Devo lembrar, ao leitor, que esta cantiga, estende-se, modificada, pela civilização, até ao centro do Brazil, porque nos *cateréis* dos caipiras, de Minas Geraes e do Espírito Santo, ouvi estes versos, além de outros, que me não lembram, que se prendem, creio que, á mesma lenda:

Aí! Aí! Aí!

Marimbondo me mordeu.  
Lá no óco do páo,  
Eu tambem sei tirar  
Meu cavaco do páo.

Aí! Aí! Aí!

Marimbondo pequenino  
Fez casa não acabou,  
Aí! Aí! Aí! aqui na perna  
Marimbondo me ferrou.

Aí! Aí! Aí!

Marimbondo, pequenino,  
Mordeu meu umbigo,  
Si mordesse mais abaixo,  
Era negocio comigo.

Aí! Aí! Aí!

CORO

Marimbondo, sinhá!...  
Me mordeu aqui, aqui!  
Marimbondo, sinhá!...

<sup>1</sup> O original em lupi pede-se var, mais detalhadamente, na minha *Poranduba Amazonense*, pags. 308 e 309.

<sup>2</sup> Francisco Ximenez. *Las historias del origen de los indios de esta Provincia de Guatemala*. Ed. do Dr. Scherzer, Vienna, 1857, pag. 59.

<sup>3</sup> Brasseur de Bourbourg. *Popol Vuh. Le Livre Sacré et les mythes de l'Ant. Américaine*. Paris, 1861, pag. 143.

— Ah  
— Ma  
Ya  
— Yá  
— Cyi  
— Yá  
— Que  
arami ; co  
— Yar  
— Yá  
munhan t  
nhana ara  
— Ma  
— Cyi

(<sup>1</sup>) Mfour  
Rio de Janeiro  
Oriental por M

GUATEMALA

Ay! Ay!...

donc vous a piqué?  
riagog ?<sup>3</sup>

o-se, modificada, pela  
ns, de Minas Geraes  
não lembram, que so

, na minha Poranduba

dos de esta Provincia

mythes de l'Ant. Amé-

---

---

X

MICURA (1) CENEMUE IRUMO

A MUCURA E O CAMELEÃO

(Rio Negro)

- Ah! Ce ruaiara, micura!  
— Maá taá, ce ruaiara, cenemue?  
Ya çu yá u poçamunu?  
— Yá çu. Maáramé taá?  
— Cyiucy peçaçu rami u cema.  
— Yá çu, ce ruaiara. Maá taá curi?  
— Queinha irumo, yá mulái yané reça cyiucy u cema  
arami; coima putari rami.  
— Yaué cerá?  
— Yá cecare muirá iualé yá iupire arama cecé, yá  
munhan tatá yandi uirpe yá are arama i ape, achii nha-  
nhana arama paraná me yá iaçoca arama.  
— Mairamé taá?  
— Cyiucy u cema arami, amorandé.

---

(1.) Micura ou Mucura, é o *Didelphis Azarae*, marsupio, pedimano, conhecido no Rio de Janeiro por *Gambá*, em outras Provincias por *Sarigué*, *Sarué*, no Estado Oriental por *Mieuré* e pelos Incas do Perú por *Intuto*.

— Eré, che ruaíara. Cha iure ne pire caaruca rami.  
— Cha çaru indê, tenhen negane iché, chá poó quêinha  
yandi puçanga arama, yané reça *rupiara* (1) arama.

Aé uana ure, u cêca i père.

— Oh! Che ruaia?!

— Oh! Che ruaia? Cuçueui cha icó uana, cuêre yá çu,  
yá munhan maan re nhehê.

— Yá çu.

— Aé uana u çu quire muirá uirpe.

— Aua taá tenondê?

— Indê, che ruaia; re manhan cyiucy u cema rami  
re raçu ne puçanga. Cuêre cha munhan tatá ne renondê.

Aé uana, paá; u iupire coema putare rami u çu mime  
muirá racapêre opé. Aé uana u maan cyiucy ure icó. Aé  
uana u çacema.

— Oh! Che ruaia! Munhan tatá, cyiucy etá u cema  
icó.

— Cha munhan uana.

Aé uana u mutai ceçá.

— Aicui, cha çu.

Aé uana ure usre tatá pé, u ireua, achi munhana pa-  
raná me u iaçoca, u cema:

— Oh! Che ruaia! Cuêre indê rain.

— Eré! Che ruaia.

— Cuêre iché rain, cha piutá, cha çaru indê, coin  
ana re u puçanu.

— Eré! Che ruaia, cha çu ráin.

Aé uana Micuça u iupire iuaté, u cêca aape u mutai  
ceçá.

— Ah! Che ruaia. Aicui, cha çu.

Aé uana, paá, ure unté chii, u are tatá pe. Çuaiara  
u maan icó eccé. Aé uana, paá, i uçauereca, çuaiara u  
maan nhum.

(1) Abreviatura de *Mbarupiara*, o que é forte ou feliz em qualquer cousa, como na pesca, na caça, no jogo, etc.

— Ma  
ucái.

Aé ua  
paraná m

Aé ua  
cuchíma,

— Oh

— Qu

— Va

— Va

— Qu

— Qu

— Va

— Co

nossos ol

— E'

— Bu

façamos r  
correremo

(1) Este  
o Xbalanque,  
deiros de Xib  
seguinte se lev  
vores se levan  
no seu estad  
matal-o, pond  
taveis. Já a o  
pellada.

(\*) Ainda  
Será uma sim  
dos indios de  
perpetuaram

— Mahy taá cuité ? Cuá che ruaiara u manu tatá pe ucái.

Aé uana, paá, u pecéca çoaia rupi, u cequi u iapi paraná me, u piruca çoaia u pitá, i pirêra çoaiaia pópe.

Aé uana, paá, u pêtá uarama yaué micura ruaia, paá, cuchima, yandé iuperungaua. (1)

#### TRADUÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

— Oh! meu cunhado, mucura!

— Que é, meu cunhado, cameleão ?

— Vamos nos curar ?

— Vamos.

— Quando ha de ser ?

— Quando sahir nova cyiucy (Pleiades).

— Vamos, meu cunhado. Com que ha de ser ?

— Com pimenta. Quando sahir cyiucy, queimaremos nossos olhos, logo que for amanhecendo.

— E' assim ?

— Busquemos uma arvore alta para nella subirmos; façamos nosso fogo em baixo, para cahirmos nelle, e depois correremos para o rio, para ahí nos lavarmos.

(1) Este facto tem muita analogia com a lenda Nahuá dos irmãos Hunahpu (\*) o Xbalanque, filhos naturaes da *mulher sangue* ou Xqniq, na luta dos legitimos herdeiros de Xibalba. Para ser agradaveis á avó foram derrubar um matto, que no dia seguinte se levantou. Feita nova derrubada esconderam-se, para ver quem fazia as arvores se levantarem, e viram chegar varios animaes que ordenaram que ellas voltassem ao seu estado primitivo. Nessa occasião passando um rato agarraram-no, e iam matal-o, pondo ao fogo, quando este revelou-lhes o segredo que depois os fez respeitaveis. Já a cauda estava queimada e dahi em diante ficou sempre o rato com a cauda pellada.

(\*) Ainda uma analogia com o rio *Anapí*, ou *Uanapu* em Marayós, no Pará. Sará uma simples coincidência de nome, ou, é antes um nome deixado pelos ascendentes dos indios de Marayós, oriundos da raça karayba, que descendente dos Nahuas, ah perpetuaram o nome de um dos seus príncipes mais celebres ?

— Quando será ?

— Depois de amanhã, quando cyiucy sahir.

— Bem, meu cunhado. De tarde eu virei ter com-tigo.

— Eu te espero ; não me enganes ; apanharei as pimentas para remedio, para que tenhamos bom olhar.

Trazendo-as immediatamente, foi ter com elle.

— Oh ! meu cunhado !

— Oh ! meu cunhado ! Já aqui estou. Agora vamos fazer o que te disse.

— Vamos.

Ella foi dormir em baixo da arvore.

— Quem ha de ser o primeiro ?

— Tu, meu cunhado. Tu levarás teu remedio e vigiarás cyiucy quando sahir. Eu ficarei fazendo fogo para você.

Dizem que subiu logo e, quando ia amanhecendo, foi para a ponta da arvore. Logo que viu cyiucy sahindo, gritou:

— Oh ! meu cunhado ? Faz fogo, Cyiucy vem sahindo.

— Já fiz.

Imediatamente queimou os olhos.

— Olha, que já vou.

Elle cahiu logo no fogo, virou-se, d'ahi correu para o rio, lavou-se e sahiu.

— Oh ! meu cunhado. Agora vai você.

— Bem, meu cunhado.

— Eu fico e te espero. Vai te curar.

— Bem, meu cunhado ; já vou.

Então a mucura subiu, chegou no alto e queimou os olhos.

— Oh ! meu cunhado ; já vou.

Dizem que ella atirou-se e cahiu no fogo. O cunhado estava vendo-a chamuscar-se e sempre olhando-a.

— Que é isso ? Este meu cunhado morre queimado !

Elle,  
rio. O ra  
mão.

Dizen  
desde mu

Elle, então, pegou-a pelo rabo, puxou-a, atirando-a ao rio. O rabo ficou pellado e elle com a pelle do rabo na mão.

Dizem que, por isso, assim ficou o rabo da mucura, desde muito tempo.

ahir.  
virei ter com-  
anharei as pi-  
bom olhar.  
m elle.

Agora vamos

remedio e vi-  
endo fogo para

manhecendo, foi  
yucy sahindo,

yucy vem sa-

correu para o

o e queimou os

go. O cunhado  
ando-a.

re queimado!

---

XI

URUBÚ TAIRA ETÁ MENA IRUMO

O URUBÚ E AS FILHAS CASADAS

(Rio Negro)

Yepé tuyué Urubú u ricu, paá, herundi taira ; mocoín mendare Teyu irumo, amo mendare Murucututu irumo, amo mocoín mendare Ipêca irumo amo mendare Pecaçu miri irumo.

Ariri, paá, çaiçu u iin i membyra çupé:

Ah ! Cembira re munham care yandé cupichaua.

— Eré, ce manha.

Aé uana u iin i mena etá çupf.

— Ce mena, re munhan ce manha cupichaua.

— Yaué cerá ? Eré.

Aé uano, paá, Teyu, Murucututu irumo aetá mocoín coema piranga irumo u çu ana aetá copire, yandara arami aetá ure umbau. Çaiçu u çaiçu aetá, paá. Amo etá Ipêca, Pecaçu miri irumo aetá uçu morauquê queté uatê uaracy irumo, arecê, paá, çaiçu mutara ima aetá. Ne copocó aetá ure uana morauquê chii, çaiçu u maan aetá ure u iin:

— Aé cui, ana nhaan ateima etá ure.

Aé, P

aéuana, 2

— Ch

copire çai

Aé u

— P

mocoín r

— Te

rara irum

curi. (1)

Nhaa

u purauc

aetá u p

Muru

quêre.

Aé u

— Ce

Aé u

u quêre,

— Y

arecê ce

paá, intc

— A

— T

— M

yepé mu

— M

— M

— H

Aé u

(1) O d  
a afinidade

sangue e a c  
agradáveis.

(2) Mo

(3) Na



Aé, paá, moçapire ara iunto aetá copire, amu coema aéuana, paá, aetá iuperu u itêca; aí uana, paá, ui-in:

— Che mericó orandé yá çu yá iuperu yá u itêca Yandé copire çaua.

Aé uana, paá, çaçihu u cendó:

— Puité ipó, aetá inti u munhan, cuá etá cembyra etá mocoim morauquêçara, cua etá aetá u ganane icó iché.

— Tenupá, ce raichu, mutara ima iché, cuá ce camarara irumo, iché cha cuau u maan cha munhan, cha iupéac curi. (1)

Nhaan etá u çu iunto u quère, ne aítá u cupire, ne aetá u purauquê, nhaan etá u ganane, çaçihu, u çaiçu u maíté aetá u porauquê.

Murucututu muirá arpe u quère, teyu iui coara opé u quère.

Aé uana, paá, ipêca u i-in camarara çupé:

— Ce mu! Yá çu, yá maan nhaan aetá morauquê?

Aé uana, paá, etá uçu u maan u acema aetá mocoim u quère, Murucututu muirá arpe, teyu ui cuara opé. (2)

— Yaué cerá! Ce mu re maan cuá etá morauquêçara, arecé ce manha u çaiçu aetá. Yandé inti u çaiçu, inti reci, paá, into yá, porauquê. Cuère ya maan uana.

— Ah! Ce remericó, yá maan cuá etá morauquê.

— Turuçu cerá aetá copire çaua?

— Mamé taá? Timaan, ne maan, inti aetá copire, ne yepé muirá aetá u munuca.

— Mahy taá coité? (3)

— Mahy mutaá? Yá u acema aetá u quire.

— Heen cerá! Areci raá ce manha u çaiçu aetá.

Aé uana, paá, u çu umbéu i manha çupé.

(1) O desprezo com que eram tratados, e o facto de derrubarem a roça, nos lembra a afinidade que tem com a lenda dos Nahuas, em que apparece a sogra da *mulher de sangue* e a derrubada para plantações que fizeram os netos d'aquella, para lhe serem agradaveis.

(2) Mostra aqui os costumes desses animaes.

(3) Na conversação dizem: *matacoté*.

— Manha ! Inti, paá, cuá etá u ricó morauquê, ne yepé muirá aelá munuca. Aetá u acema aetá u quère icó.

Aetá u chare pocuçaua copichaua u chirica, aetá u çu caamunu, iumu pirá, uirá, poó, iuá çaichu çupé. Ariri ui-in:

— Cunhan amorandé ya çu arama yá çapy yandé copichaua i catu re nhehê ne manhá çupê ne paia çupé.

— Eré !

Aé uana u çu i manha pire u cêca sape.

— Ce manha ! Cuá i nembyra ui-in re çu arama yané irumo yá çapy yandi copichaua, ce paia iuire u çu arama, yané irumo petumu arama yandi.

— Eré, cembyra. Mahy ramé taá cembyra ?

— Amorandé.

— Tuyué ?

— Maá taá ? Ne raira ure u nhehê yondé arama ya çu arama ya petuma, paá, aetá yá çapy aítá copichaua.

— Heen, cerá ! Uaimi ! Yá çu.

Aé uana, paá u cêca nhaan ara, aé uana auá u çu copichaua quieté. Aéuana, paá, uaimi u cêca copichaua remêpe, aéuana, paá, u çacema:

— Ah ! Tupana ! Copichaua ramunha !...

— Ce paia iure re petumu çapy ce copichaua, ce manha iuire.

— Cunhan, re in ne manha çupé u çu arama copichaua piterpe, mamé icó nhaan muirá uaçu, yandé yá çu yá çapy cemeêua rupi.

— Ce manha ? Indé re çu paipai irumo pe çapy mime piterpe mamé icó nhaan muirá uaçu.

— Eré, cembyra.

Aé uana, paá, uaimi, u çu tuyué irumo, aeté mocoin, i membyra i mena irumo aetá u çu cemeêua rupi amu etá u çu amu çuachara rupi.

Ariri, paá, aetá maan tatá iatimana, u çu icó tatá. Aé uana paá, uaimi u çacema u maan rami tatá u poama u cica:

— Ah ! Cembyra, maa arama taá, re çapy yandé ?

Cuê  
taá re ç  
in ne re  
inti cha  
Aé  
catu, ta  
u cêca.  
u caima

Cont  
um com  
e ainda  
a suas

— A  
— S  
Ellas  
— M  
— E  
O L

pela alv  
queria-c  
Os o  
já depoi  
tardou r  
vendo-os

— A  
Lev  
outro, p  
— M  
nosso p  
A so

(1) Es  
duções ao

Guêre çupi yá cai tuyué ! Ah ! Cembyra ! Maá arama taá re çapi yandé ? Inti racó cha mutara ima, inti racó cha in ne recé, nemaan cha umbéu maan ne recé uara ? Tenupá inti cha caima.

Aé uana, paá, i iupire muirá uaçu recé, tatá yauaité catu, tatá ure icó, ne rain, paá, tatá u cêca cecé çacuçaua u cêca. Aé uana, paá, aetá uare; aéuana etá u cai ae uana, u caima etá. (1)

#### TRADUÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Contam que um velho urubú tinha quatro filhos casados: um com o Lagarto, outro com a Coruja, outro com o Pato e ainda outro com a Pombinha. Dizem que a sogra dissera a suas filhas:

— Ah ! minhas filhas, mandem fazer nossa roça.

— Sim, minha mãe.

Ellas disseram logo aos maridos:

— Meu marido, faz roça para minha mãe.

— E' só isso ?... Pois bem.

O Lagarto e a Coruja immediatamente, juntos, foram, pela alvorada, roçar; e ao meio-dia vieram comer. A sogra queria-os bem.

Os outros, o Pato e a Pombinha, foram para o trabalho já depois de estar o sol alto. A sogra os odiava. Não tardou muito que voltassem logo do trabalho, e a sogra, vendo-os chegar, disse:

— Ah! estão. Já vieram aquelles preguiçosos.

Levaram a roçar sómente tres dias, e, na manhã do outro, principiaram a derrubar. Um delles disse:

— Minha mulher, amanhã vamos principiar a derrubar nosso roçado.

A sogra o ouviu.

(1) Estas lendas estão escriptas com as pronuncias de cada localidade, e as traducções ao pé da letra.

— Isso é mentira. Elles nada fizeram. Os outros dous filhos são trabalhadores; estes estão me enganando.

— Deixe estar, minha sogra, tenha raiva de mim e deste meu camarada; eu saberei ver e hei de fazer por me vingar.

Os outros foram unicamente dormir, não roçaram, não trabalhavam, enganavam a sogra que os amava, pensando que elles fossem trabalhadores. A coruja dormia em cima da arvore e o lagarto no buraco.

O pato dissera ao companheiro:

— Meu irmão, vamos ver o trabalho delles ?

Foram e acharam, então, os dous dormindo, a coruja em cima da arvore e o lagarto no buraco.

— E' assim?... Meu irmão, vê estes trabalhadores; é por isso que minha mãe os estima. Não nos estima, porque não trabalhamos. Agora vimos tudo.

— Ah! minha mulher, já vimos o trabalho destes.

— E' grande a roça delles ?

— Onde é ella ? Nada, cousa nenhuma. Não roçaram nem cortaram um só páo.

— E então !

— Como ha de ser. Achamol-os dormindo.

— Ein! Ein! Por isso é que minha mãe os estima.

Dizem que ella foi contar isso á mãe.

— Mãe, dizem que os outros não têm trabalhado, e não cortaram nem um páo. Viram que estavam dormindo.

Deixaram então estes o roçado secar, foram caçar, frechar peixe e apanhar passaros e fructas para a sogra. Depois disto, disse um delles:

— Mulher, depois de amanhã, vamos queimar nossa roça. E' bom que digas a tua mãe e a teu pae.

— Bem.

Então foi ella ter com a mãe:

— Minha mãe, este seu filho disse para ires comnosco queimar nossa roça. Meu pae tambem deve ir, para ajudar-nos.

— Bem, minha filha. Mas quando ha de ser ?

— D  
— V  
— Q  
— T  
a roça de  
— E  
Quan  
velha che  
— A  
— M  
mãe tam  
— M  
onde está  
beira.  
— M  
onde está  
— P  
A vel  
foram pel  
viram que  
viu as lab  
— A  
vamos fica  
queimas.  
contei ? N  
Subiu,  
caminhand  
Cahira

— Depois de amanhã.  
 — Velho !  
 — Que é.  
 — Tua filha veio dizer-nos para irmos ajudar-a a queimar a roça della.

— Ein, velha; vamos.

Quando chegou o dia, foram para a roça. Quando a velha chegou á beira da roça, gritou logo:

— Ah! Deus, que grande roça !

— Meu pae, vem ajudar-me a queimar a roça; minha mãe tambem.

— Mulher, dize á tua mãe para ir para o meio da roça, onde está aquelle páo grande, e nós vamos queimar pela beira.

— Minha,mãe, vai com papae queimar alli para o meio, onde está aquelle páo grande.

— Pois sim, minha filha.

A velha foi com o velho, e os dous, a filha e o marido foram pela beira. Os outros foram por outro lado. Depois, viram que o fogo ia circulando. A velha gritou, quando viu as labaredas chegarem:

— Ah! minha filha, para que nos queimas. Agora, velho, vamos ficar queimados. Ah! minha filha, para que nos queimas. Não tenho raiva, nada tenho dito de ti; de ti o que contei? Não me queiras perder.

Subiu, então, para o páo grande. O fogo era forte, vinha caminhando, não a tocava, mas o calor chegava até ella.

Cahiram ambos queimados e desapareceram.

---

## XII

### A LENDA SAGRADA DE IZY OU BOKAN <sup>(1)</sup>

SEGUNDO AS VERSÕES DAS TRIBUS DO RIO UAUPÉS

Habitava a serra de Tunahy <sup>(2)</sup>, no rio Içana, uma tribo que, no principio do mundo foi destruida por uma grande epidemia, escapando apenas as mulheres, poucos anciões e um pagé.

As mulheres viviam tristes, porque estavam sem homens, e assim a tribo se extinguiria por essa fórma.

Reunidas, uma occasião, na margem do Lago Muypa, onde Ceucy <sup>(3)</sup> costumava banhar-se, estavam ellas em conselho a esse respeito, quando foram surprehendidas por um pagé que, por ordem do sol, que governava o mundo, tinha-lhes prohibido reuniões e banhos no lago.

Elle as reprehendeu, mas annunciou-lhe, que haviam de ter uma nova geração.

Tomaram ellas o facto por caçoada, e o pagé disse-lhes que ia provar o que dizia; mas, que, para isso, tomassem primeiramente um banho purificador.

---

<sup>(1)</sup> Esta lenda está escripta, mais ou menos, na linguagem do indio que a narrou.

<sup>(2)</sup> Nos mappas do Coronel Codazzi está escripto *Tunahy* e não *Tunahy* como se pronuncia no Amazonas.

<sup>(3)</sup> As Pleiades.

Ellas  
Quar  
Depo  
á serra  
justamen  
mir-se n  
No fi  
á mesma  
Entre  
Esta  
Cheg  
grande q  
ram, e h  
estava gr  
Temp  
lhante ac  
de *Izy*.  
dar-lhe o  
houve gra  
velhos, e  
deviam in  
Quanc  
desappare  
As m  
e foram p  
Não  
se importa  
para o m  
Por es  
ver; porér  
os seios v  
Passon  
ella alimer

<sup>(1)</sup> As P

Ellas logo obedeceram, e com elle foram para o banho. Quando sahiram d'agua sentiram-se gravidas.

Depois, dizem, que viram, com agilidade, o pagé subir á serra e da ponta chamada Dubá precipitar-se no lago, justamente no momento em que Ceuicy ( <sup>1</sup> ) acabava de sumir-se no céu.

No fim de dez luas todas as mulheres, no mesmo dia e á mesma hora, deram á luz.

Entre os recém-nascidos appareceu uma linda menina.

Esta menina cresceu pura, até os doze annos.

Chegando um dia debaixo de uma arvore comeu grande quantidade de seus fructos, que os macacos lhe atrahiram, e horas depois sentiu crescer a barriga, notando que estava grávida.

Tempos depois deu á luz uma formosa criança, semelhante ao sol, que foi proclamada chefe com o nome de *Isy*. No fim de uma lua de chefatura, querendo dar-lhe o distinctivo de chefe, que estava na serra da lua, houve grande divergencia. Uns diziam que deviam ir só os velhos, e outros que só as mulheres, e ainda outros que deviam ir todos.

Quando estavam nessa luta, que durou quasi uma lua, desapareceu o menino.

As mulheres culpavam os homens, estes desculparam-se, e foram pelo choro procural-o, mas não o encontraram.

Não o podendo achar, apesar de ouvil-o chorar, não se importaram mais com elle, e só a mãe ia, todas as noites, para o matto onde dormia, ouvindo o choro do filho.

Por espaço de dous annos ia ter com o filho, sem o ver; porém, sentindo que de manhã quando acordava tinha os seios vasios.

Passou depois a viver além da serra de Tunahy, onde ella alimentava o filho, não ouvindo o choro, mas sim risos

( <sup>1</sup> ) As Pleiades.

e signaes de folguedos, pelo que comprehendia que elle crescia e gozava saude.

Passaram-se assim vinte annos.

Já ia envelhecendo, e vivia morta de pezar, por não poder gozar a companhia de seu filho, quando um dia lhe appareceu este coberto de vestes resplandecentes.

Voltou a aldeia, com elle, e os velhos, vendo-o, quizeram entregar-lhe os distinctivos de chefe, faltando sómente a pedra que lhe era necessaria, o *nanacy*.

O moço recusou, por não estarem completos e disse-lhes que fossem na noite seguinte á serra de *Kenuké*, onde trataria dos negocios da tribu, declarando-lhes que já, na vespera do seu apparecimento, tinha recebido das mãos de seu pae, o Sol, tudo quanto lhe era necessario para governar e reformar os costumes.

Com isso as mulheres, que até então governavam o paiz, ficaram descontentes, por não serem convidadas.

Na noite desse dia tirou Izy do *matiry*, (1) que tinha recebido do sol, uma panella e um pedaço de breu, que deitou a derreter.

Da primeira fumaça sahiram: morcegos, corujas, etc.

Da segunda sahiram araras, papagaios, etc., e quando por ultimo sahio o uirá açu, o gavião real, montou nelle e partiu para a serra da lua.

Chegando á serra, encontrou *Kenitare* (2) (a lua) tendo na mão direita as vestimentas reaes, feitas de pennas, e na esquerda a pedra de chefe, e por suas proprias mãos o vestiu e collocou no pescoço a insignia do poder.

Chegando á terra, Izy encontrou todos os velhos reunidos, em *Kenuké*, e a elles se apresentou com as suas vestes. Occultamente, algumas mulheres, foram espiar a reunião.

(1) Pequeno sacco de malhas feito de fibras vegetaes.

(2) *Giria Kubeua*.



Reunido o conselho, em primeiro logar, ordenou e ensinou-lhes a *cultivar a terra* e o *milho*, dando uma lei á tribu, que prescreve o seguinte:

*Primeiro.* Durará a minha lei enquanto o sol illumina a terra.

*Segundo.* E' punida, com pena de morte, toda a mulher que procurar ver os instrumentos que se tocarem no dia em que se festejar a installação da nova sociedade, devendo executar a pena o que primeiro souber, seja pae, irmão, etc.

*Terceira.* Aquelle que revelar o segredo, do que se passar na festa, é obrigado a suicidar-se ou a ser morto pelo primeiro que encontrar.

*Quarto.* Todos os rapazes de doze annos devem começar a saber a lei.

*Quinto.* Os festejos terão sempre lugar :

quando alguma donzella chegar á puberdade;

quando esta puder comer os fructos do pehykan;

quando puderem comer quadrupedes, peixes grandes,

ou aves;

quando se reunirem os camaradas no tempo dos fructos, como signal de boa amisade;

quando se acabar qualquer trabalho pesado.

*Sexto.* Todos os tocadores de instrumentos trarão um chicote, para se açoitarem mutuamente, afim de se lembrarem que devem guardar segredo.

*Setimo.* Todos aquelles que receberem instrumentos, para tocar no dia da installação, são obrigados a irem pelo mundo ensinar, não só esta lei, como as que receberem no dia da installação do novo regimen.

Ao terminar a reunião Izy poz-se a chorar, e quando voltaram, os velhos, encontraram, pelo caminho, as mulheres, que tinham ido ás occultas ver a reunião, todas transformadas em pedras, inclusive a mãe do proprio legislador.

Quando souberam desse castigo as mulheres, sobre-

viventes, se revoltaram contra elle, lhe deram então o nome de Bokan, (coração máo) e juraram depol-o.

Izy, para não dar novos castigos, ordenou, a cinco dos mais velhos, que fossem construir a *casa para a festa*; porém *bem longe*, e que sahisses á noite, para que todos ignorassem.

Dando-lhes uma *poçanga*, que eram unhas de preguiça, para metterem no nariz e poderem ser transportados pelas nuvens até o Rio Aiary. <sup>(1)</sup>

Nessa mesma noite partiram, e no dia seguinte amanheceram sobre as pedras do mesmo rio, e deram logo começo á construcção da casa, que *dentro de tres dias ficou concluida*.

Como Bokan só devia chegar depois de quinze dias, para aproveitarem o tempo, metteram-se pelo matto e foram dar a uma aldeia que estava em festa, porque casara-se uma filha do tuichaua, que se chamava *Nunuiába*.

Foram bem recebidos, e tomaram parte na festa onde, se embriagaram, a tal ponto que um delles disse:

— Que terra de raparigas tão formosas! E' pena que amanhã, talvez, tenham de maldizer a lei do nosso chefe. Dito isto adormeceu.

Estas palavras despertaram a curiosidade das mulheres, que procuraram saber o que significavam.

Quando os velhos voltaram para a casa, que tinham feito, encontraram-se nella com as companheiras da festa, que empregaram todos os meios de seducção, para obter delles a confiança e o segredo.

Com effeito, um delles, Uary, embriagado de cachiry e de amor, nos braços da volupia, revelou a lei.

As mulheres senhoras do segredo fugiram e não reapareceram; sómente, ás vezes, alguns meninos appareciam.

(1) Tributario do Içana.

Pass  
Uakú, o  
subiu e

Os m  
assal-os,  
babar-se

Dess  
o chão e

Para  
que Bok

Com  
onde se

transform  
meninos

Tom  
ninos, as

Volto  
Não

roçaram-  
que os d

O pa  
um dos

Uary  
mais do

ossos se

Ao a  
sendo vis

e voltou

As r  
fim de e

foram á  
traram U

(1) PH

lhe deram então o  
am depol-o.

denou, a cinco dos  
*asa para a festa* ;  
bite, para que todos

unhas de preguiça,  
transportados pelas

dia seguinte ama-  
no rio, e deram  
que *dentro de tres*

ois de quinze dias,  
n-se pelo matto e  
festa, porque casa-  
mava *Nunuiába*.

parte na festa onde,  
elles disse :  
nosas ! E' pena que  
lei do nosso chefe.

idade das mulheres,  
m.

a casa, que tinham  
apanheiras da festa,  
edução, para obter

agado de cachiry e  
u a lei.

ugiram e não reap-  
meninos appareciam.

Passando, uma occasião, estes, quando iam apanhar Uakú, o velho Uary foi com elles e chegando á arvore subiu e atirou fructos para baixo.

Os meninos apanharam, fizeram uma fogueira para assal-os, e a fumaça suffocou o velho, que começou a babar-se.

Dessa baba nasceu o Uambé (1), cujas raizes tocaram o chão e por onde elle desceu.

Para castigar os meninos, metteu no nariz o talisman, que Bokan lhe havia dado, e fez cahir chuva e raios.

Com medo os meninos correram, mas não tinham onde se recolher. Então usando do mesmo talisman, Uary transformou-se em uma casa, na qual se recolheram os meninos.

Tomando novamente a fórma humana ficaram os meninos, assim, na sua barriga.

Voltou para onde estavam os companheiros.

Não apparecendo os meninos, na aldeia, as mães alvo-roçaram-se e pediram ao chefe, que ordenou ao pagé para que os descobrisse.

O pagé disse que, as crianças, estavam na barriga de um dos velhos, que moravam na *casa de pedra*.

Uary, desde que se transformara em casa, não tirou mais do nariz o talisman, pelo que aos poucos foram seus ossos se transformando em instrumentos musicaes.

Ao amanhecer, Uary voou, e passou por cima da aldeia, sendo visto pelo pagé, que ouviu o som dos instrumentos e voltou novamente para sua casa.

As mulheres, que tinham preparado uma festa, com o fim de embriagal-o, para que elle vomitasse as crianças, foram á casa dos velhos convidal-os e ahi já não encontraram Uary.

(1) Philodendron uambé.

Partiram. Ao chegar á casa da festa Uary subiu a uma palmeira, e sacudindo-se, fez soar seus ossos, que produziram uma musica desconhecida e muito bonita.

Na festa empregaram todos os meios de o embriagar; porém, não conseguiram.

A' noite voltou para sua casa, e o pagé aconselhou que partissem, porque Uary ia passar por um somno e, nessa occasião, tirariam o talisman do nariz.

Quando chegaram já era tarde. Já tinha acordado e voado novamente para a aldeia. Quando as mulheres ali chegaram, elle entoava a mesma musica; porém, muito á surdina.

O pagé, disse, que isso significava terem morrido as crianças, e que, por isso, deviam tambem acabar com elle.

Concordaram subjugal-o á força. Com effeito os homens e o pagé atiraram-se a elle e na luta, a mulher que tinha se apoderado do segredo, quiz tirar o talisman; mas, Uary percebendo, tirou-o do nariz e o engoliu, o que produziu uma musica medonha e horrorosa.

Continuou a luta, na qual foi vencido, amarrado e condemnado á morte.

Lançaram-o então em uma fogueira, que o reduziu a cinzas. De uma parte d'ellas nasceu *uma pachiubeira* (1) que tocava o céu, e da outra nasceram os espiritos máos e todos os animaes e hervas venenosas.

Com este facto todos fugiram, só ficando o pagé.

Da aldeia partiu o Tuichaua, com seus guerreiros, á procura do pagé, mas ali chegando foram mordidos pelos animaes venenosos, e curaram-se com a agua, indicada pelo pagé, que foi a do banho de uma mulher.

Voltando á aldeia foram, pelo caminho, sendo apedrejados pelos espiritos.

(1) Iriarte exhorhiza Mart.

Boka  
lela neg

Esta

morrer a  
brando-s  
reunir.

Corr  
noite, á r  
irem por  
purificad

Ao a  
festa e p  
fez com  
Aiary.

Viu  
anças, do  
do-se do

A' h  
Bokan II

— Já  
nuarem  
terrivel,  
*costumes*  
darei no

Depo

em cima

Ahi,

que por  
dos hom

Depo

quatro

(1) Esp

(2) Es

de templo al

Bokan teve aviso de todos esses factos, por uma borboleta negra, mas não quiz vingar-se.

Estava acabrunhado, pela dor que soffria, por ter feito morrer as mulheres que transformara em pedras; mas, lembrando-se que tinha de fundar uma nova sociedade tocou a reunir.

Correram todos ao chamado, e elle ordenou que n'essa noite, á meia-noite, estivessem em cima da serra para, juntos, irem para a casa da festa; mas, que deviam tomar um banho purificador antes d'isso.

Ao anoitecer quiz saber o que se passava na casa da festa e para isso tirou *uma pedra de côr* <sup>(1)</sup> do matiry, e fez com que n'ella apparecesse tudo quanto se tinha dado no Aiary.

Viu tudo e, quando chegou a apparecer a morte das crianças, atirou zangado com a pedra, que se desfez, gerando-se dos estilhaços os vagalumes.

A' hora convencionada acharam-se todos na serra e Bokan lhes disse:

— Já dei um exemplo, por falta de obediência, e si continuarem a não obedecer-me, eu me vingarei, de uma maneira terrivel, porque vim a esta terra *para reformar os usos e costumes* dos habitantes. Na occasião da festa, no Aiary, darei novas leis.

Depois disso dormiram e quando acordaram estavam em *cima da casa* <sup>(2)</sup> da festa, no Aiary.

Ahi, recommendou-lhes que fugissem das mulheres, porque por meio das suas seducções se apossam dos segredos dos homens.

Depois d'essa recommendação desceram á casa onde os *quatro velhos* estavam a morrer de fome, por que-

(1) Espelho magico.

(2) Este em cima da casa, no tolhado da casa, dá a entender que era uma especie de templo alto como era o dos Mexicanos.

rerem se suicidar, não achando desculpa a dar da sua fraqueza, ante as mulheres, e da traição a seu chefe.

Bokan mandou buscar folhas de *bacaba* <sup>(1)</sup>, com ellas fez uma rede e mandou lancear.

Apanharam uma grande quantidade de sapos, que encheu a casa, e com elles mandou preparar a comida para os velhos.

A' hora da reunião, subiram todos *para o telhado da casa* e ahí Bokan disse que, antes de dar as novas leis, devia mostrar a sua origem e assim a contou:

— «No começo do mundo, havia, um *povo* que tinha as *donzellas fechadas em uma especie de convento*. <sup>(2)</sup>

Uma dellas, Dinary, fugiu procurando um marido,

Anoitecendo, dormiu na floresta. Ao acordar, na madrugada do dia seguinte, ouviu fallar proximo. Era o filho de um chefe, de um outro povo, e seus companheiros, que vendo-a passar no dia da sua fuga, andavam á sua procura.

Ella vendo-os, se approximar, fingiu dormir. Chegando elles, encontraram-a. Elle, bonito mancebo, logo se apaixonou pela formosura de Dinary.

Aceitando-o por esposo, seguido da comitiva, levou-a para casa de seus paes.

Ao passarem, porém, pelas nascentes de um rio, elle mandou que ella tomasse um banho, esfregando-se com as folhas de uma planta que lhe deu.

Elle e a sua comitiva tambem se banharam e quando sahiram d'agua todos estavam transformados em *Yakamins*. <sup>(3)</sup>

Passando-se nove luas, Dinary vendo a barriga crescendo e não acreditando que fossem ovos, depois de fazer um

(1) *Enocarpus bacaba* Mart.

(2) Vide a lenda *Aldela das mulheres*.

(3) *Psophia crepitans*.

ninho, p  
luz, e su

Seu  
um lay  
forma.

Tem  
sendo ur

Aqu  
sete estr  
de estrel

Quar  
que vivia  
ella lhes  
mal a n

Esta  
em um

Uma  
chamam  
estrellas

Cheg  
fiou da  
crianças

Aba  
seus par

A es

seriam

como po

O pe  
Emq

longe, b

As c  
arco e u  
trahir-se

controu

(1) Ca

a a dar da sua fra-  
seu chefe.

ba (1), com ellas fez

de sapos, que encheu  
a comida para os

para o telhado da  
as novas leis, devia

o povo que tinha as  
convento. (2)

o um marido,

Ao acordar, na ma-

roximo. Era o filho  
companheiros, que

ndavam á sua pro-

a dormir. Chegando

bebo, logo se apai-

a comitiva, levou-a

tes de um rio, elle

sfregando-se com as

banharam e quando

formados em Ya-

ndo a barriga cres-

depois de fazer um

ninho, pediu ao marido que lhe restituísse, antes de dar á luz, a sua fórma humana.

Seu marido accedeu e levando-a a um igarapé, deu-lhe um tayá, (1) com o qual, esfregando-se, voltou á primitiva forma.

Tempos depois deu á luz á duas formosas crianças, sendo uma menina e um menino.

Aquella tinha, em roda da cabeça, uma grinalda de sete estrellas, e este uma facha, em forma de cobra, tambem de estrellas, que, dos pés á cabeça, lhe rodeava o corpo.

Quando chegaram á idade das travessuras, notaram que viviam rodeados de Yakamins, e perguntando á sua mãe ella lhes disse que era criação, mas que elles nunca fizessem mal a nenhum desses passaros.

Estas crianças, desde que nasceram, dormiam fechadas em um quarto escuro, onde á noite nunca seus paes iam.

Uma noite Dinary, indo vel-os, sahio sobresaltada, chamando por seu marido, para ver os filhos cobertos de estrellas brilhantes, que ella nunca antes vira.

Chegando o marido e, vendo aquella maravilha, desconfiou da fidelidade de sua mulher, e suppoz que aquellas crianças não eram seus filhos.

Abandonou a mulher, e fugiu, com todos os Yakamins, seus parentes e foi ter com um pagé.

A este contou o que lhe succedeu, e perguntou-lhe si seriam mesmo seus filhos, porque, sendo elle Yakamim, como poderia ter filhos cobertos de estrellas e não ovos.

O pagé explicou-lhe e elle voltou satisfeito.

Emquanto elle foi ter com o pagé, Dinary sahio e foi, longe, buscar mantimentos.

As crianças achando-se sós, o menino, que tinha um arco e uma porção de flechas com que brincava, para distrahir-se, começou a flechar os poucos Yakamins que encontrou em roda de casa.

(1) Caladium sp.

Depois de mortos estes, viram chegar outros; porém, de costas brancas, e tomando-os por inimigos, começou o menino a flechar um por um, até matar todos.

Quando chegou a mãe, vendo sangue pelo terreiro, interrogou os filhos, que disseram que tendo apparecido um bando de Yakamins de costas brancas <sup>(1)</sup> e tomando-os por inimigos, os tinha mortos todos.

Indo certificar-se viu que, seu filho, não só tinha morto ao proprio pae, como a seus parentes, que voltavam da consulta ao pagé.

Ella querendo occultar aos filhos a sua origem de yakamim, causou aquella desgraça.

Vendo-se só, sahio com seus filhos em busca da aldeia de seus paes.

Ao chegar a uma montanha, donde se avistava a sua aldeia, e a prisão d'onde ella tinha sahido, ficou aterrorisada, só com a idéa de ter de ser novamente enclausurada.

O filho vendo isso, disse-lhe que nada temesse, porque elle era bastante forte para salva-la.

Querendo dar uma prova, agarrou em uma pedra da altura de tres homens e atirou sobre a casa.

Todos, com o grande estrondo, correram e viram as crianças que se approximavam, no meio do brilho das estrellas.

Quando chegaram á aldeia, foram rodeadas por todo o povo, que não reconheceu a antiga Dinary. Pediram então-hospedagem.

O chefe deu-lhe, dizendo que se recolhesse á casa emquanto elle punha tudo em seus logares.

Então o menino disse-lhe, que como elle, gostava de ver tudo em seu logar, e por isso ia pôr a pedra, no logar d'onde a tirara. Tomando a pedra, que estava meio enter-

(1) No Amazonas ha tres especies de yakamins, o de costas brancas, (*Psophia leucoptera* Spix), o de costas verdes, (*P. viridis* Spix), e o de costas cinzentas, (*P. ochroptera* Nat.)

rada, arr  
todos fug  
enclausu

Ahi

Creso

foi pae d

começou

Saber

dizendo

desejo.

Dem

em procu

Dizer

peixes.

Pinor

ahi fez u

subiu lev

Ceuicy.»

Cheg

mostrar

« Qu

tas luas,

com o ch

ir em pr

que lhe o

seguir.

Ao a

reunida a

terra este

Estan

sobre no

(1) Da

(2) AS

(2) Est



rada, arremeçou-a para a montanha, pelo que de terror todos fugiram d'elle, assim como as donzellas que estavam enclausuradas na casa.

Ahi ficaram.

Crescendo os dous, Pinon, assim se chamava o rapaz, foi pae de uma numerosa prole, e Meénsquin, sua irmã, começou a ter tambem desejos de casar-se.

Sabendo Pinon, levou a irmã pela margem de um rio, dizendo a sua mãe, que a levava para cural-a d'esse desejo.

Demorando-se em voltar, no quarto dia, sahiu Dinary em procura dos filhos e nunca mais appareceu.

Dizem que foi levada para o fundo do rio, pela mãe dos peixes.

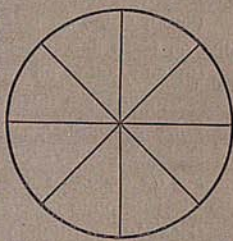
Pinon, zeloso pela honra da irmã, foi á serra Itátininga ahi fez um grande gancho <sup>(1)</sup>, que fígou no céu, e por elle subiu levando a irmã que ficou no paiz das estrellas, como Ceucy. » <sup>(2)</sup>

Chegando a esse ponto, Bokan, disse, que passava a mostrar como se povoou a terra, e continuou:

« Quando Pinon, depois de muitas luas, chegou á aldeia foi ter com o chefe e pediu-lhe gente para ir em procura de sua mãe; mas, que lhe daria o roteiro que deviam seguir.

Ao amanhecer do dia seguinte, reunida a gente, Pinon traçou na terra este circulo e disse:

Estamos no centro da terra, porque temos o sol sobre nossas cabeças <sup>(3)</sup>, pelo que, daqui por cada uma



(1) D'ahi vem o nome de *Serra do gancho da Lua*.

(2) As Pleiades.

(3) Estava no Equador.

destas direcções devem seguir cinco casaes, que só voltarão em dous casos:

Quando acharem minha mãe, ou tocarem a raiz do céu.

Eu tomarei os espaços para mim, e quando nos encontrarmos voltaremos juntos.

Previno que, aquelles que voltarem antes, serão por mim esmagados sob a pedra da-montanha.

As comitivas partiram e dispersaram-se. (1)

Pinon partiu levando uma filha.

Passou o primeiro anno, e assim muitos, sem que, nem Pinon, nem as caravanas, voltassem.

Morreu, nesse meio tempo, o chefe que, deixou, em seu logar, um filho de Pinon.

Este mandou novas caravanas que tambem não voltaram.

Em procura de Pinon organisaram-se tambem caravanas, só de mulheres, que o foram procurar. O filho de Pinon, o novo pagé, ignorava que as primeiras caravanas, já estavam então augmentadas e constituíam novas tribus.

Pinon, antes de ir em procura de sua mãe, deixou sua filha na terra das estrellas.

Quando voltou ao mundo encontrou as expedições, já, transformadas em novas tribus, onde foi deixando prole.

Foi nesse tempo que appareceu o primeiro pagé, na aldeia de Cadiacury, que pela imaginação tudo via.

Foi ao encontro desse pagé, e disse-lhe que desejava que dissesse onde estava sua mãe.

O pagé, consultando os seus oraculos, disse que estava no alto de uma montanha proxima ao céu, dentro de um lago, transformada em *Piravara*, (2) para onde, levava a mãe dos peixes.

(1) Dispersão do povo, em caravanas, do Equador para o Norte, para o Sul e para Leste e Oeste.

(2) Peixe, *Phroctocephalus hemliopteris* Agass.

Perg  
Resp  
ser inic

Pin  
sol e da  
rendo n  
entre os  
filho tar

Depo  
Pinon e  
cundou

«Ag  
ajudar a  
gerações  
mundo,  
as estre

Depo  
beira, q  
um pou

Log  
que cort

As f  
dónde na  
iguaes é

Derr  
uma tra

Dest  
do-os pe

Log  
uma ped  
sionou lo

Na r  
margens  
conhecid

(1) Pe

Perguntou-lhe si não a podia tirar de lá.

Respondeu o pagé que sim; mas, sómente depois de ser iniciado nos seus mysterios, e o iniciou.

Pinon foi pois o segundo pagé do mundo, e filho do sol e da grande serpente, o que iniciou os outros, morrendo no mesmo dia que fecundou as primeiras mães, entre os quaes estava a que me poz no mundo; sou pois filho tambem do sol e da serpente. »

Depois que este provou descender directamente de Pinon e do primeiro pagé, que foi o que no banho fecundou as primeiras mulheres, disse:

«Agora que conheceis a minha historia, deveis me ajudar a reformar os costumes, e deveis repetir á nossas gerações esta historia, para não se perder na velhice do mundo, porque Pinon vive hoje no céu, terra do sol, entre as estrellas, com Dinary sua mãe.

Depois que Bokan acabou de fallar, dirigiu-se á Pachiubeira, que era um dos ossos de Uary, tirou do matiry um pouco de breu e derreteu.

Logo da primeira fumaça sahiram araras e papagaios, que cortaram as folhas da palmeira.

As folhas que cahiram n'agua mudaram-se em peixes, donde nasceu a trahira, que ainda tem as barbatanas iguaes ás folhas da pachiuba.

Derrubadas as folhas foram buscar, por ordem de Bokan, uma trahira (1) que cortou o tronco.

Deste tronco Bokan fez dezeseis instrumentos, medindo-os pelas dimensões de seu corpo e de seus membros.

Logo depois escondeu os instrumentos, atirou ao rio uma pedra de sal, que tirou do seu matiry, o que occasionou logo uma grande tempestade.

Na noite dessa tempestade transportou a casa para as margens do rio Ucaiary, para junto da cachoeira, hoje conhecida por Yurupari cachoeira.

(1) Peixe, *Macrodon* sp.

Ahi, fez ver que estavam longe das mulheres, que causaram a morte de Uary, mas que estavam proximos de outras tambem formosas e sedutoras.

Passou depois a denominar os instrumentos, que recordam diferentes episodios, e deu-lhes vozes pondo cêra, que tirou do seu matiry, em um dos bocaes.

Passou então a dar novos artigos da sua lei, que foram os seguintes:

*Primeiro.* O chefe, cuja mulher for esteril, poderá tomar uma ou mais, e si não o fizer será substituido pelo mais valente da tribu ;

*Segundo.* Ninguem requestará a mulher casada, sob pena de serem ambos mortos ;

*Terceiro.* Nenhuma donzella conservará pellos durante as primeiras regras, sob pena de só se casar quando tiver cabellos brancos ;

*Quarto.* Nenhuma mulher usará pellos, sob pena de não se casar ;

*Quinto.* Toda a mulher depois do parto jejuará uma lua, para a criança não perder as forças.

Depois deu ordem para se preparar bebidas para uma festa e desapareceu.

Estava tudo preparado quando, por si, começaram a tocar os instrumentos, uma musica igual á que tocavam os ossos de Uary.

Estavam reunidos os rapazes para ouvirem os instrumentos, quando lhes appareceu Bokan e lhes ensinou a tocar.

Succederam-se os tocadores, que se flagellavam com o chicote, como era de lei.

No terceiro dia da dansa ouviu-se rumor fóra, era a gente da terra que ouvindo a musica chegava.

Indo Bokan ao seu encontro, pela *pedra que um trazia ao pescoço* ( muyrakytã ) reconheceu ser elle tambem chefe.

— Ouvi a tua musica, e sem ser convidado vim dansar, mas desejo saber quem és e d'onde vens?

— Sou  
cêo, e cor  
até aqui e

Enqu  
os rapaze  
pareceram  
saciassem  
de morte.

No dia  
panheiros,  
anda, ass  
os esperav

Depois  
a seu lad  
a filha de  
casa distar  
anda conta  
folguedos  
velhos.

Estes  
tavam no  
a onça qu  
tomaram

Pelo A  
á noite, n  
curo, e no  
parte os v

Durou  
quaes cheg

Durant  
que tirou d  
uma a A  
scenas vol

— Sou o chefe de Tunaly, a minha terra é perto do céu, e como tenho de mudar os costumes do mundo, vim até aqui estabelecer uma nova lei, á qual todos obedecerão.

Enquanto os chefes conversavam, estabeleceu-se entre os rapazes e as moças, que vieram, grande amizade, e appareceram desejos amorosos, que Bokan consentiu que saciassem, mas sem trahir os segredos da lei, sob pena de morte.

No dia seguinte Bokan, os quatro velhos seus companheiros, e todos os seus foram á aldeia do chefe *Arianda*, assim se chamava elle, onde este, e todo o seu povo, os esperava em trajas de festa.

Depois de uma lauta refeição, em que cada um tinha a seu lado uma rapariga, tendo Bokan por companheiro a filha de Arianda, os dous chefes se reuniram em uma casa distante, para conferenciarem sobre a sua lei, e Arianda contar um sonho que tivera, deixando os moços em folguedos com as raparigas, com grande desprazer dos velhos.

Estes factos davam-se, justamente, quando os pagés estavam no alto da serra, com os homens, para afugentar a onça que queria matar a lua (1), pelo que os rapazes tomaram posse do terreno sem difficuldade.

Pelo *kapy*, que em abundancia tomaram, ao chegar á noite, não havendo luz, continuaram as dansas no escuro, e no meio de uma orgia infernal, em que tomaram parte os velhos.

Durou essa orgia tres dias e tres noites, no fim dos quaes chegaram os que tinham ido salvar a lua.

Durante este tempo Bokan tomou *duas pedras azues*, que tirou do matiry, dizendo ser a sombra do céu, e dando uma a Arianda, nellas viram, reproduzidas, todas as scenas voluptuosas, e nojentas que praticavam os homens

( 1 ) Eclipse.

com as mulheres, entrando os velhos e as velhas, que aproveitaram-se da noite para enganarem os moços.

Logo depois de se isolarem os chefes, Arianda contou que sonhara que um chefe estranho tinha vindo pedir sua filha em casamento, com ella se casara, e que Bokan parecia vir realizar o sonho.

Bokan prometteu responder mais tarde.

Depois disso foi que, pelas pedras, viram as festas.

Na terceira noite, Arianda viu *Curatú*, sua filha, por curiosidade ir á festa, ser agarrada por um sectario de Bokan, e ser por elle violada.

Atirou, desesperado, com a pedra para o lado e, cheio de vergonha, chamou a attenção de Bokan, que vendo tambem o facto disse:

— Si minha lei estivesse em execução, este facto não se daria. Mas tu serás vingado, tua filha será mulher de seu malfetor.

Oppresso, pela sua desgraça, Arianda foi dormir.

Quando acordou continuou a conferencia sobre a nova lei.

No quarto dia os chefes voltaram, e Bokan ordenou a partida.

Despediram-se todos saudosos.

Ao chegar Bokan disse: Amanhã vocês terão de ouvir verdades amargas, pelo abuso que fizeram da licença que dei, descancem para recuperarem as forças, que perderam em sensualidades.

No dia seguinte Bokan exprobroou-lhes o serem dissolutos, o terem abusado da fraqueza das mulheres e da innocencia das virgens.

Ameaçou de abandonal-os, si outra vez se reproduzisse o facto.

E que tal foi o proceder, infame, que chegaram a deshonrar a filha do chefe e ordenou que o culpado se apresentasse.

Ninguem se apresentou.

Ent  
pada a

O a

Bok

Na

dirigira

o autor

O d

continua

bertina,

No

vando

então

Cor

Bokan

e a ca

Cur

cima d

aprende

grede.

Sen

Fin

tinha c

noite d

Ahi

casa de

nando-

Ent

berem

tinham

quando

serviria

outro p

panhar

Ree

com os

Então tirou do matiry a pedra, onde estava estampada a scena libidinosa, e mostrou.

O autor curvou a cabeça.

Bokan ordenou, logo, o casamento para o outro dia.

Na madrugada do dia seguinte, em trajes festivos, dirigiram-se para a aldeia de Arianda, levando Caminda, o autor da deshonra de Curaú.

O dia foi de festas e á noite celebrou-se o casamento, continuando, com licença de Arianda, quasi a mesma libertinagem anterior.

No dia seguinte Bokan partiu com a sua gente, levando Caminda, que, só no terceiro dia voltaria, para então começar a festa da nova lei.

Começaram as festas logo que chegaram, ensinando Bokan a Arianda, e aos seus, a tocar os instrumentos e a cantar.

Curaú sem ser vista acompanhou-os, e á noite, de cima de uma rocha, viu os instrumentos, ouviu a musica, aprendeu a cantiga, e tornou-se senhora de todo o segredo.

Senhora de tudo, concebeu logo um plano.

Findos os festejos retiraram-se todos, e como Bokan tinha de cumprir ainda uma promessa sobre a terra, na noite desse dia, partiram para a aldeia Tunahy.

Ahi chegando, só acharam ossadas de crianças, e na casa de Bokan, os cabellos das mulheres, que abandonando-os tinham fugido.

Então ordenou que queimassem as ossadas, para beberem as cinzas com cachiry, e foi fazer as *mascaras* que tinham de vestir, para se desfigurarem ante suas mães, quando fossem chorar, e disse que só dous instrumentos serviriam nessa occasião, um que seria tocado por elle e outro por *Caryda*, companheiro fiel, escolhido para o acompanhar pelo mundo.

Reduzidas as ossadas a cinzas, e feitas as *mascaras*, com os cabellos das mulheres, prepararam o cachiry.

N'este pozeram as cinzas, e bebendo-o, choraram pelos mortos.

Quando a lua estava em minguate acabou-se a festa.

Bokan ordenou então, a todos, que levassem e enterrassem os corpos de suas mães, que estavam transformados em pedras, levando elle o de sua mãe, para o alto da serra de Marabitanas onde a deixou, dizendo que ahi a deixava para ser util ao mundo, porque de seu corpo nasceriam plantas medicinaes, uteis nas molestias de *amores infelizes*.

Quando o sol raiou, no dia seguinte, tudo era silencio e medonho em Tunahy.

No terceiro dia reuniu Bokan novamente os seus homens, e disse-lhes: — que no dia seguinte ao da partida d'elles para Aiary, as mulheres, julgando-se abandonadas por elles, tinham tomado a resolução de, tambem, os abandonar e, para isso, em conselho decidiram, que como os homens eram ingratos e sem amor, deviam para não perpetuarem mais a raça matar todos os filhos machos, cortar os cabellos, porque ainda estavam impregnados de beijos ingratos, que depois deviam abandonar o lugar e fugir.

Assim o fizeram; porém, antes quizeram levar suas mães, que tinham sido metamorphoseadas em pedra, o que não poderam fazer, por não poderem arrancar-as do solo.

Depois disso fugiram, deixando-se ir aguas abaixo sem destino.

Quando Bokan chorava pelos mortos sentiu que no matiry alguma cousa se movia.

Tirou uma das pedras, e disse:

— Estamos trahidos!

Viu Curaú, com todas as mulheres, cantando e dançando.

Furioso, exclamou:

— Quando as mulheres deixarão de ser curiosas, e terão juizo ?!

Eu  
ensinar  
Tu,  
mós á t  
instrum  
Aqu  
rares em  
Acor  
Cura  
aldeia, e  
instrum  
marido.

Uma  
eram gu  
com um  
os instru  
apenas u  
esta devi

Ao m  
Bokan, e  
Arian  
seus ins  
Caminda

Este  
o procura  
Nisto

lheres ga

Bokan  
mentos o  
anda, fic  
em pagé,

A nov  
mulheres  
morrer, s

2º Nã  
3º Gu



Eu, e Caryda partimos já, e vocês vão pelo mundo ensinar a nova lei.

Tu, Caryda, sobe a meus hombros, e quando chegarmos á terra de Arianda, vira-te em barata, entra pelos instrumentos e róe a cera.

Aqui tens um talisman, mette no nariz quando te virares em barata.

Acontecera o seguinte :

Curaú reunia diariamente todas as mulheres, fóra da aldeia, e ensinava-lhes o canto de Bokan, e precisando dos instrumentos, para fazer a festa, procurara furtar o de seu marido.

Uma noite, depois de ter ella descoberto o logar onde eram guardados, quando se recolhia á casa encontrou-se com um lindo rapaz, Cudeabumã, que prometteu-lhe fazer os instrumentos, que no dia seguinte entregou, faltando apenas um que devia ser o do marido de Curaú, pelo que esta devia furtal-o, o que se deu.

Ao meio-dia foi a aldeia surprehendida pela musica de Bokan, entoada pelas mulheres.

Arianda, e os seus, ante tal profanação, correram a ver seus instrumentos e os acharam no logar, apenas o de Caminda tinha desaparecido.

Este quiz mata-la logo, porém ella negou e disse que o procurasse bem.

Nisto o instrumento de Curaú emmudeceu, e as mulheres gargalharam como loucas.

Bokan appareceu entre elles e, tomou-lhes os instrumentos que mandou lançar ao fogo, e a pedido de Arianda, ficou na aldeia, o espaço de meia lua, disfarçado em pagé, aconselhando as mulheres.

A nova lei, que lhes impoz, foi que : « Deviam — 1º As mulheres se casarem com um só marido e viverem até morrer, sem trahil-o;

2º Não se intrometter nos negocios do marido;

3º Guardar segredo, e não cobiçar saber os alheios;

4º Não deixar crescer pellos nas partes pudendas, por asseio;

5º Jejuar uma lua, antes das primeiras regras;

6º Não affagar os que andam pela sombra da noite.»

Antes de partir mandou que Arianda iniciasse os seus, sem temer mais as mulheres, e lhe ensinou a musica dos mortos.

Curau, desde o dia que recebeu os conselhos de Bokan, entristeceu-se até que desapareceu, afogando-se na cachoeira do rio.

Os velhos de Tunahy, que tinham ficado com Arianda, quando pela primeira vez partiu, vendo-se abandonados pelas mulheres, depois do casamento de Curau foram ter a outra tribu, e ali ensinavam ás mulheres a musica de Bokan.

Ainda estava Bokan e Caryda na aldeia de Arianda, quando este foi perseguido por dous tananás. (1) Vendo ser um nuncio de alguma falta, Bokan tirou uma das pedras, e viu nella os velhos ensinando a musica.

Immediatamente Bokan tomou nos braços Caryda, e voou para a aldeia Nunuibana, e ali chegando deu um talisman a Caryda e foram em perseguição dos traidores.

Estes tomaram fórmas de varios animaes, e Bokan e Caryda fórma de outros, que destruiriam os primeiros.

Depois de uma longa perseguição alcançaram os traidores, sendo um transformado em sapo de pedra e outro em cigarra.

Depois destes factos a população da aldeia de Arianda dispersou-se.

Os que foram para o nascente encontraram uma tribu de mulheres, governadas por Naruna, a que tinha partido de Tunahy.

(1) Especia de gafanhoto da familia Locustidae o *Chlorocoelus Tunand*.

Bokan e Caryda, deixando a aldeia de Arianda, foram direito á serra de Tunahy, onde seus companheiros festejavam os mortos.

Depois de contar-lhes o destino de suas mulheres, disse: — que, aquelle seria o ultimo dia que veriam aquelles logares onde nasceram, e onde primeiramente se deu e executou-se a sua lei; que partiriam, abandonando para sempre esse logar, e, disfarçados, iriam ao encontro de suas mulheres.

Com effeito partiram todos, ficando ahi, depois, tudo petrificado para memoria.

Chegando ao reino de Naruna, impoz a sua lei, deixou como chefe Caribobó, e partiu dirigindo-se para o *nascente* para um grande rio *d'aguas brancas*.

Ahi, pela ultima vez, esteve com Caryda e disse: — nós nos separamos para sempre, e só nos encontraremos quando, eu e tu, nos encontrarmos com o sol no mesmo ponto.

Separaram-se um para o nascente, e outro para o poente.

artes pudendas, por

neiras regras;  
sombra da noite.»  
a iniciasse os seus,  
sinou a musica dos

conselhos de Bokan,  
ando-se na cachoeira

n ficado com Ari-  
tu, vendo-se aban-  
asamento de Curaú  
ram ás mulheres a

aldeia de Arianda,  
tananá. (1) Vendo  
an tirou uma das  
do a musica.

os braços Caryda, e  
chegando deu um  
uição dos traidores.  
s animaes, e Bokan  
iriam os primeiros.  
alcançaram os trai-  
o de pedra e outro

la aldeia de Arianda

encontraram uma  
Naruna, a que tinha

### XIII

#### NÁUINÁUI

Depois que Bokan desappareceu da terra, *Uayú*, um de seus discipulos, subiu pelo *Cuduiary*, levando comsigo o povo que encontrava, e assentou o seu acampamento sobre a serra do *Omun-keran*, donde ditava a lei de Bokan.

Entre elles havia uma mulher, hermaphrodita, de nome *Bocitinhori*, que dava á luz filhas bonitas, e com outras mulheres tinha filhos tambem muito bonitos.

Uayú, um dia, tentou seduzir *Eren*, a filha mais velha de *Bocitinhori*, que diziam ser filha delle, pelo que ella fugiu para as cabeceiras do rio.

Indignado, Uayú, mandou, pelos seus guerreiros, procural-a e trazel-a, no intervallo de uma a outra lua.

*Eren*, na sua fuga, foi dar a uma outra tribu, e medrosa, para que não a vissem, escondeu-se dentro d'agua onde passou a noite, occultando-se depois, quando amanheceu, em uma gruta.

Passando *Canceri*, chefe dessa tribu, e avistando-a dirigiu-se para ella e quiz tomal-a para esposa.

Ella disse-lhe, então, que só aceitaria a sua mão depois que elle lhe dissesse quem era. Respondeu elle:

— Sou *Canceri*, chefe de um povo valente que acaba de atravessar um rio tão grande como o céu, em busca de inimigos para brigar.

Ac  
reren  
keran,

—  
céo eu  
sarei e

Os  
seu ch  
gar em  
Co

um po  
que o

En

Tr  
uma fl

Ca  
quando

outra

En  
longe e

um lag  
Os

tos e o  
pelo q

ahi ch  
sal de

Kerary

Al  
se aca

seguir  
Cre

mattos  
chosira

! Pe

Acceptando a offerta pediu que fugissem, para não morrerem pelas flechas envenenadas de seus parentes, de Omun-keran, que a procuravam.

— Pensas que acostumado a bater-me com os *fogos do céu* eu tema as flechas de teus parentes? Pois não me casarei enquanto não os exterminar.

Os guerreiros, que foram em perseguição da filha de seu chefe, levaram consigo um pagé, para adivinhar o lugar em que ella se escondera.

Com effeito, o pagé adivinhou que estava protegida por um povo valente, que, tendo atravessado um rio *maior do que o céu*, avançava invadindo o seu territorio.

Encontraram-se os dous povos ao recolher do sol.

Travou-se a luta, na qual morreu Eren, victima de uma flecha, que entre os olhos, lhe cravou o pagé.

Canceri, vendo-a morta, tomou-a em seus braços, e quando com ella procurava sahir da luta, cahiu morto por outra flecha.

Então o pagé tomou a moça nos braços, levou-a para longe e atirou-a no chão, rebentando della, immediatamente um lago que é hoje o lago Kerary.

Os guerreiros de Uayú, apesar disso, foram todos mortos e os de Canceri juraram exterminar todos dessa raça; pelo que seguiram logo para a serra de Omun-keran e ahi chegando, mataram todos, escapando apenas um casal de velhos, que fugiram por uma gruta que sahe no Kerary.<sup>1</sup>

Ahi viviam e, como já fossem velhos, com medo que se acabasse a sua raça, á força de aphrodisiacos, conseguiram ter uma filha que denominaram *Tuan*.

Cresceu Tuan. A sua occupação era correr pelos mattos, apanhar *fructos para comer*, brincar nas cachoeiras e dormir no regaço de sua mãe.

<sup>1</sup> Pequeno affluent do Cayari.

Não se sabe como, mas o que é certo, é que, apesar de virgem, um dia appareceu grávida e depois de dez luas teve um menino tão forte, que logo que nasceu começou a agarrar o que encontrava á mão.

Para vir ao mundo, essa criança, foi preciso que a avó praticasse uma operação na filha, que pela sua virgindade impedia o nascimento.

Esse menino foi Náuináui, que instruído por seu avó correu diferentes paragens, prégando a lei de Izi ou Bokan.

. . . . .  
. . . . .

A lenda continúa, contando as diferentes aventuras por que passou Náuináui, batendo e exterminando inimigos, para impor a sua lei, até que desapareceu do mundo.

Entre as tribus que Náuináui encontrou nas suas viagens, muitas já estavam filiadas á lei e aos costumes de Bokan.



é que, apesar  
depois de dez  
ago que nasceu  
não.

preciso que a  
e pela sua vir-

do por seu avô  
lei de Izi ou

. . . . .  
. . . . .  
entes aventuras  
terminando ini-  
lesappareceu do

ntrou nas suas  
e aos costumes

## SEGUNDA PARTE.

### HISTORICO E COMMENTARIOS.

Le commentaire qui l'accompagne, nous en sommes assuré d'avance, ne saurait être à l'abri de la critique. Mais qu'on veuille bien se souvenir que nous sommes un des premiers pionniers dans cette voie encore difficile et obscure.

BRASSER DE BOURBOURG.

HISTORIA  
A

No pr  
rakyã e  
me basei  
passo a  
quaes se  
d'essa rel  
cendentes  
pais da r  
radiculas  
fixaram n  
desceram  
ziram a c  
se encontr  
Teocalis, p  
do Perú.

Foram  
Amazonas  
mundá, R  
são conhe  
e por Om

As bas  
mativa for  
os indios,



---

I

HISTORICO DOS INDIOS UAUPÉS. IZY, O VOTAN  
AMAZONICO, E OS SEUS DABUKURYS

No primeiro volume me occupei, tão sómente, do Muryakytá e dos idolos; porém, agora, para mostrar no que me baseio para afirmar que elle é de origem asiatica, passo a apresentar algumas provas ethnologicas pelas quaes se vê que os, Karaybas, introductores, na America, d'essa reliquia archeologica e, hoje, preciosa, foram os descendentes dos primitivos *Chans*, os filhos das serpentes e pais da raça dos platycephalos filhos do sol, os Nahuas, radiculas da mesma raiz. Foram esses Karaybas que se fixaram na America do Norte, donde, em varias épocas, desceram bandos para a America do sul, na qual introduziram a civilisação, que de Wisconsin vai ao Chile, e que se encontra perpetuada, representada, pelos Mounds, pelos Teocalis, pelos Aterros sepulchraes, de Marajó, e pelas Huacas, do Perú.

Foram ramos, desses bandos, que se estabeleceram no Amazonas, depois de descerem pelo Trombetas e Yamundá, Rio Negro e Japurá, Içá e Napo, que na historia são conhecidos por Ykamiabas ou Amazonas, por Uaupés, e por Omauas, Mayarunas, etc.

As bases que me serviram para chegar a essa affirmativa foram a historia, as lendas, a tradição oral, entre os indios, que ouvi no Brazil e no Perú; os nomes pro-

prios de lugares, rios e serras, que ainda se conservam, assim como a linguística.



Indio Vaupé.

pesadello e o somnambulismo — e aqui tratarei do Yurupari dos antigos índios Yauis no Yavis, conhecido entre os seus

Passando agora a fazer alguns commentarios, mostrarei as analogias que encontro, debaixo de um variado ponto de vista, e que me levam á convicção de que a civilização, antecolombiana, amazonense, é o producto de uma raça que descende do sol e das serpentes, cujo berço foram as terras em que se encontram, nas montanhas, ou rolando pelos rios, as *pedras verdes*, de nephrite.

Já na minha *Poranduba Amazonense* tratei do Yurupari, dos tapuyos — o mytho que symbolisa o

desce  
*Bokan*  
os Nah  
tamber  
*Izy, It*  
zonens  
poder  
civilisa  
introdu  
e prec  
tempo,  
ainda  
memor

«L  
sans c  
rien, e  
subst  
exploit

As  
modific  
gurara  
gislado  
*Satan*

On  
jorrou  
giosam  
dentes.

As  
mission  
que nes  
*Satan*,  
geral, c

Nim  
pensa

(<sup>1</sup>) M

da se conservam,

Passando agora a fazer alguns commentarios, mostrarei as analogias que encontro, debaixo de um variado ponto de vista, e que me levam á convicção de que a civilisação, antecolombiana, amazonense, é o producto de uma raça que descendia do sol e das serpentes, cujo berço foram as terras em que se encontram, nas montanhas, ou rolando pelos rios, as *pedras verdes*, de nephrite.

Já na minha *Poranduba Amazonense* tratei do *Yurupari*, dos *tapuyos* — o mytho que symbolisa o

tratarei do *Yurupari* nacido entre os seus

descendentes, denominados indios do Uaupés, por *Izy* ou *Bokan* e do qual os *Katauichis*, os *Kachararys*, os *Omauas*, os *Nahuás*, os *Tikunas*, os *Mayarunas*, os *Mayapeuas*, e outros tambem veneram, porque a elle está preso o *myrakytá*. *Izy*, *Itzy* ou *Bokan*, é um personagem que nas lendas amazonenses representa um verdadeiro *Karúud*, o estrangeiro poderoso, cuja apparição marcou uma era de reforma e de civilisação; um legislador que modificou os costumes, introduziu a lavoura, dando novas leis, e instituindo festas e preceitos, que até hoje, mais ou menos modificados pelo tempo, pelo meio e pela divisão e subdivisão das tribus, ainda perduram nas festanças que fazem, consagradas á sua memoria. Poderá ser um mytho, mas digo como *Butim ann*:

« Le mythe est <sup>(1)</sup> un édifice aérien, une toile d'araignée sans consistance, mais ce milieu éthéré immense amas de rien, est sillonnée de veines historiques dont la ferme substance promet des trésors à qui saura les suivre et les exploiter. »

As missões e os padres, no Brazil, adulteraram as lendas, modificaram as crenças e, com o correr dos annos, desfiguraram a tradição, transformando o conquistador, o legislador e o reformador estrangeiro, chefe de um povo, em *Satan*!

Onde essa tradição é mais viva é junto á fonte donde jorrou a civilisação. Ahi as tribus conservaram mais religiosamente os preceitos, legados pelo chefe de seus ascendentes.

As tribus do Rio Negro estão nesse numero, pelo que os missionarios modernos, vendo a crença arraigada, dizem que nesse rio é que está o *Imperio de Yurupari* ou de *Satan*, porque a este espirito infernal dão, pela lingua geral, os civilisados, aquelle nome.

Ninguem se exprimiu com mais verdade sobre o que pensam os padres das crenças indigenas do que o natura-

(1) *Mythologie*, I. pag. 247.

lista Alexandre Rodrigues Ferreira. Diz elle: « Os missionarios, que têm sido entre nós as pessoas encarregadas de explicar as suas opiniões e praticas religiosas, desconfiam de tudo quanto os veem fallar e obrar, principalmente se entre os seus usos e costumes lá chegam a descobrir algum, que se lhes representa ser da maior veneração.»

Si se inclinam a desconfiar, já digo, em tudo quanto obram os gentios, não vêm sinão *obras do demonio*. » (1)

Como seja, principalmente, no Rio Negro, (2) e nos seus affluentes, onde as diversas tribus conservam mais vivas as reminiscencias de seus avoengos, como seja entre elles, onde mais pura se conserva a lenda, que refere, não só a appareição de Bokan, como as suas viagens, as suas leis, as suas lutas, as suas vinganças, a sua moral, a sua morte e a vida e trabalhos de seus successores, occupar-me-hei antes com os indios desse rio, do que com os dos rios Solimões, Purús, Orenoco, etc.

Os Katauichys e os Pomarys, do Rio Purús, perpetuam estas crencas, tambem, pela tradição oral, de uma maneira que difficil será esquecel-as, e só se perderá quando desaparecer o ultimo da tribu.

Annualmente reúne-se em uma praia, determinada, todo o povo das diversas malocas, depois de uma grande caçada, que fazem para o sustento geral, por espaço de seis ou oito dias, e ahi um dos tuicháuas toma a palavra e rememora ao povo, que assentado em circulo silencioso ouve, a poranduba de todos os factos da tribu, desde a maior antiguidade. Quando um cansa, toma outro a palavra, e assim successivamente até á noite os tuicháuas fazem o historico da tribu. A' noite, abre-se o vaso do

(1) *Diario da viagem philosophica* escripto em 1786. *Rev. trin. do Inst. Hist. Geogr. do Bra.*, LI. 1888. pag. 9.

(2) Outr'ora o Rio Negro teve dous nomes. Das nascentes até á affluencia do Ukiary (Uaupés) chamava-se *Uenéá*, corrompido para *Ueníá*, *Guainid*, *Guainy* e do *Uaupés* até o Amazonas *Kiary*.

kachiry e começam as danças e as libações. Nos seguintes dias continuam, da mesma forma a narração, até esgotar-se o assumpto. Diversos idolos de madeira, de barro e de palha espetam-se nessa occasião pelas areias, para com sua presença tornar mais solemne o acto.

Por esta forma homens, mulheres e crianças ouvem os feitos dos seus maiores e ficam conhecendo a vida da tribo, perpetuada pela *poranduba* e pela *maranduba*.

Baseado nos factos, que em synthese, são referidos nas lendas que aqui transcrevo, farei os commentarios que julgo necessarios, para provar que o Yurupari se prende pela lenda das Amazonas aos Nahuás e aos Ynkas e por estes á Asia, sob a denominação generica de karayba. Não havendo documentos que mostrem as primeiras éras das tribus do Rio Negro, remonto-me, apenas, ao passado a que attinge a historia, e que não vai longe — ao seculo XVII.

No rio Ukaiary, hoje denominado *dos Uaupés*, e seus tributarios, habitavam, e ainda hoje nelle existem, varias tribus de indios com nomes especiaes, mas vulgarmente conhecidos, impropriamente, por indios Uaupés, porque, hoje, só uma tribo tem esse nome — a que habita uma das nascentes do Rio Ukaiary, já nas vertentes das serras de Bogotá.

As mais conhecidas dessas tribus, por seu numero, sua industria, seus costumes, eram a dos Yauis e a dos Dacés.

Estes hoje são conhecidos por Tukanás e aquelles por Taryanás. As outras tribus que ainda existem são as dos Baniuás, Kubeuás ou Kubeuanás, Tatumiras, Pirátapiyas, Karapanás, Uananás, Deçanás, Arapaçus, Ipekas, Omanas, Mahakus, Akangatares, Bahunás, Uanambys, etc. No seculo passado havia — com os nomes de *Mamanjá*, *Panenuá*, *Kireruri*, *Bureuari*, *Uassahynáui* — outras nações que se extinguiram ou se fundiram nas mencionadas acima, pelo que perderam os primitivos nomes.

Ainda em 1851, quando subiu o Rio dos Uaupés o naturalista Wallace, havia, além das tribus mencionadas

hoje — os *Keianás*, os *Pirairurus*, os *Tapiyras*, os *Cohydias*, os *Yakamins*, os *Miritys*, os *Tayaçus*, os *Makunás*, os *Uakardás*, os *Ipekás*, os *Gis*, os *Kohuós*, os *Korokorás*, os *Tatus*, os *Tenimbukas*, os *Mokuras*, que estavam espalhados pelos rio dos Uaupés, Kiriry, Cuduyari, e pelos paraná Yukiyrá e Kanysé.

Ainda hoje, apesar das tribus estarem, quasi todas, fundidas, pelas missões e pelos cruzamentos, comtudo ainda se encontram malokas que conservam os nomes primitivos.

Estes diferentes nomes não indicam mais do que subdivisões ou enxertos feitos no mesmo tronco, e, na maioria, os nomes que se dão ás tribus não são mais do que os nomes dos chefes; a desappareição do nome de uma tribu e a appareição de outro nome, que parece indicar uma nova tribu, não é mais do que o nome de um novo chefe que se liga á tribu.

Esses indios até 1793 estiveram completamente selvagens, porém nesse anno foram pacificados pelo Tuichaua Calixto e seu irmão Bernardo, que fazendo um descimento de Taryanás, os reuniu em uma ilha onde hoje é a missão Yauareté. Em 1794, o Conego André Fernandes de Souza, que então era vigario de S. Gabriel, alli fez levantar uma igreja sob a invocação de S. Calixto Papa, e em julho do anno seguinte disse, a 15, a primeira missa e baptisou 253 crianças.

Em 1796 mais 416 crianças, e alguns adultos, depois de doutrinados receberam tambem as aguas do baptismo.

Depois da morte deste zeloso missionario os indios se dispersaram, e algumas hordas entraram em lutas, umas com outras, até o anno de 1852, época em que por ordem do Governo provincial, datada de 11 de fevereiro, sendo Presidente João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, e Vigario Geral o Padre Joaquim Gonçalves de Azevedo (1) o

(1) Morreu Arcebispo da Bahia, no dia 6 de novembro (quinta-feira) de 1870, pelas 4 ½ horas da tarde.

reverendo missionario Carmelita Frei Gregorio José Maria de Bene, reuniu, parte dellas, em quinze missões, que fundou e prosperaram. Foram as seguintes: no Uaupés Trakua-tyba (Patrono, S. Francisco das Chagas); Yauara pekonha (Santo Antonio de Lisboa); S. Jeronymo (Conceição de N. Senhora); Yukuirana pekonha (S. Domingos); Yauareté (Santa Anna); Yauaty pekonha (S. Paulo Apostolo); Tukano (S. Miguel Archanjo); Paku cachoeira (S. Sebastião); Araçá pury (S. João Baptista); Mokura (Sagrado Coração); Mutum cachoeira (Santa Cruz); Kubeu (N. Senhora das Dóres); Tikié (Patriarcha S. José) no rio Tikié; Piratapuya (S. Gregorio Magno) no Paporys e Kururu cachoeira (S. Fidelis, Martyr).

As do rio Içana foram as seguintes: Tuchaun Matheus (missão de S. Matheus); Carmo (N. Senhora do Carmo); Nazareth (N. Senhora de Nazareth); Serra Tunahy (Santo Antonio de Lisboa); Kiary (Santa Anna); Aruaruara (S. José); Yandu cachoeira (S. Lourenço); Kuemale (S. Pedro); Kuaipane (S. João Baptista); Matapy (S. Bento) e Yapu (S. Roque).

Até 15 de maio de 1855 esteve Frei Gregorio dirigindo as missões, e deixou aldeados em malocas e baptisados, fóra das missões, um consideravel numero de índios, que se entregavam á lavoura e entretinham relações com o commercio.

Depois dessa data ficaram os índios sob a administração dos Directores. O primeiro Directorio foi dado em 3 de maio de 1757, pelo Governador do Pará Francisco Xavier de Mendonça Furtado, por ter sido tirado o poder do clero sobre os índios, pela Lei de 7 de junho de 1755, confirmada pelo Alvará de 17 de agosto de 1758, que foi revogado pela Carta Regia de 12 de maio de 1798.

As missões ainda progrediram até 1856, então sob o regimen de dous Directores de índios, dos creados pelo Decreto n. 423, de 24 de julho de 1845, um no rio Içana e outro no Uaupés, havendo naquelle rio 15 aldeias com 371

almas e neste 11 com 2.285, que occupavam mais de 200 fogos, com tres capellas.

Tendo-se acabado com os Directores parciaes de indios, pelos abusos que estes commettiam, entrou a decadencia das aldeias, por ficarem os indios entregues a si mesmos e, além d'isto perseguidos pelos regatões, que começaram a apossar-se do rio dos Uaupés, commettendo toda sorte de perseguições contra elles para facilmente, por meio de enganos e fraudes, locupletar-se com o seu suor.

Em 1857, um especulador, prestidigitador, indio Venezuelano, de nome Venancio, por meio de suas sortes conseguiu tornar-se chefe de uma pseudo seita religiosa, intitulado-se *Christo*, tendo por proselytos outros indios que representavam *O Padre Santo*, *Santa Maria*, *S. Joaquim* e *S. Lourenço*, levando após si as populações credulas, levantando uma barreira aos desmandos do commercio, para tambem se locupletar com a credulidade dos sectarios.

Esse facto levantou taes desordens, que obrigou o Presidente, Conselheiro Francisco José Furtado, a mandar em commissão para ahi o padre Romualdo Gonçalves de Azevedo, em 18 de novembro de 1857, coadjuvado pelo commandante das armas da fronteira de Kukuhy, o Capitão Joaquim Firmino Xavier.

Antes porém disso já o commandante do forte de S. Gabriel, o Capitão Francisco Gonçalves Pinheiro, havia dispersado a reunião e mandado presos para Manãos dous indios e uma india brasileira, que se diziam S. Lourenço, Padre Santo e Santa Maria, os quaes chegaram em 2 de novembro de 1857.

O pretenso Christo fugiu para Venezuela.

Parecia estar acabada essa herisiarchia quando, em março de 1858, no Rio dos Uaupés, o indio brasileiro Alexandre e discipulo do Christo Venezuelano, renovou a mesma farça tomando o lugar do Christo fugitivo e promovendo grandes ajuntamentos.



Estando doente, o padre Romualdo, encarregou a Frei Manoel de Sant'Anna Salgado, mais tarde padre Manoel Cupertino Salgado, de dissuadir os indios.

Foi desattendido Frei Sant'Anna e, já de volta, foi ferido em S. Jeronymo, por uma flecha, que lhe disparou o Christo, em uma emboscada que lhe fizeram os indios.

Esse facto occasionou luta, na qual morreu o tal Christo, e deu lugar a que se desfradasse Frei Sant'Anna.

Em junho partiu então o juiz municipal, e delegado da Capital, Dr. Marcos Antonio Rodrigues de Souza, (1) acompanhado do Alferes Victor Philippe de Araujo e de uma força de linha, que conseguiu destruir esse levantamento, estando em agosto tudo pacificado e os heróes fugidos para as mattas.

Em março, porém, de 1859, no Rio Ichié, levantaram-se novos ajuntamentos de indios, seguindo novos santos, os quaes foram dissolvidos pela força de linha, sob o commando do dito Capitão Pinheiro, que teve de regressar para isso.

Essa herisarchia fez com que muitos indios abandonassem as missões, que foram pouco a pouco desaparecendo, entretidas apenas pelo commercio.

Vinte e tantos annos assim se passaram, entregues os indios á selvageria dos regatões, até que, em 1880, foi enviado o missionario franciscano Frei Venancio Zilochi, que aproveitando-se dos restos da antiga missão do Trakuá, ahi reuniu os indios mansos, que andavam dispersos.

Mais tarde reuniram-se, a elle, os missionarios italianos da mesma ordem, Frei Matheus Canione e Frei José Illuminato Copi, que reconstituiram as antigas missões, de Frei Gregorio, mudando-lhes as invocações e aproveitando-se de seus destroços. (2)

(1) Falleceu no cargo de Desembargador da Relação de S. Paulo em 1 de outubro de 1888.

(2) As missões que crearam, todas de Tarianás e Tukanás, foram as seguintes: S. Pedro, Conceição, S. Bernardino, Yuirapekonha, S. Miguel, Umary, S. Lourenço, SS. Trindade, no Rio Uaupés; Sta. Lusia, no Papory; Nazareth, S. José, no Tikí; Trakuá, Panuré, Yauaroté no Uaupés e Sta. Isabel, no Tyquid.

Até 1883 vegetaram essas missões, que tinham contra si o commercio, que com razão clamava tambem contra os prejuizos que os missionarios lhes davam, por quererem estes monopolisar todas as transacções com os indios, que de longa data estavam emancipados e que não tinham sido pacificados e mesmo catechizados pelos mesmos frades, que trocavam a Cruz pelo caduceo.

Uma testemunha de vista, o Sr. Henrique Coudreau, que hebeu tudo quanto escreveu sobre o Uaupés, quando ahi esteve, nos apontamentos de Frei José Coppi, diz, não obstante, que *Frei Venancio trafique ouvertement*. (1)

Comprova isso uma testemunha imparcial, o Sr. Coronel Francisco Pimenta Bueno, fallecido a 7 de dezembro de 1888, que, quando presidente da provincia, subindo o Rio Negro, pessoalmente disse se informou.

Este, ao passar a administração, disse :

« Vim animado das melhores esperanças de aproveitar os serviços dos Rev<sup>mos</sup> Frades missionarios desta provincia, na direcção dos nossos selvicolas; foi, porém, grande a decepção que recebi no Rio Branco, por todos seus habitantes, com as queixas mais amargas contra os Rev<sup>mos</sup> missionarios que por lá andaram, e em vista dos documentos que me exhibiram, não hesitei em mandar pela policia proceder um inquerito — reservado — para que os referidos missionarios se justificassem das accusações que lhes eram feitas e a administração ficasse habilitada a cortar os abusos que eram apontados. » (2)

Os missionarios, então accusados, eram Frei Venancio Zilochi e Frei Coppi. Antes de abrir-se o inquerito, por cautela, retirou-se para a Europa Frei Venancio, voltando depois da retirada do Coronel Pimenta Bueno.

O termo fatal dessas missões foi lavrado em 21 de

(1) *La France équinoxiale*, II, pag. 180.

(2) *Exposição com que o Esm. Sr. Coronel Dr. Francisco Antonio Pimenta Bueno passou a administração da provincia do Amazonas, etc. 1888*, pag. 21.

outub  
missõ  
theus

Pa

Pe

civilis

sumpl

Os

tempo

fructos

e Uma

então,

já ent

concor

A

ella pr

que se

que of

estallo

poucos

os miss

religios

um per

sidero h

de gera

e que d

como n

Está

do segr

as mul

Izy ou

templo

(1) Fi

que não ad

ameaçando-

outubro de 1833 <sup>(1)</sup> obrigando Frei José Coppi a fugir das missões, que se dispersaram, ficando apenas Frei Mathews e frei Venancio, liquidando, este, os seus negocios.

Porque se deu esse facto?

Por causa da crença em Izy, ou Bokan, o Yurupari dos civilisados. Historicamente os factos, porque se prendem ao assumpto, e por elles, melhor este será avaliado.

Os indios do Rio dos Uaupés, desde os seus primeiros tempos festejam seis vezes ao anno a appareição dos fructos maduros do *Assahy*, *Mirity*, *Patauá*, *Ingá*, *Ukuley*, e *Umary*, de que fazem bebidas succulentas, aproveitando-se então, das festas, para contrahirem allianças matrimoniaes, já entre os da tribu, já com os de outras que a ellas concorrem.

A não ser a embriaguez e a immoralidade, que ella provoca, essas festas, communs a todas as tribus, que sem a vida dada pelo *Kachiry* não vivem, nada teem que offendam á religião christã. O gráo de atraso, no estado social dos indios, obriga-os a essas festas, que aos poucos deixam, logo que a civilisação os abraça; taes festas os missionarios reprovam elevando-as a um principio anti-religioso. Nellas os indios invocam sempre a presença de um personagem, hoje mytho, para todos, mas que eu considero historico como sendo um antepassado, cuja memoria de geração em geração, pela poranduba, chegou á actual, e que os indios representam, hoje, por meio de um pagé, como nas festas christãs ás vezes o Padre representa Christo.

Estão todos os que exercem esta profissão senhores do segredo, sendo sómente prohibido, sob pena de morte, as mulheres entrarem nelle ou verem os attributos de Izy ou Yurupari, o pai da tribu. Out'ora guardavam em templo especial o idolo que representava sua imagem.

<sup>(1)</sup> Ficaram completamente abandonadas em 1837, declarando então os indios que não admittiam mais transacção alguma com os cariuas, por serem todos máos, ameaçando-os de morte. Garantiu-me isso, o Tuichana *Biáid*.

A horda ou tribu que se tem por oriunda deste, que se considera nobre, descendente de reis, e filha do sol, tanto que traz o distinctivo da sua nobreza e não o despreza, é a dos *Taryanás* antigos Yauis, ou Javis, sendo os *Tukanás*, *Deçanás*, *Kubéuas*, *Uananás*, *Tatumiras*, *Karopandás*, *Pirátapuyos*, *Baniuas*, etc., cruzamentos e ramificações, consideradas plebeas. (1)

Devo aqui notar, que de duas fôrmas são os amuletos que os *Taryanás* trazem; uns são longos e perfurados transversalmente, n'uma extremidade, outros curtos ou tambem longos, porém perfurados longitudinalmente. Os de furo transversal, e os pequenos de furo longitudinal, são usados por todos, porém os grandes, de furo longitudinal, são os verdadeiros *nanacys*, *itapys*(2) ou *tuichauaitás*, as pedras de chefe.

O Dr. Martius na sua *Beiträge sur Ethnographie* nos diz tambem que o « chefe é quem traz maior cylindro, o qual é perfurado no sentido longitudinal, pendurado de maneira a ficar atravessado sobre o peito; outros trazem cylindros curtos furados através do diametro dos mesmos, nisto consiste a differença de casta entre os chefes, a distincção de nobres e plebeus ».

Confirma o Dr. Ricardo Spruce, que, em 1851, por espaço de sete mezes esteve entre os Uaupés: « The white stone is wome by all the men, and not only by the chiefs. Those of royal descent alone, are allowed to wear a stone bored lengtelhwise intead of across. » (3)

(1) Os *Taryanás* consideram, hoje, os *Omauas* como de tribu differente, assim como os *Mahakus* e os gentios que habitam as nascentes do Rio dos Uaupés, que ainda hoje conservam o nome proprio de Uaupés.

(2) Os Uaupés, outr'ora, usaram o *nanacy* de nephrite, porque ainda alguns velhos, que foram missionados, dão-lhe o nome de *itapys*, da lingua geral, que significa *pedra verde*, do *iti*, pedra e *py*, verde. O termo usado a pedra verde, a nephrite, porque o *borillo* no norte é desconhecido, nos prova bem a sua origem.

(3) Hooker's, Journ. of bot., VI. 1854, pag. 33.

Con  
ao ente  
producto  
de cada  
*Izy* (Ta  
(Tarian  
(Carapa  
(Beyan  
o *nheeny*  
mando c  
por *Sat*  
elles tee  
Assi  
Satan, a  
elle.

Um  
provei n  
côm a s  
do indic  
existenci

Não  
mas foi  
leis de  
seus des  
convictos  
prindo a  
mesmo  
evangelic  
monio r  
chefe inv  
culto.

Acce  
biblico, r  
dá occasi  
que os m  
já civilis

tunda deste, que  
e filha do sol,  
eza e não o des-  
ou Jarvis, sendo  
nds, *Tatumiras*,  
cruzamentos e

as são os amu-  
longos e perfu-  
de, outros curtos  
ngitudinalmente.  
furo longitudinal,  
de furo longitu-  
ou *tuichauaitás*,

*Ethnographie* nos  
maior cylindro, o  
l, pendurado de  
; outros trazem  
tro dos mesmos,  
os chefes, a dis-

em 1851, por es-  
s: « The white  
ly by the chiefs.  
to wear a stone

ou differento, assim como  
dos Uaupés, que ainda

requesinda alguns velhos,  
geral, que significa pedra  
verde, a nephrite, porque  
em.

Conforme o dialecto da horda varia o nome que dão ao ente semi-historico e semi-mythologico, que foi o inductor da civilização pre-historica. Assim, pelo dialecto de cada uma dellas, na ordem acima tratadas, é chamado: *Izy* (Tariana), *Doké* (Tucano), *Ditié* (Decanás), *Bokan* (Tariana), *Samutatui* (Uananás), *Dotená* (Tatumira), *Uiná* (Carapaná), *Dianá* (Pirátapúya), *Ihiti* (Banibas), *Omauas* (Beyaná), etc., e os descendentes daquelles que fallavam o *nheengatu* ou lingua geral, denominavam *Yurupari*, tomando o ente-organizador da tribo pelo espirito infernal, por *Satan*, pelo que os frades suppõem que na realidade, elles temem uma religião, cujo Deus é o Demonio.

Assim como o Yurupari, dos tapuyos, não representa Satan, assim tambem o dos Uaupés não se identifica com elle.

Um representa o pesadello, o somnambulismo, como o provei na *Poranduba Amazonense*, outro um invasor que com a sua morte, se immortalisou, e vive no pensamento do indio, que crê na sua influencia, como acreditamos na existencia do pai Adão, que é o seu Yurupari.

Não é um espirito melleitor, não persegue ninguem, mas foi um chefe estranho que, conquistando o paiz, deixou leis de boa moral, mas de uma tal severidade que leva seus descendentes ao assassinato, aos jejuns, ao soffrimento, convictos profundamente que assim o servem bem, cumprindo a sua lei, e tal é a sinceridade da crença, que mesmo abraçados ao christianismo, conhecendo as leis evangelicas, e os ardis, seducções e perseguições do demonio não perdem, nem desprezam a veneração ao seu chefe invisivel, ao qual não fazem oblações, nem rendem culto.

Acreditam no nosso Creador, temem o nosso Demonio biblico, mas nem por isso esquecem o seu Bokan, que lhes dá occasião de saborearem o kachiry. Notando-se mais, que os maiores adeptos da festa do Yurupari, são os indios já civilizados, como tambem observou Wallace.

Esta tradição vai comtudo desaparecendo entre os tapuyos e conserva-se sómente entre os índios, mas pôde-se dizer como Montelius, (1) referindo ás crenças do paganismo sueco: « La vielle croyance était autrefois si profondément enracinée dans l'esprit du peuple, que, de nos jours encore, dix siècles (2) après la première prédication du christianisme dans nos contrées, il existe une foule de souvenirs de la foi de nos ancêtres payens. Bientôt, sans doute, ces souvenirs s'éteindront l'un après l'autre, à mesure qu'ils ne pourront plus supporter la lumière que répand une instruction publique saine et pénétrant dans les masses. »

As lendas contam como appareceu Izy, no Rio dos Uaupés, e dão as leis, o emblema e os attributos que deixou por sua morte, assim como os chefes que succederam, as tribus que encontraram, como se dividiram, as lulas e os episodios que com estas se deram. Esses factos, que as lendas rezam, são os que se perpetuam symbolicamente e figuradas nas suas festas annuaes, que tanto escandalisam os missionarios.

Outros são perpetuados nas rochas, nas montanhas, e nas grutas. Os frades, vendo a crendice muito enraizada julgam, como disse, que os índios teem a religião do Yurupari, e que é o proprio demonio quem lhes apparece nas festas!

Assim Frei Illuminato Coppi procurou, em 1834, provas, querendo convencer-me que não era uma figura humana que apparecia, mas sim o verdadeiro Satan, sahido do inferno, para roubar a Deus as almas dos seus missionarios!...

O que se deu com o Padre Francisco Ximenez, da ordem de S. Domingos, quando encontrou o *Codex Chimalpopoca*, no seculo XVII, aconteceu com Frei Venancio e Frei Illuminato Coppi, da ordem dos Franciscanos, quando

(1) *La Suède préhistorique*, pag. 172.

(2) No Brazil, ha tres seculos.

souberam  
Ximenez «  
comme il  
diabolique  
quichée le  
tomam os  
por este o  
seculo XIX,

Em que  
especulam!

Já esses  
Diabo, anal  
tambem um  
purgatorio,

Espalha  
prestando-lh  
dizer que co

A's festa  
de *Pokonan*  
Chirianás, d  
*kurys*, (1) n  
ás festas de

Descreve  
é feito hoje,  
Dabukury Ch  
foi comtudo  
que passou  
animar as d

Nestas, e  
sala ou par  
veste diferen  
(ambaiguá,

(1) Dabukur,  
da reunião. Os Ba

souberam da crença em Bokan ou Yurupari. O Padre Ximenez « Embu des préjugés de son temps, crut voir, comme il le dit lui même dans ses *Scolies*, une agence diabolique qui aurait travesti à dessein dans la cosmogénie quichée le récit des livres saints » e os frades missionarios tomam os symbolos de Izy, como vestimenta do diabo e por este o indio que os veste, apezar de estarmos no seculo XIX, denominado seculo das luzes.

Em que trevas estão elles ainda mergulhados, si não especulam!

Já esses missionarios inventaram até um Imperio do Diabo, analogo ao Reino de Deus, e crearam para elle tambem um inferno, com o seu basar pyrotechnico, um purgatorio, um céu e um paraíso.

Espalham essa falsa noticia calumniando os indios e emprestando-lhes uma religião, que não teem, para poderem dizer que conquistaram ao demonio uma alma para Deus.

A's festas de Izy ou de Yurupari dão os Taryanás o nome de *Pokonan* e os Tukanás, de *Naudretá*, assim como os Chirianás, do Rio Demeuny, denominam ás suas — *Dabukury*s, (1) nome este que já os civilisados estendem hoje ás festas dos Uaupés.

Descreverei aqui, ligeiramente, o Pokanan Uaupé como é feito hoje, para ser comparado com as lendas, e com o Dabukury Chirianá e se verá, que, sendo a mesma festa, foi comtudo modificada; já não entrando nella o Yurupari, que passou a ser substituido por um mestre de sala, para animar as dansas.

Nestas, em todas as tribus, sempre ha um mestre de sala ou par marcante, representado por um individuo com veste diferente, empunhando o toré, o bastão do compasso (ambaiguá, em Taryaná), ou mesmo um chicote.

(1) Dabukury significa festa, como *Teorubare dabukury*, dos Chirianás, festas da reunião. Os Barés tinham tambem o nome Dabukury.

Os civilisados denominam estas reuniões *festas do Yurupari*.

N'aquellas tribus, porém, em que apparece a lembrança de Izy, essa figura commemora a sua appareição e o seu dominio.

Tres dias antes de começar o Pokoná, os homens entregam-se a um jejum rigoroso, segundo a lei, podendo só comer farinha e fructos, sendo prohibido todo o alimento animal, emquanto as mulheres preparam o kachiry e o kapy.

Depois dos dias de abstinencia, no dia da invocação do Yurupari, todas as mulheres, a quem é prohibido, sob pena de morte, segundo as leis deixadas por Bokan, ou Izy, ouvir ou ver o instrumental da invocação, e mesmo as vestes do Yurupari, se retiram para longe, donde não possam ouvir-o.

Depois da ausencia das mulheres e dos meninos, ficam os iniciados em frente á casa da festa, onde se collocam seis que fazem estrugir pela floresta o som do Pirey, instrumental sagrado, composto de grandes e grossos torés, feitos de pachituba (*Iriarteia exorrhiza*), terminando alguns em um cone de cascas de páo, dispostas em espiral. (1) Emquanto soa essa musica infernal, parte para a floresta um pagé a buscar o Yurupari. Esta musica atroadora relembra as businas da festa do *Tlaquimilolli*, o idolo sagrado de Gucumati. As suas festas eram precedidas tambem de toques atreadores, como nos affirma Brasseur de Bourbourg. (2)

« Ces fêtes avaient lieu dans une enceinte écartée de tout bruit avec un appareil propre á inspirer la terreur. Au lieu des

(1) Todo o instrumental, composto de 16 peças, tem o nome de Pirey; os torés grandes e lisos tem o nome de *Mahepada*, em Tukaná e *Qitobocá*, em Tarianá. Os tukanás chamam *Pucy* aos de casca e de *Mahebé* ou *Dod* aos torés lisos e pequenos. Os Baniuás têm o *Pucy* mais bem feito; em vez de cascas de páo, substituem estas por um cylindro de *uarumá* tecido, coberto todo exteriormente de cerol, sendo o tubo de pachituba como o dos Tukanás.

(2) Hist. des nat. civ. du Mox., I, pag. 109.

trompetes  
marines que



(1) Em Tucaná



trompetes, les sacrifices se servaient de grandes conques marines que l'on entendait de fort loin. »

Depois de por algum tempo, gemebundos, roncam os torés, apparece, sahindo do matto um individuo que representa Izy (o Yurupari) com um feixe de varas na dextra, tangado, e com o rosto coberto até os hombros pelo Pukamuká, (1) que é uma mascara conica tecida só de cabellos de mulher ou de pellos de onça, macaco barrigudo (logothrix) e de cabellos das virgens que attingem a puberdade.

Termina a mascara no alto, em um grande penacho, de pennas vermelhas, brancas e amarellas, que simulam chammas.



Mascara do Yurupari

(1) Em Tucaná, Amuiryusty.

Tem dous furos para os olhos, um buraco para a boca e lateralmente duas aberturas por onde passam os braços. Apenas apparece ao pagé, o Yurupari o fustiga logo e o reprehende, em altos gritos, por tel-o incommodado, invocando-o. Depois de andar aos saltos, e de gatinhas, chega á casa, ahí fustiga os homens para que não se esqueçam da sua lei e começa a dansar. Terminada a dansa, foge outra vez para o matto. Tudo isso não é mais do que a recordação dos factos narrados na lenda.

Desapparecendo Yurupari occultam o pircy, dentro das aguas de um igarapé, e chegam-se os homens e as mulheres todos em trajes festivos para festejar a appareição do seu patriarcha, ao som então da musica dos *Yapurutus*, torés finos de Yupatis (*Iriarteá setigera* Mart.) que dão signal para a festa.

Durante tres dias duram as dansas, acompanhadas de libações de *kachiry* e *kapy*, no fim das quaes cahem extenuados pela embriaguez e pelo concubito desenfreado de uniões matrimoniaes e illicitas.

Estas festas lembram as dos Ixcuinames, que existiam em Panuco, que entregavam-se a orgias e a praticas obscenas sob uma capa religiosa, (1) que foram os que, segundo Brasseur de Bourbourg, (2) introduziram as instituições do phallus, *il membro che portano gli uomini fra le gambe.* (3)

Nestas occasiões, os homens, trazem tranças postiças, como recordação d'outras éras, ás quaes chamam em Taryaná *Itihiua* e pela lingua geral *makaharauá* (rabos de macacos).

E' prohibido ás mulheres, como disse, ver não só o Yurupari, como os intrumentos, assim como ouvir-lhes o

(1) Louis Fallós. *Etudes hist. et phil. sur les civilisations*, II, pag. 398.

(2) *Popol Vuh*, pag. CLXIX.

(3) *Relation sur la nouvelle Espagne; Premier recueil de pièces sur le Mexique*, pag. 84.

som; e si  
com a mo

Estãc

os instru

pensando

tayá (Diei

trando o p

vimos, ma

que denor

Para

mulheres,

Descia

instrumen

novembro

uma Taryá

companhia

Querere

vista de un

nhcimento

dada, emb

Immed

com as mã

louca, indo

Chegan

ram-se un

vosos, com

se não me

horrorizadas

Foram t

Este pse

noco, pelos

(1) A india

do Mandos, casou

liberia e retirou-se

um buraco para a  
por onde passam os  
Yurupari o fustiga logo  
o incommodado, in-  
tilos, e de gatinhas,  
para que não se es-  
l. Terminada a dança,  
o não é mais do que  
lenda.

m o pirey, dentro das  
os homens e as mu-  
festejar a apparição  
musica dos *Yapu-*  
*setigera Marl.*) que

msas, acompanhadas  
m das quaes cahem  
oncubito desenfreado

mes, que existiam em  
praticas obscenas sob  
e, segundo Brasseur  
stituições do phallus,  
*a le gambe.* (3)

em tranças postças,  
nes chamam em Ta-  
*akaraú* (rabos de

disse, ver não só o  
m como ouvir-lhes o

som; e si a curiosidade leva alguma a desobedecer, é punida com a morte, tempos depois.

Estão tão crentes n'isso que nenhuma se atreve a ver os instrumentos, temendo ser morta pelo Yurupari, não pensando que a morte é produzida sempre pelo veneno de um *tayá* (*Diefembachia seguine*) que lhe vai lentamente administrando o pagé, depositario da lei de Bokan, que a lenda, como vimos, menciona, quando não é logo morta com a clava, que denominam, em *tarianá Nuyda*.

Para se fazer idéa do horror que infunde Yurupari, ás mulheres, citarei um facto.

Descia, eu, do Alto Rio Negro trazendo commigo alguns instrumentos, do Yurupari, e tomando o vapor *Acre*, em novembro de 1884, encontrei-me a bordo com duas indias, uma Taryana, outra Tukaná, que desciam para Manáos em companhia do missionario Frei Matheus.

Querendo verificar o effeito que produzia nellas, a vista de um dos instrumentos, de que uma dellas tinha conhecimento que eu trazia occulto, achando a Taryaná descuidada, embocando-o, apresentei-me a ella.

Immediatamente deu um grande grito, tapou os olhos com as mãos e precipitou-se por uma escada abaixo, como louca, indo-se abraçar com a Tukaná, que vinha á prôa.

Chegando até esse logar com o instrumento, agarraram-se uma a outra, convulsamente, dando gritos nervosos, com os rostos occultos no seio uma da outra, e, se não me retirasse logo, se teriam lançado ao rio, como, horrorizadas, o quizeram fazer.

Foram testemunhas desse facto todos os passageiros.(4)

Este pseudo culto religioso estende-se até ao alto Orenoco, pelos indios de Yauietú (*Yavita*), e pelos dos Rios

isations, II, pag. 398.

teil de pidoc; sur le Mexique.

(4) A india teve depois o nome de Vitalina, foi educada no Asylo Orphanologico, de Mandos, casou-se em 31 de maio de 1889 com uma praça do 3º batalhão de artilheria e retirou-se para a Côte, em 2 de junho do mesmo anno.

Temi, e Atabapo, etc. Entre elles o Yurupari tem o nome de *Yorokiamó*, e o instrumental sagrado o de *Botuto*. « La vue do botuto est interdite aux femmes. Si l'une d'elles jette, même par hazard, les regards sur l'objet sacré, à l'instant elle est immolée sans pitié. » (1)

Atravessando o Amazonas chega ao Sul, esse culto, ás diversas divisões dos Karayás, do Rio Araguay e assim como aos Coroados, de Matto Grosso, que mostram serem verdadeiros Karaybas, de descendencia Nahuá, pela tradição que teem de Bokan, e por seguir até hoje os seus preceitos. Conservam ainda a dança do Yurupari, com os seus attributos observam os jejuns, e teem a pena de morte para punir a curiosidade das mulheres. A mascara do seu heróe é semelhante á dos Kubeuas, do Rio Negro, e guardada em um templo especial. Como no Rio Uaupés, é punida a mulher que o vê. Castelnau, nas suas *Vues et scenes* representa o templo e as mascaras e diz: « Lorsqu'a lieu la danse des bonnets, les femmes sont renfermés avec soin dans les bois, car si une d'entre elles vient à apercevoir ces beaux ornements *elle est* immediatement mise à mort. » (2)

No Rio Purús, os Cachararys, teem as mesmas tradições, usam templos com idolos, fazem os dabukury, prohibem ás mulheres não só verem os idolos, sob pena de morte, como atravessar a praça em que fica o templo. No Rio Madre de Deus, os *Karayós*, os *Arauns* e os *Pakauaras* conservam tambem a mesma tradição e os mesmos usos; assim nos diz o missionario Nicoláo Armentia, (3) « occultam con esmero á los estraños sus idolos e ritos religiosos » e que « a las mujeres está vedado mirar los idolos y objectos de culto; creen que morirían ó al menos quedarian ciegas si los mirasen. »

(1) D'Orbigny. *Voyage pittoresque dans les deux Amériques*, Pariz, 1841. pag. 70.

(2) *Exp. dans les parties centrales de l'Amérique du Sud*, I, pag. 450.

(3) *Navegacion del Madre de Dios*, pag. 65.

Pelo  
Fueguin  
dição, p  
spiriti e

Este  
africano  
como diz  
por exem  
accusa e  
extraord  
pestades

Não  
«cuida  
tante da  
grande  
lavras m  
tumes se  
Yurupari

Ante  
do Uaup  
comprova  
teem as

Em 5  
Frei Illu  
de missã  
Tuichaua  
os indios  
indio Am

Depoi  
ameaçot  
si não fo  
mentos d  
teção, ca

(1) Atá  
se empenh u,  
2253

Yurupari tem o nome do de *Botuto*. « La Si l'une d'elles jette, l'objet sacré, à l'ins-

ão Sul, esse culto, ás raguary e assim como am serem verdadeiros tradição que tem de preceitos. Conservam atributos observam a punir a curiosidade heróe é semelhante á da em um templo esda a mulher que o *scenes* representa o u'a lieu la danse des vec soin dans les bois, veoir ces beaux or-

se à mort.» (2)  
as mesmas tradições, dabükurys, prohibem, sob pena de morte, ca o templo. No Rio uns e os *Pakauaras* ão e os mesmos usos; rmentia, (3) « occultam ritos religiosos » e que s idolos y objectos de s quedarian ciegas si

Amériques, Paris, 1841.

du Sud, I, pag. 450.

Pelos Araucanos, penso que chegou, tambem, aos indios Fueguinos, por me parecer haver entre elles a mesma tradição, porque: « Vera religione non hanno; ma certe idee di *spiriti* ecerti *ritia* cui prendono parte *gli uomini sottando* »

Este Yurupari lembra, tambem, o feiticeiro *mu-quiche*, africano, que « apezar de seu caracter especial de feiticeiro, como dizem Capello e Ivens, exerce as funcções utilitarias, por exemplo: castiga desvarios, pune as mulheres impudicas, accusa os criminosos, e accumula ainda outras funcções extraordinarias, quer dizer, provoca chuvas, afasta tempestades, desvia influencias de feitiços perigosos.»

Não é um demonio, mas no traje, no costume de ter « cuidadosamente escondido o vestuario em um pontodistante da floresta », donde sahe com o rosto occulto por uma grande mascara; « pelas voltas doudejantes, pelas palavras mordazes que dirige a quem passa », por seus costumes só serem conhecidos dos parentes », tudo chega a Yurupari ao Muquiche, posto que com attribuições diversas.

Anteriormente disse que o golpe de morte ás missões do Uaupés fora dado em 1833, e aqui passo a mostrar, comprovando ainda o que disse, a respeito do horror que tem as mulheres ao Yurupari.

Em 5 de outubro de 1833 foi ter com o missionario Frei Illuminato, que estava em Panoré, o indio Ambrosio, de missão Yauareté, dizendo que tinha sido envenenado o Tuichaua Manoel. Indo para lá o frade indagar da verdade, os indios se revoltaram, pelo que voltou, levando consigo o indio Ambrosio, que passava por criminoso.

Depois de se haver entendido com Frei Matheus, ameaçou Ambrosio de o mandar preso para a Capital, si não fosse buscar, não só a mascara, como os instrumentos do Yurupari, prometendo plena liberdade e protecção, caso trouxesse os objectos prohibidos. (4)

(1) Até então ninguém conhecia a mascara do Yurupari, e por isso o missionario se empenhou, para poder conhecer o que era.

Com effeito, nove dias depois tudo lhe foi entregue e *lloroso i lleno de temor se fué a Yauareté* o indio, como me disse, escrevendo, Frei Illuminato.

Deu com isso o missionario uma prova de não conhecer a indole dos indios, querendo sem prevenção ou preparo algum, *ex abrupto*, acabar com a crença indigena, compromettendo o pobre indio.

No dia 21 de outubro expoz, por 20 horas, na missão do Panoré, a mascara espetada em um páo.

Com isso as mulheres e as crianças fugiram espavoridas e o tuichaua, reunindo os seus, procurou assaltar a casa dos frades.

Isso não os intimidou, e no dia seis de novembro, á noite, e não á hora da missa, como disse Frei Copi, depois de reunir na Capella todas as mulheres, Frei Matheus subio ao pulpito, onde estava a mascara escondida, enquanto Frei Copi, interiormente, fechava a porta da sahida.

Apenas foi esta fechada, Frei Matheus, com um crucifixo de bronze na mão, fez uma pratica, que em resumo dizia que Aquelle era o verdadeiro Deus e que o Yurupari não era mais do que uma mascara, e, erguendo esta a apresentou ao mulherío.

A impressão foi terrivel. Gritos, prantos, ameaças, desordens e confusão transformaram a capella n'uma gruta infernal.

Querendo todos fugir e achando a porta fechada, tornou-se a capella theatro de uma scena indescrivel. Ouvindo a horrivel algazarra, de fóra, os homens arrombaram a porta, e quizeram matar os frades, que, transformando a imagem da paz em instrumento de morte, a *golpes de crucifixo*, (1) fugiram para a casa, onde com as armas na mão, se defenderam. Alta noite, conduzidos por quatro

(1) Coudreau, na *Francs equinoxials II*, pag. 183 diz: « malgré la solidité de son crucifex de bronze, regrettait fort de ne s'être pas armé d'un couteau comme il en avait eu d'abord l'idée. »

kurumy  
seu ger  
« Pe  
e prepa  
bolico,  
domenic  
nammo  
celebran  
pulpito,  
l'ordine  
quello c  
l'agitazi  
al fine f  
multo. I  
ventati  
i pagés  
gere le c  
cattiva i  
a guardi  
togliergli  
mente ca  
Final  
dagli ass  
sione, ov  
sero avu  
ma non  
dimandar  
ciare frec  
Chegé  
revoltaran  
Rio Negro  
Manaós, c

(1) Men

(2) P. C

1886, pag. 46

kurumys, <sup>(1)</sup> fugiram para a missão Trakuá. Eis como, a seu geito, conta Frei Illuminato Copi o facto: <sup>(2)</sup>

«Pertanto feci venire da Taraquá il P. *Matteo Canioni* e preparammo insieme una predica contra il culto diabolico, che doveva esser recitata dopo la Messa nella domenica 28 ottobre. Infatti, la mattina alle seis radunammo tutta la popolazione del villaggio nella chiesa e celebrammo le Messe; finite queste, il P. *Matteo* sali il pulpito, ed io mi collocai vicino alla porta per mantenere l'ordine. Durante la predica gl'indigeni, forse sospettando quello che doveva succedere, cominciarono ad agitarsi, e l'agitazione ando mano a mano crescendo finché, quando al fine fu loro mostrata la maschera, macque un vero tumulto. I mariti addavano in cerca delle mogli, i figli spaventati piangevano e si stringevano addosso alle madri; i *pagés* adirati minacciavano morte, procuravano di spingere le donne fuori della chiesa, soffiando per scacciare la cattiva influenza, e s'arventavano addosso a me che stava a guardia della porta. Altri assalivano il P. *Matteo* per togliergli l'immagine, ma questi *si difendeva coraggiosamente col crocifisso nelle mani*.

Finalmente, dopo grandi sforzi riuscimmo a sfuggire dagli assollitori, e circoverammo entro la casa della missione, ove avevamo armi per difenderci se gli indians avessero avuto ardire di assalirci. Infatti i *pagés* si armarono, ma non osarono venirei contra, e solo si contentarono dimandare alte grida, di esplodere colpi in aria e di lanciare frecce per incuterci timore.»

Chegando a Trakuá a noticia, os indios tambem se revoltaram, obrigando os frades a fugir, ficando no baixo Rio Negro só Frei Matheus, seguindo Frei Illuminato para Manaós, d'onde logo foi para a Europa.

(1) Moninos.

(2) P. Gesualdo Machetti, *Relazione della Missione Franciscana di Mandos*, Roma 1886, pag. 46.

O indio Ambrosio e mais outros foram depois mortos pelos parentes, e suas casas incendiadas, por ter entregue a mascara e os instrumentos.

Desde então começaram os indios a fugir das missões, uns a buscar as suas malocas, e outros a deixar o territorio brazileiro.

Com grandes difficuldades obtive dos missionarios a mascara que figura hoje no Museu, que dirijo no Amazonas, tendo o Sr. Dr. Sant'anna Nery, por uma photographia que, a meu pedido, tirou o Conde de Stradelli, a representado no seu *Pays des Amazones*.

Todas as tribus, como disse, fazem festas com a appareição dos fructos, e pelos casamentos, sempre acompanhados de grandes borracheiras, tendo sempre um mestre de cerimonia. Em geral são conhecidos por festas do Yurupari, sem razão alguma, porque se ellas são regadas por bebidas inebriantes, não se afastam muitos das dos civilizados, onde, com as bebidas, apparecem não raras vezes scenas tambem de immoralidades, cobertas pelo véo da civilisação.

Para termo de comparação apresento aqui, ligeiramente, o Dabukury Chirianá, como celebram no Rio Demeune, fóra do Imperio do *Yurupari*, dos frades.

Na vespera da festa o tuichaua da malocá, que dá o Dabukury, reúne alguns subditos e formam uma orchestra de *nokutemetos* (grandes torés, cujos sons atroadores chegam ás malocas visinhas) dando o signal para a reunião do povo. No dia seguinte chegam os convidados das diferentes malocas, com seus chefes á frente.

A' medida que vão chegando são recebidos a chicotadas (1) pelo tuichaua festeiro, e logo que se acham reunidos todos os convidados, começam a soar as *tariras*, pequenos torés de Yupaty — (*Sagus taedigera*) que dão signal

(1) O chicote, aqui, substitue o feixo de varas das tribus do Rio dos Uaupés.

para as  
mulher  
alternad

Eis  
que vi:

Qua

Nes  
Izy da c  
lokas, c  
só toma  
mental,  
cadas  
ou as Cl  
huir-se  
tavel e  
adoptar  
yurupa  
Em  
kunas,

(1) O  
está a ger  
Um! Um

(2) Ja

(3) M



para as dansas, em que tomam parte, então, também as mulheres, sendo as dansas acompanhadas de cantos, alternados entre as mulheres e os homens.

Eis aqui um especimen dos cantos de uma festa que vi:

Oh! tukano piraré! Ei! (bis)

Aiaiana piraré! Ei! (bis)

Iriniko parurá iani (bis)

Uatakare parurá iani

Ahuhé tenutemo! (bis)

Karunauhé karu! Um! Um! (bis)

Kalkó muru moiná! (bis)

Koataká! koataká moitu! (1)(bis)

Quando se acaba a festa cantam:

Kaitechurure parariná toké

Toké nure toké namá! ... (2)

Nesta festa o tuichaua, que açouta os convidados, é o Izy da outra; o som dos torés convidam os tuichauas das malokas, como invoca, no Uaupés, o Izy, em ambos as mulheres só tomam parte nas dansas depois que se muda o instrumental, e em ambas ha bebedeiras e immoralidades provocadas por estas. Onde está, pois, ali a religião do diabo? ou as Chirianás também seguem a mesma religião? O attribuir-se tudo que fazem os indios ao demonio levou um notavel escriptor a dizer: « Quanto á religião duvido, qual adoptam, e só sei que seguem uma seita occulta denominada yurupari. » (3)

Em todas as tribus do Rio Negro, assim como os Tikunas, do Solimões, os pagés, nas dansas, se occultam sob

(1) Oh! Caminho do tukano! Ei! Caminho de Aiaiana (nome do tuichaua) Aqui está a gente que vem para tua casa! — Accorda, preguça! — Vem tomar cachery! Um! Um! — Aqui está a prima do Chefe! — Faz, faz um paneiro!

(2) Já se acabou a dansa do tuchaua, já se acabou, até para o anno!...

(3) Muniz e Souza. Viagens. 1834, pag. 23.

exemplares anteriormente a mim, figurando entre elles alguns brancos de quartzo leitoso, mas já preparados, da rocha que tinham no paiz ou mesmo para imitar os da jade branca.

Que abandonaram essa paragem, não resta duvida, e que era natural terem subido o rio, nos prova a estrutura geologica dos terrenos.

Habitaram uma ilha que foi coberta por uma grande inundação, que a destruiu, sendo obrigadas a fugir como nos refere a lenda que transcrevo e que a geologia certifica. ( <sup>1</sup> )

Por que não se enranharam para o interior?

Porque todo o espaço entre os dous rios formam vargens que se estendem até acima da villa de Faro, no Yamundá e do lago Çapukuá, no Trombetas e naturalmente procuraram terras altas, que só encontraram em Parintins, e da costa do Amatary, para cima, entrando pelo rio Negro.

A historia nos diz que a tribu de Orellana subio o Amazonas e desapareceu, sem se saber para onde foi, entretanto as lendas dão diferentes exodos.

As do Pahytunaré, e do *yacy-taperé*, que publiquei, mostram o desaparecimento das *Amazonas*, pelo centro da terra, e a da *sino de Parintins* ( <sup>2</sup> ) a da tribu que nella se refugiou, destruida pelo apparecimento e influencia de um povo, estranho.

Entretanto a lenda do muyrakytã diz que sua destruição motivada por inundação, que deixou as marcas perpetuadas na serra da Velha Pobre.

Apezar de tudo o muyrakytã dá a sua marcha.

Os muyrakytãs, pequenos, que os Uaupés ainda hoje usam como distinctivo de nobreza, semelhantes aos de

( <sup>1</sup> ) Vejam-se as plantas que publiquei, no meu *Rio Jamundá* e por ellas ver-se-ha que, ainda em 1780, existia parte da margem formando uma ilha, que hoje desapareceu e está unida á costa. Ahi se encontram fragmentos de louça e muyrakytãs.

( <sup>2</sup> ) *Esperança*, periodico que se publica em Mandós em 1876. Começa a lenda no n. 4 do 27 de fevereiro.

quartzo, que se encontram na região das Amazonas, me levam ainda mais a identificá-los com estas.

Ou estes *muyrakytás*, que se encontram na região do rio Amazonas, onde estiveram as *Ikamiabas* e aquelles que com ellas estiveram em contacto, foram feitos por imitação quando lhes faltou a jade, ou então eram simultaneamente usados com os de jade e elles nos vem, então, como marcos, mostrar a marcha do povo que os trazia ao pescoço, subindo o Amazonas e chegando ao rio *Ukaiary*, porque, soterrados, são encontrados do rio *Trombetas* para cima até o rio Negro.

Ainda algumas palavras para maior esclarecimento.

As Amazonas brasileiras, como já vimos, são os *Uaupés*.

O nome *Itakamiaba*, de *Iá* e *Ykamiaba*, significa *serra das que não teem seio*, isto é, das Amazonas, porque *Ikamiaba* é uma corruptella de *y*, ella, *kam*, seio, *ny*, não, e *aba*, por *aua*, proposição verbal, significando o vocabulo citado « *a que não teem seio*, ou os *teem* pequenos, ou *y*, *kam*, leite, *ny* e *aua*, a que não dá leite. No meu estudo sobre o rio *Yamundá*, publicado em 1875, dei outra etymologia, que se refere tambem ás Amazonas, porém esta é a verdadeira, como o verifiquei posteriormente. O facto das Amazonas, referido por *Orellana*, que parece ligar-se aos *Uaupés* e dahi o seu exodo, é, entretanto, dado por elles como tendo existido, o que se verifica da lenda de *Izy* ou *Bokan* perpetuada aavez dos seculos, pela poranduba.

E' o episodio da *Maloca das mulheres* e outros. Parece que quando *Orellana* em 1541 desceu o Amazonas, alguma cousa de real havia; ou a tradição era mais viva. Ouvindo-a e encontrando-se com a tribu dos *Uaupés* entre os rios *Yamundá* e o *Trombetas*, tomou pelas Amazonas.

Quando De la *Condamine* passou, em 1743, pelas serras do *Paytuna* e *Velha Pobre*, achou a tradição de que ahi se refugiaram as Amazonas.

Diz elle: « *C'est dans ces montagnes que se sont retirées les Amazones, d'Orellana, suivant la tradition du*

uma grande camisola de turury, pintada, ornada de largas franjas de estopa de castanha ou fibras de palmeiras, terminando em uma cabeça postiça ou mascara, que fica acima da cabeça do individuo que a veste, de modo que este olha por furos proprios collocados no peito da vestimenta.

Os Kubeuás nas festas funebres invocam o seu mytho mettido em camisolas semelhantes a samarras.

Pelo que expuz, se vê que não ha seita alguma infernal e sim acatamento á tradição, que guardam, e que observam todas as leis e usos legados pelos antepassados, com sincero e religioso respeito. O yurupari yaiui ou Izy não é o yurupari tapuyo (o pesadello) e sim o fundador, o legislador, o Nemrod da tribu, um Kara, cuja memoria festejam.

O EXOD

Até  
elle se pr  
versassão  
perpetua  
de idéas,  
torno del  
kytã, tali

N'um  
disse que  
Amazona  
repeti, h  
da histor  
aqui ainc

Esta  
Sr. Coudr  
e estando  
casião p  
para iden  
*France*

(<sup>1</sup>) Est  
do Janeiro e

, ornada de largas  
de palmeiras, ter-  
mascara, que fica  
, de modo que este  
rito da vestimenta.  
ocam o seu mytho  
marras.

ta alguma infernal  
m, e que observam  
passados, com sin-  
i ou Izy não é o yu-  
dador, o legislador,  
oria festejam.

---

## II

### O EXODO DAS YKAMIABAS E O GENESIS UAUPÉ

Até aqui tenho mostrado o que é o Yurupari, o que a elle se prende e como o devemos considerar. Mostrei que diversassão as tribus em que perdura a tradição e como ellas perpetuam a sua crença; agora entrarei em uma outra ordem de idéas, baseado nas lendas que apresento, e reunirei em torno dellas tudo quanto se liga a Izy, o portador do Muyrakytã, talisman que lhe deu o poder de chefe.

N'um relatorio escripto em 1874, e que publiquei em 1875, disse que os Uaupés, eram para mim os da antiga tribu das Amazonas e ainda, em 1882, na *Revista Anthropologica* (1) repeti, baseado nas analogias que encontro, nas lições da historia, nas lendas, e, principalmente e no muyrakytan, aqui ainda, a proposito do yurupari, torno a repetir.

Esta opinião é agora tambem corroborada pela do Sr. Coudreau, que, ouvindo-me a esse respeito, em Manáos, e estando posteriormente entre os Uaupés, aproveitou a occasião para estudar a questão e crê, hoje, que motivos ha para identificação das tribus, e adduz novas razões na sua *France equinoxiale*.

---

(1) Este meu escripto foi reproduzido, em francez, pelo *Messageur du Bresil*, do Rio de Janeiro e transcripto pela *Opinion*, de Paris, de 7 de novembro de 1882.

Examinemos ainda a questão. Diz a historia, e mesmo as tradições, que a tribu encontrada por Francisco Orellana, em 22 de junho de 1541, era composta de mulheres que sahiram ao seu encontro, manejando o arco, pelo que lhes deu o nome de Amazonas.

Que essa tribu não era só de mulheres, mas sim de homens que, pelo physico e pelos trajés, se pareciam com ellas não ha duvida.

Com effeito, segundo o que me referiu Frei Sant'Anna, antigo missionario, e me affirmaram antigos moradores do Rio Negro, em 1873, que estiveram com os verdadeiros Uaupés, antes e mesmo depois das primeiras missões, estes indios, além de terem feições afeminadas, quando moços, tem os peitos tão desenvolvidos, quasi como raparigas e usavam cabellos compridos, que trançavam e os enfeitavam com pentes, ficando as tranças pendentes sobre o dorso. Ainda, em 1851, o naturalista Alfredo Wallace (1) que os viu nos trajés ordinarios e nos de festa, disse:

«The man have the hair carefully parted and combed on each side, and tied in a *queue* behind. In the young man, its hangs in long locks down, their necks, and with the comb, which is invariably carried stuck in the top of the head, gives to them a most feminine appearance. I am convinced any person seeing them for the first time would conclude they were women.»

Com a civilisação, esses indios, cortaram as tranças e usam os cabellos curtos, porém nos dias da festa de Izy, ainda hoje, usam *makakaraua* (2) que são tranças feitas de pellos de guariba (*mycetes*), que, presas por cordas e pennas á cabeça, simulam perfeitamente as primitivas. Nesse dia, em que commemoram a apparição de Izy, ninquem as dispensa.

(1) *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*. London, 1853. pag. 493.

(2) Rabo de macaco.

historia, e mesmo  
por Francisco Orel-  
ta de mulheres que  
arco, pelo que lhes

eres, mas sim de  
se pareciam com

viu Frei Sant'Anna,  
ligos moradores do  
com os verdadeiros  
eiras missões, estes  
quando moços, teem  
raparigas e usavam  
os enfeitavam com  
o dorso. Ainda, em  
e os viu nos trajes

r parted and com-  
ue behind. In the  
n, their necks, and  
rried stuck in the  
t feminine appea-  
eing them for the  
en.»

aram as tranças e  
ias da festa de Izy,  
são tranças feitas  
presas por cordas e  
ente as primitivas.  
parição de Izy, nin-

Os verdadeiros Uaupés, como os Nahuás do rio Caquetá, entretanto, ainda hoje, deixam crescer os cabellos e os trazem trançados, deixando cair a trança pelas costas ou amarrando-as em roda da cabeça, por meio de uma corda, que entra na composição da mesma trança, como usam ainda hoje os Chins e as mulheres da Terra Santa.

Por esse uso se vê que facil era se tomar essa tribu por uma de mulheres. Engano facil, principalmente para Orelana, que descia o rio fugindo, e evitando os ataques.

A historia nos diz que esta tribu subiu o Amazonas e desapareceu, entrando pelos rios Uatumá, ou Urubú e outros que pelo rio Negro. Com effeito, é n'um dos afluentes do rio Negro que existem os Uaupés.

As Amazonas, Ykamiabas, ou as Kunhantan teo yma, de Humboldt (1) foram encontradas, segundo uns, na foz do Yamundá, segundo outros, proximos ao rio Trombetas e com razão, porque na exploração que fiz, nessa região, encontrei a prova de que razão ha para isso se affirmar, porquanto certifiquei-me que nessa região ellas existiram, deparando com a sua antiga aldeia, na costa do Parú, entre as fozes dos dous rios, em uma ilha em parte destruida e que, hoje, está ligada á vargem que forma a margem do Amazonas, e que denominei *Tauakuera das Amazonas*. (2)

Como soube ter sido essa aldeia, a das Amazonas?

Porque, entre innumerados de cerâmica e machados de pedra, encontrei o *muyrakylá, a pedra verde*, que todos os historiadores dão como sendo usada sómente pelas Amazonas. Ahi foram tambem encontrados outros

(1) *Cougnantúinsocima* como escreve Humboldt, não é mais do que uma phrase tupi, adulterada pela pronuncia franceza, é *Kunhãtã-teko-yma*, ou *moços* que teem por costume estarem sós ou sem homens. Os *aikeambenano*, do mesmo autor, referindo-se ás Amazonas é outra adulteração não só de pronuncia, como de som de letras; é o antigo *aikombé*, viver e *nhô*, sós, as que viviam sós.

(2) Vide a planta que levantei e que está junta ao meu Relatório intitulado *Rio Trombetas*, impresso, em 1875, no Rio de Janeiro.

pays.» (1) Em 1872, isto é, 129 annos depois, ainda encontrei a lenda de *Paytunaré*, ligada á serra e ao rio de Paytuna. Esta publiquei (2) e ainda aqui transcrevo. O facto se liga ás portadoras do *muyrakytã* que, como disse o mesmo La Condamine, entre outros: « *Pièrres vertes connues sous le nom de Pièrres des Amazones, disent qu'ils ont hérité de leurs pères, et que ceux-ci les ont eues des Cougnantans-couinna, c'est à dire en leur langue, des femmes sans maris.* » (3)

Como explicar o facto do primeiro navegante do Amazonas, Orellana, fallar das Amazonas que encontrou, portadoras da jade, e terem essa crença indios, que não estão em contacto com civilisados? Haver a prova material, o *muyrakytã*, a pedra das Amazonas, e coincidir isso com a existencia, fabulosa ou não, das Amazonas da terra da jade? Acompanhar, na Asia menor e Grecia, a fabula das Amazonas, presa a palavras, que existem no Amazonas, com o mesmo significado? Quem levou para o Amazonas antes da sua descoberta a fabula das Amazonas da Asia? Orellana não a inventou porque antes da sua passagem, 1541, já existiam os termos que se ligam a montanhas, rios e a muitas cousas que se prendem á jade e ás suas portadoras. Antes dos estudos que fiz sobre a jade, tive sempre a historia de Orellana como fabula, inventada por um aventureiro, para celebrar-se e desculpar suas faltas, porém depois estou crente que si são fabulosas as *Ykamiabas* do Amazonas, essa fabula foi trazida da Asia por uma emigração que trazia comsigo a jade, o *muyrakytã*.

A propria lenda de *Izy* nos falla de hordas de mulheres e foi de uma dessas que nasceu o proprio heroe da lenda.

Não parece ter sido o facto inventado por Orellana, visto como, quasi na mesma data, a versão, de tribus de mulheres,

(1) Rel. abrégé d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amér. mer. M. DCC. LXXVIII, pag. 140.

(2) Rio Yamundá, 1875, pag. 47.

(3) La Condamine, pag. 401.

no Nor  
1539, d  
dos exp  
ao Rio  
tião Ca  
Amazo  
surpris  
richess  
leur pa  
Il nous  
et qu'i  
des Sh  
lumes,  
Amazo

Isto  
estava  
em um  
de 154  
Refere  
ruñes),  
memem  
ouest,  
villes,  
blanc e  
nage é  
femme  
doutée  
reuniss  
eux; si  
filles,  
garçons  
renvoie

(1) F

(2) a



no Norte, era conhecida entre as tribus do Paraguay. Em 1539, dous annos antes de Orellana, Ulrich Schmidel, um dos expedicionarios que acompanhou D. Pedro de Mendonça ao Rio da Prata, logo depois da volta, á Europa, de Sebastião Cabot, achou, entre os indios Charruas, a noticia das Amazonas. Diz elle (1) « Nous fûmes très-agréablement surpris en entendant parler des Amazonas et de leurs grandes richesses. Nous nous empressâmes de lui demander si leur pays était éloigné, et si on pouvait y arriver par eau. Il nous répondit qu'il fallait absolument y aller par terre, et qu'il y avait deux mois de marche. Aussitôt que le roi des Sherrues nous eut donné ces renseignements, nous résolûmes, comme on va le voir, de nous rendre chez les Amazonas. »

Isto é confirmado pelo Capitão Hernando Ribera, que estava sob as ordens de Alvaro Nunes Cabeça de Vacca, em um depoimento que fez em Assumpção, em 3 de março de 1545, perante o notario de Assumpção Pero Hernandez. Refere o documento o seguinte (2) « Ces indiens (os Aburruñes), sans varier dans leurs reponses, lui dirent unanimement qu'a dix journées de là, dans la direction nord-ouest, il existait des femmes qui possédait des grandes villes, qu'elles avaient une quantité considerable de métal blanc et jaune, que leurs vases et leurs utensiles de ménage étaient tous de ce dernier métal. Leur chef est une femme de la même nation; elles sont guerrières et redoutées des naturels. A certaine époque de l'année elles se réunissent aux Indiens, leurs voisins, et cohabitent avec eux; si les enfants qui resultent de ces rapports sont des filles, elles le gardent avec elles; elles nourrissent les garçons jusqu'à ce qu'ils cessent de têter; puis elles les renvoient à leurs pères. »

(1) *Hist. véridique d'un voyage curieux*. Paris, 1837, pag. 137.

(2) *Comm. d'Alvaro Nunes Cabeça de Vacca*. Paris, 1837, pag. 490.

Coincidem estas informações com as de Orellana, e com a lenda sagrada de Izy, pelo que, julgo, que parte da tribu de que me occupo, atravessou, tambem, o Amazonas, e isso é confirmado pela crença em Izy, que se estende até Matto Grosso.

Usariam as Amazonas Asiaticas o Muyrakytá? Nada, por emquanto, ainda pude descobrir.

Como vimos, os Uaupés tinham apparencia feminina pela constituição e pelo uso de cabellos em trança cahida pelas costas e sendo facil tomarem-se os mancebos por donzellas, facil era julgar-se que entre si estas se entregassem a prazeres impudicos, como referem alguns.

A sodomia foi condemnada pelo Inca Roca, o da lenda, semelhante á de Izy.

Confirma-nos isso o facto da tradição dizer que traziam comsigo alguns velhos, que se distinguiam, pelo seu aspecto varonil, dos rapazes, que se confundiam com as mulheres e d'ahi o não terem seio 'ou leite, *Ikam-ny-aba*.

A lenda Taryaná de Izy ou do *Yurupari-Yavi* nos apresenta outras particularidades, que identificam os Taryanos com as Amazonas.

As lendas do rio Negro nos apresentam duas versões confundidas. A dos Taryanos diz que a origem do seu Izy vem das mulheres que emigravam (Ykamiabas?) para o rio Negro, emquanto que a tradição Kubeuá, e dos Javys antes *Yauys*, diz que o seu Bokan foi o fructo das mulheres que ficaram depois de uma peste que consumiu todos os homens, o que não é verosimil.

A primeira marca uma invasão no seculo XV, subindo o rio Negro, e a segunda outra em épocas remotissimas, vinda pelas cabeceiras dos rios Yapurá e Içana, pela serra Tunahy, isto é, de Nova Granada.

O facto taryano só poder-se-hia dar depois de 1541, época do encontro de Orellana com as Amazonas e foi depois disso que se deu a grande enchente que motivou a fuga e a dos Kubeuás muito antes dessa data.

Apezar dessa discordancia de datas, vê-se comtudo o mesmo facto perpetuado em ambas as tribus.

Quero crer que a versão Javy seja a verdadeira e que essa tribu descenda dos invasores Columbianos, entretanto, a dos Taryanás, galho do mesmo tronco, porém pertencente á horda desçida pelo Yamundá, que se julga nobre, seja a tribu que habitou o Amazonas e posteriormente encontrando-se com a dos Kubeuás, que tinham a mesma lei, a dominasse como invasores mais recentes e mais numerosos.

O facto é que a tribu Taryaná é que se julga ramo distincto, que descende *do sol* e da *grande serpente*, e é a depositaria dos amuletos, ou pedras de chefe.

Seguem a mesma lei e unificam-se pela geneologia do seu legislador, porém uma quer descender da tribu das mulheres, e não daquella cujos homens morreram de peste, como nos referem as lendas. Apezar da divergencia quanto ás datas da apparição de ambas as tribus no rio Negro, comtudo ha um ponto notavel: ambas teem por origem um tronco de mulheres sem homens e ambas seguem a mesma lei.

Este ponto é obscuro, mas presumo que o cruzamento, o dominio de uma sobre outra, e a vassallagem das tribus visinhas, perpetuando a lei que Izy ou Bokan impuzeram, leis que aliás já por tradição tinham, e que trouxeram para o territorio do Amazonas quando ao rio Negro chegaram, fizeram com que todas se julguem com razão oriundas de um só tronco, mas que se distingam, perpetuando a data de sua entrada do rio Negro: uma no Ukaiaiy, outra no Içana. A idéa de mulheres sem homens é commum, mas penso que ahí, pelo grande espaço de tempo decorrido procuram o maravilhoso para explicar a apparição do seu legislador, que se perde na treva do passado e em paiz remoto.

Não podendo explicar o seu apparecimento, commettem um anachronismo, ligam dous factos de épocas muito

diferentes, e dão aos Taryanáas, a mais proxima, como a mais verdadeira.

Tomam a ultima invasão pela primeira, que os Kubeuás perpetuam.

Estes teem a tradição do muyrakytã, que Bokan foi buscar á lua, porém os Taryanáas, que teem a mesma tradição, foram os portadores delle e por isso se teem por nobres, e por causa delle se impuzeram.

A posse dessa pedra, que os distingue como nobres e poderosos, não é mais do que a tradição dos Nahuás, que traziam como brozão de nobreza suspenso ao pescoço, tambem o calchihuitl, a pedra verde. Brasseur de Bourbourg (1) baseado no manuscrito quiché, de Chichicaste-nango e em Torquemada, diz: « Les nations de la langue nahuatl en usaient ainsi que les Quichés ». Torquemada, tratando das divindades « dit en avoir vu plusieurs. C'était ordinairement... un petit idole de pierre verte, » na phrase do mesmo Brasseur.

Guacanajari, que governava os Tainos, de Mayapam (Guanahani), quando ahi aportou Christovão Colombo e com elle teve a primeira entrevista no dia 21 de dezembro de 1492, diz: « Yo soi Guacanajari, descendient de los reyes hijos del sol y de la diosa que vive debajo de las ondas del mar en cuevas de aljofares e perlas: ella amó Vagoniana, y le dió las sagradas Cibas y los guaninos que rodean mi cuello. » (2)

O mesmo autor affirma que estas pedras eram « le senal de distincion de los reyes e las uzaran siempre como cosa sagrada. »

Assim como as Ykamiabas iam, ao fundo do lago, buscar os Muyrakytãs e com elles presenteavam os que as visitavam e as deixavam mães, assim, tambem, os

(1) *Hist. des nat. civ. du Mex.*, I. pag. 102, note.

(2) D. José Galla e Ronté, *Leyendas Americanas*, Madrid, 1856, pag. 5.

Tainos  
pelo la  
rakytã,  
sus br  
dio un  
llamar  
jofar ll

Ess  
nense,  
jadele

Air  
se imp  
tal é á  
stição

O t  
Bokan p  
primitiv  
de Costa  
os chin  
dos Am

Si h  
a cylind  
por se p  
paiz est  
deu.

Ago  
remos:

Esse  
como na  
que os f

O fa  
uso do r  
que os U  
filhas de

O m  
hoje que

Tainos dellas se serviam, porque quando Vagoniana entrou pelo lago e foi ao fundo ver a mulher (a mãe do muyrakytã, da lenda) que o impressionara «ella lo recibió en sus brazos, gozó con el de los praceres del amor, y le dio unas cuentas de marbol negras á las que los indios llamaran *Cibas*, le regaló tambien unas tablillas de aljofar llamadas *guaninos*.»

Essas pedras negras são as, que a tradição amazônica, chama *Sombras da noute* e que julgo ser a jadeíte ou a chloromelanite.

Ainda hoje, como já disse, o portador do muyrakytã se impõe, como nobre, áquelles aos quaes se apresenta, tal é á virtude que tem ainda essa pedra e que a superstição conserva.

O tuichautã, o emblema da realza, o muyrakytã, que Bokan pelas lendas foi á lua buscar, ainda conserva a fórma primitiva e essa é a que não só apresentam as *cibas*, de Costa Rica e Guatemala, como os *calchihuitls*, do Mexico, os *chimés*, das Antilhas, os *guaninos*, do Haiti como a *Pedra dos Amazonas*.

Si havia a fórma esculpturada (*tablillas*), havia tambem a cylindrica (*cibas*) e esta foi a que se perpetuou, talvez, por se perder a arte de esculpturar, entre aquelles que em paiz estranho ficaram, facto que no Mexico, tambem, se deu.

Agora, para identificar as Amazonas aos Uaupés, diremos:

Esse cylindro, muyrakytã, é igual não só na fórma como na natureza da rocha, aos que usavam as Ykamiabas, que os tinham, tambem de quartzo, como talisman.

O facto da invasão da horda pelo Ukaiary, levando o uso do muyrakytã, é para mim a prova mais concludente que os Uaupés são descendentes das pretendidas Amazonas, filhas de Vagoniana.

O muyrakytã, de nephrite ou jadeíte, está provado até hoje que só procede da Asia, pelo que as taes Amazonas,

se nella não tinham nascido, de seus filhos descendiam, ou com estes estiveram em longo contacto.

O uso, que n'essa tribu existia, de usar o cabelo formando uma trança pelas costas, costume que deixou entre os Taryanás, não é o rabicho asiatico, ainda de hoje, e a guedelha do Huno?

Que as Amazonas usavam cabellos arrançados em trança pendente ás costas, ou enrolados no alto da cabeça, parece-me fóra de duvida, porque por diversas figuras de terra-cotta que encontrei em 1872, nas serras do Pekiatyba e da Taperinha, no Tapajós, esse uso é nellas representado fielmente.

Provando-nos o muyrakytã, e a tradição que ellas iam ao Tapajós, provado fica que essas figuras as representam.

Nos *Archivos do Museu Nacional* á pag. 431 do VI vol. acham-se representadas duas dessas figurinhas, achadas pelo Sr. Rhome, em terras da Taperinha, fazenda do meu finado amigo Barão de Santarem, de saudosa memoria.

Os Quichés, ou Nahuas, segundo D'Orbigny <sup>(1)</sup> tinham «les cheveux fort longs, tressés par derrière et retenus par une corde de même couleur.»

Que povos da America do Sul usavam os cabellos por essa fórma, ou presos com verdadeiros pentes? Nenhum. Foi esse uso que fez serem, por Orellana, os homens tomados por mulheres, e é ainda elle que nos vem mostrar, ligado ao muyrakytã, que essa tribu era asiatica, que a historia, a tradição e a lenda de Yzy, diz que perpetuou-se com o nome de Uaupés.

O exodo das Amazonas deu lugar ao Genese Taryano, do Ukaiary.

O que nos vem, tambem, mostrar que os Uaupés são as Ykamiabas é ainda uma lenda, que prova que no rio Yamundá houve a mesma crença em Bokan, e que foi

(1) *Voyage pittoresque dans les deux Ameriques*, Paris, 1841, pag. 405.

esta l  
que p  
En  
Ykami  
Ou  
que tin  
gostosc  
çal-as;  
que nu  
que se  
protegia  
guariba  
sobre e  
que os  
protegia  
frimento  
parentes  
alto e n  
aquelles  
lutos; in  
ellas: so  
os filhos  
considera  
recompe  
duas ma  
deste vo  
Estas  
das por  
Esta  
ferido na  
E' o  
Tunuhy o

(1) *Exp*  
pags. 46 e 47

esta levada para a rio Negro, pelo exodo das Ykamiabas que produziu o tronco Taryano.

Em 1874 <sup>(1)</sup> quando de volta do rio Yamundá, tratei das Ykamiabas, escrevi a lenda seguinte:

Outr'ora desceram pelo rio Yamundá umas mulheres, que tinham abandonado os homens de sua tribu. Desgostosos, estes as vinham seguindo, procurando alcançal-as; porém tantos eram os obstaculos que appareciam, que nunca o podiam fazer. Ora eram numerosos espinhos, que se cruzavam pela floresta; ora animaes ferozes que protegiam a retaguarda das fugitivas; aqui, bandos de guaribas, que acompanhando-os por cima dos galhos iam sobre elles lançando seus escrementos; alli, o Kurupira, que os transviava, emfim, toda a especie de obstaculos protegia essas mulheres. Afinal estas condoidas do sofrimento daquelles que foram seus amantes e eram seus parentes, ao chegarem á serra do Yacy-taperé, fizeram alto e receberam pela ultima vez, então como senhoras, aquelles que antes foram seus amantes e senhores absolutos; impondo-lhes condições que elles aceitaram. Eram ellas: só serem recebidos uma vez no anno; receberem os filhos varões que nascessem dessas uniões; só serem considerados benemeritos os paes das filhas, que seriam recompensados com muyrakytās, que ellas obtinham pelas duas maneiras que indicam as lendas da primeira parte deste volume.

Estas mulheres depois desappareceram pela terra, guaidas por um tatú que lhes abria o caminho.

Esta lenda é justamente o trecho que se encontra referido na do Yurupari, Yzy ou Bokam.

E' o que motivou a retirada de Yurupari da serra de Tunuhy ou Tunahy, depois de chorar os mortos, quando ahi

<sup>(1)</sup> *Explor. e Est. do Valle do Amazonas. Rio Yamundá, Rio de Janeiro, 1875, pags. 46 e 47.*

chegando encontrou a aldeia abandonada por suas mulheres, depois de terem matado todos os filhos varões, as quaes, sob o mando de *Naruna*, foram encontradas mais tarde. Esse facto das mulheres que viviam sós, depois de abandonarem seus maridos, estende-se desde Monte Alegre até o Yapurá, e, isolado, se apresenta nos logares em que a civilização destruiu completamente as leis e a lembrança do invasor. No Yamundá contam que por elle desceram as mulheres, como no rio Negro, dizem, que desceram vindas de Tunahy.

Penso que no rio Negro adoptaram a lenda que trouxeram do Yamundá, e que ali se perpetuou, por se encontrar com outra igual trazida, tambem, de Nova Granada.

O facto, referido, isoladamente, no Yamundá, é um dos episodios da lenda de Yzy, que nos prova que na região do muyrakylá havia a mesma tradição.

No Yamundá perpetuou-se a lembrança do muyrakytá, servindo de paga aos homens, como no Haiti, mas no rio Negro foi esquecida totalmente, si não se esqueceram de me contar os indios que referiram a lenda, cujo resumo apresentei.

Seja como for, a verdade, sob a fórma legendaria apparece, e, é ella quem nos diz que um invasor atravessou o Amazonas, com costumes e leis differentes, e que como verdadeiro Karaiúá, por toda a parte se impoz e dominou.

CONSID

YA

YA

Ide  
Amazo  
Yauis,  
sidera  
seria e  
frança  
tambem  
como a  
ainda a  
reinam  
ramar

(1) T

yunas ou  
rani | isto  
Matto Gro  
de lapou  
á tradição



---

### III

#### O YURUPARI É A TRADIÇÃO DOS NAHUÁS.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORIGEM DOS VOCABULOS TARYANÁ,  
YAMUNÁ, KAYARI, TUNAHY, ARUCHY, KOARARY, UENÉ,  
YAQUI, POKONAN, NARUNA, KÉLAN, ARYANDA E OUTROS.

Identificada, como parece estar, a tribo das pretendidas Amazonas ou Ykamiabas com a dos Uaupés, antes antigos Yauis, hoje Taryaná, não posso deixar de fazer outras considerações, que se me offerecem, perguntando que tribo seria essa com usos diferentes, que usava cabellos longos e trançados, como asiaticos, e trazia amuletos feitos de rocha tambem asiatica, os quaes eram procurados por outras tribus, como a dos Kunurys e a dos Tapayús ou Tapayunas? <sup>(1)</sup> E' ainda a lenda de Yzy que vem, si não espancar as trevas que reinam em torno da origem dos indios do Amazonas, derramar alguma luz sobre este mysterio.

---

(1) *Tapayús*, origem de *Tapayús*, hoje *Tapajós* é abbreviatura, corrupta, de *Tapayunas* ou *Tapanhunas*, que por sua vez é corruptella de *Toba yáunas*, (*Yus*, em Guaraní) isto é, *caras pretas* ou *caras pintadas de preto*. Ainda hoje os Mundurucus, em Matto Grosso, são conhecidos por *Tapayús* ou *caras pretas*. Póde-se derivar tambem de *tapayunas* ou *tepanhunas*, escravos negros, mas sem razão porque vae de encontro á tradição,

A maioria dos escriptores dá a dynastia dos Nahuás, da America Central, descendendo de immigrantes da Asia, que, capitaneados por Votan, trouxeram, com Quetzalchoualt, as pedras verdes, e, para mim, as pretendidas Amazonas, eram Karaybas, descendentes daquelles e por conseguinte tem por origem o Oriente.

O uso das tranças é da jade a leva para o velho continente, para os Nagas e Cham, assim como para os Quichés; a crença em Yzy, seu nascimento, seu imperio, suas *avatars*, sua morte e uso das samarras, as levam para a descendencia Nahuá e para Vishnu.

Comparando-se os diferentes episodios do *Libro sagrado* ou *Popol Vuh*, com as diferentes lendas que se encontram nas regiões do muyrakytá e dos Uaupés, acham-se grandes analogias e comparando-se a lenda de Yzy com o episodio da *mulher de sangue* ou *Xquiq*, vê-se, si não perfeita identidade, grande analogia.

A lenda do Yurupari-Javi é antiquissima, e não podia ser o episodio da vida dos Quichés modificado e introduzido no Uaupés, porque o *Popol Vuh*, escripto em tzendal, foi descoberto nos fins do seculo XVI, por um frade dominicano e publicado em 1857 pelo Dr. Scherzer e só, em 1861, foi traduzido e publicado por Basseur de Bourbourg. Essa tradição tzendal dos Quichés passou aos Quichos, de Nova Granada e desceu para o Amazonas.

Antes de comparar alguns dos factos da vida de Yzy com a de Hunahpu, o heroe Quiché, chamo a attenção para a semelhança que existe entre o nome da tribu que se orgulha de sua antiguidade e nobreza por descender de Votan, o filho de uma arvore, e o seu homonymo da Asia.

*Taryaná*s, appellido dos indios, si não é corruptella, é muito semelhante ao de *tarayaná*, que significa *caminho da salvação*, sendo este um dos nomes da arvore de Budha, pela traducção Thibetana do *Lalitavistara*.<sup>1</sup> Ta-

(<sup>1</sup>) Angelo Gubernatis, *Myth des Plant.* Tom. 1º, pag. 81.

ryana  
thropog  
Con  
pontos  
dahi tr  
Con

Uma virge  
[ ceiro, vir  
é o fructo  
pergunte  
— Quero,  
— Então e  
mão e o

Da saliva fi

O pao, vor  
quem era  
matal-a.

A virgem t  
A avó não  
Os filhos d  
para con  
Morreu que  
Das cinzas  
os espirit

A P  
indios c  
como vi  
strumen  
não pod  
sagrada  
d'Asia.  
é tambe

(<sup>1</sup>) P

ryana não perpetuará o nome Tarayana, o da arvore anthropogenica de Budha?

Começamos a encontrar presos, a essa tribu, laços cujos pontos se prendem á Asia, pela emigração do Norte, que dahi trouxe o muyrakytã.

Comparemos agora pedaços das duas lendas.

LENDAS QUICHÁS<sup>1</sup>

Uma virgem, chegando debaixo do caba-  
[ ceiro, viu as frutas e exclamou: — Isto  
é o fructo desta arvore? Um dos fructos  
perguntou: — Queres algum?  
— Quero, respondeu.  
— Então estende a mão. Ella estendeu a  
mão e o fructo escarrrou nella.

Da saliva ficou gravida.

O pae, vendo-a nesse estado, quiz saber  
quem era o autor, e prometeu mandar  
matal-a.

A virgem teve os filhos solitaria.

A avó não quiz saber dos filhos.

Os filhos depois tiveram diversas lutas  
para conquistar o seu direito de chefe.

Morreu queimada.

Das cinzas nasceram os homens-peixes e  
os espiritos mãos e plantas venenosas.

## LENDAS UAUPE

Uma virgem andando, pelo matto, chegou  
debaixo do Uakuzreio e disse: — Que  
bonitos fructos para a gente comer!  
A arvore perguntou: — Queres algum?  
— Quero, respondeu.

Os macacos atiraram então fructos, que em  
tão grande quantidade comeu que chegou  
às partes pudendas.

Do caldo da fructa, que corria da bocca,  
ficou gravida.

Os parentes, vendo-a nesse estado, quizeram  
saber quem tinha sido o autor, e qui-  
zeram matal-a.

A virgem teve os filhos solitaria.

Os pagés roubaram e occultaram Yurupari.

Yurupari teve lutas para assumir a posição  
de chefe.

Morreu queimado, segundo uns.

Das cinzas nasceram as Pachyubeiras.

A Pachyubeira (*Eriartea exorrhiza* Mart.) é, para os indios do Uaupés, uma arvore sagrada e della fazem, como vimos, os instrumentos sagrados da festa de Izy, instrumentos que olhares profanos, como os das mulheres, não podem ver. Temos, pois, para elles essa arvore como sagrada, como o é a palmeira considerada pelos povos d'Asia. Si é symbolo da gloria immortal, a *Dea palmarts*, é tambem uma arvore divina, que symbolisa a força e a

(<sup>1</sup>) *Papoi Yuh.* Cap. III, pags. 91 e 93.

coragem, nas lendas de Budha, santificada até pelo christianismo, e tida, pela antiguidade do Oriente, como arvore cosmogenica e anthropogenica.

Alenda Taryaná, que faz, em uma noite, ella crescer a tocar o céu, não é indigena, porque não é raro ver-se, nas lendas da Asia, as palmeiras tocarem o céu e nelle entrarem. Na theogonia Hindu, a palmeira representa um papel dos mais importantes.

Porque o indio *Taryana* ha de ligar a mesma importancia á palmeira, quando tinha outras arvores, mais altas e não menos bellas, como a sumaumeira (*Eriodendrum sumauma*), o gigante vegetal do Amazonas?

Além destas analogias na lenda do Yurupari, ainda ha varios contos zoologicos, referidos no Rio Negro, que não são mais do que variantes de alguns do *Papou Vuh*, como ver-se-ha na *Poranduba Amazonense*.

Outros pontos de contacto ainda observo. Os jejuns, que para tudo eram obrigados os nahuás a soffrer, é religiosamente seguido entre os Uaupés e ordenado por Yzy. Para melhor escudar-me, cito Coudreau (1) que diz: « La meilleure preuve se trouve dans les jeûnes réellement rigoureux fréquents qu'ils s'imposent: jeûne de trois jours pour le dabucuri; jeûne pour évoquer *yurupari*; jeûne pour demander á Jurupari de n'être pas mangés par le serpent; pour que les blessures guérissent: pour aller au ciel, et les femmes, pour avoir régulièrement leurs menstrues. Il y a aussi le jeûne d'un mois pour les premières menstruations, le jeûne pendant l'époque des menstrues, le jeûne de quatre jours á chaque nouvelle lune, jeûne avant la semaille du maïs qui sans cela ne donnerait pas de grains, un autre jeûne en novembre pour la cucillette de l'inga. Et tous, enfants et vieillards, sont astreints á la plupart de ces jeûnes, que sont des cérémonies propitiatoires pour se concilier Yu-

(1) Franco Equinoxialo. Vol. pag.

rupar  
foi a  
jours  
por B  
huás  
jeunes  
par de  
ordena  
gelaçõ  
um a  
curiosi  
entre c  
anima  
O  
Tonku  
tituio,  
lante  
instrum  
mages  
Te  
prepara  
mesmo  
Ale  
se pren  
grande  
tirando  
Cor  
fazem,  
retá. I  
nauás  
E  
lingua

(1) E  
(2) V

rupari.» Note agora o leitor, que Quetzalcohuatl, como Yzy, foi que: « ordona les grandes jeûnes de vingt quatre jours » segundo Humboldt, (1) confirmado perfeitamente por Brasseur de Bourbourg e De Nadaillac acerca dos nahuás « chaque tribu croyait honorer ces, dieux par des jeûnes, seices, des bains et des purifications, souvent aussi par des cruelles mortifications. » Os banhos purificantes vê-se ordenado pelo pagé, na lenda, e as mortificações, com flagelações, nas suas festas em que Yurupari açouta a todos, um apoz outro. O mesmo facto das mulheres, que por curiosidade foram metamorphoseadas em pedras, vê-se entre os Nahuás, quando appareceu o sol e petrificou os animaes. (2)

O *Pirey*, instrumental sagrado, é, tambem, afim do *Tonkul*, da musica sagrada, dos mysterios que Votan instituiu, usada nas dansas, que representavam papel importante e que se perpetuaram até hoje em Yucatan; esse instrumental é ainda hoje tocado *avec une mesure et une magesté qui rapellent le souvenir du seigneur de Teponastli*.

Temos pois as dansas e os instrumentos, que Yurupari preparou para os seus mysterios, analogos aos que para o mesmo fim instituiu Votan.

Além de todos estes pontos de contacto, ha factos que se prendem á linguistica, e que não podem deixar de ter grande importancia, porque muito explicam e esclarecem, tirando qualquer duvida sobre a origem dessa tribu.

Como vimos, os Tukanos dão á festa, que annualmente fazem, para commemorar a vinda de Yzy, o nome de *Naud-retá*. Este nome, em portuguez, claramente lembra e diz *nauás* ou *nahuás*, como alguns escrevem.

E' uma palavra hybrida, como muitas que existem na lingua geral, formadas pelos indios, que não fallavam a

(1) B. Fourbourg. Hist. des nat. civ. du Mexique I. pag. 81.

(2) Vuo de Cordillères I. pag. 114.

língua geral, e que na aprendizagem consorciavam palavras do dialecto proprio, com outros da língua que aprendiam. Diz, com razão, o professor Whitney: « Un peuple sauvage, quand il multiplie et s'étend sur un grand territoire, se fractionne aussitôt par ses divisions et ses haines et chacune des fractions altère la langue générale à sa manière. » (1)

*Nauá*, sem traducção, diz claramente o nome da tribo norte-americana, e *eté* signal de plural e adverbio *muito*, *bastante*, significando pois *Nahuás* ou muitos *Nahuás*, bastantes *Nahuás*, não entrando o *r*, ahi, senão por euphonia, como é geral na língua, sempre que concorrem duas vogaes (2). Além de claramente termos o vocabulo *nauáretá*, ainda temos *Uaupé*, *Uauopé*, nome que não é do rio, nem tão pouco de nenhuma tribo propriamente.

O rio é Ukaíary e as tribus que nelle habitaram, e ainda ahi existem, são de Taryaná, Tokaná e outras já citadas. Hoje a essas tribus dão em geral esse nome, que passou a ser tambem o do rio. *Rio dos Uaupés*, que se abbreviou em *Rio Uaupé*, *Uaupé*, *Uapé*, que os inglezes e italianos escrevem *Waupé* e o padre José de Moraes escreveu *Baucepés*, creio que por erro typographico.

Esse nome póde ter duas explicações; ser uma palavra hybrida, ou pura nheengatu, adulterada: *Naua-pé*, *Naupé*, que por adulteração passou a *Uauapé*, *Uaupé*, o *caminho dos Nauás*; ou *Uauau*, ou *Iauau-pé* o *caminho da fuga*, ou *dos fugidos*, o que em todo caso mostra a passagem dos Nahuas ou do povo que ahi existia, que fugio ante os invasores.

*Guapé* tambem tenho ouvido commummente chamar, e a não entrar ahi a letra *g*, por iberismo, então significará

(1) Se escrevermos a palavra com outra pronuncia, isto é, se mudarmos o *e* para *i*, *nauarítá*, significará a *pedra nahua*, isto é, a *pedra*, o *muyrakytá*, que trazem ao pescoco os chefes Taryaná e Uaupés.

(2) *La vie du langage*, Paris, 1877, pag. 131.

o *caminho*  
minho, o  
rio foi im  
tribu.

Os ind  
nunciam  
nhola das

Todas  
ha entre a  
undos da

Vimos  
com orige

Pela le  
serpente, o

com outro  
*pedras es*  
via, vejam

primitivo  
só dynasti  
perdura, p

*poder do*

*kagami*.

*Uaupé*

minho dos

Escude

do sol, e u

da lua, não

paiz dos *L*

mente os

ahi temos

o mesmo

blemas são

entre amb

Quando

habitadas p

e são as t

o *caminho do pai*, de *gu* ou *gub*, por *tub*, pai e *apé* caminho, o que ainda nos indica que esse povo para esse rio foi immigrado, conduzido por *Zzy* ou *Yurupari*, o *pai da tribu*.

Os indios dos diversos afluentes do Rio Ukaiary, pronunciam sempre *Guapé*, julgo que pela influencia hespanhola das republicas vizinhas.

Todas estas etymologias confirmam as analogias que ha entre a lenda de *Yurupari* e os mythos mexicanos, oriundos da Asia.

Vimos varias etymologias para o nome *Uaupés*, todas com origem asiatica, agora apresentarei ainda uma outra.

Pela lenda do *Yurupari* sabemos que *Zzy*, filho de uma serpente, como signal de poderio, recebeu das mãos da lua, com outros objectos de proveniencia solar, o *muyrakytã* e *pedras escuras*, que como *espelhos magicos* nelles tudo via, vejamos ainda uma coincidencia. O Japão teve por primitivo nome *Wau*, que significa *rei*, e tem tido uma só dynastia, até hoje, toda de *origem solar*, crença que perdura, porque dizem que receberam os *emblemata do poder do sol*; esses emblemas são o *magatama* e o *kagami*.

*Uaupé* não será uma palavra hybrida, *Uau* e *apé*, caminho dos reis, dos senhores?

Escudemo-nos. Os *Uaupés* ainda usam o *nanacy*, vindo do sol, e acreditam nas pedras escuras, espelhos recebidos da lua, não serão os *magatamas* e os *kagamis*? Os filhos do paiz dos *Uaus* (Japão), os *Ainos*, conservavam religiosamente os seus emblemas, como os *Tainos* os seus *semês* e ahí temos a mesma crença entre dous povos, quasi com o mesmo nome, um asiatico e outro americano. Os emblemas são, tambem, identicos em materia, côr e fórmas entre ambos.

Quando C. Colombo chegou ás Antilhas encontrou-as habitadas pelos *Tainos*. Qual a sua origem? E' o *muyrakytã* e são as tradições Amazonenses, que nos respondem.

Esses Tainos usavam o talismã de pedra verde, talismã que, segundo a lenda de Yzy ou Bokan, do Amazonas, foi uma pedra entregue pela lua, que symbolisava o poder e era o emblema, o signal de chefe. Com esta pedra e outros objectos foi-lhe tambem entregue outras pedras escuras, polidas e perfuradas porém brilhantes, que reflectiam tudo, até o que se passava distante.

Isto reza a lenda que tomei entre os indigenas do Rio Negro. Agora vejamos se não serão o *Magatama* e o *Kagami* japonéz, o *Zemé* Taino, ou o *muyrakytã*.

O *magatama* segundo Zelinski (1) é um monumento archeologico que ainda os *Ainos*, de Niphon, usavam, herdados de seus antepassados. Eram « *d'un beau poli, différenon seulement de dimension et de forme, percés d'un trou qui permettait de les enfiler et d'en faire des colliers* » que eram guardados nos *maga-tama-tubo* e que « les archéologues du Niphon désignent sous ce nom tous les vases de la haute antiquité qui ont été découverts dans leur pays ».

« Les magatama étaient très recherchés des anciens seigneurs japonais qui en faisaient les insignes distinctives de leur rang », como ainda hoje os indios Taryanos, descendentes de Bokan. A origem desse amuleto nos dá o mesmo archeologo baseado nas tradições heroicas da Asia: « La déesse du soleil, Tensyau dai-zin, avait donné à l'heritier dans le gouvernement celeste *Ama no osi ho ni no mikoto*, trois trésors parmi lesquels se trouvait une pierre précieuse. »

Estes tres thesouros nos diz quaes são o Sr. Leon de Rosny. Eram um *sabre*, um *espelho* e um *sello*. Não falando do *sabre* occupar-me-hei com o que se prende á questão do *espelho* e do *sello*. Aquelle, o *kagami*, nos diz o mesmo sabio, era um *king*, que segundo *Kang-hi Tsze-*

(1) Congrès international des orientalistes. Paris 1873, pag. 65 e seguintes.

tien « est  
que pel  
noite e p

O sell  
soberano  
seado nos  
de resiste  
en person  
imperial  
mains.»

Ainda  
herdeiros  
chefes o p  
teau, « de  
au Japon,

Vimo  
muyrakyt  
stancia n  
das Antill  
crenças,

Ainda  
para exp  
do céu co  
tzing en  
tambem  
para exp

A co  
entre os  
amorosa  
diversa d  
phrase do

Devo  
apresenta  
bres, por  
ções da  
ciências d



*lien* « est également le nom d'une pierre ». São estes kings, que pela lenda Amazonense, são chamados *sombras da noite* e pelas quaes Bokan tudo via.

O sello, que era *feito de jade*, ainda *Tsze-ying*, ultimo soberano da dynastia de Tzin, nos diz L. de Rosny, baseado nos historiadores chinezes, « se voyant hors d'état de resister aux troupes de *Lieou-pang* vint lui remettre en personne les rênes du gouvernement et lui offrit le *sceau imperial* comme attribut de l'autorité qu' il déposait en ces mains.»

Ainda hoje os Taryanos, do Rio Negro, legam aos seus herdeiros o *nanacy*, como attributo de autoridade. Só os chefes o possuem. Estes *maga-tama*, nos diz o Sr. Duchateau, « de nos jours encore, des hommes instruits croyent, au Japon, que se sont de *talismans* qui portent bonheur ».

Vimos identificadas as creanças japonezas acerca do *muyrakytã* ou *magatama*; só nos falta mostrar a circumstancia notavel de se chamarem *Tainos* os selvagens das Antilhas e *Ainos* os do Japão, terem ambos as mesmas creanças, e ambos os nomes significarem — homem.

Ainda outra circumstancia, os japonezes não têm termos para exprimir as côres verde e azul, confundem o azul do céu com o verde das florestas, sob o nome de *awo* ou *tsing* em chinez. O verde e o azul « a côr da natureza » também entre os selvagens do Amazonas só teem um termo para exprimir-as, como em tupi, *okir* ou *oby*.

A condição da mulher do Japão é também a mesma entre os nossos indigenas, é escrava; mas, humilde e amorosa e tendo as mesmas idéas sobre a moralidade, diversa da nossa, é verdade, mas, sem ser immoral, e na phrase do Sr. Almirante Roze « une Eve avant le péché ».

Devo ainda, para completar estes rapidos commentarios, apresentar as vestes das carpideiras, das suas festas funebres, porque muita analogia teem, não só com as tradições da America Central, como também com as reminiscencias da Asia.

Quando morre algum Uaupé, os parentes celebram uma festa, ao som de buzinas feitas de cabeças de veados, e alguns vestem uma especie de camisola ou samarra em fórma de um longo sacco, feito de turury (casca da *Bertholletia excelsa*), franjado largamente por fibras do liber do tauary (*Tecoma*) com duas mangas curtas e terminando em uma cabeça feita de um tecido de uarumã (*marantha*) coberto de cerol, na qual os olhos, a bocca e o nariz são feitos todos de tentos vermelhos, (*Adenantha pavonina*) e terminando pelas costas em um longo e grosso cordão de fibras de tauary, simulando uma longa trança de cabellos.

Abaixo dessa mascara ficam dous furos, que correspondem ao peito da vestimenta, por onde olha o individuo que a veste, ficando assim a mascara superior á cabeça deste e por conseguinte apresentando uma grande altura.

Essa vestimenta é pintada de gregas em angulos, vermelhos, pretos e amarellos, *cores symbolicas da Asia*.

A fórma, pois, dessa vestimenta, nos lembra tambem a das com que se apresentaram Quetzalcohuatl e seus companheiros na America Central, segundo a tradição e os historiadores, assim como os tentos vermelhos nos lembram o *tsité* dos Nahuás, a mesma *Adenantha* de que os felicitadores se serviam para seus jogos e ornatos.

Não posso deixar de notar, que a idéa de Amazonas ou de mulheres que se batiam, não é tambem estranha aos Nahuás, porque a mãe de Quetzalcohuatl rodeada de um exercito de mulheres bateu o principe *Monohualcatl*. No Perú a lenda amazonense nos diz, tambem, que as mulheres, dentre as quaes uma foi avó de Yzy, foram *fecundadas* no rio, sob as *aguas*, não parece, isto, nos mostrar o signo mais brilhante da região de Quetzalcohuatl, o Tlalocanteuclí, o deus *das aguas* e da *fecundidade*, que reinou no periodo que terminou com a erupção dos volcões da éra Mexicana?

No Perú ha a mesma crença.

Por t  
não é o d  
dirigia h  
pretendid  
Nahuás,  
guinte, ha  
ramificaç  
oriental  
indigenas

Para  
de contac  
zonenses  
parece se  
Amazona  
asiatica,

O fco  
foi no rio  
ser *Niam*

Por q  
Diz a  
perde na

Será i  
significa,  
do abanh  
soffreu o  
riam *yan*  
e sim *Am*  
povo, ald  
vice-versa  
*uirané* e

Será q  
furtar? E

(1) *Niam*  
muitos, em v

Por tudo, quanto até aqui tenho dito, o yurupari ou Yzy, não é o demonio e sim a reviviscencia de um individuo que dirigia hordas, que emigraram, sendo uma d'essas a das pretendidas Amazonas, descendentes de asiaticos ou dos Nahuás, depois conhecidos por Karaybas; que, por conseguinte, ha toda probabilidade deserem os Uaupés, ou Guapés, ramificação de um tronco tartaro, filho da patria da Jade oriental ou do muyrakytá, como a chamam os nossos indigenas.

Para melhor fundamentar, apresento aqui outros pontos de contacto com a mythologia hindu, e os dos contos Amazonenses com os do *Popol Vuh*. Simple analogia não parece ser, depois da identificação que estabeleci entre as Amazonas, os Uaupés e os Nahuás, que são de origem asiatica, e o que agora apresento.

O fôco das Amazonas, segundo a tradição e a historia, foi no rio Yamundá, que alguns dizem, pela má pronuncia, ser *Niamundá*, *Jamundá*, *Nhamundá* (1) e *Jamundá*.

Por que ha tanta divergencia na pronuncia desse nome ?

Diz a tradição que elle veio do de um chefe que se perde na noute dos tempos.

Será ? ou virá da palavra abanheenga Amemdad, que significa, *povo, vizinhança de tribus pequenas*. Não vem do abanheenga, porque sabemos que, pela modificação que soffreu o abanheenga, que produziu o nheengatu, nunca diriam *yamundá* ou *yamuná*, se tivesse a traducção acima, e sim *Amundaua*, de *Amu*, parentes, alliados, e *tab* ou *taua*, povo, aldeia. A mudança de *yamundá* para *yamuná* ou vice-versa ainda hoje se dá, como na palavra *uirandé*, *uirané* e outras.

Será *ya mundá*, ou *ya mundá*, furtamos, do verbo *mundá* furtar ? E' inverosimil e impossivel.

(1) *Niamundá*, *Nhamundá* não é mais do que um vicio de pronuncia, por que, muitos, em vez de *Yá* pronunciam *nhá*, tanto que por *Yandé* dizem *nhandé*.

Quero crer que a origem do nome seja asiatica, porque, assim como nesse rio é que se encontra o muyrakytã da Asia, e foi onde habitou um povo que, ha todas as probabilidades, descendesse desse continente, é muito natural que ligasse ao rio em que habitava o nome do de um das suas crenças religiosas, o *yamundã*, mencionado nos hymnos do *Rig Veda*, e que representa um papel, não somenos, na encarnação de *Krishna*, ou oitava *avatara* de Vishnu. Foi esse o rio, hoje *Jumna*, que por toda a parte acompanhou Balarama, por não a' ter obedecido, quando elle a chamou a si, e foi nelle que *Krishna* matou *Kaliya*, a serpente poderosa que não é outra senão a *cobra grande*, a *boia-uaçu* das lendas Amazonicas, e que deu origem a *Zy* ou *Bokan* e seus companheiros da lenda *Taryana*.

Se a procedencia do muyrakytã não é da Asia, por que se apresenta esse cortejo de factos, de origem oriental, que se prendem a tudo quanto o rodeia ?

Por que não apparecem outros que o prendam ao solo Americano ?

Appareçam as jazidas da nephrite na America, e cairão todas essas provas ; mas até lá não se poderá provar que a civilisação, que a archeologia nos mostra, no Amazonas, não seja asiatica.

O illustrado Dr. João Mendes de Almeida interpretou *yamundã*, dizendo que *jamundã* ou *nhamundã* é corruptella de *yá-min-ndába*. Na mania de tupinisar, á força, nomes verdadeiros *kechua* e *portuguezes*, deu essa interpretação, que a natureza do logar e da lingua repelle e não acceita.

Vejamos o que elle diz : « *yá-min-ndaba* corrompido em *nhamundã* e *jamundã*, « gretas occultas » ; de *yá*, « greta, racha, fenda », *min*, « esconder, occultar », levado ao gerundio pelo acrescimo *ab* ou *aba*, precedido de *nd* por ser nasal o som da pronuncia de *min*. Allusivo aos muitos *canaes subterraneos*, communicando-o com o Amazonas e com os outros rios parallellos. »

Princ  
os cana  
rio Yam  
Amazona  
tendo ap  
outro que

O pr  
Correm e  
que se al  
dominam  
braços é  
ou fenda  
mentane  
margens  
minea). C  
tem esse  
ahi ficam  
davam o  
da Fonse  
screve pe

Por  
occultos,  
pretação  
os escrip  
mundã,

Em g  
esconder  
yaminab  
yamundã,

Mun  
y guttu  
ou min  
aua e n  
nazalisa  
porque  
dos n. Ca

Principiemos pela parte topographica, a ver se existem os *canaes subterraneos* e as *gretas, rachas* ou *fendas*. O rio Yamundá, que pessoalmente explorei, lança-se no Amazonas defronte da ilha de Santa Rita, por uma só bocca, tendo apenas dous braços, um que entra no Amazonas e outro que estende para o rio Trombetas.

O primeiro é o Caldeirão e o segundo o Çapukuá. Correm estes canaes em terras de aluvião moderna e baixa, que se alagam pela enchente, pelo que, nesses canaes, predominam as aguas brancas do Amazonas. Nenhum desses braços é *canal subterraneo*, nenhum tem *gretas, rachas* ou *fendas*, porque nem ao menos as que são formadas, momentaneamente, pelas *terras cahidas*, existem por serem as margens excessivamente baixas e cobertas de canaranas (*graminea*). O Caldeirão não é *canal subterraneo*, nem tem *gretas*; tem esse nome porque o encontro das aguas, nas ilhas, que ahi ficam, a divisão dellas forma um redomoinho a que davam o nome de Caldeirão. E' justamente o que diz J. G. da Fonseca, na nota que o erudito Dr. João Mendes transcreve para apoiar a sua interpretação.

Por conseguinte, não havendo *gretas*, nem *canaes occultos*, não póde yamuná ou yamundá ter essa interpretação. Agora passemos para a parte linguistica. Todos os escriptores e os naturaes escrevem e pronunciam *yá-mundá, nhámundá* e não *yámindaba* ou *yámindaba*.

Em guarany *greta* é *yáyá, min*, é verdade, que significa *esconder*, porém reunido á verbal *ab, aba*, antes *aua*, daria *yáminaba* ou *yáminaua*, e o indigena pronuncia claramente *yámuná, yámundá, nhámundá*.

*Mun*, só póde ser corruptella de *mon*, ou de *myn*, com *y* guttural. *My*, guttural é *lança, ponta*, etc. e *mun* ou *min* nada exprime. A verbal guarany ou tupi é *ab, aba* ou *aua* e não *ndaba*. A nasal *min* não precisa de *nd* para nazalisar-se. Si fosse *daba*, como o *d* sóa *nd*, haveria razão, porque fundir-se-hiam os sons nazaes, e desappareceria um dos *n*. Com geito foi forçada a interpretação do Sr. Dr. João

Mendes, que é bonita, mas não é verdadeira, porque a natureza do rio a repelle.

Nas minhas interpretações nunca me esqueço do que se póde dar na variação dialectica dos vocabulos, e do que recommenda Max Müller, isto é, que palavras *differentes* se apresentam debaixo da *mesma forma* em linguas diferentes. Podem estar neste caso as minhas etymologias, e por isso ser falsas; mas, tambem, attendendo ao que diz o mesmo professor, a *mesma palavra* póde-se apresentar sob *formas diferentes* em linguas diferentes. Isto é mais commum e o que se dá na formação dos dialectos, devido á phonetica especial e particular, que modifica muitas articulações, fazendo-as se afastar da fórma primitiva.

Hovelacque, tambem, diz que duas palavras *com significado absolutamente igual em duas linguas* podem nada ter de commum entre si, não havendo a concordancia grammatical, por ser nulla a lexica; mas, si a ethnologia nos mostrar descendencia, si os factos historicos que a essas palavras se ligarem, será sempre inadmissivel a sua filiação?

Não corro atraz de homophonias, procuro os elementos a as raizes, sempre tendo em vista que, o indio não applica um nome que não tenha relação com o que quer definir, e o facto de ver sempre, entre tribus diferentes, palavras adoptadas de linguas tambem diferentes, mutuamente perpetuadas, puras ou modificadas pelo contacto e cruzamento.

Antes de continuar devo apresentar, ainda, uma prova que, presumo, vem justificar mais do que tudo a origem desse povo.

Vimos que a etymologia do nome Uaupé revela uma immigração, agora com outra se prova a descendencia do mesmo povo.

Como sabemos, o nome primitivo do rio a que se acolheram os fugitivos é *Ukaiari* ou *Kaiari*, que foi dado por aquelles que nelle primeiro penetraram; mas que significa? O Dr. Martius, no seu *Glossario*, diz que é rio

branco,  
dialecto  
seus affl  
as aguas  
Ukaiari  
ficou par  
preso ás  
entrega  
Tirado o  
José de  
os Vedas  
como o c  
prehistori  
resolução.  
coragem,  
nome do  
o amuleto  
a descobr  
as inscrip  
de ver qu  
amazonen  
origem a  
Onfroy Th  
do oceano.  
coincidenc  
saram-se n  
reclamente  
Desta seri  
nome de C  
alonguei s

(1) Chama  
(2) U por  
da Rev. trim.  
Amazonense.  
(3) Los P

branco, sem razão, porque nem na lingua geral, nem em dialecto algum, das tribus que habitam o Rio Negro, e seus affluentes se encontra semelhante etymologia, nem as aguas são brancas. (1)

*Ukaiari* é uma reliquia linguística, que, felizmente, ficou para confirmar o que o estudo das lendas descobre, preso ás jazidas de nephrite, que a mão do tempo nos entrega em *muyrakylās*, tirados do solo Amazonense. Tirado o pronome *U*, (2) *Kaiari*, como a escreve o padre José de Moraes, vem da lingua em que foram escriptos os *Vedas*, daquelles que atravessando o rio tão grande como o céu, da lenda Taryana, vieram trazer a civilisação prehistorica da America; vem do sanscripto, de *ka*, resolução, coragem, e *iari*, rio. *Rio da resolução* ou da *coragem, dos resolutos* ou *corajosos*, exprime, pois, o nome do lugar onde estacionaram, aquelles que traziam o amuleto de nephrite, que os animava a emprehenderem a descoberta do desconhecido e que após si deixaram as inscripções. Na continuação deste, teremos occasião de ver que não é este o unico nome que indica lugares amazonenses, na região do *muyrakytā*, que tem por origem a lingua dos livros vedicos, fóra os que nos aponta Onfroey Thoron (3) na sua « *Antiguidade da navegação do oceano.* » Será coincidência? Vejamos, ainda, como essa coincidência se reproduz. Os primeiros mysterios de Izy passaram-se na serra de *Tunahy* ou *Tunahy* como, mais correctamente, escreve Codazi e se pronuncia em Nova Granada. Desta serra se origina o rio *Tunahy*, que toma depois o nome de Guainiá. Já no primeiro volume, deste trabalho, me alonguei sobre a palavra *Tuna* e a radical *Don, Ton, Dun*,

(1) Chamam, no Amazonas, aguas brancas as aguas barrentas.

(2) *U* por *O* é um vicio de pronuncia Amazonense, como já fiz ver. Vide Supp. da *Rev. trim. do Inst. hist. geogr.* vol. LI, pag. 73 o a introdução da *Porandubá Amazonense.*

(3) Les Pheniciens à l'île d'Haïti à sur le continent américain.

*Tun* e mostrei que sempre, esta, entra em paavras que exprime *rio* ou *agua corrente*, na Asia, na Europa e na America, e só apparece, sempre, na região em que se encontra a nephrite ou o muyrakytū. A este distinctivo ou amuleto se prende, tambem, sempre ás radidaes *Tul* e *Kar*, ou *Kur*, como já o fiz ver. *Ton, lun*, é palavra asiatica e na linha migratoria da jade, em todos os dialectos sempre exprime *agua, agua corrente, rio*. Em japonéz, segundo boa autoridade japoneza, *Tun-ami* significa *agua recolta que corre em ondas*. Vemos pois na região em que appareceu *Izu*, filho de uma serpente, e do sol, que recebeu o seu distinctivo de chefe, o muyrakytū, das mãos da lua uma serra com o nome de *Tunahy*, de origem asiatica.

Na lingua maya, vemos que *Thun* tambem significa *liquido*, o que *cahe gotta a gotta*. Tem sempre esta radical uma significação de *elemento liquido*, em todas as linguas que da Asia se estenderam pela Europa e America, mudando o significado segundo o meio. Donde nasce na America esse facto, si não se liga ao berço da humanidade?

A crença nas mulheres que traziam o muyrakytū, isto é, na tribo, cujo physico era feminino, que não é outra sinão a das denominadas Uaupés, começa na povoação do Ereré, proximo a Monte Alegre, no rio Gurupatyba. A lenda do Paytunaré, que se prende á serra do Ereré unida á do Aruchy, apenas por uma baixa, que, geologicamente, as torna uma só montanha, com as duas eminencias diversamente nomeadas, vem tambem nos mostrar que essas mulheres que ahi chegaram com Paytuna, (1) descendiam de uma immigração asiatica. As inscripções que ahi existem, si bem que pintadas, impregnadas na rocha, que pela sua natureza absorvem a tinta e a conserva, não foram feitas sinão para recordar um facto. Si bem que

(1) Este nome ainda indica um descimento karayba, de tribus do lado do Rio Negro, porque *Paytuna, Palytuna* ou *Paytuna* significa *agua, rio do feiticeiro*. A palavra *tuna* ou *tuná*, agua, como já vimos é commun a varias tribus karaybas.

sejam de  
pções m  
havia, a

Essa  
perpetua  
da qual  
a sua g  
A inscri  
serra. Q

O q  
— S  
oriental

E' p  
(Aruch  
veremos  
quis'oc  
en real  
gen. ar  
la ques  
sur la A  
qui sig  
la Veda

Con  
seus ra  
Arushia

Nã  
cavallos  
no hori  
lhe der  
Que  
em si  
que em

(1)

(2)

(3)



sejam de data recente, cento e poucos annos, essas inscrições me provam que nessa época, na tribo que ali existia havia, ainda viva, a tradição de seus antepassados.

Essa montanha teve o nome de *serra do sol*, que foi perpetuado pela sua figura, que ali se vê representada, e da qual se aproveitaram os missionarios para satisfazerem a sua ganancia, como se vêem outro trabalho meu. (1) A inscrição perpetua o nome *Aruchy*, que tem a mesma serra. Que é pois *Aruchy*?

O que exprime esse nome em portuguez?

—S O L.— Figura que se vê representada na face oriental da rocha.

E' palavra da lingua geral ou tupi? Não; della, porém, (*Aruchi* ou *arushi*) se derivou o *aracy*, *coracy* *coaracy*, como veremos. Justifica-me Max Miller, (2) dizendo: « Les savants qui s'occupent de sanscrit savent sans doute que *arushè*, est, en réalité, le féminin d'une forme *arvas* nom. *arvân*, gen. *arushas*.. le féminin *arushi* a grande importance pour la question qui nous occupe, il jette une nouvelle lumière sur la formation d'un autre mot, *arushâ*, un masculin, qui signifie brillant ou rouge, et que revient souvent dans la Veda comme epithète du soleil. »

Com effeito, os cavallos vermelhos do sol, (3) isto é, os seus raios, no *Rig Veda* (I, XIV, 12) são denominados os *Arushis*.

Não perpetua a montanha, onde chegam brilhantes os cavallos do sol, em primeiro lugar, quando este apparece no horizonte, o nome, que, talvez, por essa circumstancia lhe deram os que conheciam o *Rig Veda*?

Que coincidência é essa de ter a montanha, que tem em si pintado um sol, do lado do Oriente, o nome *Aruchi*, que em sanscrito significa sol nascente, aurora?

(1) *Antiguidades do Amazonas*, pag. 51.

(2) *Mythologie Comparée*, pag. 173.

(3) Langlois traduziu, *coursiers rougêtres et rapides*.

Que outra coincidência é, também, a de prender-se a essa palavra, estranha, á lenda de uma tribu que possuía um amuleto que se prende ao hinduísmo?

Que coincidência é, ainda, a semelhança da palavra *Aruschi*, sanscrita, com *Uarachy*, Omaua, *Uaracy* ou *Aracy*, tupi, significando *sol*?

A radical *ara*, de *uaracy* ou *aracy* significa *dia, mundo*, o tempo, com o suffixo *cy, luz, fonte, origem, mãe*?

*Ar-vat*, no Rig Veda, significa a *rapidez do sol* e não será desse *ar* que vem o *ara*, tupi, e do suffixo sanscrito *ushi*, ou *chy, cy, tupi*? (1)

Dirão que *sol*, em tupi, como foi perpetuado, pela escripta e orthographia, vulgar portugueza e hespanhola, é *quaracy, coaracy* ou *goaracy* e *coracé*; mas, a palavra *coaracy* é composta, porque o *sol* é expresso, em absoluto, por *aracy* ou *arachy*, vindo *co* ou *ko*, por aglutinação, formar uma phrase tida por uma palavra.

*Ko* é o verbo *ser*, que ligado a *aracy* significa: *é luz* ou *origem do dia* ou *é luz* ou *mãe do mundo*.

As fórmulas orthographicas com *q* e *g*, de varios escriptores, são das prosodias portugueza e hespanhola. O *cy* ou *chy*, mãe, não é mais do que o aspirado *hy*, abanheenga.

Só ha aqui quêda do *o* para *a*, em vez de *arochy, arachy*, porém ahi facil é a explicação, porque *aró* ou *aru* é uma contracção da radical *ar*, *dia*, com o verbo *ró*, *desatar, abrir, etc.* e significar o *dia*, porém *claro, aberto*, donde veio adjectivar-se a palavra *aró* significando *alegre, risonho, etc.*

(1) Os indios, de Venezuela, teem a terminação *chi*, ou *tohi*, com a qual formam substantivos o adjectivos, no que se approximam aos turcos. Assim dizem *Karuarachi* ladrão; *autemachy*, moribundo; *karkarachi*, guerreiro; *purachi*, advinho, como os Turcos dizem *khoulaktaichi*, ladrão, *tariyatchi*, lavrador; *eutmeutchi*, padeiro, etc.

Ainda estes indios denominam a cobra de *Cham*, como os filhos das serpentes, que habitavam em Palenque, a si se denominavam.

*Aroch*  
a *mãe* d  
o *sol* os d  
Se diz  
dando-se a  
do *sol*, e  
a mudanç

Não c  
assim dize  
todas as li  
pela pronu  
sempre dã  
tilando-as

São es  
a parte in  
phonetica  
formar um

Sujeita  
as linguas  
lectos do A  
modificada

Poderia  
paradas co  
nada teem  
*bispo*, origi  
deu o *bisc*  
o *vescovo*,  
panhol.

O fran  
o dos *Ense*  
de Shakspe  
não são os  
prehendem  
D. Diniz, r  
muito men  
seculo XIII

*Arochy* ou *aruchy* é pois o *sol brilhante, aberto*, porque, a *mãe do dia*, só apparece para fazer o *dia alegre*, e sem o sol os dias são tristes.

Se dizem *ara* em vez de *aró*, póde ser, tambem, porque dando-se a *ara* ou *arara*, (Sittase coccinea) como precursora do sol, e esta ave pronunciando claramente *ara*, facil foi a mudança de *aró* para *ara*.

Não devemos nos admirar das metamorphoses, por assim dizer, que se teem dado na lingua indigena, porque, em todas as linguas, as acções creadora e destruidora, auxiliadas pela pronuncia de cada individuo, e pela natureza do meio, sempre dão novas fórmas ás palavras, modificando-as, mutilando-as e mesmo destruindo-as completamente.

São estas acções que, com o correr dos seculos e com a parte infinitesimal com que cada um concorre, com a phonética propria, acabam por modificar uma lingua e formar um dialecto.

Sujeitas a estas acções estão, mais do que nenhuma, as linguas americanas, e não é para admirar que, nos dialectos do Amazonas, appareçam palavras da lingua antiga modificada, corrompida ou mesmo mutilada.

Poderiamos citar palavras de linguas cultas, que, comparadas com as das quaes se originaram, apparentemente nada teem de commun, como seja, por exemplo, a palavra *bispo*, originada de *epi* e *skip*, que produziu *episkopus*, que deu o *biscop*, saxonio, o *bishof*, inglez, o *bischof*, allemão, o *vescovo*, italiano, o *evêque* francez e o *obispo* hespanhol.

O francez das aventuras de Gargantua e Pantagrue, o dos *Ensaïos*, de Montaigne, é hoje inintelligivel; o inglez de Shakspeare não é o de Longfellow; o italiano de Dante, não são os diversos dialectos da Italia, que pouco hoje se comprehendem como o portuguez do reinado de D. Manoel e D. Diniz, não é o de Castello Branco, nem o dos *Farpas* e muito menos o dos *Tamojos* e o do *Y juca pirâmo*. Si do seculo XIII, para cá, as linguas que teem uma litteratura tem

completamente se modificado, quanto mais as incultas e que resultam da fusão de povos diferentes?

As araras, vermelhas, são as precursoras do sol e symbolisam os seus cavallos ou raios, porque, quando este se mostra no horizonte, já o bando das araras, em procura das comidias, percorre o espaço, como fachos vermelhos.

A arara, em todos os povos da America, sempre symbolisou o sol, assim o vemos no Yucatan, em Guatemala e no Peru.

Entre os Nahuas symbolisava o fogo e o sol, que personificaram em Pocub-Cakix (ara 7 vezes côr de fogo). O *aroche* americano é a *Ara*.

Izy, indo ter com *Aracy*, alguma personificação do astro rei, revela o sabeismo, que recebeu dos Toltecas, que veio da Asia em épocas anteriores e posteriores á nossa éra.

Pela interpretação fica provado que a palavra não é indigena, e que se prende a um facto cuja origem é oriental, donde é a palavra que se perpetúa, denominando uma serra que tem um sol, *arushi*, onde se acolheu um povo que trazia o *muyrakytã*, de origem asiatica.

Parece-nos ser muita coincidência a reunião de tantos nomes, de origem sanscrita, em uma só zona, coincidindo o facto em ser só na região do *muyrakytã* que elles se apresentam.

Sabemos que os caracteres linguisticos são « indícios e não arestos », como diz Mr. Broca, e que se não compararam com os que nos fornece a anatomia, que se perpetuam; comtudo são mui preciosos, porque, mesmo atravez dos tempos, do meio e das modificações, sempre apparecem derramando luz sobre os caracteres ethnicos, que confirmam os que nos dão os physiologicos e os anatomicos.

Sendo assim, vejamos ainda.

A *cunhantan etã maloka*, amazonense, da tradição do rio Branco, que não é mais do que a *casa lobrega*, do Mexico e as grutas dos *chimés*, das Antilhas, onde ficava ? no

Rio Quib  
minara

Estu

Não

encontra

Para

a questã

tribu or

dos prim

sanscrit

aná, (2)

tribu, c

rauíana

lhana A

Qui

sendo e

Esta

que esta

ainda o

tação f

exacta ?

apparec

nomes

respon

do indic

das col

motas.

Ven

não só

(1) B

Quichés.

(2) E

(3) N

(4) N

Villano, c

Rio *Quicéuéné* ou *Queceuene*, a que os portuguezes denominaram rio *Branco*.

Estudemos o vocabulo *Quiceuene*. E' da lingua geral?

Não; nem na lingua geral, nem em outro dialecto se encontra a sua etymologia.

Para mim, esse nome, é um outro raio de luz que fere a questão, porque parece-me que significa *filho, gente da tribu* ou *da seita dos Quichés*, da palavra *quiché*, nome dos primitivos povos que invadiram a America, e do *uené* <sup>(1)</sup> sanscrito, *filho, gente de tribu* ou *seita*, que passou a ser *aná*, <sup>(2)</sup> com o significado de *parente, filho da mesma tribu*, com *Parauené, Anauené*, <sup>(3)</sup> que passou a ser *Parauiané, Anauiaud*, que já os portuguezes fizeram Paravilhana Anavilhana. <sup>(4)</sup>

*Quiché* quer dizer  *muitas arvores*, ou  *muitas familias*, sendo estas figuradas por arvores.

Esta interpretação, que tambem explica as lendas, que está de accordo com a origem do *muryrakytã*, será ainda o fructo de uma phantasia? Será ainda interpretação forçada, para comprovar uma opinião que não é exacta? Não cremos, porque mui facil e naturalmente apparecem as explicações, que indio algum dá para esses nomes e que, quando se lhes pergunta a sua significação respondem: *Taá kuáb*.— Quem sabe! — Este quem sabe, do indio, exprime muito; porque vai, sempre, para a origem das cousas, e implica uma idéa que vem de épocas mui remotas.

Vem, pois, justificar a origem asiatica do *muryrakytã* não só as lendas, como a lingua, e mostrar, contraprovando,

(1) Este *uené* poderá ser *Karayba* e significar *agua, rio* e será então *rio dos Quichés*.

(2) Parente, gente,

(3) Nação nauhá.

(4) Na carta do Amazonas, do Dr. Nery, já vem mudado o nome para *Anna Vilhana*, e já inventam uma historia para justificar essa adulteração.

o quadro genealogico que vimos, qual das familias dos Nauhas assenhoreou-se do Rio Branco.

Dirão que são meras semelhanças, que é um *status vocis*, uma homophonia; mas, como exprimem em ambas as linguas a mesma cousa e uso, perpetuados por lendas, tradições, inscripções e em objectos de uma rocha que, até hoje, só tem por origem a Asia?

Fidel Lopes apresenta mais de 1500 termos sanscritos no Kechua, no seu trabalho sobre *Les Races Aryennes du Perou*, que Mr. V. Henri combateu, <sup>(1)</sup> não admitindo ser a lingua Inca, uma lingua Aryana, por causa da sua agglutinação; creio, tambem, que nisso ha razão; mas, não priva, nem impede que nomes sanscritos puros ou modificados ficassem na lingua Kechua, pelo contacto daquelles que descendiam dos que esta lingua conheciam, quando vieram para a America.

Centenares de nomes temos hoje, em todas as linguas, que não pertencem á lingua do povo que os emprega, mas que os recebem bem e os adoptam. Sempre que um povo se apossa de um paiz, dá como recordação os nomes dos lugares patrios. E' um exemplo o valle do Amazonas, onde quasi todos os nomes de villas e cidades são portuguezes. Como no Perú, até onde estendeu-se a immigração asiatica, temos no Amazonas os mesmos nomes.

Entre nós brazileiros, por exemplo, temos na nossa linguagem, já não digo os termos indigenas, porém outros africanos, francezes, inglezes, italianos, e até allemães, que estão de tal fórma recebidos, pelo vulgo, que já são empregados em escriptos litterarios, e até, já, com sentidos diversos, não fallando nos gallicismos, nem nos neologismos.

A mistura das immigrações para o Mexico e Guatemala com os habitantes que acharam, de immigrações ante-

(<sup>1</sup>) *Congrés des Amer. de Luxembourg*, 2<sup>o</sup> vol., pag. 75.

riores p  
Brum (<sup>1</sup>)  
Orosco y  
familias,  
perdidas  
admira, p  
dialectos,  
perpetuar  
que mais

As p  
origem d  
veio escl  
litot (<sup>2</sup>) t  
jeitarem a

« Non  
nous per  
se refuse,  
des hypoth  
des entra  
comme so

M. Me  
de palavra  
havido out  
encobre, s  
com os cre

Casteln  
la riviere d  
assuré que  
retrouvé pl  
hébreux. »

(<sup>1</sup>) *Congre*

(<sup>2</sup>) *Congre*

(<sup>3</sup>) *Ann.*

(\*) *Explor*

Paris, 1851, pag.

riores produziu um tal mixto de linguagens, que Malte Brum<sup>(1)</sup> pelos trabalhos do sabio ethnographo Mexicano Oroasco y Berra, a calcula em 280 linguas, divididas em 11 familias, com 35 idiomas, e 69 dialectos, fóra 16 linguas perdidas e 62 idiomas, que tiveram o mesmo fim; não admira, pois, que no Amazonas tenham desaparecido esses dialectos, ficando, porém, algumas raizes e os nomes que se perpetuaram, porque estavam identificados a lugares, pelo que mais difficil se tornou a desappareição delles.

As provas que procuravamos accumular para provar a origem do muyrakytã amazonense, que a lenda de Izy nos veio esclarecer, não são meras hypotheses, e digo como Petitot<sup>(2)</sup> tratando da immigração asiatica, áquelles que rejeitarem as idéas aqui emitidas:

« Non, messieurs, c'est, ce que le simple bon sens ne nous permet par de faire, c'est, ce à quoi notre conscience se refuse, á moins qu'on ne réfute nos preuves, non par des hypothéses vagues e vaines, mais par des preuves tirées des entrailles du sujet, et puisées aux sources même, comme sont les notres. »

M. Mendoza<sup>(3)</sup>, também, apresenta um grande numero de palavras nahuas identicas a sanscritas, que mostram ter havido outr'ora, em tempos, que o espesso véo do passado encobre, sinão uma descendencia, um contacto immediato com os crentes de Budha.

Castelnau nos diz: <sup>(4)</sup> « J'ai rencontré á Santarem, sur la rivière des Amazones un Israélite assez instruit, qui m'a assuré que dans les langues indiennes du voisinage il avait retrouvé plus de cinquante mots très semblables á des mots hébreux. »

(1) Congrès des Amer. de Luxembourg, II, pag. 12.

(2) Congrès de Nancy, II, pag. 246.

(3) Ann. del Museu Nac. de Mexico. I. 1º, pag. 70.

(4) Explor. dans les parties cent. de l'Amer. du Sud. Hist. du Voyage. IV. Paris, 1851, pag. 207.

O arcepreste Monteiro de Noronha (1), em 1768, o disse Onvidor Ribeiro Sampaio (2), em 1775, e o naturalista A. Rodrigues, em 1786 o confirmaram, que os indios Uarexenas eram celebres por usarem *quipós* e os nomes hebraicos *Jacob, Joabi, Jacobi, Thomé, Thomequi, Davidú, Joanaú*.

Dirão, que devido ao contacto com os civilisados ou com os missionarios, apanharam esses nomes; porém indaguemos o facto.

A não ser a foz, esteve o Rio Negro até 1658 completamente desconhecido e só depois de 1725, foi elle franqueado das cachoeiras para cima. Pelo lado do Orenoco não estava explorado, tambem, pelos hespanhóes, porque, só em 1744 foi que Francisco Xavier de Moraes, com uma bandeira de rasgate, transpoz pela primeira vez as cachoeiras, e entrando no Caciquiare sahio no Orenoco, encontrando-se com o jesuita Manoel Romão, superior das missões de Orenoco, já perto do Guaviare, que não sabia que o Orenoco se ligava ao Rio Negro. Tanto não conhecia, que o jesuita Gumilla (3) disse: « Ni yo, ni missionero alguno delos que continuamente navegan costeando el Orenoco, hemos visto entrar, ni salir al tal Rio Negro. »

O Coronel Codazi, tambem, disse: (4) « Se sabe que este religioso en un viaje emprendido el ano 1744 para inspeccionar las misiones de alto Orenoco encontró á la altura del Guaviare con una piragua montada por europeus. En las soledades del Nuevo Mundo, en aquellos bosques impenetrables, en donde se esta continua inquietud por los animales ferozes de que se hallan habitados, nada sin embargo sobressalta y atemoriza tanto al hombre como la apparicion de sus semejantes. Justamente alarmado, se apresuró el mi-

(1) *Roteiro de viagem*, etc. Pará, 1862, pag. 72.

(2) *Diario da viagem*, etc. Lisboa, 1825, pag. 114.

(3) *Orenoco illustrado*, I. part. Cap. 2, pag. 17

(4) Codazi. *Informe*, pag. 6.

cionero  
portugu

Caciquia

Trin

Sampaio

bravios

tribus c

hebraico

pelo rio

desceu o

Pod

soffrido

e por is

que dei

mittia q

panhóes

Para

outra pa

era, atra

no dizer

Alér

passar,

primitiv

dos Nau

Bourboi

de Rora

de Yaq

Não

Ha,

poderia

das trib

Este

Yavi ou

Proy

alguns :

gatu.



cionero á enarbolar un señal de paz. Apoco se reconoció ser portuguezes... El jefe de las misiones los acompañó por el Caciquire hasta los estabelementos do Rio Negro. »

Trinta e cinco annos depois, isto é, quando o ouvidor Sampaio subiu o Rio Negro, ainda os Uarekenas estavam bravios e anthropophagos, entretanto sem contacto com tribus civilisadas, os prisioneiros já tinham esses nomes hebraicos, que trouxeram, naturalmente, de Nova Granada pelo rio Içana, onde existe a serra de Tunahy por onde desceu o heròe das lendas, o Izy ou Bokan.

Poderiam os Uarekenas ( Muyskas ? ) em 1536 terem soffrido o effeito do peso das armas de Gonzalo de Quesada e por isso fugido para o Rio Negro; porém, a carnificina que deixava após si esse hespanhol aventureiro, não permittia que os indios adoptassem nomes que não eram hespanhòes, e que só a paz e a amizade podem impôr.

Parece, pois, que esses nomes são reminiscencias de outra patria, a daquelles que, nos primeiros tempos da nossa èra, atravessaram o oceano, esse *rio tão grande como o céu*, no dizer da lenda.

Além dos vocabulos, que apresentei, não devo deixar passar, desaperebido, a semelhança que ha entre *Yauí*, primitivo nome dos Taryanás e *Yaquí*, que é tambem o nome dos Nauhas ou Toltecas, e significa, segundo Brasseur de Bourbourg, o que *anda*, o *nomada*. Ainda mais, na serra de Roraimá, no Rio Branco, existe uma tribu com o nome de Yaquí.

Não será aquelle uma adulteração deste ?

Ha, é verdade, a falta da guttural que, mais facilmente, poderia perder com o correr dos seculos e o cruzamento das tribus.

Este *Yauí* foi que a phonetica portugueza passou a *Yavi* ou *Javi* como de *Yauitá* fizeram *Javita*.

Propositalmente deixei para o final deste capitulo mais alguns nomes, que não pertencem á lingua geral ou nheengatu.

Como, anteriormente, vimos, os Taryanáas se julgam nobres, chefes dos demais índios, orgulhosos trazem o seu *nanacy* ou *tuichauaitá* pendente ao pescoço, para serem reverenciados por todos, e são mais aferrados á festa de Izy, a que dão o nome de *Pokonan*.

Vimos o termo *Quicéuene*, identificando-se com os *Quichés*, agora aqui temos o termo *pokonan*, que, também, nos recorda a tribo dos *Pokomans* de Guatemala, havendo apenas a queda do *m* para *n*.

Quem eram os *Pokomans*? Era o povo que constituia um dos reinos de Guatemala, fundado por um dos quatro principaes irmãos, que succederam a *Tanub*, o primeiro rei de *Tulan*, segundo a tradição guatemalteca, príncipe que também fundou o reino dos *Quichés*.

Os *Pokomans*, entrando em luta com os *Quichés*, sahiram vencidos, pelo que tiveram de se dispersar.

Nessa dispersão uniram-se a duas outras famílias e partiram alguns grupos directamente para os lados do Pacifico, segundo Brasseur de Bourbourg, e outros para o sul.

O nome *pokonan* dado á festa de Izy, não recordará o exodo da tribo vencida pelos *Quichés*, cujos costumes tinham?

Por que razão apparecem estas analogias, si o são, só entre a tribo que usa o *muyrakytá*, nos logares por onde a sua tradição se estende e as lendas apparecem?

Indubitavelmente *pokonan* é o *pokoman* de Guatemala, e se mudou o *m* para o *n* foi pelo mesmo motivo que deu lugar a que *memorare* passasse a *nembrar* e depois a *lembrar*, fez com que de *membrum* se fizesse *nembro* e de *mes pilum*, *nespera*, etc.

E' fóra de duvida que houve uma invasão, de um povo estranho no *Rio Negro*, levando ante si, fugidos, os que existiam, tanto que os que os Taryanáas indicam como taes os *Uaupés*, cujo nome significa os *fugitivos*, como vimos. Este nome pode ter sido dado, modernamente, pelos descendentes dos invasores, depois que aprenderam a lingua geral.

As  
Uaupés,  
o nome  
serra de  
tribus é  
ellas rep  
senhores

Se  
Quichés  
Uauapé  
denomin

São  
para que  
tambem,  
levam a c  
tica, a fa  
arvore, c

Si M  
Ukayari  
ainda ven  
solidifique  
que adia  
edificio.

Nana  
ryano, qu  
com prop  
homens li

Nana  
uma das c  
ruptella d  
tique, qui  
le consom  
cihuá nãc

(<sup>1</sup>) BRASS

As diversas tribus, que actualmente habitam o Rio Uaupés, todas ligadas pelas crenças, usos e costumes, dão o nome de Uaupés á tribu que hoje está nas vertentes da serra de Bogotá, quando, entretanto, os civilisados a essas tribus é que applicam o nome generico de Uaupés, que ellas repellem, principalmente os Taryaná, que se teem por senhores nobres do lugar.

Se Uaupés for corruptella de *Nauapé*, applica-se aos Quichés e Pokomans, descendentes de Nauhás, e se for *Uauapè* applica-se aos fugitivos a quem os Tarianás, hoje, denominam de Uaupés.

São hypotheses que aqui formulo, são dados que forneço para que outro, melhor estudando, nos esclareça; mas, são tambem, provas, antes d'outras mais convincentes, que me levam a das tres raças, distinctas, Amazonica, Nahua e Asia-tica, a fazer uma só verdadeira, isto é, oriunda de uma só arvore, cuja semente germinou na patria dos patriarchas.

Si *Nauretá*, *Nauapé*, *Quicéuene*, *Pokonon*, *Aruchy*, *Ukayari* e *Yamundá*, me levam pelos Toltecas para a Asia, ainda vem *Nanacy* concorrer, tambem, para que mais se solidifique a escada que nos levará á verdade, fóra o material que adiante temos armazenado para a construcção do edificio.

*Nanacy* não é palavra da lingua geral, é vocabulo taryano, que só exprime o objecto sagrado, signal de realza, com propriedades que só as teem a Divindade, mas que os homens ligam aos amuletos.

*Nanacy* muito se parece com *Nanauac*, *Nanahuatl*, uma das divindades do *Codex Chimalpopoca*. Não será corruptella de *Nana cihua*? *Nanahuatl* era «Le dieu syphilitique, qui pour avoir osé entrer le premier dans le feu qui le consomme est transformé dans le soleil» (1) e *Nana cihua* não será a femea, *cihua*, desse deus?

(1) Brasseur de Bourbourg, *Popol Vuh*, 143, note 3.

A tradição que as mulheres presenteavam, com o *muyrakytã*, os homens que apagavam-lhes o fogo venereo, não parece querer mostrar que *Nanacy* era a divindade das mulheres, emquanto *Nanahuatl* era a dos homens.

Por que razão era o *muyrakytã* mais estimado pelas mulheres, como até hoje?

Não foi elle, pela lenda, trazido da lua, a hermaphrodita, na opinião das tribus do rio Negro?

*Nanahuatl* era o sol, *Nanacy* não seria a lua? Aquelle protegeria os homens e esta ás mulheres? Seja o que for.

Nada podemos lobrigar por entre as espessas trevas que encobrem o passado, sómente não podemos deixar de admitir que *Nanacy* não seja vocabulo tariano herdado do Nauha, legado por *Izy*, o mytho syphilitico, que fecundava as mulheres.

As suas festas, como vimos, são festas orgiacas, nas quaes a união dos sexos é frequente, pelo que provocam a ira dos missionarios.

*Nana*, tambem, entre os *Babylonios*, cumpre-me aqui tambem notar, pela affinidade que apresenta, é uma divindade que reside na lua.

Antes de largar a penna, neste capitulo, seja-me licito apresentar ainda outra observação, que se junta á innumeras circumstancias que se prendem ao *muyrakytã*, e levam o *Izy yai*, o *Yurupari*, dos civilizados, para os *Nahuas* prendendo-se tambem aos *Aymaras*.

Os *Katauichys* e os *Kachararys*, tribus que, ainda hoje, habitam o rio *Purús*, estendendo-se os primeiros até o rio *Meneruá*, afluente do *Yuruá*, são partes de uma das tribus que ante as forças do *ynca Mayla Capac* ou do *ynca Roca* fugiram e se refugiaram no *Purús*.

Não é por ver, em *Garcilaso de la Vega*, a nação *Catahuaci*, que sou levado a identificar esta com os *Katauichys*, mas, baseado no *muyrakytã*, na lenda do *Yurupari* e nos seus costumes.

Os  
usavam  
festa d  
o seu  
mesm  
ouvire  
Os  
do dilu  
fabrico  
superio  
têm o  
*giuá*, e  
que a  
á marg  
em out  
Res  
que se  
Bokan,  
anda; e  
dente e  
ary, de  
do mes  
Ess  
signific  
sol da  
que tam  
Ou  
sol, exp  
Ain  
passam  
de *Omu*  
*Ke*  
Kubeua  
ouro.  
Este  
sanskrit

Os Katauichys tinham o habito de achatar a cabeça; usavam o muyrakytã, com o nome de *naçuruky*; teem a festa do Yurupari inteiramente semelhante á dos Uaupés; o seu mytho tem os mesmos attributos, e obedecem ás mesmas leis do jejum e de morte, para as mulheres que ouvirem ou virem os instrumentos.

Os Katauichys, que, pela sua maranduba, se recordam do dilúvio, do qual escaparam *Uaçu* e *Sofara*; que no fabrico da sua louça mostram um grande adiantamento, superior ao das outras tribus e igual só ao dos Uaupés, têm o instrumental sagrado destes, que é o chamado *magiuã*, e a estes se prendem pela festa de *Izy*, mostrando-nos que a influencia do legislador, estrangeiro, se estendeu até á margem direita do Solimões, baixando então do Perú, em outra época.

Resta-me ainda tratar do nome *Naruna*, o da mulher que se tornou a rainha das mulheres, que abandonaram Bokan, quando elle foi impor a sua lei ao povo de Aryanda; a qual, suppondo-se abandonada, tornou-se independente e, seguida de todas as companheiras, desceu o Ukaiary, depois de cortarem os cabellos e de deixal-os na casa do mesmo Bokan.

Esse nome nos lembra o de *Varuna*, dos Vedas, que significa o firmamento quando ligado á idéa de noite, o sol da noite, que foi o que originou o *Ouranos* dos gregos, que tambem mostra um dos nomes do *céo*.

Ou virá *Naruna*, de *Aruna*, que derivado de *arus*, o sol, exprime o recolher-se desse astro?

Ainda mais. Entre os nomes das serras, em que se passam os episodios da lenda do Rio Negro, existem os de *Omum-keran*, *Keran-Kumã*, etc.

*Keran* significa *serra*, *montanha*, *monte*, no dialecto Kubeua. Dessas serras, diz a tradição, outr'ora, extrahiram ouro.

Este *keran* não será *Tiran*, *montanha* ou o *Kiran* sanscrito, que significa *ouro*, ou o *kharous*, semítico,

que, segundo Renan, foi o que originou o *krysos* dos gregos?

Não dariam, aqui, o nome do continente pelo conteúdo, se é que não perpetua o mesmo *tiran*, modificado em *keran*? E' crença, diz a tradição e a historia, que as tribus, como a dos Tarianás, e Omauas, das cabeceiras do Rio Negro, e Ukaiary usavam de palhetas de ouro nas orelhas e ao pescoço. Não dariam, por metonymia, ás montanhas o nome do metal que dellas extrahiam? São pontos de interrogação que ponho, na analogia que encontro, entre o nome kubewa e o sanscrito, outros mais competentes que respondam.

Algumas palavras, agora, sobre o nome Aryanda.

Parece-me que este nome foi dado por quem tinha reminiscencias sanscritas, por descendentes dos que conheceram o povo Aryacæ, que vivia além do Oxus, e do qual nos fallam Ptolomeu, Strabon e Plinio. Lembra-nos, tambem, esse nome o do rei *Aryantes*, *Seytha*, do tempo de Dario e o de *Aryapati*, um dos contemporaneos de Xerxes.

Sei, que é perigoso fundamentar-se argumentos sobre semelhanças de nomes; mas, no caso em questão, quando a ethnologia nos falla a convencer, penso que não deixa de ser razoavel, documentar-se a certidão da origem do *muyrakyatã*, com os elementos que se nos apresentam naturalmente. Por que não podia trazer o povo, vindo da Asia, vocabulos sanscritos, embora tivesse uma lingua aglutinativa? Os nomes que mais perduram são aquelles que se ligam ao sólo, aos astros, ás pessoas notaveis e são, justamente, este que vemos perpetuados. Sabemos que todo o povo que emigra, como recordação saudosa da patria que deixa, já o disse, dá aos novos lugares em que habita os nomes proprios daquelles que viram o seu nascer, e por isso vemos em todos os paizes nomes que não pertencem á lingua nelles usada.

Para não nos servirmos senão da prata de casa, citarei apenas alguns nomes, só do valle do Amazonas, como:

Belém  
Far  
Castr  
ao se  
brazil  
serva  
nome  
portu  
Cordo  
encon  
perpe  
Foi as  
nhola  
para  
A  
Naud  
scrito  
mudo  
meio  
Dizem  
sete c  
hagun  
que é  
latino,  
Br  
indica  
poster  
o *pode*  
de ver  
ram s  
Na  
bedoria  
E'  
mittem  
os que  
origine

Belém, Oeiras, Badajós, Santarem, Serpa, Viseu, Cintra, Faro, Obidos, Mazagão, Ourem, Barcellos, Chaves, Soure, Castro d'Avellãs, Bemfica, etc., todos de Portugal, ligados ao solo do Brazil, por emigrantes portuguezes. Como o brasileiro falla a mesma lingua de Portugal, os nomes conservaram-se puros, mas se fallassemos só o Guarany, esses nomes estariam todos adulterados, como adulteraram, os portuguezes, os nomes arabes *Korthoba*, *Chantarym*, para a Cordova, Santarém. Ainda mais, no meio de tribus selvagens encontram-se palavras portuguezas e hespanholas, que se perpetuaram entre ellas por apresionamento de brancos. Foi assim que encontrei, entre os Crichanás, a palavra hespanhola *mancheta*, que significa faca, empregada por elles para designar o mesmo instrumento.

Agora, para terminar pergunto eu, si o proprio nome *Nauá*, que alguns escrevem *nahua*, não será o *navas*, sanscrito, que com a adulteração da pronuncia, hespanhola, mudou *v* em *u*? Não ligariam, os homens o nome dado ao meio de transporte dos que primeiro chegaram á America? Dizem as chronicas que os primeiros *Nahuas* sahiram de sete *covas* ou *grutas* para designar família; porém, *Sahagun* diz que essas *grutas*, não eram mais do que navios, que é o verdadeiro significado de *navas* donde veio o *navis*, latino, e o nosso navio.

Brasseur de Bourbourg, é verdade que, diz, que *Nahua* indica *sabedoria e poder*; mas, essa mesma indicação, dada posteriormente, tem alguma razão. Os homens que tiveram o *poder* de *atravessar* o oceano, e *souberam* construir meios de vencel-o, aventurando-se dentro de um navio, mostraram *sabedoria*.

Naquellas épocas, como mostrar maior poder e sabedoria do que vencendo as vagas do oceano?

E' puro homophonismo, me dirão, aquelles que não admittem que o homem americano se origine do asiatico, os que não são monogenistas; mas, que acceitam que se origine o homem do *macaco*; porém, responderei como

Whitney: (1) « Pendant la longue période du passé il y a eu des empietements infinis, des mélanges, des déplacements, des destructions de races humaines (ou branches de la race humaine), comme il y a eu impietement, mélanges, destructions des langues ou des branches de la langue unitaire.»

No capítulo seguinte passo a commentar a lenda de Izy, com materiaes ethnologicos, para construir o edificio que nos mostre, melhor, a patria do *muyrakytã*.

Para finalisar este, direi que o que melhor nos prova a existencia de um ramo dos Nahuás, mexicanos, no Amazonas é sabermos que elles ainda hoje existem neste grande rio com o mesmo nome Nahuá. Eu os vi e de uma bella mulher tirei uma photographia.

Depois de sahirem de Nova Granada, habitaram por largos annos o Rio Yapurá; porém, depois desceram, atravessaram o Amazonas, subiram o Rio Yuruá e foram se estabelecer, já no Perú, entre os Katukinas. Hoje se dividem em Kachinahuás, Yaminahuás e Uakanauás, nomes que indicam os lugares que habitam. Os Uakanauás são os ribeirinhos. Si, nos nossos dias, do norte da America do Sul, tendo de atravessar o grande Amazonas, já estão quasi no centro do Brasil, porque não podiam, outr'ora, vir do sul da America do Norte, para o norte da America do Sul?

Mais uma coincidência ou homophonismo devo aqui apresentar, entre as muitas coincidências que tenho apresentado.

Na região das Ykamiabas, entre o Rio Trombétas e o Yamundá, no lugar dos *idolos* e dos *muyrakytãs* ha o lago *Çapukuá*, *sapocoá* ou *Çapikóá*.

Vacub-Caquix, o sol, pelas riquezas que possuia em pedras verdes, da lenda Quiché, que se orgulhava dos seus

(1) Whitney, *Loc. cit.* pag. 224.



*chalehuitls* (verdes como el cielo,) (1) tinha dous filhos, dos quaes um se chamava *Sipacud*, (2) e se dizia o creador da terra ou das montanhas.

Acho entre estes dous nomes muita analogia, si é o mesmo, pouco se alterou com a pronuncia. Será propriamente tupi-karany, ou Quiché? Por que apparece no Amazonas esse nome, que tambem é Quiché. Em karany *capiquá* é um sacco de dous fundos, que se aperta no centro e que, em Minas Geraes, tem o nome de *picudá*. Será essa a etymologia do *Sapucudá* amazonense? Ou será o *caminho do formigueiro*— de *Içá*, formiga, *pé*, caminho e *cuá* por *cuar*, o buraco? Não o creio. A verdade é que o *Sapicudá*, dos Quichés, tinha pedras verdes, e no lago Sapucudá ellas se encontram.

(1) Francisco Ximenes diz: «Los indios del Quiché en su idioma no distinguen el azul del verde», como os do Brazil tambem não distinguem e nem tem sinão um vocabulo para as duas cores: *Akyr* ou *oby*.

(2) Bras. de Bourbonnig escreve *Zipacna*, emquanto que Ximenes escreve *Sipucudá*; penso que acertadamente, porquanto para *Zipacna*, o padre Brasseur não achou interpretação possivel.

---

#### IV

O SOL E OS AMULETOS. OPHIOLATRIA. VOTAN E BOKAN. OS OMAUAS E OS NAHUAS. PLATYCEPHALIA. A ESTOLÉCA. A PINTURA DOS DENTES. O SOLIMÕES. O CAUCHO E O JOGO DA PÉLA. OS MAYAS E OS MAYURUNAS. UM KING.

As lendas, que colhi, são documentos que vieram provar que razão me assiste para afirmar que o *muyrakytã* é um producto da arte, que se prendia ás crenças dos *filhos do sol*, e que, como talismans, foi trazido para a America em épocas prehistoricas, acompanhando um povo, cujo chefe era não só reformador como legislador, por isso nas notas que se seguem não faço mais do que explicar o que me levou a ter essa opinião que para muitos é arrojada.

A idéa de que a America foi visitada pelos filhos da Asia, não é minha, muitos tem se empenhado em provar, isso, porém baseado em simples hypotheses, e em documentos cujas raizes não se prendem ao antigo Continente, pelo que já passa por *Chinoiserie*, o que se tem querido justificar. Entretanto, baseado no unico monumento, até hoje, provado ser de origem asiatica e nas lendas que a elle se prendem, venho trazer o meu modesto contingente, fructo de estudos despretençiosos; mas, feitos com consciencia.

Qu  
de Bour  
faço ma  
encontr  
Bol

Pinon,  
mittliu

A'

travam

do-se co

segunde

ser *filho*

pelas a

(223 A.

de mã

Matoua

Ent

o seu p

encontr

*pedras*

quanto

Das

gena, re

a chefia

govern

Que

cebera

Nãc

theogor

por filh

recebeu

(<sup>1</sup>) Na  
mostrei que

Essa fa

Que a raça nahuá desceu ao Peru, já o sabio Brasseur de Bourbourg, tambem, o procurou mostrar, por isso, não faço mais do que pôr em evidencia as analogias que tambem encontro guiado pelo muyrakytã.

Bokan da lenda amazonense, como vimos, era filho de Pinon, a grande serpente que recebera do sol leis que transmittiu á seu filho, e este a seus companheiros.

A' força foram estes impondo-a aos povos que encontravam; destruindo os que não a acceitavam, fraternisando-se com os que deparavam da mesma seita; como fez o segundo apostolo Náuináui, que se orgulhava em affirmar ser *filho do sol*, quando nascera de *uma virgem* (1) fecundada pelas aguas de um rio, como foi o primitivo rei da Coréa (223 A. C.) *Tchumong*, que era filho do sol e neto por parte de mãe, do Rio Ho, como nos diz o historiador chinês Matouan-lin.

Entre os objectos recebidos do *sol*, para melhor firmar o seu poderio e reformar os usos dos povos com que se encontrava, figuram o nanacy e os espelhos magicos, as *pedras verdes e escuras*, amuletos pelos quaes via tudo quanto em sua ausencia e a distancia se passava.

Das mãos da lua, a *hermaphrodita*, na opinião indigena, recebeu tambem outro amuleto, a pedra que assegura a chefia. Todas essas pedras lhe asseguravam os meios de governar.

Que pedras eram essas, se não os muyrakytãs, que recebera do sol e da lua?

Não quer isso dizer, que esse legislador trazia uma theogonia bebida no Continente daquelles que se tinham por filhos do sol? não foram essas as pedras que Vagoniana recebeu, segundo a lenda Haitiana?

(1) Na *Porandaba Amazonense*, tratando do *Yurupari dos tapuyos*, á pags 97. mostrei que todos os mythos indigenas tem sempre por mães, *mulheres virgens*; Esse facto é ainda uma reminiscencia asiatica.

Qual era o povo que ainda, até hoje, se tem por filho do sol?

Não é o povo da Asia, o vulgarizador do vocabulo Kara?

Não foi della, como já se tem provado, que vieram aquelles que, na historia Americana, são conhecidos por nahuás, dos quaes descendem os Karaybas?

Não foram estes os mestres, os legisladores, os architectos dos maiores monumentos que attestam uma civilisação superior á do antigo Egypto? Não foram esses filhos do sol que, lutando, impuzeram uma nova seita, novos costumes e novos usos?

Compare-se a vida desse povo industrioso, com a dos heróes da lenda Amazonense, ligada á pedra verde dos seus *chalchihuitls*, que foram apresentados na serra do Tunahy<sup>(1)</sup> e ver-se-ha que razão tenho em crer que a civilisação que se encontra nos despojos que encobre o solo Amazonense yeio do velho mundo.

Sahiu da America Central, subiu o Magdalena, chegou ás montanhas da Colombia e dahi espalhou-se pelo Amazonas. O povo portador dos novos costumes, descendo a cordilheira oriental, fugindo das invasões que lhe conquistavam as terras, das agruras e das neves das outras ramificações dos Andes, em procura de solo livre e mais ameno, dividiu-se, e em épocas diversas, tomando as cabeceiras do Guaynia, Içana, do Ukaiary, do Kaduyury, do Apaporis, do Caquetá, do Potumayo, do Aguarico, pelos rios Negro, Yapurá, Içá e Napo chegou ao Amazonas.

Podiam se corresponder, todos, desde o rio Negro até ao Napo, porque este liga-se pelos lagos Lagarto-cocha ao Içá, este com pequeno trajecto por terra e pelo Guinéo se une ao Yapurá e este pelo Apaporis da mesma fórma,

(1) TUNAHY, segundo o mappa de las costas de Tierra firme desde el Orinoco hasta Yucatan, de las illas antillas y la maior parte de las Lucayas con las derrotas que siguió Colon en sus descubrimientos por estes mares y las derrotas de otros navegantes que reconocieron las costas de Venezuela pelo Coronel Codazzi,

pelo Cad  
Uaupés

Pela  
com Bols  
cruzaram  
assento.

A ho  
tanto se  
prégar e  
talvez es  
sua pass

Vimo  
agora a  
transcrev  
O heróe

« O g  
d'agua. A  
ainda q  
deliciosa,  
ahi não  
a prova  
religiosar

Perto  
tural, ent  
respectiva  
Kororoma  
ultimas,  
taram a o  
estava co  
quieta, se  
Era um s  
sada, das

(1) Os V

(2) Tho

pelo Caduyuri e pelo Ira-paraná se communica com o rio Uaupés e com o Tikité.

Pelas lendas se veem os grupos que desceram pelo Içana, com Bokan, pelo Guduyuri, com Canceri, etc. Esses grupos cruzaram-se, fugindo uns dos outros, e procurando melhor assento.

A horda do rio Negro foi, talvez, o principal grupo, e tanto se demorou nessa travessia, que teve tempo para prégar e impor, com lutas, a nova lei, e perpetuar nas rochas talvez esse facto, si não são as inscripções os avisos da sua passagem.

Vimos a lenda de Vagoniana, nas Antilhas, vejamos agora a da origem dos Karaybas, na Guyana, que aqui transcrevo, para mostrar que é a mesma lenda adulterada. O heróe é o mesmo. Diz o missionario Brett. (1)

« O grande Espirito, creou o Essequibo e outros cursos d'agua. Além disso, formou para os Waraus, (2) seus amados ainda que errantes filhos, um pequeno lago de agua deliciosa, impondo-lhes que sómente bebessem della, porém ali não tomassem banho, pois advir-lhes-hia mal. Essa era a prova de obediencia e todos os *homens* deviam observal-a religiosamente.

Perto desse logar encantado habitava uma familia, natural, entre os Waraus, composta de quatro irmãos chamados respectivamente Kororama, Kororomana, Kororomatu e Kororomatitu com suas irmãs Korobona e Korobonato. As ultimas, duas lindas, mas, obstinadas donzellas, desrespeitaram a ordem, e aventuraram-se á agua prohibida. No centro estava collocada uma vara que, emquanto permanecesse quieta, seria sua salvaguarda. Isto excitou-lhes a curiosidade. Era um segredo que ambas deviam descobrir. A mais ousada, das duas, por fim arriscou-se a sacudil-a e dahi o que-

(1) Os Waraus, dos inglezos, são os *Arouagues* dos francezos ou *Aruakys*.

(2) The Indians Tribes of Guyana. London, 1868, pag. 390.

brar-se o encanto que havia ligado o espirito do lago (que parece ter sido de natureza e propensões muito semelhantes ás de um rio da antiga Grecia) e *imediatamente tomou posse da donzella, como legitima recompensa.*

Foi grande a indignação dos irmãos, quando, depois de algum tempo, sua irmã *tornou-se mãe.* Mas como a criança era a todos os respeitos igual a um de seus proprios filhos, depois de longa conferencia, não permittiram que vivesse e crescesse com elles, e o crime da mãe foi perdoado.

Elle, porém, não podia esquecer o lago encantado e depois de algum tempo repeliu a transgressão.

Então appareceu-lhe a dor com que a ameaçaram! O fructo do segundo crime sómente semelhava á raça humana na cabeça e membros superiores, que eram de um bello rapaz. Como o peccado de Milton, apezar de seu sexo opposto em criança, segundo a legenda Warau «acabou disforme entre uma multidão de serpentes».

As outras extremidades semelhantes ás cobras do camudi dos rios e pantanos da Guyana.

Apezar de aterrorisada com o aspecto de seu filho, Korobona *acariciava-o secretamente no interior da floresta, para onde o levou.*

Seus irmãos, afinal, descobriram o segredo e traspassaram o *menino-serpente* com suas flexas, deixando-lhe a cabeça. Mas sob os cuidados da mãe elle reviveu e depressa tomou grandes proporções.

As suspeitas de seus irmãos, tendo sido despertadas por suas frequentes visitas á floresta, elles a seguiram e sem serem vistos ouviram, a distancia a conversa com o filho.

Temendo que pudessem ser, accidentalmente, vencidos por creatura tão terrivel, que depois do que tinha acontecido, poderia naturalmente olhal-os como inimigos, resolveram um ataque com toda a força de seu poder.

Assim, fizeram muitas flexas e puzeram suas armas em ordem.

Sua ir  
cebeu um  
aviso de ell

Ataca  
fugiu-se n  
chuva de f  
em pedaço

A infê  
em um m  
frescas e g

Depois  
Os vegetae  
signaes de  
*indio de a*  
*de um verr*  
e estava,

Esse g  
progenitor

Esta le  
ou Bokan,  
aguas de  
tambem, c  
tornar-se c

Passare  
tenho em  
chegam ao  
do *sol* as  
que quer is  
prendia ao  
Rica, tendo  
Cundinamar  
Chibchás, (

(<sup>1</sup>) Segund  
cozinha dos p  
que fez entre as

Sua irmã, sabendo da proposta desses preparativos, recebeu uma resposta evasiva. Depois disso fugiu para dar aviso e elles a peseguiram.

Atacando o mysterioso ser que procuravam, elle refugiou-se no regaço de sua mãe. Elles o invalidaram com uma chuva de flechas e para fazerem tudo seguro; o cortaram em pedaços, mesmo á vista della.

A infeliz Korobona, cuidadosamente, reuniu os restos em um monte que ella, continuadamente, cobria de folhas frescas e guardava com terna sollicitude.

Depois de longa vigilia, sua paciencia foi recompensada. Os vegetaes que cobriam o filho começaram a rebentar e dar signaes de vida. Dahi ergueu-se lentamente o *guerreiro indio de apparencia magestática e terrível. Sua frente era de um vermelho brilhante, trazia arco e flechas nas mãos e estava, além disso, prompto para a primeira batalha.*

Esse guerreiro foi o *primeiro caraiba*, o grande pai progenitor de uma raça poderosa. »

Esta lenda, salvo pequena variante, é a mesma de Izy ou Bokan, como este, o primeiro Karayba, foi gerado nas aguas de um lago e é filho da serpente, como elle foi, tambem, criado, occulto, para com o seu apparecimento tornar-se o chefe da poderosa tribu.

Passarei agora á Nova Granada para mostrar que razão tenho em identificar as diferentes raças que do Norte chegam ao Amazonas. Bokan, como tenho dito, recebeu do *sol* as pedras verdes e da *lua* a pedra do chefe; o que quer isso dizer? Nada menos do que mostrar que se prendia ao povo que descendo de Choroteca, hoje Costa Rica, tendo subido o rio Magdalena, chegou a Bogotá e Cundinamarca e, que, mais tarde, originou os Muyscas ou Chibchás, (1) dos quaes é ramo a tribu dos Omauas.

(1) Segundo Paravey, na sua *Memoria sobre a origem japoneza, arabe ou biscaína dos povos de Bogotá*, a origem dos Chibchás é japoneza, pelo profundo estudo que fez entre as linguas dos povos de ambos os paizes.

Esse povo tinha dous mythos conhecidos pelos nomes de *Zaque de Ramiriqui e Sungamoxi*.

Depois da creação dos homens, não havendo ainda luz, ordenou *Sungamoxi* a seu sobrinho *Ramiriqui* que subisse para o céu, e obedecendo, esle, tornou-se o *sol*, Bochica, vendo depois que essa luz não era ainda sufficiente, subiu elle proprio e transformou-se em *lua* cheia. Antes, porém, a Eva Chibeha de nome *Bachue*, ao alvorecer o primeiro dia do mundo, *sahiu do lago* Iguaque, com um filho de tres annos, e *escondeu-se no matto até ficar adulto o filho, que foi o pae do genero humano*. Depois de povoado ao mundo voltaram para o mesmo lago e transformaram-se em serpentes.

Foi, em uma das montanhas do planalto de Bogotá, a serra de Tunahy, das cabeceiras do Içana e do Yapurá que vem da Colombia, que Bokan começou a estabelecer a sua lei, isto é, dahi partiu descendo o rio Guainia subjulgando os povos, que encontrava, até o Amazonas.

O *sol*, pois, que lhe entregou as pedras verdes, e a *lua* que lhe collocou ao pescoço a *nanacy*, foram Ramiriqui e Sungamoxi. A adoração ao sol e á lua perdurou entre os Muyscas, porém dasappareceu hoje do rio Negro.

O costume do *nanacy* trazido ao pescoço, modificado hoje entre os Uaupés, quanto á forma, é ainda o mesmo que tinham os Nauhâ-Quichés, de Costa Rica, que, tambem, originaram os Muyscas.

O costume do amuleto, ao pescoço, veio trazido pelos ascendentes dos Nauhás para America do Norte e para o norte do Brazil. Foram esses Karaybas os primeiros invasores do Amazonas.

A lenda, pois, de Izy ou de Bokan, vulgarmente conhecida por Yurupari, não é mais do que uma pagina arrancada do Livro de Votan, o herbe Tzendal e de Quetzalcohuatl, o *Bokan e Pinon* do rio Negro, todos *filhos das serpentes* e descendentes de *sol*.

Passemos agora ao Perú.

Vejam  
sinos, si nã

A mã  
e reida ter  
que fica ac  
*sol*, e espal  
dormia sob  
rebatou em  
trazer para  
queria lhe

Chegar  
zendo sacri  
Roka, vesti  
*appareceu*  
logar sagra  
*de ouro e*  
*seu propi*

Depois  
vezes, cohe  
Correndo a  
« Fingindo  
junto de su  
de vista em  
*templo do s*  
*o sol. Vam*  
« Todo  
tidão, prég  
*esperança.*

Foi pre  
outras leis p

Não é a  
reminiscen

Em res  
no Mexico,  
Guyana, In  
prezos á m



Vejamos a lenda do Ynka Roka, como nos refere Montezinos, si não é a mesma de Izy, das tribus Amazonenses.

A mãe do heróe, querendo fazel-o reconhecer filho do sol e reida terra, *o conduziu « a uma caverna de Chingana, que fica acima de Cuzco e onde havia um antigo templo do sol, e espalhou o boato de que Ynka Roka quando, um dia, dormia sobre um rochedo, foi sorprendido pelo sol, que o arrebatou envolvendo-o em seus raios, dizendo que o tornaria a trazer para ser o rei de Cuzco, porque elle era seu filho, e queria lhe dar instrucções.*

Chegando o quarto dia, passou a mãe toda a manhã fazendo sacrificios ao sol para obter a sua volta. Ao meio dia, Roka, vestido de metal e de joias, conduzido por sua mãe appareceu no lugar convencionado, que foi, mais tarde, o lugar sagrado dos Indios; *o sol dando sobre as placas de ouro e de pedrarias, espalhava tanto brilho que o seu proprio se offuscava.»*

Depois desapareceu. No segundo dia appareceu tres vezes, coberto de placas de ouro e deitou-se em uma caverna. Correndo a noticia o povo, em trajas de gala, correu a vel-o. « Fingindo accordar-se, apparentou espanto por achar-se junto de sua mãe e rodeado de tanta gente. Lançou um golpe de vista em torno de si, e em tom grave disse. *« Voltem ao templo do sol ahi eu apresentarei as verdades de meu pai, o sol. Vamos, immediatamente, para lá.»*

« Todo o povo para ahi foi e Inka Roka, dirigindo-se á multidão, prégou uma doutrina nova de *ressurreição moral e de esperança.»*

Foi proclamado Ynka e começou a regeneração. Entre outras leis poz um vigor a do *casamento e não da monogamia.*

Não é a mesma apparição de Izy, modificada? Izy será uma reminiscencia de Inka Roka?

Em resumo, Zymmou, no Japão; Votan, Ktzalcohuatl, no Mexico, Vagoniana, nas Antilhas, o primeiro Karayba, na Guyana, Inka Roka, no Perú, e Izy ou Bokan, no Brazil, todos prezos á mesma lenda, sendo todos filhos do sol, gerados

n'agua, e tendo o *muyrakitã*, recebido do sol, como signal de poder e realza.

A lenda brasileira parece uma reminiscencia dos fundadores do imperio de Xibalba e os factos, que ficaram registrados no livro sagrado dos Quichés, apparecem no Amazonas, uns truncados, outros perdidos, confundidos de um lado, invertidos do outro, mas por toda a parte a afinidade salta e muitas vezes clara n'um ou n'outro ponto. Reunir os seus *digecta membra*, afim de mostrar o cortejo que acompanha o *muyrakytã*, que tem a sua principal raiz nos rochedos asiaticos, tem sido o meu intento.

Examinemos ainda. Os Nahuás, conhecidos tambem por *homens da raça das serpentes*, tiveram por fundador de seu imperio *Votan* <sup>(1)</sup> segundo uns, ou *Quitزالcohuatl*, o filho da serpente *Cihuicohuatl*, segundo outros, os quaes para muitos representam um só individuo, meio historico, meio mythologico. Alguns querem tambem que o nome de *Votan* fosse perpetuado em mais de um individuo, o que é tambem a minha opinião.

*Votan*, segundo os *papeles sueltos* de Ordonez, talvez extrahidos da Probanza de *Votan* e que o Padre Braiseur de Bourbourg confiou a M. de Charancey, escreveu um livro sobre a origem dos indios e nelle « o principal argumento se reduz a provar que é da raça das serpentes ». <sup>(2)</sup> O manuscrito de *Votan*, escripto em tzendal e cheio de yerogliphos, esteve guardado em *Soconusco* por espaço de 20 séculos, e só, em 1691, foi achado e queimado pelo bispo D. Francisco Nunes de la Vega, que felizmente delle tirou o assumpto.

Cabrera, tratando desse manuscrito, <sup>(3)</sup> diz: « Entre os quadros acha-se o titulo da sua historia, *prova que sou uma serpente.* »

(1) Alguns o fazem ser *Odin* scandinavo.

(2) Charancey. *Le mythe de Votan*, pag. 11.

(3) *Description of the ancient city*, pag. 33.

No m  
vera vigi  
trar-se cor  
nhecer po  
bourg, di  
« Il d  
qui traver  
A' l'é  
chemin n  
*parce qu'*  
Pahyt  
Monte Ale  
rece por u  
Quetza  
foi amame  
sua mãe *Ch  
Tuan*, a m  
mãe Chima  
uma *pedra*

Por aqu  
pente, com  
karaybas q

Aquell  
de um pov  
introduziu e  
figuras, que  
foram guar  
introduziu  
bidas do so  
*loka* <sup>(1)</sup> *Vot*  
Bokan fez c

(1) *Revista*

(2) *Mondiet*

(1) Já vim

guardarem em ca

No mesmo paragrapho, depois, diz ainda: « Que resolvera vigiar até que chegasse a raiz do céu afim de encontrar-se com os seus parentes, as serpentes, e fazer-se reconhecer por elles. Ordonez, citado por Brasseur de Bourbourg, diz:

« Il dit qu' on le fit passer par un chemin souterrain qui traversait la terre et se terminait a la racine du ciel.

A' l'égard de cette circonstance, il ajoute que ce chemin n'était autre qu' un trou de serpent ou il entra parce qu' il était fils de serpent. »

Pahytuna, o companheiro das Amazonas, da lenda de Monte Alegre, que publiquei outr'ora, (1) tambem desapparece por um buraco de serpentes.

Quetzalcohuatl quer dizer *serpente azul ou verde*, e foi amamentado por uma serpente Cihucuhuatl, por ter sua mãe *Chimalcan* morrido no acto do parto, como morreu *Tuan*, a mãe de *Nauinai*, da lenda brazileira. A virgem mãe *Chimalcan* concebeu, segundo a lenda, por ter engulido uma *pedra verde* calchihuitl. (2)

Por aqui se vê que, Votan, tinha-se por filho de uma serpente, como de serpentes descendiam *Pinon* e *Bokan* os karaybas que invadiram o rio Negro.

Aquelle, pelas suas luzes, conseguiu ser o chefe supremo de um povo, este pela mesma forma o conseguiu. Votan introduziu entre o seu povo as *pedras verdes*, representando figuras, que eram muito reverenciadas e algumas das quaes foram guardadas, na *casa tobrega*, por mulheres. Bokan introduziu no meio de seu povo as mesmas pedras, recebidas do sol e guardadas por donzellas na *cunhan etá maloka* (3) Votan ensinou a *lavar a terra* e a cultivar o milho, Bokan fez o mesmo.

(1) Revista Brazileira. Rio de Janeiro. 1831, pag. 26.

(2) Mendieta, Hist. eccl. Indiana., lib. II. cap. VI.

(3) Já vimos que os Karaybas tinham o mesmo costume, porém, em vez de guardarem em casa, o faziam em grutas escuras.

Para sustentar seu poderio e impor a sua lei, o heroe das pedras verdes do Mexico, teve de lutar, e pelo mesmo motivo, o do Amazonas tambem lutou.

Votan fez diversas viagens; Bokan tambem as fez. Quanto ao seu nascimento, nada sabemos de Votan senão que descendia de Imox, e que era da *raça das serpentes*, porém de Bokan conhecemos o nascimento.

Era filho do pagé da raça de *Pinon*, <sup>(1)</sup> que tinha em torno do corpo uma *serpente de estrellas*, e é hoje representado pela constellação *Serpentarius*. O primeiro era, pois, da raça das serpentes, era um *chan*, um *colhua*, o *naga*, gerado mesmo por uma serpente, segundo as lendas. Penso, porém, que ha na lenda Amazonense uma confusão de factos, dando-se no Amazonas para o nascimento de Bokan o de Hun-Ahpu e Xibalanqué.

O tempo e a tradição, oral, motivaram talvez a confusão, que, entretanto, em nada prejudica a justificação que procuro fazer, para identificar os Uaupés com os Nahuás.

Como vimos, Izy ou Bokan teve a mesma origem de Hun-Ahpu, ambos nasceram de salivas de fructos, ambos tiveram as mãis condemnadas á morte; ambos foram infelizes logo depois de nascerem; ambos lutaram para serem chefes, e para abafarem as rebelliões que depois se levantaram.

Mais uma identificação entre Bokan e Votan.

A lenda do Amazonas diz que Bokan mandou fazer a casa para os mysterios da sua lei, pelos quatro companheiros, que a *fizeram em tres dias em um logar occulto*, que não é mais do que o que nos diz Brasseur de Bourbourg: <sup>(2)</sup> « l'institution des mystères religieux que Votan avait établis dans ce temple caché dans le ravin, loin des regards profanes ».

(1) Em tukano e kubena quer dizer *serpente grande*.

(2) Hist. des nat. civ. du Mexique, I, pag. 73.

O Bis  
brosa dos  
de um so  
nella se gu  
terra-cota  
que se fez  
attributos,  
e as panel  
os Kachara

Vemos,  
descendia,  
de Bokan,  
ainda hoje  
para a Am  
por *nanac*  
Quanto ao  
de arvores,  
trazidas do  
pogonicas e  
aryana e m

Muitos  
originados,  
como as do  
dostão, trad

Vimos  
civilização A  
lysemos o s  
não existe  
dialectos on  
que, posto q

Neste no  
em todos os  
o *feticeiro*,

O Bispo de Chiapas, tambem, diz que a *Casa tenebrosa* dos mysterios da religião de Votan, *foi edificada de um sopro, isto é, em muito pouco tempo*<sup>1</sup> e que nella se guardavam os *ídolos de pedra verdes e urnas de terra-cota*: não é, justamente, a casa mysteriosa de Bokan, que se fez de um sopro e nella se guardavam os seus attributos, que comprehendia as *pedras, sombras da noite*, e as *panellas* de seus feitiços, como ainda hoje o fazem os Kachararys?

Vemos, pois, no Amazonas apparecer Hun-Ahpu, que descendia, por Votan, das serpentes, sob a denominação de Bokan, usando o povo, ao qual legou leis, pelas quaes ainda hoje se rege, as *pedras, cibas*, dos nahuás, trazidas para a America, por Votan, conhecidas entre os Taryaná's por *nanacy* e denominadas pelos tapuyos, *myrakytã*. Quanto ao terem vindo ao mundo gerados por fructos de arvores, nada ha de extraordinario, porque são crenças trazidas do primitivo berço. A crença nas arvores anthropogonicas e nos fructos geradores estende-se a toda raça aryana e mongolica.

Muitos dos personagens da sua cosmogonia foram assim originados, e muitos fructos representam cabeças humanas, como as do jardim da *Rosa de Bakavali*, conto do Hindostão, traduzido por M. Garcin de Tassy.

Vimos como um dos nomes que tem o heroe da civilização Amazonense se prende aos nauhás; agora analysemos o segundo, o de *Izy*. Na lingua geral ou Tupi não existe o som da letra *z*, e, mesmo nos differentes dialectos onde ella apparece, é com o de *tz* ou *dz*, pelo que, posto que se escreva *Izy*, a pronuncia é *Itzy* ou *Idzy*.

Neste nome vejo a syllaba radical *Itz*, que é commum em todos os dialectos mayás e quichés, e que significa *o feiticiero, o sabio*.

(1) Const. Diocces. del Obispado de Chiappas, n. 34.

Dando os Taryanás, ao seu heroe, o nome de *Izy* ou *Itzy*, dão o mesmo que os mayás davam aos seus mestres e conquistadores *Itzáés*, nome este que os hespanhoes ainda encontraram entre os indigenas, quando se referiam aos primeiros mestres que abordaram ao Mexico. Dahi vem o nome *Itzabal*, os filhos dos Itzáés, *Itzamna*, a casa do sabio, do mestre; *Itzapalotl*, outro nome de Xquiq, a virgem mãe de Hun-Ahpu, que derribou o reino de Xibalba, e muitos outros nomes de homens e logares que começam pela radical *Its*.

Devemos tambem notar que o principal idolo dos Itzas era Hubo, que *não podia ser visto pelas mulheres*; «No women were allowed to join in the temple ceremonies.»<sup>1</sup>

E' ainda um facto que prende o Izy Amazonense a Itzapalotl, nahuá.

Além das analogias, que até aqui tenho apresentado, que parecem ser bastantes para mostrar a origem commum das hordas norte-americanas com as do rio Negro, ainda apresentarei outras considerações.

Ha uma crença arraigada no espirito de todos os indios e tapuyos, que nada os convence do contrario: a da existencia da *cobra grande*, a *boia-uacu*. Dous mythos existem sob esta denominação, um astronomico, outro zoologico. Do primeiro ha lendas e do segundo só crenças. Em geral é a *çukuriyu* (Eunectes murinus) que alimenta a credice, que aterrorisa o tapuyo, que acredita tanto no *bicho do fundo*, como na propria existencia. As barrancás cahidas, pelas margens dos rios; as aberturas que fazem as aguas dos lagos, abrindo passagem para os rios, de uma noite para outra, no tempo das vasantes; os individuos que vão se banhar e desapparecem, tudo é produzido pela cobra grande ou bicho do fundo,

(<sup>1</sup>) Bancroft, *The nat. races*, III, pag. 483.

que jamais  
ao bicho  
estendem  
muitos in  
della; tud  
tambem d  
Esta o  
cencia per  
em épocas  
idéas, de c  
priedades?

Por qu  
do valle d  
do Imperic

A cobr  
terras do f

O tapu  
do rio, mo  
cobras terre

D'onde  
mytho d'ag  
hua, o myt

E' esse  
prende á id  
rochas, nas  
contram d  
tambem do  
nos monum

E' esse  
de compr  
Adam's Co  
de 25 a 30  
talmente ne

(<sup>1</sup>) Bancroft

que jamais se viu e, até, casos de loucura são devidos ao bicho do fundo, que *pega* a roupa que as lavadeiras estendem á margem do rio. Da cobra grande se originam muitos individuos, que figuram em contos, como filhos della; tudo isto ainda não se prende aos Nahuás, que também descendiam das cobras?

Esta ophiolatria, por assim dizer, não é uma reminiscencia perpetuada pela tradição daquelles que immigraram em épocas prehistoricas? D'onde vem essa communhão de idéas, de crenças, dando ao mesmo ophidio as mesmas propriedades? São coincidencias fortuitas?

Por que razão só existe esta superstição entre os indios do valle do Amazonas e não se encontra entre os do sul do Imperio?

A cobra grande, da crendice amazonense, só vive nas terras do fundo dos rios e lagos.

O tapuyo não mata a çukuriyu, porque dizem ser a *mãe do rio*, morta ella seccarão as aguas, mas não perdoam as cobras terrestres.

D'onde se vê que não ligam importancia senão ao mytho d'agua, sendo por conseguinte o mesmo mytho nahua, o mytho asiatico.

E' esse mytho que symbolisa um poder occulto, que se prende á idéas hoje desconhecidas, que se vê gravado pelas rochas, nas incripções que perpetuam uma marcha e se encontram desde a America Central até o Amazonas, indo também do Mexico ao Ohio, e que se vê esculpido ou pintado nos monumentos archeologicos, quer de pedra, quer de argila.

E' esse mytho que representa a serpente de 700 pés de comprimento, esculpida no monte Brusk Creeck, em Adam's County (1). E' esse mesmo mytho a serpente de 25 a 30 metros de comprimento que corre horisontalmente na face, quasi perpendicular, da rocha do *Serro*

(1) Bancroft, *The nat. races. Antiquities*, IV, pag. 771.

*pintado*, (1) a 15 kilometros ao noroeste de Aturas, e a 6 de distancia da margem direita do alto Orenoco, em uma elevação de 30 a 40 metros acima do nivel da planicie, cuja photographia foi tirada pelo meu amigo o Sr. Conde Stradelli, que obsequiosamente me communicou.

A origem e os attributos dessa serpente se perderam na noite dos tempos, conservando-se só na imaginação dos indios a crença da sua existencia.

Os SS simples ou dobrados, collocados em diversas posições, que se vê no manuscripto de Votan, de que já fallei, que pela sua posição vertical (SS) ou horizontal (S) significa a Asia ou a America, que não é mais do que a *cobra grande* ou o *mesmo Votan*, como bem diz Charancey, vê-se tambem nas inscripções do rio Negro.

O proprio nome *Bokan* parece uma adulteração de *Uotan* ou *Votan*, como este é adulteração de *Khotan*, que produziu tambem *Köpan* a capital de Tlapalan. (1)

Onffroy Thoron diz que é o *photan*, hebraico, que significa serpente. (2)

A mudança do *B* para o *V* e vice-versa é commum pelo contacto castelhano. Muitos nomes indigenas temos escripto com *v*, cuja pronuncia é com *b*.

Temos a troca da dental *t* para a guthural *k*, mas, attendendo-se ao grande numero de annos, ao cruzamento de linguas diversas e ás adulterações phoneticas e graphicas será impossivel essa mudança?

Assim como o *rag*, veda, passou para o *reich*, gothico, para o *rex*, latino, para o *rioch*, irlandez, para o *ri*, gaulez, para o *ré*, italiano, para o *rei*, portuguez e para o *roi*

(1) Depois de escriptas estas linhas chegou-me ás mãos o *Bolletino de la Società Geographica Italiana*, serie III. vol. I, de agosto de 1888, no qual, á pag 715, traz a descripção do Serro Pintado e uma xylographia que representa a mesma serpente.

(2) Onffroy de Thoron, *Les Pheniciens d'île d'Haïti et sur le continent Americain*, 1880, pag. 21.

francez, pe  
Nauhá par

Além o  
coração, c  
porque est  
« Votan sou  
tribus sauv  
les premier  
culture du  
varias trib  
mendando  
terra e do

Foi « u  
ligieux (3)  
riere quatr  
en proie de

Tudo is  
tradições; d  
ha identifica

Identifica  
pente, e a p  
rica Central  
Uancos, pel  
zonas.

O costu  
pente é da

Para a  
que predom  
seus descen  
rakyatás, vin

(1) Charanc

(2) Obr. ci

(3) Obr. ci

(4) Obr. ci

(5) Obr. ci



Aturas, e a 6 de  
co, em uma ele-  
la planície, cuja  
Conde Stradelli,

se perderam na  
imaginação dos

os em diversas  
Votan, de que já  
u horizontal (Z)  
mais do que a  
n diz Charancey,

o.  
adulteração de  
de *Khotan*, que  
alan. (1)

hebraico, que

rsa é commum  
indigenas temos

a guthural *k*,  
nnos, ao cruza-  
ções phoneticas

?  
o *reich*, gothico,  
ara o *ri*, gaulez,  
z e para o *roi*

francez, poderia passar, modificado, o nome do legislador Nauhá para o dos Uaupés.

Além disso *Bokan*, que no dialecto Kubeua quer dizer *coração*, *centro*, tem o mesmo significado que *Votan*, porque este em tzendal é tambem *coração*. Ainda mais: «Votan soumit soit par force, soit par ruse a ses lois les tribus sauvages qui vivaient dans les forêts, leur enseigna les premiers éléments de l'art agricole, spécialement la culture du maïs et du cotonnier.» (1) Bokan submetteu varias tribus á sua lei, ensinou-lhes a agricultura, recomendando em um dos artigos de sua lei a cultura da terra e do milho.

Foi «un *legislateur eminent*; (2) un *reformateur* religieux (3); intreprit dans le cours de sa longue *carriere* quatre voyages (4); au retour trouva son peuple en proie de la discorde,» (5) e dividiu o seu estado.

Tudo isso deu-se com Bokan, segundo as lendas e as tradições; de onde veem portanto tantas analogias, si não ha identificação do mytho?

Identificado Votan com Bokan, vê-se o culto da serpente, e a *platycephalia*, que existia no Mexico e na America Central, usada pelos Karaybas, pelos Aymaras, pelos Uancos, pelos Karans, estendida pelo Orenoco até o Amazonas.

O costume de circumdar uma montanha com a serpente é da cosmogonia Asiatica e passou á America.

Para ainda mostrar que a civilisação Asiatica foi a que predominou no Amazonas, para onde veio trazida pelos seus descendentes, os quaes traziam ao pescoço os *muyrakytás*, vindos da dispersão dos povos Nahuás e Karaybas,

(1) Charancey. *Le mythe de Votan*, pag. 8

(2) Obr. cit. pag. 8

(3) Obr. cit. » 8

(4) Obr. cit. » 9

(5) Obr. cit. » 9

apresento ainda uma prova, que se não pôde dar por simples analogia.

Os Nahuás contavam que tiveram por origem covas, de onde sahiram. Pedro Martyr <sup>(1)</sup> o disse e Frei Gregório o repetiu: « La major parte de los hombres salio de una cueva que era major e mais capaz, la qual se llamaba *Casibaxagua*, e la menor parte de la otra, que era menos capaz é no ton grande lo qual se llamaba Amayauna.»

Estas covas, segundo alguns autores <sup>(2)</sup>, não eram mais do que os navios em que vieram para a America, como já vimos.

Não foi de uma cova que *Karu-çakaiby* <sup>(3)</sup> da lenda munduruku, da região do muyrakytã, fez sahir os homens que distribuiu por tribus?

Os mesmos nomes *Karu* e *Karida*, o companheiro de Bokan, não tem a radical, *kara*, do *Karayba*, que dos Nahuás se originou, como já vimos? Não é o *Karu* sanscrito e a radical de *Karaboum*, *Karahissar*, *Karabouram*, *Karaboghhar*, *Karakou*, *Karasu*, *Karakol*, *Karatap*, *Baïan-Kara*, *Boukara*, <sup>(4)</sup> etc, e outros nomes da Tartaria, onde está Khotan?

<sup>(1)</sup> Decad. Ocean. libr. 40.

<sup>(2)</sup> Sahagun, *Hist. gen. de las cosas de N. Espana*. Libr. I. pag. XVIII.

<sup>(3)</sup> Barbosa Rodrigues. *Rio Tapajós*, pag. 140.

A radical *Karu* de todos esses nomes de logares quer dizer *mão*, synonymo de *negro*.

<sup>(4)</sup> *Boukara*, *Boukara* vem do mongol *bo*, thesouro e da mesma radical sanscrita.

Tem esse nome por ser *kar*, *kara* ou *hara*, que tem, tambem, o significado de sciencia, cidade da Asia, conhecida como sendo o centro do saber.

Em 1840 haviam nella 103 escolas de varios graus de conhecimentos humanos, frequentadas por 40.000 estudantes.

A sua valiosa livraria foi destruida pelo sanguinario Genghis Khan ou Genghis Kara, o rei Genghis ou o poderoso (mão) Genghis.

Diversos nomes existem no Turkestan, principalmente em Yuthian, que começam pelo vocabulo *Kara*, que não significam só *negro*, por exemplo, o rio *Karu Kasch*, o monte *Karangun Kosch*. Note-se que *Karangun* foi o primitivo nome de Caracas. *Kasch*, que os turcos fizeram *Tusch*, quer dizer *pedreira*, *jazida*, mas especialmente do *yu* ou jade, pelo que significam o rio, o monte das *pedreiras* que dão a *jade dos chefes* porque, a jade deu sempre a pedra que indica chefe ou *Kara*.

Antes  
o das Am  
ainda trata  
*Auas*, *Ag*  
chrismada  
vadiram o  
Granada, c  
tomando n

Penso  
chegou ao  
fugindo an  
Quezada, e

Os Mu  
tavam as  
muxi, afflu  
desceram,  
varam ant  
serra de T  
pelo Caquet  
donando s  
muitos m

O Padr  
que «os Ag  
por terem  
muitos ann  
mento que  
até darem  
quasi todas

Tanamp

alguns no

<sup>(1)</sup> *Quicos*  
<sup>(2)</sup> Os Mux  
eram, conheci  
*Trikagus*, *Yaric*  
Monkunches, T

<sup>(3)</sup> *Comp.*  
120.

Antes de soldar os tres élos, que tenho procurado unir, o das Amazonas e o dos Uaupés com o dos Nahuás, devo ainda tratar dos *Cambebas*, *Omáus*, *Omauás*, *Omaguas*, *Auas*, *Aguas*, para mostrar que esta tribu, tão differente chrismada, faz parte tambem de um dos grupos, que invadiram o Amazonas, vindos do mar dos Karaybas para Nova Granada, onde, estabeleceu-se, com o nome de Muyscas, tomando no Perú o de Quixos. (1)

Penso ser este grupo um dos mais modernos, e que chegou ao Amazonas, descendo pelo Caquetá, pelo Yapurá, fugindo ante os Castelhanos, quando ao mando de Gonzalo de Quezada, em 1535, invadiram o seu territorio.

Os Muyscas, (2) depois conhecidos por Chibchás, habitavam as *punas* das cabeceiras dos affluentes do rio Sogomuxi, affluente do Magdalena, perseguidos pelos invasores, desceram, e, ao sul de Bogotá, atravessando os Andes levaram ante si os Omáuas, que pelo Guaynia, passaram pela serra de Tunahy, sahiram no rio Negro, descendo outros pelo Caquetá. Na marcha precipitada, da fuga, foram abandonando suas riquezas, que, segundo Acosta, (3) subiam a muitos milhões.

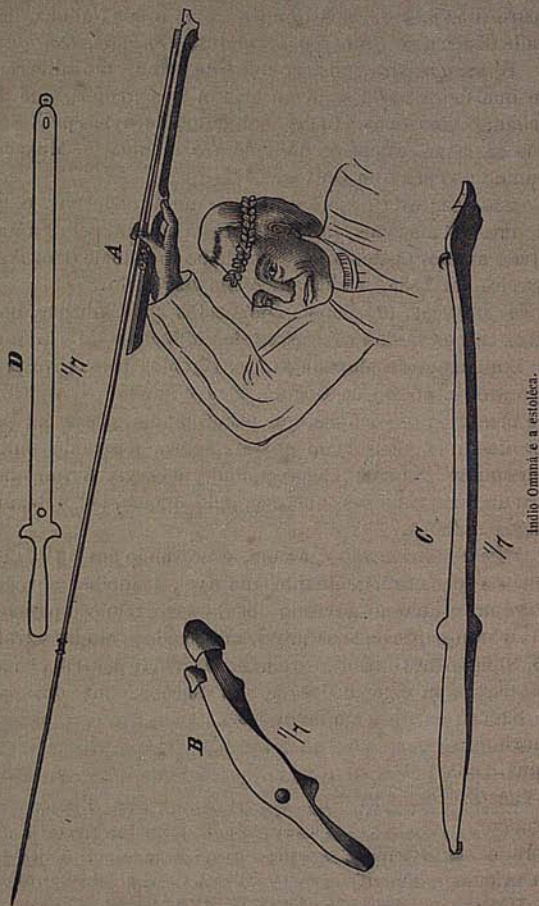
O Padre Christovão d'Acuña, escrevendo em 1644, disse que «os Aguas eram gente mais razoavel, de melhor governo, por terem estado no governo dos Quixos « não são passados muitos annos », de onde sahiram, « obrigados pelo máo tratamento que se lhes davam, e a deixaram, vindo pelo rio abaixo, até darem com a força dos da sua nação », que occupava quasi todas as ilhas do Solimões.

(1) *Quixos* não é mais do que *Quiches*, pela pronuncia hespanhola.

(2) Os Muyscas estavam, na epoca da conquista, divididos em diferentes tribus e eram, conhecidos por Muyscas, propriamente ditos, e por Laches, Chitas, Nombures, Trikgas, Yarikauas, Mukupaties, Chamas, Aviamos, Mocobes, Eskaueras, Muysas, Monkunches, Tostos, Umugukaros, Tapanes, Chitureros e Omáuas.

(3) *Comp. hist. del. descubrimiento y colon. de la Nueva Granada*, pags. 123, e 126.

Mais tarde os Carmelitas portuguezes, com elles, fun-



daram as missões de S. Paulo, depois Olivença ; de S. Chris-

tovão, an  
Castro d  
Fonte Bôa

Estas  
em que se  
dirigidas  
João Bapt  
reunindo-

Data  
Em 1

Olivença ;  
Ferreira  
ainda a c  
gundo o r  
na Bibliot  
a presente

Era u  
que ainda  
se pergun  
puro a qu  
Omáua ! S

Seis c  
com os  
viver nas  
ser o ma  
ras ou sob  
e, emfim,

Sabem  
marginava  
Chans, Co  
de Yucatar  
obrigavam  
cobra, e co  
sua origen

Um ch  
nos diz Ov

lovão, antigo Enviratyba, e posteriormente conhecido por Castro d'Avelãs; a de Guadelupe, antigo Trakuátyba, hoje Fonte Bôa, e a de S. Mathias, que se reuniu a Castro d'Avelãs.

Estas missões prosperaram até o anno de 1709, época em que foram reduzidas a cinzas pelas forças castelhanas, dirigidas pelo missionario jesuita Padre Samuel Fritz e João Baptista Sona, que levaram os Omauas para o Perú reunindo-os em S. Joaquim de Omáguas e em Yurimauas.

Data dahi o aniquilamento da tribu.

Em 1774, comtudo, ainda, grande era o seu numero em Olivença; porém, em 1787 quando o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira esteve no Amazonas, sô existia um que tinha ainda a cabeça chata e se chamava Dionysio da Cruz, segundo o mesmo diz em uma memoria inedita, que existe na Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro e da qual extrahi a presente gravura, tirada do natural.

Era um povo altivo e orgulhoso da sua linhagem, tanto que ainda hoje; como outr'ora, Paulo Marcoy ouviu: quando se pergunta a algum descendente ou mesmo a algum ainda puro a que tribu pertence, com orgulho responde — sou Omáua! Sou filho de Omáua!

Seis circumstancias me levam a identificar os Omáuas com os Nahuás-Quichés: o uso da platycephalia; o de viver nas ilhas, guerreado pelos povos das margens; ser o mais adiantado em civilisação e trazer samarras ou sotainas, usar a estoleca, tingir os dentes de preto e, emfim, o proprio nome.

Sabemos que a ophiolatria existia entre os povos que marginavam o golpho do Mexico, pelo que os primitivos Chans, *Colhuas* ou *Collahuas*, os Toltecas e os Yucatecas de Yucatan não só achatavam a cabeça dos filhos, como obrigavam-os a tornarem-se vesgos, para terem o olhar da cobra, e com ella mais se parecerem e assim provarem a sua origem ophidica.

Um chefe Nahuá, de Nicaragua, em um interrogatorio, nos diz Oviedo, que respondera que: « As crianças quando

com elles, fun-



Indio Omáua e a estoleca.

ça; de S. Chris-

nascem teem as cabeças tenras e petrificam-as para tornal-as semelhantes ás nossas, com duas bossas de cada lado e um concavo no meio, porque nossos deuses disseram a nossos avós que assim teríamos um ar bello e nobre ; isto torna tambem a cabeça mais dura para conduzir fardos. »

Os Karaybas, que nasceram da dispersão dos povos da America Central, eram tambem platycephalos e para não alongar este trabalho apenas cito o que diz Rochefort na sua *Histoire naturelle des Antilles*, á pag. 437, tratando dos Karaybas : « Mais par un artifice et non naturellement ; car leurs mères la leur pressent à leur naissance et continuellement pendant tout le temps qu'elles allaitent. »

Este uso, commum aos Karaybas, e aos Nahuás, era que distinguia essa grande tribu, que o Padre Acuña encontrou no Solimões, e que ainda tem representantes no Orenoco e nas cabeceiras do Apaporis, no rio Yapurá.

A platycephalia, nessa tribu, era geral, tanto que dahi veio-lhe o nome que as tribus, que fallavam a lingua geral, lhe deram de Cambeuas ou *Cambebas*, corruptella de *Akang*, cabeça e *peua*, *peba* chata.

A platycephalia é uma cadeia, que tem por fuzis os Omáuas, os Nahuás e os Toltekas, que se prendem tambem a povos da Asia, aos de alguns paizes da Europa e aos Aymaras, aos Huancas, aos Chis ao Chanas, ou Chincas, todos, quanto a mim, oriundos dos *Chans*, que a tradição perpetúa nas duas Americas.

Garcilaso, (1) tratando das fronteiras de *Karanque*, hoje Karakas, diz: « Auffitôt que les enfants étoient nez, ils leur appliquoient sur le front, sur le chignon du cou deux petites tablettes, entre les quelles ils leur preffoient tous les jours la tête jusqu'à l'âge de cinq & ans, par ce moyen elle devenoit plate & fort longue. »

Laurent de Saint Cricq, mais conhecido por Paul Marcoy, 2 diz que os Aymaras « qui donnaient à ces constructions

(1) Garc. de la Vega, *Hist. des Incas*, II, pag. 389.

(2) *Voyage à travers de l'Amor. du Sud*, I, pag. 82.

une date  
l'ahuas, d  
nation éta  
du Pérou

Collab  
se alliar  
meiros he  
que ficou,  
tume da p  
porque o  
personific

Brasse  
serait ven  
qui aurait  
l'ère Chris

Não f  
uso e do p  
Asia, e é

Segun  
hans, da C  
primait ar  
qu'elle pri

Saben  
esse uso.

Os Hu  
patria da  
tinham as  
cendi prin

Frei C  
do mesmo

(1) Popo

(2) Ethn.

(3) Um d

(4) Lib.

(5) Pag.

une date très-reculée, les attribuaient à la nation des *Collahuas*, dont ils se vantaient d'être issus. Suivant eux, cette nation était venue jadis d'un pays lointain, situé au nord du Pérou».

Collahuas é antiga nação dos Colhuas, os Chans, que se alliam aos Chichimecas; Colla foi um dos quatro primeiros homens, typo de uma das quatro raças primitivas, que ficou, no Perú, conhecida por nação dos *Collas*. O costume da platycephalia entre os Aymaras confirma o facto, porque o nome Colhuas ou Collahuas significa serpente, e personifica o culto do sol e das serpentes.

Brasseur de Bourbourg <sup>(1)</sup> creê que « c'est cette race qui serait venue par delà des mers directement de l'Orient et qui aurait introduit en Amérique neuf ou dix siècles avant l'ère Chritienne, la civilisation ».

Não foram os povos americanos os inventores desse uso e do processo de deformarem as cabeças, trouxeram-o da Asia, e é uma consequencia da ophiolatria.

Segundo o historiador Chinez Matoua-lin, <sup>(2)</sup> os Chins-hans, da Coréa, « quand il naissait un enfant, on lui comprimait aussitôt la tête avec une pierre, de manière à ce qu'elle prit une forme applatie ».

Sabemos tambem que no paiz de Kashgar <sup>(3)</sup> é seguido esse uso.

Os Hunos, ascendentes dos Turcomanos, da Tartaria, patria da *nephrite*, segundo o poeta Amiano Marcellino, tinham as cabeças chatas: <sup>(4)</sup> « ubi quoniam ab ipsia nascendi primitiis infantum ferro sulcantus altius genae. »

Frei Gregorio Garcia, na *Origen de los Indios*, tratando do mesmo povo, tambem diz: <sup>(5)</sup> « Los Hunos levantaban con

<sup>(1)</sup> *Popol Yuh.* pag. XXXI.

<sup>(2)</sup> *Ethn. des peuples étrangers (Orientaux)* Genève, 1876, pag. 35.

<sup>(3)</sup> Um dos pontos, no Turkesstan, no qual existe uma jazida de nephrite.

<sup>(4)</sup> *Lib.* 31. Cap. I.

<sup>(5)</sup> *Pag.* 295.

hierro las mexillas á los niños, y los indios los mettian la cabeça en unas tabilllas, ó fajas, para hacerles de la figura, que tenían en uso. »

E' este o primeiro ponto que encontro, para mostrar que, si os Omaguas se originam do povo emigrado da America do Norte, e sendo este de origem asiatica, porque se porá em duvida que asiatico seja o Muurahytá, trazido por essas emigrações?

Começarei, tratando de outra circumstancia por perguntar: porque razão eram os Omáuas guerreados por todas as tribus, que habitavam as margens do Amazonas, a ponto de não poderem viver senão nas ilhas?

Diz Acuña que os viu em 1639: «Tienne por la una y outra vanda del rio continuas guerras com las provincias estrañas ».

Berredo (1) diz: «e nas suas ilhas, que são muitas, se acham situados todos estes tapuyos, com habitação assás incommoda, pelas annuaes inundações do rio; mas conservam-se nellas só para viverem mais defendidos dos seus inimigos, que são poderosos ».

Não se vê ahí uma horda que subindo ao Amazonas, não pôde firmar-se em terra firme e então estabeleceu-se nas ilhas, sendo talvez, pelo motivo de terem as cabeças chatas, repellidos e guerreados pelos outros.

O certo é que essa guerra, que os das margens do rio lhes faziam, prova-nos que não eram indigenas e sim estrangeiros, e por isso viam-se impossibilitados de tomarem a terra firme para se estabelecerem, e ficarem então senhores das ilhas.

A civilisação que tinham ainda mais nos desperta a attenção. Porque os Omáuas haviam de andar «com decencia vestidos assi hombres como mugeres, las quales del mucho algodón que cultivan, texendo solo la ropa que han menester sino otra mucha que les sirve de trato para naciones

(1) Berredo, *Annaes do Maranhão* n. 744.

vezinas,  
doras haz  
colores, s  
que apena

O ou  
bebas não  
um pann  
por onde  
braços ».

A cus  
pelos Pert  
de samari

Quand  
esses eran  
se asseme  
Panuco, Q

Torqu  
«Essa ge  
tidos de lo  
padres, a  
mangas cu

Os Om  
tivo da An  
teciam o  
como nos

Si o s  
e o vestua

seguinte p  
*balestilha*  
Acuña, no

*Amazonas*

(1) *Diario*

(2) *Corru*

pareco.

(3) *Mona*



vezinas, que con razon codicional trabajo de sutiles tejedoras hazen panos muy vistosos, no solo texidos de diversas colores, sino pintados com estes mismos tan subtilmente, que apenas se distingue lo uno de lo otro?»

O ouvidor Sampato <sup>(1)</sup> escreveu: «os vestidos dos Cambebas não tinham artifício algum, não eram mais do que um panno lançado para diante e para traz, com um buraco, por onde introduziam a cabeça e dous nos lados para os braços».

A *cusma*, dos primitivos Incas, é usada, ainda hoje, pelos Peruanos e Bolivianos, é a *Tapoyrana*, <sup>(2)</sup> uma especie de samarra ou sotaina.

Quando todos os Indios andavam nus, por que razão esses eram mais decentes, e usavam uma vestimenta que se assemelha, na fórma, ás com que se apresentaram, em Panuco, Quetzalcohualt e seus companheiros?

Torquemada, <sup>(3)</sup> referindo-se a estes nos ensinou que: «Essa gente eram homens de boa apparencia, bem vestidos de longos habitos de estofa preto, como sotainas de padres, abertas por diante; sem capuzes, decotadas, com mangas curtas e largas, como os indigenas usam ainda hoje.»

Os Omáuas trouxeram, pois, esse uso do assento primitivo da America do Norte. Os Muyscas eram agricultores, teciam o algodão com o qual fabricavam seus vestidos, como nos referem os historiadores.

Si o achatamento da cabeça, as artes que possuíam, e o vestuario nos leva os Omáuas para os Nahuás e por consequente para a Asia, com muito mais razão vem o uso da *balestilha* prendel-os a esse tronco. Vejamos. O padre Acuña, no *Nuevo descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas*, tratando das *Armas que usan los indios*,

<sup>(1)</sup> *Diario da Viagem*, etc., 1825, pag. 73.

<sup>(2)</sup> *Corruptella de Typoi*, facha ou camisa passada a tiracollo e rana, que se pareceo.

<sup>(3)</sup> *Mónarg. Ind.* I, cap. III.

assim se expressa: « Em otros, son *estolicas*, arma em que los guerreros del Inca Gran Rey del Perú, eram muy diestros; son estas *estolicas*, etc. »

Devo aqui abrir um largo parenthesis para algumas observações sobre esta arma de guerra.

Este raro instrumento tem tido diversas denominações, segundo os autores que delle teem tratado, referindo-se ao Brazil, e todas mais ou menos improprias, por falta de um termo que hem o exprimisse, sem que nenhum lhe dêsse o verdadeiro, que foi corrompido pelo padre Acuña. Assim, este lhe dá o nome de *estólica*; o ouvidor Sampaio, o de *palheta*; João Daniel, o de *balesta*; Montoya, o de *Balestilla*; Porto-Seguro, o de *estolica* ou *palheta*, e ultimamente o *Guia da Exposição Antropologica*, o denomina *balestrina*.

Todas estas denominações não caracterisam o objecto, nem mostram o seu emprego.

O que melhor mostraria o uso seria *Balista*, se não tivéssemos o nome proprio que adiante darei, porque exprime o agente de pôr em movimento qualquer objecto, pela radical *bal*, que designa impulso, ou movimento e *ista*, que indica o agente adequado ou proprio, senão vejamos. O primeiro é um vocabulo hespanhol que se não encontra em dictionario algum;

O segundo indica um instrumento antigo com o qual se jogava a pélla, que era uma bola de ferro presa a uma corda pela qual voltava á mão;

O terceiro é uma corruptella de *balista*, nome de origem grega (βῆλα), passada para o latim e por nós adoptada, mas significando a machina que, antes da invenção das armas de fogo, era empregada pelos romanos em lançar pedras.

O quarto parece-me ser um diminutivo hespanhol de balesta e o quinto uma palavra de criação moderna, visto que não a encontro em autor algum.

Todos estes nomes referem-se a instrumentos de arremessar pedras, balas, quadrelas ou lanças de quatro quinas,

sambreas  
putta, a  
e como o  
diferença  
especie de

O ingl  
fbrett, o f  
denomina  
menos o

Ferna  
instrumer  
tambem u  
dialecto m

Procu

elle para  
ilhas Aleu  
pela tradi  
huitls, de  
épocas pr  
gração Na

Ainda  
urumera  
«baton d  
la lance.

trois doig  
et l'index

No Br  
dellas dei  
que nos f  
o nome,  
seu tempo  
outra a d

objav

3713 30  
landiu  
(<sup>1</sup>) L'hon

sãmbreas e gatos, e não flechas, como o faziam a *cata-pulta*, a *bésta*, o *ariete*, o *robinet*, o *tricolle*, o *espringal*, e como o faz o instrumento em questão, havendo ainda differença que, em todos estes engenhos, havia sempre uma especie de arco e corda, que não tem o de que trato.

O inglez o denominando *Throwing Stick*, o allemão *wurf-fbrett*, o francez *chirobaliste* e o italiano *mangano*, applicam denominações mais apropriadas com que definem mais ou menos o instrumento.

Fernandez de Oviedo, dando o nome de *estorica* a esse instrumento, quando trata dos indios de Cueva, emprega tambem um termo que não existe no hespanhol, nem no dialecto maya ou nahuá.

Procurando-se a origem desse instrumento, leva-nos elle para o Mexico, para o Archipelago Malayo, para as ilhas Aleuticas e para as costas do Pacifico, mostrando-nos, pela tradição e pelos documentos gravados nos chalchihuitls, dos Toltecas e dos Astecas, que elle remonta a épocas prehistoricas, chegando ao Brazil trazido pela emigração Nahua ou Karayba.

Ainda hoje os australianos, nos diz Lubbock, (1) usam o *urummera* ou *baton de trait*, que é uma especie de «baton droit et plat dans le quel est fixé l'extrémité de la lance. On prend la urummera dans la main droite avec trois doigts, tandis qu'on tient la lance entre le pouce et l'index».

No Brazil muito poucas tribus o manejavam. Uma dellas deixou recordações e descendentes; outra é a de que nos falla o Rev. missionario José Daniel, sem citar o nome, mas, dando como existindo no rio Purus, em seu tempo. (1797) Uma é a dos Omáuas ou Cambebas, outra a dos Pomarys e Yamamadys.

(1) *L'homme préhistorique*, pag. 402, fig. 207.

Ha mais ou menos um seculo que do Brazil desapareceu a primeira; a segunda, porém, ainda existe.

Além dos Pomarys, usam tambem essa arma os Yamamadys, no mesmo rio, tribus estas que seguem as leis de Yurupari ou de Bokan. (1)

Pela gravura (vide pag. 168) se vê a maneira de manejar a estolêca, por um indio Omáua, e como eram as que usavam (fig. A). Apresento, tambem, em B uma estolêca dos indios do rio Ucayale, em C, uma dos Cocamas, e em D uma dos Yamamadys. A fig. A. é copia da do Mss., do naturalista Rodrigues Ferreira, que existe na Bibliotheca Nacional, e foi feita pelo natural, em 1787, em Ega, hoje Tefé, como nos diz o referido manuscripto. As outras figuras são copiadas, tambem, do natural por mim e obtidas nas minhas expedições.

Pelas recentes observações do illustre Dr. Carlos Steine, no rio Xingú, os Auetês, e os Kamayurás teem o mesmo uso, porque, disse elle, na conferencia que fez na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro:

«Arcos e flechas exercem um papel importante nas dansas, principalmente uma especie de flecha nas duas tribus Tupi (nos Auetês e Kamayurás), a qual não se atrá com os arcos, mas sim com a mão, por meio de um instrumento especial. Na minha opinião representa o uso desta arma, cuja invenção ficou aparentemente perdida pelas outras tribus brazileiras, constitue um testemunho bastante importante sobre serem de origem *muito antiga as tribus Tupi no Xingú.*»

Na sua obra (2) descreve e representa o illustre viajante o mesmo instrumento que denomina *Pfeilschlender* e o leva para as tribus tupis, que separa dos Baikarys, fazendo estes serem Karaybas e aquelles não.

(1) *Icazbalceta*, Vol. I pag. 373, nos diz: «sus armas ofensivas son arco y flechas y dardos que tiran de una ballesta, hecha de otro palo.»

(2) *Durch Central Brasilien* pags. 209 e 326, fig. 7.

Penso, ceram o Xi mais tranc tribus das Omauas. C verdade, a tivos Karay dernos.

Essa tr para Matto o norte e cl zonas, no se tiam alguns

Os Trun Paulo Ehre usam a estol e zoomorpha

Este fact sim Karayb Dr. Steine, n fonte importa zonas estão é uma analy temunho de

No Perú mesmo tron é usada, com que se cruza

Pelo que armas as m foram perpe no que Humi Museu de Ber trumento arm remessar o da semelhante á

Penso, inteiramente, o contrario; os Karaybas não desceram o Xingu e sim subiram, para nelle se estabelecerem, mais tranquillamente, fóra das lutas que soffriam das tribus das margens do Amazonas, como acontecia aos Omauas. O encontro do uso desse instrumento prova, é verdade, a *antiguidade da tribu*, que descende dos primitivos Karaybas, ramo directo Nahua e, não do dos modernos.

Essa tribu, naturalmente, desceu o Amazonas e subiu para Matto Grosso, como tambem os Tupynambás invadiram o norte e chegaram ás raías da actual provincia do Amazonas, no seio do seu grande rio. Ainda neste seculo existiam alguns.

Os *Trumais*, do Xingu, segundo me informou o Sr. Dr. Paulo Ehrenreich, alliados aos *Austés* e aos *Kamayurás*, usam a estoléca e as pedras verdes, com fórmias cylindricas e zoomorphas.

Este facto prova-me que essas tribus não são tupis e sim Karaybas. Sinto estar em desaccordo com o illustre Dr. Steine, neste ponto, posto que elle se baseie na linguistica, fonte importante na ethnologia, mas cujas aguas no Amazonas estão por tal forma revoltas e mescladas, que difficil é uma analyse segura, si não for acompanhada pelo testemunho de um cortejo ethnographico.

No Perú tambem foi usada pelos Aymaras, sahidos de mesmo tronco, o dos filhos das cobras e do sol, e ainda hoje é usada, com o nome de Uikopé, pela tribu dos Cocamas, que se cruzou com a dos Omauas.

Pelo que expuz se vê que os Omauas tinham por armas as mesmas usadas pelos Toltecas e Nahuás, e que foram perpetuadas em esculpturas, nos Calchihuitls, como no que Humboldt levou do Mexico, em 1804, e depositou no Museu de Berlim, onde clara e distinctamente se vê esse instrumento armado com a mão do atirador na posição de arremessar o dardo. Os Nahuás usavam tambem o *tiacochli*, semelhante á *sararaka* dos nossos indios.

Para poder corrigir o erro em que todos os escriptores teem cahido, frizei o facto e agora apresento o verdadeiro nome do instrumento Omáua.

Disse que o padre Acuña foi quem corrompeu a palavra escrevendo *estolica*, e passo a proval-o. *Estolica* e não *estólica* é uma corruptella de *estoléca*, vocabulo Omaua, ainda hoje usado, como tive occasião de indagar, no Perú, entre Omauas e Cocamas.

*Estoléca* é pois o verdadeiro nome da arma que nos veio com a immigração, que passou á *estoréca* e á *estorica*, de Oviedo.

Uma outra circumstancia prende os Omáuas e suas subdivisões modernas, aos Nauhás e á Asia, é o uso de tingirem os dentes de negro.

Os Auas, os Omauas, os Yurimauas, e os Mayarunas, assim como os Cocamas (Cocomas como veremos), que com elles se ligaram e se fundiram e os Conibos, fracção separada dos mesmos, que ainda até os fins do seculo passado conservaram os primitivos usos de achatar a cabeça, e ainda hoje usam a *estoléca*, vestem a *cuzma* ou *uncu* e *tingem* os dentes com *uma raiz*, que os torna *completamente negros*, como tive occasião de observar e ver.

Este habito é ainda uma reminiscencia dos usos dos primeiros invasores, levados pelos Colhuas para o Perú, e trazidos para o Brazil por Izy, ou Bokan, porque sabemos que os *Cuextecas*, de *Cuextlan*, onde se acha Panuco e desembarcou Quetzalcohuatl, assim como os Mayás e Nauhás-Quichés não só usavam *tingir os dentes de preto* como limal-os e aguçal-os, como as tribus que acima mencionei.

Ligando os Omáuas aos Nauhás, para mostrar a origem do Muyrakytã, sou obrigado a provar que tambem esse uso não é Americano e sim Asiatico. Segundo o navegante Dampier, <sup>(1)</sup> Mme. Ida Pfeiffer, <sup>(2)</sup> e M. Leon de Rosny <sup>(3)</sup>

(1) *Nouveau voyage autour du monde* I, III, pag. 449.

(2) *Mon second voyage autour du monde* Cap. II, pag. 3.

(3) *Etudes Asiatiques*, Article Sian.

em Sian  
primitivos  
vegetal e  
malaia.

Por q  
Votan, nã  
outras do

Como o  
ou uncu es  
existem gr  
petuando c

Agora  
mente just

Princip  
ciam os in

O Padre  
Padre Vela  
o Ouvidor  
guas; o nat  
Omaguas.

Todos e  
palavra na  
nauã e nah  
proval-o.

O o ou  
um pronom  
stitue o art  
maud.

Tirando  
tavam em c  
formando u  
creveu o Pa

(1) Candido  
Gran. Rio de las

(2) Diario da

em Sian, Tonking, Sumatra e Borneo, os indigenas primitivos usavam *tingir os dentes de preto* com *succo vegetal* e que este costume exquisito é de quasi toda raça malaia.

Por que razão teem esse uso só as tribus da lenda de Votan, não se estende elle ás tribus do sul e mesmo a outras do norte do Imperio?

Como simples nota, devo tambem advertir que a *cusma* ou *uncu* está representada em mais de uma figura das que existem gravadas nas rochas do Puyri, no Rio Negro, perpetuando o trage d'aquelles que por elle desceram.

Agora se nos apresenta outro facto que parece plenamente justificar o que tenho dito, o nome *Omagua*.

Principiemos por escrever a palavra, como pronunciam os indios brasileiros, hoje: *Omauas*.

O Padre Christovão da Cunha ou Acuña, assim como o Padre Velasco, citado por Hervas, escrevem *Aguas*; (1) o Ouvidor Sampaio (2) *Umaus*; o Padre Samuel Fritz, *Omaguas*; o naturalista Rodrigues Ferreira, *Mauas* e Berredo *Omaguaz*.

Todos esses nomes não são mais do que adulterações da palavra *nahuatl*, que já pronunciam e escrevem *Nahua* ou *nauá* e *naha* e que os hespanhóes escrevem *nagua*. Vamos proval-o.

O *o* ou *u* antes da palavra *maudá*, não é mais do que um pronomé, que pelo genio da lingua geral ou tupi, substitue o artigo, e em vez de dizerem *o maudá* dizem *elle maudá*.

Tirando-se pois o *o*, commum á lingua, dos que estavam em contacto com os *Omauás*, que ligou-se á palavra formando uma só, temos em absoluto *maudáz* como escreveu o Padre Fritz.

(1) Candido Mendes, *Memorias do Maranhão*. Acunã, *Nuevo descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas*, pag. 100.

(2) *Diario da viagem*, etc., pag. 72.

Ao ouvido acostumado á pronuncia castelhana chegou *Aguas*, por ser o *u* aspirado, e por isso assim escreveu *Acuña*; aos portuguezes chegou *maudá*, que o tapuyo faz *Omaud*. Assim como se deu a mudança de *Auas* para *Aguas*, houve a de *Nauás* para *Maudás*.

A pronuncia é *Nahuá*, de *Nahuatl* quiché.

O *u* ahi é aspirado, tanto que o castelhana accrescentou o *g* e fez *agua* e depois *magua*.

Como passou nauhá para mauhá não sei, talvez por um processo de assimilação do *n* para *m*, ou pelo mesmo motivo por que passou *Quiché* para *Quixo* e *bichano* (gato) do hespanhól, para *pichana* (gato), da lingua geral.

Temos pois na tribu hoje dos *Omauas*, todos os predicados que fazem ser descendentes dos mauas ou *Nauhas*. *Nahua* ou *naoua*, em phenicio significa ser exilado, ir á aventura.

Mais uma prova de que os *Omauas* são destroços dos nauhás temos com a descoberta do *cáucho* que pela pronuncia hespanhóla <sup>(1)</sup> deu pela orthographia franceza o *cautchout*.

E' sahido que no Brazil a descoberta da gomma elastica e suas primeiras applicações se devem aos *Omauas*. Faziam com ella *bolas para jogar*, cabeças de vaquetas para os seus *trokanás*, e empregaram em muitos usos domesticos. Foi mero acaso que os levou á descoberta ou conheciam-a pela tradição dos seus maiores? Não trariam o uso da America do Norte?

O *Ulé*, dos *Omauas*, é o *cáucho* dos Peruanos, a *castilloa elastica* de Cervantes, o mesmo *Uli* ou *ulé*, do Mexico, de que era feita, a *pelota*, de *gomma elastica*, com que Hun Apu jogava e que symbolisa a guerra dos *Nahuas*, como se vê do *Livro Sagrado*.

O facto dos *Omauas* conhecerem a gomma elastica, de servirem-se d'ella para *bolas* ou *pelotas* e vaquetas, de darem

(1) O *ch* pronunciam *ch*.

o mesmo  
a raiz da

Assim  
tiveram os  
de gomma  
se conserv  
tauchys, o  
Chiquitano.

Não q  
asserção, e

« O ma  
rarys; (3) e  
de diame  
á imitaçã  
ou menos  
cahir no c

Por qu  
de Izy ou  
da pella, c  
e nenhuma

Ainda r  
*kaná*, que  
tronco de a  
um couro,  
palhetas, c  
com vaquet  
lugubre e tr  
vindo para  
maloca, cor

Este tr  
*teponastli*,

(1) Dr. Co

(2) Rio Pi

(3) Estes C



o mesmo nome nahua parece-me que vem ainda mostrar a raiz da sua arvore genealogica.

Assim como os Nahuás tinham o seu *jogo da pella*, tiveram os Karaybas, das Antilhas, o seu *Bato, pella* tambem de gomma (1) elastica e os Omauas o seu. Este uso ainda se conserva entre os Uaupés, os Kachararys e os Katauichys, do Rio Purus, os Conibos, do Ukayale, os Chiquitanos, da Bolivia, como vi quando ahi estive.

Não querendo que se tome em duvida esta minha asserção, escudo-me no que disse o Coronel Labre (2)

«O mais notavel dos jogos é exercitado pelos Caxararys; (3) consiste elle em globos de seringa de 6 a 8 pollegadas de diametro, pouco mais ou menos, os quaes jogam ao ar á imitação da pella, dentro de um circulo de pennas, mais ou menos extenso e numeroso, e nunca deixam o globo cahir no chão.»

Por que razão só as tribus que se filiam á descendencie de Izy ou Bokan e que guardam as suas leis, tem o jogo da pella, que tão importante papel tinha entre os Nahuas e nenhuma outra do Brazil o conhece?

Ainda mais outra analogia. Os Omauas usavam o *trokaná*, que Baena fez *trocana*, que era um pedaço de um tronco de arvore excavado e enterrado, ás vezes, coberto de um couro, como um tambor, ou tendo no centro diversas palhetas, como a marimba africana, sobre as quaes batiam com vaquetas de cabeça de borracha, que produzia um som lugubre e triste, mas, que se ouvia a grande distancia, servindo para annunciar qualquer nova, de uma para outra maloca, como se fôra um telegrapho.

Este trokaná é o mesmo *tunkul* dos Yucatecas, ou o *teponastli*, dos Mexicanos, perpetuado desde os Tzendaes.

(1) Dr. Cornilla, Antrop. des Antilles. Congrès de Nancy, pag. 157.

(2) Rio Purus. 1872, pag. 17.

(3) Estes Cachararys são os mesmos que usam idolos, como vimos no primeiro volume,

Não provará isso uma reminiscencia, ou um legado dos antepassados ?

As diversas tribus, da Bolivia, conhecidas por Chiquitos, ou Chiquitanos teem um jogo que denominam *Uatoroch*, nome tirado do da gomma elastica, com a qual fazem bolas, que servem para a luta dos dous grupos ou partidos que formam o referido jogo. Este é inteiramente igual ao *Bato* dos Karaybas, das grandes Antilhas. Tive occasião de ver, em Puerto Suarez (Bolivia), no rio Paraguay, esse jogo entre os Chiquitanos.

Formadas duas linhas, uma em frente á outra, de indios deitados de bruço, um atira, ao chão, a bola, que no salto deve ser aparada e repellida pela cabeça de um do lado contrario, para o lado donde partiu, devendo ser aparada por outro.

Assim anda a bola de um para outro lado, até cahir.

Logo que cahe, o vencedor recebe um sabugo de milho e assim continúa o jogo, até que afinal o lado que tem maior numero de sabugos é o vencedor, que é obsequiado, emquanto que o vencido sahe corrido e vaiado.

Não era isso o que se dava entre os Nahuás ? Não era este o seu *Tlachtli* usado tambem entre os Karaybas de Cuba e do Haiti ? Don José Güell (1) diz:

« *Batey*: lugar que en sus plazas destinaban para los juegos de la pelota, á que eran muy aficionados, las que hacian de resinas de los arboles, preparandolas de tal modo al fuego, que eram mais elasticas que las de goma que usaban en Europa. »

Na America do Norte, no territorio conhecido por *Indian territory*, vivem os indios *Chactaws*, cabeças chatas, Creeks, Natchez e outros que teem o uso do jogo da pella, igual ao da America do Sul, servindo-se tambem de uma bola de borracha.

(1) *Leyendas Americanas*, Madrid, 1856 pag. 129.

Para n  
gratoria de  
tronco, sof  
são tamber

Será si  
o jogo e o  
material, a

Por qu  
Ainda c

pelo jogo d

Os Yur  
tambem te  
elastica ou  
para signifi  
já vimos.

Os reis  
um tributo  
entre elles  
que: « Les v  
de plumes,  
*cautchout*,  
e mesmo a

Diz o Ou  
dos Umauá  
dos hespanh  
o nome de  
ao Amazon

Razão t  
época da oc  
a avançar p  
dos conselh

(1) *E' Amer*

(2) *D'Orbig*

(3) *Diario*

Para mim estas tribus, que estão todas, na linha migratoria do Muyrakytã, si, não se prendem ao mesmo tronco, soffreram encheretos de costumes estranhos, porque são tambem platycephalos e adoram o sol.

Será simples coincidência, um facto fortuito, o usarem o jogo e o instrumento Nauha e servirem-se do mesmo material, a gomma elastica, com o mesmo nome?

Por que não o faziam de uma outra substancia?

Ainda os Omauas e os filhos de Izy se ligam aos Nauhás pelo jogo da péla e pela gomma elastica.

Os Yurukarés, de Santa Cruz de la Sierra e Cochabamba, tambem teem o vocabulo *Ulé* <sup>(1)</sup> para a arvore da gomma elastica ou borracha, assim como, nas suas tradições, teem para significar o *viajante*, o *branco*, o vocabulo *kari*, como já vimos.

Os reis Aztecas, que substituiram os Toltecas, cobravam um tributo do povo, que consistia em productos naturaes, entre elles a gomma elastica. De Nadaillac, em nota, diz que: « Les villes du golfe du Méxique envoyaient 20.000 balles de plumes, 6 colliers d'émeraudes e 16.000 charges de *cautchout*. » <sup>(2)</sup> Para confirmar mais, temos a tradição oral e mesmo a escripta.

Diz o Ouvidor Sampaio <sup>(3)</sup> que « este não é o paiz nativo dos Umauás, mas que se refugiaram a elle para fugirem dos hespanhóes, quando conquistavão a terra, a que derão o nome de Novo Reino de Granada, passando pelo Yapurá ao Amazonas. »

Razão teem esses escriptores, porque depois de 1513, época da conquista de Balboa, começaram os hespanhóes a avançar para o interior, exterminando os indios, apezar dos conselhos do veneravel Padre Las Casas.

<sup>(1)</sup> *E' Amer. Prehist.*, pag. 288, nota 3.

<sup>(2)</sup> D'Orbigny, Tom. IV. *L'homme Americain*, pag. 465.

<sup>(3)</sup> *Diario da viagem*, etc., 78.

Foi de 1528 a 1545 que as carnificinas foram maiores, a ponto do territorio conquistado tornar-se um açougue de carne humana.

Ante as hordas do canibalismo dos civilisados os selvagens fugiam, dispersos. Uma das tribus foi a que, pelo Yapurá, desceu e chegou ás ilhas do Solimões.

Ociosamente procurei provar que Omagua nada mais é do que Nauhá, porque bastaria dizer que com o nome de *Nauhás* existe, desde 1820, no Rio Yuruá uma tribu que ainda hoje no Rio Yapurá tem os seus ascendentes acima da 5ª cachoeira; no lugar denominado *Karauara* (1) ainda existem os que os granadinos chamam Nahuas (antigos Quixos) e os brasileiros Omáuás.

Para tirar toda duvida, melhor, comtudo se prova que os antigos Omáuás tinham o nome de Nahuás, fazendo ver que os Aguas ou Omaguas, que foram levados para o Perú, em 1709, e aldeiados no rio Huallaga, na antiga missão da Laguna, conhecida depois por Yurimagoas, ainda hoje, são pelos Incas, que não fallam hespanhol, conhecidos por Nauhás; tanto que, quando a elles se referem dizem *gurac nahuás* (*nauhas brancos*), nome que tomou a povoação, e que foi corrompido, por um cura, para *Yurimaguas e jurimaguas*, como corromperam *Casac marca* (lugar de gelo,) para *Cajamarca*; e *Shacha puyu* (nuvem do monte), para *chachapoyas e Muyu pampa*, para *Moyobamba*.

Ainda o nome é conservado, puro, em uma aldeia de um affluente do Rio Tigre, o tambo de *Nauhápo*.

Ainda, em 1860, existiam na foz do Rio Yuruá algumas familias de verdadeiros Nauhás, que o velho Manoel Urbano da Encarnação (2) conheceu, vivendo, nas cabeceiras desse mesmo rio, e que hoje, pela invasão dos serin-

(1) Lugar em que moram os invasores.

(2) Este bom servidor do Estado nasceu em 1801 e falleceu em 1897.

gueiros, j  
ainda cor

Tende

nome é o  
que hou  
tratar da  
*Aguarun*  
mesma n  
para o Pe  
desceu d  
ante os in

Em

Ruiz, pro  
e o Pong  
cujo *Kur*

Esses

saram a s

Diffici

linguas, n  
do Amazo  
cionalidad  
indios de  
que se me

Os Na

conforme  
de Quito)

*Kambebas*

Como

*nauha*, fiz

*Yorimã* e

parte do g

(1) Chefe

Note-se q

que modifcou-

(2) Actua

O *Jorimanes*, d

güeiros, já estão ligados aos Catukinas. Conheço e muitos ainda conhecem os Nahuás do alto Yapurá ou Caquetá.

Tendo-me occupado dos Omáuas, mostrando que este nome é corruptella de Nahuá, passo, para melhor mostrar que houve a invasão Nahuá para o valle do Amazonas, a tratar das que ainda conservam o nome de *Auas*, *Aguas*, *Aguarunas* e dos *Mayos*, que não passam de, subditos da mesma nação, sendo os primeiros os que do Brazil foram para o Perú, e os ultimos o troço que, da America Central, desceu directamente ao Perú e que fugiu pela conquista, ante os invasores, para as florestas do Amazonas peruano.

Em 1859 o illustre bispo de Chachapoyas, D. Pedro Ruiz, procurando um caminho mais facil, entre esta cidade e o Pongo de Manseriche, encontrou uma tribu de indios cujo *Kuraka* <sup>1</sup>, de nome *Mayóni*, o recebeu bem.

Esses indios eram os *Auas* ou *Auarunas*, que passaram a ser *Aguarunas*.

Difficil é explicarem-se as corruptellas que se dão nas linguas, mas facil é admittil-as em uma região, como a do Amazonas, que foi missionada por padres de varias nacionalidades, com pronuncias diversas, praticando com indios de tribus de diferentes dialectos, gutturaes e nasaes que se mesclaram.

Os Nahuás, ou Omáuas, era uma nação numerosa e conforme a região do Rio Marañon (antigo S. Francisco de Quito), que habitavam, eram conhecidos por *Omduas*, *Kambebas*, *Yurimauas* e *Yurimã*.

Como de Nauhá fizeram Omáuas, assim de *Yurac nauha*, fizeram *Yurinaua*, *jurimaua*, *jurimagua*, *Yorimon Yorimã* e afinal *Solimão* e *Solimões*, <sup>2</sup> actual nome de uma parte do grande rio brasileiro.

(<sup>1</sup>) Chefe. Chamo a attenção para este titulo dado aos chefes das tribus peruanas. Note-se que a radical é *Kuro*, nome dos *Kuracas*, que deixaram na Grecia o *Kuro* que modificou-se em *Kara*, com o mesmo significado de chefe.

(<sup>2</sup>) Actualmente, ainda, os tapuyos dizem *Yorimaua* e *Yorimã* e nunca *Solimões*. O *Jorimanes*, do Padre Acuña, não é mais do que um erro typographico, sendo tomado u

Em geral todas as tribus teem um nome proprio e especial, entretanto estes conservam o que os outros lhe dão... *Aua runas*, *homens*, gente *Auas*, isto é, da nação *Aua*, que os hespanhões fizeram *Aguas*.

Se bem que, muitos, digam *Agua runas*, comtudo varios individuos de Chachapoyas, acostumados a lidarem com os indios e fallando quasi que só o idioma Inca, ou Kechua affirmaram-me, que o nome desses indios é *nauhá runa*.

Como os Uaupés, acreditam tambem e possuem a tradição do Yuruparí, não como demonio biblico, e sim como o pai da tribu.

Os primeiros *Nauhá runas* foram para o Perú, presumo que no seculo XII, durante o reinado de Yuruparí, época das invasões que subiram o Maranhão.

O nome do proprio kuraka mostra a ligação que predura entre Nauhás e Mayás. O nome *Mayani* mostra a origem do chefe dos Mayás.

Passemos agora a estes. Sabemos que os Mayás, descendentes da nação nahuatl, formaram, comtudo, um ramo distincto que se tornou inimigo. Esse grupo, invadindo a região do Amazonas, separado, posteriormente, em vez de descer pelo Napo, Içá, Yapurá e rio Negro, veio por

---

por um n. O Sr. Dr. João Mendes de Almeida, em uma memoria, lida na sessão magna da Sociedade dos Homens de Letras de S. Paulo, publicada na *Provincia de São Paulo* de 31 de janeiro de 1889, diz que Solimões é corruptella de *çurimã*, de *çuri*, nito baixos e má volta, significando o rio das voltas altas e baixos. Com muito engenho o arte, mas sem razão, deu o Dr. J. Mendes varias interpretações a diferentes nomes do valle do Amazonas, que a natureza dos lugares repelle, porque os nomes não estão de accordo com ella. O Solimões do Rio Negro até Tabatinga tem altos e baixos e voltas: como o Amazonas e não se torna notavel por esse facto, e ponto dos naturaes o observarem Se chamam Sorimão é porque do Rio Negro começava o imperio dos Yurac nahuas ou yurimãos. Além disso *altos e baixos* é *çu*, *çicu* ou *çucur* e não *çuri*, pelo que diriam *imã*, ou *çucimã* e nunca *çurimã*. Se volta fosse *imã*, poderia então ser *çurimã*, porque entrava o r por euphonia.

terra e est-  
zonas e es

Um gr  
villa de M  
de rio Ma  
rio da na  
e que aind  
de Lamas,

A trad  
independen  
os Tuanam  
Tasachiuas  
todas civil

Dirão o  
gnifica rio  
Quiniamay  
huamayo,  
mophonism  
por ser m

Velhos  
que se eno  
depositario  
ha um se  
mayás, cor  
viatura de  
civilisação,  
refugiaram  
os nomes  
runas (hor  
e os portu  
que é nome

(1) Devo ch  
Arabe, no Phen  
bulos mau, mais

terra e estabeleceu-se em Jaen, donde desceu para o Amazonas e espalhou-se, segundo a tradição.

Um grande grupo estabeleceu-se no rio, que banha a villa de Moyobamba, que por isso ainda hoje tem o nome de rio Mayu e que os Incas chamam *mayá cuna mayo*, rio da nação mayá, nome que abreviam em rio mayo e que ainda perdura, tambem, em um *pueblo*, a tres legoas de Lamas, no Huallaga.

A tradição affirma que era uma nação forte, briosa e independente, que nunca se deixou dominar, como o fizeram os Tuanamas, os Cachigues, os Salas, os Sangamas e os Tasachiuas, tribus que habitaram o mesmo rio, e que estão todas civilisadas.

Dirão que o vocabulo *mayu*, em inca ou kechua significa *rio*, tanto que existem os rios Putumayo, Coremayo, Quiniamayo, Condemayo, Uneumayo, Chanchamayo, Carhuamayo, Pilcomayo, etc; porém, isso não passa de um homophonismo moderno, confundido o rio *mayu* com *mayá*,<sup>1</sup> por ser mais commum este termo.

Velhos moyobambinos, entre elles os *quipucamayu* (o que se encarrega dos contos) ou interpretava os *quipós*, depositarios da tradição, me affirmaram que ainda não ha um seculo existiam, ahi, descendentes dos primitivos mayás, com o nome ainda de mayás ou Maynas, abreviatura de *maya-aná*, nação maya, e que acossados pela civilisação, que descia, fugiram para além do Ucayale e refugiaram-se no Brazil, onde, ainda, divididos existem com os nomes de *mayapeuas*. (mayas de cabeça chata) *mayarunas* (homens mayas), que fizeram *mayurunas*, no Perú e os portuguezes, no Brazil, *maxurunas*, e *mangeronas*, que é nome de uma planta, o *origanum majarona* de Limeo.

(1) Devo chamar a attenção para a coincidência de, no Assyrio, no Hebraico, no Arabe, no Phenicio, como no Sanscrito e Zend end a *agua* ser expressa pelos vocabulos *mai*, *main*, *moi*, *moai*, *mu* e *vairi*.

Os *Mayas* também desceram ao Paraguay, onde foram encontrados, no Chaco, por Ulrich Schmidel, que, durante os annos de 1534 a 1554, servio de soldado nas tropas de Irala. Estes Mayas ainda são conhecidos, pela pronuncia Karany, por *Mbayás*, que são, hoje, também tidos por *Kadiuêos*, tendo apenas os chefes os nomes de *mbayás*.

Tive occasião de estar com estes indios, no Paraguay, e de ver que são verdadeiros artistas na pintura, quer dos corpos, da ceramica, quer dos tecidos e dos artefactos.

Garcillasso de la Vega nos diz, na sua *Historia dos Reis do Peru*,<sup>1</sup> que, quando Manco Capac lançou os fundamentos da cidade de Cuzco, ao norte, della, encontrou a nação dos *Mayus*<sup>2</sup>

Esta é a verdade, que poderão inverter fazendo com que *mayuruna*, signifique *homens do rio (maya, rio e runa, homem)*; mas, isso vae de encontro aos habitos desses indios, que são dos mattos e não ribeirinhos, tanto que são claros e vivem da caça e não da pesca.

Tive occasião de ver muitos e com elles tratar.

Lêa-se, entretanto, os escriptores que desses indios trataram e ver-se-ha, que todos os dão como selvícolas. Ainda hoje os Cocamas teem os vocabulos *Aua* ou *nahua* e *mayá* para distinguirem os dous ramos.

Para elles, que descendem dos *Mayás*, os *Nauhás* são *individuos vulgares, fracos* (*Aua, nauha*) e os *Mayás* são os *brancos, os fortes*.

O que exuberantemente confirma tudo quanto hei dito é o *Muyrakytã*, é a tradiçãõ do *Yurupari*, que acompanha esses dous povos.

(<sup>1</sup>) Vol. I, pag. 84.

(<sup>2</sup>) O actual departamento de Loreto foi o territorio occupado pelos *Mayás*, pelo que teve o nome de *Mayna*.

Não  
singular  
Salvo peq  
nos lemb  
*seres, da*  
mythologi  
mitiva gre  
Estado da  
divisões d  
vê, seguin  
crença de  
neso, foi  
Canadá, P  
Peru. No  
neto de A  
identicos a  
ao do pov  
si não se  
apparece e  
talismans  
krito *mag*  
O mez de  
curio, ma  
ser para  
nephrite, c  
os *mayná*  
e estes an  
O uso  
jamarca,  
e, assim

(<sup>1</sup>) Bouch  
letos, *muyraky*  
dans des sepul  
possuin achado

(\*) De l'i



Não posso deixar de prevenir o leitor que existe uma singular coincidência, (?) homophonica, com o nome Maya. Salvo pequena modificação phonetica, natural, esse nome nos lembra: *mayá*, a personificação *do que dá vida aos seres, da vontade e do amor eterno*, e do Ser Supremo na mythologia da Asia; *mayna*, um dos ramos da raça primitiva grega, os *Maynotes*; *Maine*, rio da Normandia; *Main*, Estado da America do Norte, e *Mayna*, uma das antigas divisões do Peru, do nome dos *mayas*. Pela nephrite se vê, seguindo as suas balisas, que um povo que tinha a crença de Mayá, sahiu da Tartaria, demorou-se no Peloponneso, foi á Normandia e á Picardia, esteve tambem no Canadá, perpetuou seu nome no Yukatan, e chegou até o Peru. No templo de Mercurio Canetus, filho de Maya e neto de Atlas de Pleione, acharam-se celtis de nephrite, identicos aos do Canadá, e não se ligarão todos esses nomes ao do povo Maya? (1) Qual a origem de todos esses nomes, si não se prende ao povo Mayá e á nephrite? Porque só apparece esse nome nos logares em que se encontram os talismans de nephrite? Esses mayás não virão do sanskritto *mag* ou *mah*, crescer, fazer-se grande, ser grande? O mez de maio, dizem que vem de mayá, a mãe de Mercurio, mas é inexacto porque muito antes de Mercurio ser para os Romanos conhecido, já existia o termo; a nephrite, como a serpente, une em um só laço os *maynotes* os *maynás* e os *mayás*, posto que aquelles sejam gregos e estes americanos.

O uso de *muyrakytá* estendeu-se até o Peru e em *Cajamarca*, como já disse, elle é conhecido por *Schuscho*, e, assim como no Brazil, só na região do *Yamundá*

(1) Boucher de Perthes encontrou perto do Somme, entre os celtis, quatro amuletos, *muyrakytás*, iguaes aos que se acharam, segundo elle, « il y a peu d'années dans des sepultures des Mexicains » \*, que são identicos tambem a outros que elle possuia achados em Abbeville, na Italia, e em Calcutá.

(\*) *De l'industrie primitive ou des arts à leur origine*. I, pag. 345.

ao Tapayós é encontrado, também no Peru, só o é nos arredores de Cajamarca, o que nos mostra terem sido esses pontos os quartéis generaes dos invasores, que mais uso desse amuleto faziam.

As mesmas virtudes que ligam no Brazil ao Muyrakitã, ligam também no Peru, o que bem os identifica.

Como no Brazil, só é encontrado com alguma mulher velha, e passa de familia em familia como amuleto precioso, servindo também de *fuso*, os redondos que apresentam o furo no centro.

Já disse que o *king* chinês chegou á Araucania e agora vem este Muyrakytã, lithophono, mostrar o caminho da emigração, marcando um dos pontos da passagem, dos nauhás e mayás, da America Central para o Brazil e para o Peru.

Em Santander, região dos Chibchás, existe um magnifico *king*, ahí achado em 1856, e que foi visto pelo meu amigo o illustrado poeta e jornalista Peruano D. Simon Martinez Izquierdo, (morreu em 1 de janeiro de 1892,) que me communicou o facto, autorisando-me a referil-o. Esse monumento confirma tudo quanto tenho dito acerca da origem estrangeira do Muyrakytã.

Foram os Mayás e os Nauhás esses atrevidos Karaybas os portadores dos Muyrakytãs.

Os Omauas eram da antiga audiencia dos Quixos e os Mayorunas, da dos Maynas, ambos da parte da antiga Columbia, hoje Equador.

Galhos do mesmo tronco, enraizado nas terras asiaticas, separados na America do Norte, os Nauhás-Quichés dos Mayás, conservaram-se inimigos na do Sul, constituindo duas audiencias, a dos Quixos e a dos Maynas, que passaram no Brazil a ter os nomes de Omauas e Mayorunas, conservando sempre o odio gerado, na America Central, como nos affirma Berredo quando trata dos Omaguas e nos diz que viviam em « continua guerra principalmente com os Mayorunas ».

Tanto  
zuella, N  
eram Kar  
petuados  
Assim ve  
Karanac  
Paruni, c

Tanto as tribus das regiões hoje pertencentes á Venezuela, Nova Granada e Equador descendiam dos Nahuás e eram Karaybas que, em ambos os territorios, deixaram perpetuados os nomes *Kara* e *Páro*, que ainda se encontram. Assim vemos o antigo *Karabó* ou *Karó*, hoje *Karoni*, o *Karanaca*, *Kararai*, assim como o *Paruspa*, o *Parava*, o *Paruni*, o *Yuyapari* e o *Uriapáro*, hoje Orenoco.

V

A CASA DAS VIRGENS. ANALOGIAS. OS ECLYPSES.  
AS VESPAS. OS GENROS E OS NETOS

O dominio de Izy ou Bokan, no Brazil, não se limitava ao rio Ukaiary, estendia-se á toda região comprehendida entre o rio Trombetas e o Napo, por onde se derramaram as diversas cahortes que desceram de Bogotá e Cundinamarca e os que subiram pelo Amazonas. A acção da lenda de Izy, ou do Yurupari, de hoje, principiou no Içana, na serra de Tunahy; mas, tem por campo todo esse espaço que dá origem aos rios que serviram de estradas aos descendentes daquelles que se tinham por filhos das serpentes e do sol.

Na lenda, e nos seus episodios, que se contam destacados, e que são innumerous, tudo se refere a varios pontos, e não só ao rio Negro. Sou levado a estender-me de mais para tratar ainda de um outro facto, que concorre para reforçar a opinião que emitti, e que tambem é um dos episodios da lenda de Izy.

Ha em todo o rio Branco, affluente do rio Negro, assim como neste, uma crença que tem dous partidos, um que conta o facto como tendo se dado em épocas anteriores á vinda de Izy, e outro que o tem como, realmente, existindo hoje.

Não ha  
a *Cunhamã*  
cabeceiras  
*Unaudhã*.  
em que n  
que havia  
fechadas  
a pedra de  
fugio Din  
mãe de Pi

A lenda  
uma malok  
tregando-se  
mãos algu  
Venus, a  
mesmo dep  
uma Xylop

Por est  
nominado  
Anauhã, c  
no rio Bran  
essa malok

O que  
Não p  
santuário,  
rio Huchuet  
immemoria  
verdes e os

Diz Nu  
« casa lobl

(<sup>1</sup>) *Maloka*  
uo habitam dez

(<sup>2</sup>) *Consti*  
Su Señoria illust

Não ha filho do rio Negro que não saiba que existiu a *Cunhantaneá maloka*, ou o *convento das virgens*, nas cabeceiras do rio *Anauhá*, que tambem chamam *Unauhá*, *Unauhú*. Reza o episodio da lenda de Bokan ou Izy, em que noticia o nascimento de Pinon, pae de Bokan, que havia uma grande casa (maloka) <sup>(1)</sup> em que viviam fechadas todas as mulheres solteiras, que guardavam a pedra de chefe e os attributos de Izy, e foi della que fugio Dinary, a virgem do episodio da mesma lenda, mãe de Pinon, a grande serpente.

A lenda do rio Branco, o Quiceuene, diz que existe uma maloka de mulheres, que vivem sem homens, entregando-se a prazeres lesbianos, até que lhes caia nas mãos algum homem, que empunhando a bandeira de Venus, a desfralde pelo acampamento, até cahir vencido, mesmo depois de excitado pelo aphrodisiaco *Kangeruku*, uma Xylopa, de suas florestas.

Por esta lenda vê-se que o recolhimento das virgens, denominado na lenda *Cunhantaneá maloka*, existiu no rio Anauhá, com o mesmo nome e foi perpetuado até hoje, no rio Branco, pela tradição, e tão viva que, para muitos, essa maloka ainda existe.

O que era esta casa?

Não perpetúa a lenda de Izy e a do rio Branco o santuario, ou *Casa lobrega*, que existia nas margens do rio Huchuetan, no valle de Soconusco, habitado desde tempos immemoriaes por donzellas, que guardavam as *pedras verdes* e os attributos de Votan?

Diz Nunes de la Vega, Bispo de Chiapa, <sup>(2)</sup> que na «casa lobrega existiam chalchihuitls (jade) esculpidos

(1) *Maloka* pôde ser uma reunião de casas formando um arraial, ou um casarão em que habitam dezenas de familias.

(2) *Constituciones Diocesanas del Obispado de Chiappa*, hechas gobernadas por Su Señoría illustris, el Señor O. F. R. Francisco Nunes de la Vega, Roma, M D C C II.

com algumas outras figuras symbolicas, fechadas em uma sala especial, sendo este thesouro, entregue pela sacerdotiza chefe ao mesmo bispo, quando em visita pastoral, que o mandou queimar publicamente em 1691». Gomara, na sua *Historia Indiana*, Bernal Dias, na *Conquista de nueva España*, Torquemada, na *Monarchia Indiana*, e outros, cujas chronicas Frei Gregorio Garcia resume dizendo: «havia monasterios en cada ciudad, los quales estaban á las espaldas de los templos grandes. Estas doncellas haviam de ser de doce a trece años: vivian en castidad i clausura, como doncellas deputadas al culto de su Dios.»

Haviam estas especies de mosteiros, não só no Mexico, como em Nova Granada e no Perú, sendo o mais notavel o de Cusco, que era o templo do sol.

Vê-se, pois, que a casa das donzellas, instituida por Votan, para guardar os idolos de nephrite e seus attributos, é a mesma que no rio Anahuá existia, em que se guardavam os amuletos ou muyrakytās, a pedra de chefe, de Izy, e seus attributos.

A principio, as mulheres, guardavam esse thesouro, por não lhe conhecerem o valor; mas, logo que dos pagés, souberam o que elle valia e que eram os attributos de chefia suprema, appossaram-se d'elles e d'ahi, originou-se a volta de Izy, o castigo e a prohibição de ver e tocar n'esses objectos, sob pena de morte, passando a ser guardados por elles, como até hoje.

A casa foi depois destruida.

A destruição da casa, não será a destruição do Imperio de Xibalba?

Não será a pedra lançada pelo menino Pinon a bola, do jogo da pélla, lançada pelo menino Hanahpu?

Para corroborar as minhas identificações acima, cito outro facto, que é o do nome do rio, que se liga tambem ao nauharitá, e aos Omauds.

*Unauhá*, não nos diz claramente *nauhañl*?

Que co  
parte do A  
passou a t

Porque  
da lenda  
kytā, e o co  
nomes que

E' aind  
nos dá uma  
á frente de  
man, que  
fabuloso,  
Rama?

A pala  
pronomes o,  
geral ou tu

Esta pa  
tribu de qu  
Xibalba, e  
semelhante

Dirão: n  
dá tambem

O u ini  
agora explic  
póde ter div  
positiva hyb  
geral como o

Póde ser  
póde ser o an  
se no logar e  
nahuas, é o l  
rio dos nauha

Esta terr  
no dialecto U  
rios visitados  
é um accres

Que coincidencias são essas, que se não dão em outra parte do Amazonas e só se encontram na região por onde passou a tribo que conduzia o Muyrakytā ?

Porque razão só no theatro em que se passa a acção da lenda de Izy, contadas pelos que possuem o Muyrakytā, e o conservam, como signal de distincção, se encontram nomes que nos levam para Asia e para os Nahuás ?

E' ainda na região da serra de Parintins, onde a lenda nos dá uma tribo de mulheres, dispersas pelo Yurupari (Izy) á frente de uma outra tribo que apparece o nome *Kanuman*, que não é mais do que o *Hanuman*, o macaco fabuloso, amigo inseparavel de Vishnu, na incarnação Rama ?

A palavra *nauhá*, á qual os tapuyos accrescentam o pronome *o*, que pelo vicio de pronuncia sóa *u*, não é da lingua geral ou tupi.

Esta palavra, claramente, nos dá o mesmo nome da tribo de que foi chefe Hanahpu, o destruidor do imperio de Xibalba, e cujo nascimento a lenda nos dá inteiramente semelhante ao de Izy.

Dirão: mas como explicar o nome *Unahuahu*, que se dá tambem ao rio ? Facilmente.

O *u* inicial, já vimos como apparece na lingua geral, agora explicarei o accrescimo do *hu*. O *hu*, que apparece pôde ter diversas interpretações, sendo em todas uma positiva hybrida, porque a palavra nahuá não é da lingua geral como o temos respetido.

Pôde ser corruptella de *y*, agua, rio, *rio dos nauhas*; pôde ser o antigo *hu*, achar no logar, donde nauahahu, *acha-se no logar dos nauhas*, ou mesmo *acha-se o logar dos nauhas*, é o logar dos nauhas, e tambem, é o mais provavel, *rio dos nauhas*;

Esta terminação *hu*, é uma abbreviatura de *Uahu*, rio, no dialecto Uapichana, encontram-se em diversos nomes de rios visitados por estes indios, como o *Mahu*, e outros; porém, é um accrescimo, penso que moderno, porque não é geral,

tanto que a planta de Lobo d'Almada que navegou em 1787, o dá como *Anauá*, como ainda se vê na planta do finado Barão de Parimá, Baena, na sua *Corographia*, de 1839, o chama *Uanauau*.

Bastante estendi-me procurando mostrar que não é por idéa preconcebida, por systema, arroubo de phantazia ou mesmo arrastado por apparencias que coincidem, dando circumstancias apparentes, que identifico as Amazonas aos Uaupés, e estes aos Nauhás.

Si não são reaes os testemunhos que apparecem provando uma immigração de origem oriental, como se dão esses factos que estão no dominio do publico, que os accelta, é verdade que, sem fazer o estudo que fiz, e passam sem observação?

Quero que as interpretações que dou naturalmente aos nomes, de accordo com a linguística e com a natureza, não sejam tidas por exactas e que não haja mais do que mero homophonismo, mas como explicar a lenda, e essa cadeia de factos que se ligam ao *Muyrakytá* que o fazem incontestavelmente asiatico?

Porque a lenda não indica a procedencia das jazidas da pedra, que os distingue, quando mostra o logar das invasões, como appareceram os amuletos, nos diz como foram feitas as inscrições, como se gerou *Izy* da serpente, e onde está a *cunhaneté maloka*, etc?

O que são esses *Yakamins*, da lenda, senão um outro povo? A propria lenda isso nos diz.

Foi a elle que se ligou *Dinary*, a mãe de *Pinon*, fructo, este, da união de duas tribus.

Os *Kubeuas*, descendentes dos *Yakamins*, ainda hoje não matam esse passaro, porque dizem ser um avôengo.

Estarei em erro, serei um visionario, porém o futuro o dirá, depois de melhoes estudos.

Atiro a minha opinião, estudem melhor os factos, recolham maior somma de documentos nas suas fontes, como o tenho feito, e sobre esses mostre-se que estou em erro.

Vem a  
a unidade  
um Genesi  
rendo Pad  
et de frat  
frères en t  
tandis que  
le babouin  
si tant est  
l'huitre?»

Poderi  
para melh  
no Amazo  
que acredi  
fazer poro  
provou qu  
permitta-s  
alguns epi  
destacados  
iguaes no

A lend  
tem tantos  
difficil obt  
depositorio  
Desgarrado  
tencerem

Esses  
serão apre  
me foram  
m'os refer

D'entr  
da invasão  
partes, qu

(1) vida



Vem a pello dizer, aqui, áquelles que não querem admittir a unidade da raça americana com a asiatica, e preferem um Genesis especial para a America, o que disse o Reverendo Padre Petitot: « Nous qui nous piquons tant d'égalité et de fraternité, pourquoi refuserions-nous de voir des frères en tout semblables á nous dans ces pauvres indiens, tandis que d'autres nous proposeront demain le gorille et le babouin comme modèles et germe de l'espèce humaine, si tant est qu'ils ne nous ravalent pas jusqu'à l'oie ou á l'huitre? »

Poderia aqui, identificar os Nauhás, com os Asiaticos, para melhor mostrar que os possuidores do Muyrakytã, no Amazonas, são oriundos d'aquelles filhos dos *nagas*, que acreditam na *avatara* do Kryshna; mas, deixo de o fazer porque, magistralmente, já o Conde de Charancey provou que Votan se liga ao Phra-Ruáng, hindu, e apenas, permita-se que chame a attenção do leitor para mais alguns episodios ou passagens da lenda de Izy, que estão destacados e formando contos especiaes <sup>(1)</sup> que, todos, tem iguaes no Popol Vuh.

A lenda de Izy, que apresentei em resumo, é tão grande, tem tantos episodios, que em um dia não se narra, e é difficil obter-se, completa, de um só individuo. Só os pagés, depositarios do segredo de Izy, a sabem, mas não contam. Desgarrados apparecem os episodios, que só dizem pertencerem a Izy ou ao Yurupari.

Esses episodios, que dou entre os contos zoologicos, serão apreciados na minha *Poranduba Amazonense*, como me foram narrados e na propria lingua do tapuyo que m'os referio.

D'entre outros episodios destacarei um dos factos, o da invasão de Canceri. A lenda de Izy, que consta de tres partes, que se referem a tres épocas, sendo a primeira a

(1) Vidé Barbosa Rodrigues, *Poranduba Amazonense e a Yellostá*.

que trata dos factos primitivos, ou da origem das tribus, e a terceira a dos hodiernos, comtudo a segunda mostra invasões mais modernas, como a capitaneada pelo chefe Cancri. Este desceu o Içana, *depois de atravessar um rio tão grande como o céu* e de ter lutado com *os fogos do céu, procurava povos para brigar*, como o diz a lenda, pondo essa phrase nos seus labios, por conseguinte era um invasor, um *karaguá*.

Que rio seria esse, vindo elle dos lados de Nova Granada ou de Venezuela, *tão grande como o céu*?

Não seria o Oceano Pacifico? Os fogos do céu, não seria alguma tempestade, que na travessia supportou? Viria expressamente ou seria essa tempestade que o atirou á America?

E' uma invasão moderna, relativamente; mas, não se referiria aos seus ascendentes, que atravessaram os mares, ou teria elle mesmo feito a travessia? Será um dito hyperbolico? Quero crer que não, porque, quando mesmo conhecesse o Amazonas, para o qual se avizinhava, seria ainda uma grande hyperbole comparal-o ao céu, quando naturalmente este comparado, ao Oceano Pacifico não o é.

Que rio seria esse? Seria o Magdalena, o Orenoco? Não *atravessaria* e sim subiria.

Para ser hyperbole, do indio narrador da lenda, custa a crer, porque em geral o indio não exaggera, é sempre fiel nas suas narrativas, e se erra, é por confundir causas com effectos, pela ignorancia dos factós.

Devo observar tambem que as tradições indigenas da America do Norte, segundo Brasseur de Bourbourg, «font allusion, plus d'une fois et d'une manière fort sensible, aux voyages des tribus quichés venant de l'orient, d'une region froide et glacée, par une mer nébuleuse... elles eurent à lutter plus d'une fois avec les éléments... elles

(<sup>1</sup>) Hist. des nat. civ. du Mex. I. pag. 11-12.

eurent à lutt  
passèrent.

Do dor  
é perpetua  
*rio grande*  
correr ao  
Muyrakytã  
fica além d  
descendente

Permit  
logia ou c  
admittirem  
*naimé*.

Em to  
dialectos d  
com o mes  
umas para  
America Ce

Não for  
os destruir

Os Kric  
chamavam  
*kanaimé* (a  
vagens, nã  
as tribus o

Será un  
diferentes  
significado?

*Kiname*  
*kin*, cudit f  
violencia, d  
*ami*, povo,  
inimiga.

Sei, com  
similares n  
la langue, n

eurent à lutter avec les populations parmi lesquelles elles passèrent.... »

Do domínio do inexplicavel é esse facto, comtudo, elle é perpetuado pela tradicção, e o bando que *atravessou o rio grande como o céu*, vem certificar uma invasão e concorrer ao cortejo das circumstancias que se ligam ao Muyrakytã, fazendo-o oriundo de um paiz estranho, que fica além do *rio grande como o céu*, e que foi usado por descendentes de karayuas ou karaybas.

Permita-se-me que apresente ainda mais uma analogia ou coincidência, como o quizerem chamar, si não admittirem como mais uma prova, trata-se do nome *Kanaimé*.

Em todas as tribus dos rios Branco e Negro, com dialectos diversos, a palavra *Kanaimé* é commum a todos, com o mesmo significado de *inimigo*, quando tratam de umas para outras. Não será o *Kinamé* ou Quinamé, da America Central?

Não foram os Quinamés, os inimigos dos Nahuas, que os destruíram?

Os Krichanás, que pacifiquei, (não lembra *Krishná*?) chamavam aos civilizados da povoação de Moura de *carayú kanaimé* (escravidores inimigos), entretanto, eram selvagens, não tinham contacto com os brancos, nem com as tribus do rio Branco que possuem o mesmo vocabulo.

Será um jogo do acaso e natural o de duas linguas differentes apresentarem o mesmo nome com o mesmo significado?

*Kinamé* tem uma origem asiatica, vem do phenício *kin*, cudit ferrum, ferir com espada, *iná*, opprimir, fazer violencia, donde o grego *inos*, musculo, força muscular e *amí*, povo, nação, e dali o significado de inimigo, nação inimiga.

Sei, como diz M. Tylor: «qu'il existe des coutumes similaires non seulement chez des races apparentées par la langue, mais aussi chez des races dont les langues sont

tout-a-fait différentes» mas, dá-se em torno do muyra-kytã tantas circumstancias, que o fixam a um ponto fóra do Brazil, que me parece não serem meras conjecturas o que tenho apresentado.

Um outro exemplo para reforçar o que tenho expellido.

E' costume em todo o Valle do Amazonas, por occasião de um eclipse da lua, reunirem-se os tapuyos, gritarem, tocarem tambores, buzinas, gaitas, caixas, latas de folha, darem tiros para a lua, fazer em fim, um ruido infernal a fim de despertar a lua que *está dormindo*, segundo uns, ou fazer fugir o *bicho que a quer comer*.

Para uns este bicho é a *cobra grande* e para outros uma *onça*.

Este costume que dos gentios passou para os indios, perpetua-se ainda hoje em muitos logares, como tenho observado.

Não é esse um costume das tribus do Mexico e dos Nahuás? Não se prende também a Asia? autorisarei o meu dizer.

Max Müller, na sua *Mythologie comparée* tratando dos *moeurs et coutumes*, á pags. 320, se admira quando diz: «Il est une autre coincidence également curieuse. Les *Mexicains* disaient, en parlant d'une éclipse de lune, que la *lune était decorée par un dragon* et chez les *Hindous* on retrouve *juste la même* idée.

Les deux nations (como no Amazonas) ont même continué á se servir de cette expression longtemps après qu'elles eurent découvert la véritable cause de l'éclipse.»

Eis o que diz M. L. Barre, em um artigo que foi traduzido pelo *Diario Official*, da Côte, de 18 de março de 1888:

« Os *caraibas* tinham pouco mais ou menos as mesmas idéas: o terrivel demonio Mabaya, autor das aparições medonhas, das enfermidades, do trovão e das tempestades procura devorar o astro da noite.

Para a  
lhando em  
agitando,

Para  
gigantesco  
*guaranys*

Apeza  
nomia ent  
na cauda  
a lua dura  
sobre a e

Ainda  
ma-se per

Analo  
Nas o  
occultaçã  
enrosca c

Os Si  
são causa  
o sol ou a  
rulho, toc

O me  
A serp  
aos Mexic

Resta-  
Izy, o da  
*genros do*  
palavras,  
netos de

Hunal  
queria se  
que quan  
toasse um

(1) A tr  
um dragão Ra

Para afugentar o monstro faziam grande barulho machucando em cascas de arvores, tambores, etc., e sobretudo agitando, *maracás* (cabaças contendo seixos).

Para algumas tribus da America do Sul, é um cão gigantesco que devora a lua por occasião dos eclipses. O *guaranys* da bacia do Orenoco pensam que é um jaguar.

Apezar do estado relativamente adiantado da astronomia entre os *hindus*, este povo acreditava na cabeça e na cauda do *dragão* que no céu procura devorar o sol e a lua durante os eclipses: eram os dous nós da orbita lunar sobre a ecliptica. (1)

Ainda hoje, a duração da revolução dessa linha chama-se periodo *dragonico*.

Análoga tradição se encontra entre os hebreus.

Nas crenças populares de Sumatra e de Malacca, a occultação do astro é causada por *enorme serpente* que a enrola com os seus anneis.

Os Siamezes ainda hoje acreditam que os eclipses são causados pela malignidade de um *dragão* que devora o sol ou a lua, fazem então grande alarido e enorme barulho, tocando tambores, caldeirões etc., etc.»

O mesmo quanto a China.»

A serpente, o dragão dos eclipses não liga os Asiaticos, aos Mexicanos aos Karaybas e aos Amazonenses?

Resta-me apresentar entre outros episodios da lenda de Izy, o da *Kaua ce pin*, ou o da *vespa me picou*, e o dos *genros do Urubu*, inteiramente identicos, quasi pelas mesmas palavras, ao da manifestação dos reis de Xibalba e aos dos netos de Xmucané.

Hunahpu, não sabendo os nomes dos reis dos quaes queria se vingar e destruir o seu poder, ordenou a Xan que quando elles estivessem reunidos para recebel-o ferretosasse um por um.

(1) A tradição Brahma perpetua que durante os eclipses, *Gruana*, em sanscrito um dragão *Rau*, devora a lua. Esta mesma crença vae á China.

Com effeito chegando Hunahpu achou-os todos assentados. Xan ferroteou os dous primeiros, que não responderam por serem de páo, mas, chegando ao terceiro este gritou: Ai! ay! (1)— O que te picou Ham-Camé?— Alguma cousa que não sei.— Ai! ay! O que te picou Vukub-Camé?— Ai! ay! O que te picou Cuchumaquiq?

E assim por diante até o decimo quarto.

Agora comparemos com o que, ha mais de cem annos, cantavam os Indios do Rio Negro nas suas festas do Toré, e que ainda hoje os pagés, quando relatam os episodios de Izy, cantam ao chegar a esse ponto.

*Ai! Ai! Kúua iki ce pin*

*Cy irá*

*Mãe kúua taá*

*Cy irá!*

*Mamangaua kúua,*

*Cy irá?*

*Inti ra ko ad*

*Cy irá.*

*Tapitú kúua,*

*Cy irá?*

*Inti ra ko ad,*

*Cy irá.*

Ai! ai! A vespa aqui me peou

Mão do mel!

Qual das vespas?

Mão do mel

A vespa mamangaua,

Mão do mel?

Não foi ella,

Mão do mel.

A vespa Tapiú,

Mão do mel!

Não foi ella

Mão do mel,

e assim por diante até mencionar treze nomes de abelhas ou vespas.

A fórma da exposição, escripta pelo Padre Ximenez e no Popol Vuh, de Brasseur de Bourbourg é a mesma que se canta no Rio Negro.

A vespa é a heroína n'um, como o mosquito n'outro caso.

O numero de vezes que se repete a pergunta é o mesmo, correspondendo o numero das abelhas, ao numero dos reis, não parece que esses nomes se referem tambem a outros tantos de chefes de tribus, que Izy venceu, se não se referem aos reis de Xibalba?

(1) Vide *Popol Vuh*, cap. VIII, pags. 143 e 145. Ximenez (Ed. Scherzer) *Las historias de los Indios de esta provincia de Guatemala*. Vienna, 1857, pag. 59.

Como a  
tribus Qu  
tacto ou q

E' par  
tudo quant

Agora  
comparal-o

Esta, q  
comsigo, q  
ella muito

Sendo a  
que estes s

Ficand

parar uma  
e suas sarc

que ao me

Chegan  
fouce n'um  
apanhar fru  
apparende

O mach

zeram a de  
Ao meic

que supoz

Toda es

Izy, e modif

pelo episod

sadas com u  
e com um n  
timados, em

(1) Davo Jer  
os indios usavar  
tribus do Rio Neg  
ranhão. E' mais

Como apparecer entre tribus Amazonenses, factos das tribus Quichés, sem que ellas estivessem out'ora em contacto ou que dellas descendam?

E' para mim mais uma prova, que vem confirmar tudo quanto até aqui tenho avançado.

Agora passo ao episodio dos *genros do Urubu* para comparal-os com o dos *netos de Xmucané*.

Esta, que era a avó de Hunahpu e Xbalanqué, tinha comsigo, quando estes nasceram, já outros dous netos, que ella muito prezava, Humbaty e Hunchouen.

Sendo aquelles desprezados vingaram-se fazendo com que estes se metamorphoseassem em macacos.

Ficando sosinhos, para agradarem a avó, foram preparar uma roça, levando para isso machado, fouce, enxada e suas *sarabatanas* (1) para roçarem, recommendando-lhe que ao *meio dia* lhes levasse o almoço.

Chegando ao lugar da roça, metteram o machado e a fouce n'um tronco e a enxada na terra e foram caçar, apanhar fructos, até serem avisados que a avó já vinha apparecendo.

O machado e a enxada, emquanto elles caçavam, fizeram a derrubada e viraram a terra.

Ao meio dia chegou a avó e viu, admirada, o trabalho que suppoz ser feito por elles e ficou satisfeita.

Toda essa passagem é tambem referida na lenda de Izy, e modificada, pelo tempo, e pelo meio, chegou até nós, pelo episodio das quatro filhas do Urubu, que sendo casadas com um cameleão, com uma coruja, com um pombo e com um pato, eram os dous primeiros genros muito estimados, em quanto que os outros eram odiados.

(1) Devo lembrar aqui que, nem no baixo Amazonas, nem no sul do Brazil os indios usavam essa arma de caça, peculiar á região do muyrakytã, isto é, á tribus do Rio Negro e seus afluentes, e á algumas dos afluentes do Solimões e Maranhãõ. E' mais uma affinidade.

Estes para serem agradáveis á sogra, foram como os outros, um dia fazer uma roça, mas; enquanto os dous ultimos tinham tempo para trabalhar, caçar e apanhar fructos os outros dous dormiam e nada faziam.

Ao *meio dia* o pombo e o pato voltavam para almoçar e eram mal recebidos, como vadios, porque a sogra estava persuadida que elles nada tinham feito, e que os outros ficavam trabalhando até a noite.

Final, indo ella á roça, ficou admirada do trabalho que o pombo e o pato tinham feito, enquanto a coruja dormia e o cameleão estava no buraco, e nada tinham feito, esperando pela noite para voltarem.

Lendo-se a passagem do Popol Vuh, e a lenda, ver-se-ha a homogeneidade dos dous episodios.

N'um são quatro netos, n'outro quatro genros, em ambos só dous são estimados, em ambos os episodios, os quatro vão para a roça, e ha o trabalho rapido feito só por dous.

No conto Quiché os instrumentos trabalham por si, no Amazonense este trabalho é representado, mas, de uma maneira mais caracteristica, porque symbolisa o costume do pato e do pombo, que, quando pascigam, é andando e comendo muito ligeiramente, recolhendo-se sempre ao meio dia ao pousio.

A metamorphose dos dous irmãos em macacos que não trabalhavam, é substituida pela coruja, que dorme de dia, e pelo lagarto que vive nas tocas e só sahe depois que o sol esquentá. A colheita dos fructos, o almoço ao meio dia assim como a admiração da avó e da sogra, notam-se em ambos os episodios, como em ambos figuram o pombo.

Todos estes pontos de contacto, ainda tornam-se-me mais frizantes vendo no episodio do Popol Vuh, ao queimarem a roça sahir um rato com a cauda queimada, que, seguro por um dos netos, deixou a pelle nas mãos e foi-se embora, razão pela qual, hoje, o rato tem a cauda pellada.

Este m  
feito pelos  
sado, entã

Estas  
comprovan  
Quichés, q  
heróe de  
ou *Anapu*,  
seculos so

E' air

Com e  
mostrar e  
Muyrakyt  
mescla, f  
e guerreir  
a Europa,

Das lu  
rentes se  
que, pura  
chegou á  
as que a

Assim  
historicos  
donde sah  
linguas e  
dos Turco  
de termos  
e um dec  
o mais pe  
na Americ

M. de  
gias entre  
Pelos

(<sup>1</sup>) Mem  
du plateau de



Este mesmo facto apparece, não na queima da roça feito pelos genros, mas em um episodio destacado, e passado, então já, entre a mucura e o camaleão.

Estas analogias tornam-se mais notaveis, e parecem comprovar o parentesco entre os Uaupés e os Nauhas-Quichés, quando vemos que o proprio nome *Hunahpu*, o heróe de Xibalba, está perpetuado em um rio, o *Unapu* ou *Anapu*, pouco corrompido apezar da passagem de muitos seculos sobre elle.

E' ainda uma coincidência ou uma phantasia minha ?

Com esta identificação fecho este estudo, que fiz para mostrar em que me tenho fundado para affirmar que o Muyrakytã é uma reliquia deixada na America, por uma mescla, formada por um corpo de aventureiros valentes e guerreiros (Karas) que a invadiu, como outro conquistou a Europa, deixando nella tambem linguas diferentes.

Das lutas intestinas do centro da Asia, onde povos diferentes se batiam, e se mesclavam, originou-se a avalanche que, pura, sahiu da nascente, e carregada de detritos chegou á America, onde deixou sementes diferentes, como as que as aguas arrebatam na sua passagem pelas terras.

Assim como a invasão da Europa, nos tempos pre-historicos e historicos, por povos sahidos da mesma região, donde sahiram os portadores do muyrakytã, deixou nella linguas e costumes diferentes, vendo-se, por exemplo, na dos Turcos, que é lingua de agglutinação, uma infinidade de termos de flexão, a ponto de não terem senão os verbos e um decimo dos substantivos, que são tartaros, sendo o mais persa, arabe e sanscrito, assim tambem aconteceu na America, vindo o tempo acabar com a obra corruptora.

M. de Paravey, (1) por exemplo, acha muitas analogias entre o Muizka, o Japonez, o Arabe e o Basco.

Pelos factos hodiernos devemos considerar os antigos.

(1) Mem. sur l'origine japonaise, arabe et basque de la civilisation des peuples du plateau de Bogotá.

O que se deu outr'ora com a emigração asiática, dá-se hoje no Amazonas, com a emigração conhecida por *Cearense*. Diversas ondas migratorias tem invadido o Amazonas, sahidas do Ceará, pelo que todos os retirantes são conhecidos por *Cearenses*, quando, entretanto, sob o mesmo nome, existem *Parahybanos*, *Sergipanos*, *Rio Grandenses* e *Piauhyenses*, todos, posto que fallando uma só lingua, tendo sotaques e termos diferentes, alguns dos quaes, ininteligiveis entre os mesmos retirantes.

Não é, pois, para admirar que se encontre nos povos americanos, com linguas de agglutinação, termos de linguas de flexão e que appareçam raizes sanscritas e arabes como entre os turcos ellas existem. A palavra *Ab*, agua, por exemplo, hoje turca, sahida da Persia, é sanscrita.

Emfim, se não fóra o *Muyrakytã* não appareceria a identificação com os *Nahuas*, porque *Votan*, a serpente que atravessou o Pacifico, a mais antiga, deixou á sua memoria vinculada na descendencia do povo que o acompanhou, e posteriormente unida á de *Quetzalcohuatl*, outra serpente verde, que veio pelo Atlantico, que appareceu em *Panuco*, e levou aos povos que se succederam, pelos cruzamentos e pelas dispersões, crenças amalgamadas, e confundidas, entre as quaes somente as do *Sol*, e das serpentes triumpharam, por algum tempo, para nos tempos mais modernos, com a invasão das bandeiras civilisadas, serem tambem esquecidas.

O que perdurou foi o amuleto de *nephrite*, que era suspenso ao pescoço dos *platycephalos karaybas*, que surgiam por todos os lados, na bacia do Amazonas, este mesmo, nos tempos que correm, completamente modificado, apparecendo, mais puro, o *nanacy* dos *Uaupés*.

Este, mesmo, já não é fabricado hoje, vem de outras éras e é conservado nas tribus, passando como reliquia de geração em geração.

O não querer se admitir que, na raça americana actual, existam reliquias linguisticas sanscritas, é uma

sem razão.  
não se pó  
flexão cabi  
de muitos  
conservado  
nativa, qu  
exemplos.  
taram ao  
só se lem  
sahem das  
de alguns  
kurumis d  
no fim de  
lisado, esq  
como os q  
annos, só  
dar o cas

Um ca  
habitar a  
monosyllab  
ainda a su

Os filh  
pertencer á  
filhos do S  
tribu, deix  
Alguns Ar  
para a Ar  
só fallou a  
se ligavam

Diz d'C  
« S'il e  
ches les p  
aux usages

(1) D'osb

sem razão. Porque, n'uma raça, que tem lingua aglutinativa, não se póde admittir termos de flexão? Uma lingua de flexão cahindo n'um meio d'outra aglutinativa, por espaço de muitos seculos, não póde ser esquecida a ponto de serem conservados só um ou outro termo e só ser fallada a aglutinativa, que foi adoptada? Póde e disso temos milhares de exemplos. Todos os africanos, de varias nações, que aportaram ao Brazil, a cincoenta annos, já adultos, nem um só se lembra da sua lingua. Todos os selvagens que sahem das malocas do Amazonas, tambem adultos, no fim de alguns annos esquecem-se da lingua propria. Os kurumis de seis e oito annos, sahidos tambem das malocas no fim de tres a quatro annos, de estada no meio civilisado, esquecem-se completamente da sua lingua. Assim como os que fallavam linguas aglutinativas, em poucos annos, só fallam o portuguez de flexão, por que se não dar o caso contrario?

Um casal italiano, por exemplo, ainda, moço se fôr habitar o centro da China, só ouvindo fallar o chinez, monosyllabico, depois d'um espaço de 50 annos fallará ainda a sua lingua?

Os filhos que nascerem fallando só chinez deixarão de pertencer á raça dos paes, só porque fallam o idioma dos filhos do Sol? Se esta familia se multiplicar e formar uma tribu, deixa de ter origem italiana? Foi o que se deu. Alguns Aryanos, misturados com não Aryanos, vieram para a America e com o correr dos seculos, a geração só fallou a lingua monosyllabica, guardando os termos que se ligavam a lugares e a cousas notaveis.

Diz d'Orbigny: <sup>(1)</sup>

« S'il est de ces mots que le hazard seul fait retrouver chez les peuples éloignés, il en est d'autres qui tiennent aux usages particuliers, aux coutumes intimes, à la croy-

(1) D'Orbigny. *L'hom. amer.* pag. 70.

ance religieuse d'une nation et qui ne peuvent s'y transmettre que par un contact bien prouvé.

Quetzalcohuatl, Votan, Bochicha, Manco Capac, Bokan e o mesmo Chimé são seis nomes distintos, de apóstolos de uma só crença que prende as duas Americas á Asia.

Não se vê em tudo isso mais um éloque, da já longa cadeia de factos que tenho apresentado, prende o Muyrakytā aos rochedos das margens do Rio Yu, passando pela America do Norte?

Parece-me que, pelos commentarios que tenho feito das *Lendas de Isy* ou *Bokan*, que assás mostrei, ethnologicamente, o que já chimica e archeologicamente se mostra, isto é, que a origem do Muyrakytā no Amazonas, é proveniente de uma invasão de povos que, originariamente, tiveram por berço o solo em que se ergueu a Babel.

Respeitoso curvar-me-hei ante as jazidas de nephrite ou de jadeite, que se encontrarem no Brazil, e ante outras provas, materiaes, colhidas nos logares em que se encontra o Muyrakytā, porque só assim convencer-me-hei que ando em erro; porém, até lá hão de me permittir que sustente perante todo e qualquer *Meyer*, estrangeiro ou nacional, que se apresente, que o Muyrakytā é de origem asiatica e que muitas das tribus Amazonenses são descendencias de cruzamentos Indo-americanos, feitos em varias épocas prehistoricas, que degeneraram e voltaram á barbaria primitiva, ou como disse Lafitau: « Il resultera comme une espèce d'évidence, que l'Amerique a été peuplée par les terres les plus orientales de la Tartarie. » (1)

O mesmo padre ainda o sustenta, quando diz: « Ceci peut encore servir à prouver que le passage de ces nations c'est fait par les terres de la Tartarie. » (2)

(1) *Mœurs des sauvages Américains*. MDCCXXIV. I. pag. 34.

(2) *Obr. cit.* pag. 41.

Pelos  
D. Julio C  
lana: « D  
mongola  
mitivos d  
outras tril  
E' ai  
affirma q  
aussi qu'  
sentemen  
de l'Oues

(1) Resu

(2) Obr

Pelos seus estudos, ainda não ha muito, disse tambem D. Julio Calcaño, (1) illustre membro da Academia Venezolana: « De mi digo que individuos de la raza tártara ó mongola constituyen la mayoria de los habitantes primitivos de la America meridional en mezcla con las de otras tribus asiaticas. »

E' ainda o mesmo jesuita, a que me referi, quem nos affirma que « Les sauvages en général n'ignorent point aussi qu'ils sont étrangers aux país qu'ils habitent presentement. Ils disent qu'ils sont venus de loin du côté de l'Ouest, c'est à dire de l'Asie. » (2)

---

(1) *Resumen de las Actas de la Academia Venezolana*, 1886, pag. 49.

(2) *Obr. cit.*, pag. 101.

## VI

### OS COCAMAS E OS COCOMAS. A JADE E A SUA ANTIGUIDADE. CONCLUSÃO.

Entre os indios com quem estive, no Perú, figuram os da tribo dos Cocamas. Não me occuparia d'elles, se não estivessem, tambem, ligados pela crença de Izy, ao Muyrakytá, aos Cocomas, de Yucatan, aos filhos do sol e das serpentes, isto é, si não estivessem presos á terra da jade.

Estes indios formam uma divisão, sahida da grande tribo dos Mayás ou Mayaná, da qual uma parte chegou ao Paraguay, com o nome de Mbayás, pela pronuncia karany, e que por largos annos habitaram o districto de Nauta. Posteriormente, alguns se pacificaram e se reuniram na povoação da Laguna. Em 1681, quando a elles se reuniram os Omauas, estavam já sob o dominio dos missionarios.

Em Dezembro de 1888 estive em uma maloca destes mesmos indios, proximo ao pueblo de S. Pablo de Loreto. Mais de uma centena estavam reunidos para prantearem a morte de um companheiro, havendo para cima de cincoenta mulheres. No meio da maloca, sobre um giráo, vi-se uma figura, arranjada como um judas, que simulava o morto, que havia dias tinha sido enterrado. Em roda homens e mulheres cantavam e choravam, acompanhando esse ceremonial de libações de aguardente, feita de bananas

ou plata  
uma esp  
o tubo c  
sivamen

Os M  
nilla em  
beção, c  
teem os  
missang  
se desta  
cidos co  
de algo

Esta  
Omauas  
tecido po  
Uicopé c  
costume  
zeram li  
homony  
Cocamas  
America  
pensar.

De d  
comas, c  
uma dy  
nobre de  
de Votar  
familias  
geiro m  
pán. Al  
o seu D  
barco, t  
Coatzacc  
largo rei  
tornando  
foi destr

ou platanos. Preparavam a aguardente n'essa occasião em uma especie de alambique, grande, feito de terra cota, sendo o tubo de um tronco de embauba (*Cecropia*). Era excessivamente forte, porém clara, muito aromatica e saborosa.

Os homens usam a cuzma, e as mulheres uma pampañilla em roda da cintura, á guiza de tanga, e algumas um cabeção, com ou sem mangas, a que chamam *anuco*, pelo que tem os seios cobertos. Todas trazem, bem feitos, collares de missangas vermelhas, como se fóra uma larga gravata, que se destacam, da côr negra ou azul ferrete, que tem os tecidos com que se cobrem. Bem fiado, bem tecido é o panno de algodão que fazem para o seu uso.

Esta tribu tem a tradição de Izy, veste-se como os Omauas, de cuzmas ou samarras, de algodão, cultivado e tecido por ella, uza o pintar os dentes de preto e emprega o *Uicopé* ou a estoléca, como vimos. Foi tribu sempre de bons costumes e pacifica. Estes usos e os nomes das tribus me fizeram ligar os Mayas, os Quichos, e os Omauas aos seus homonymos do Mexico, e agora a estes, tambem reuno os Cocamas como descendentes das tribus que immigraram da America do Norte. Dou os motivos que me levam a assim pensar.

De epochas immemoriaes existiam, no Mexico, os Cocomas, que, por largos annos, reinaram em Mayapan. Era uma dynastia, que se tinha como a mais antiga, e a mais nobre da Yucatan. Pretendia sahir em linha recta de Zamná, de Votan ou de seus companheiros, e da mais nobre das familias dos Mayas. O chefe da dynastia foi Cuculcan, estrangeiro mysterioso, que appareceu e estabeleceu-se em Mayapan. Alguns querem que seja o mesmo, que passou a ser o seu Deus, Quetzalcoatl, que depois desapareceu em um barco, tirado por serpentes, no lugar que denominaram Coatzacoatl, isto é, recanto das serpentes. Depois de um largo reinado de progresso e prosperidade, os ultimos reis, tornando-se tyrannos, foram batidos pelos Quiches. Mayapan foi destruida, e o povo derramado, expatriou-se, seguindo

algumas hordas para o lado do sul. (1) Quando os hespanhóes conquistaram o Mexico, ainda existiam algumas familias Cocomas.

O nome *Cocom*, segundo Landa, (2) é o plural de *Cocuhatt*, e significa serpentes.

Quando morria algum membro da familia pranteavam-o festejando, ante uma figura que simulava o morto, e quando morria algum rei, cortavam a cabeça, e a modelavam. O modelo era collocado entre os idolos, para ser reverenciado e receber offerendas.

Os Cocomas, segundo Diego de Landa, «tenian cierto arte di tirar varas con un palo grueso como tres dedos, agujerado hazia la tertia parte, y largo seis palmos, y que con el tiravan fuerte y certezamente,» que é a estoléca.

As indias Cocomas, segundo o mesmo autor, andavam «vestidas de la cinta abaxo, y cubiertos los pechos».

Eram idolatras e seus idolos representavam animaes devorando outros, como o que nos dá noticia o mesmo autor da *Relacion de las cosas de Yucatan*. Descrevendo um templo, diz que «en lo alto estava un idolo con dos fieros animales que le comian las ijadas y une sierpe larga e gorda de piédra que se tragava un leon».

Comparando-se os costumes dos Cocomas, peruanos, com os dos Cocomas, de Yucatan, vê-se que são os mesmos e descendem dos Mayas; conservam ainda o uso da estoléca, o vestuario das mulheres e as honras funebres. O uso de tingir os dentes, já vimos que se liga á uma fonte asiatica, e que não é americana. O proprio nome Cocama, é o Cocoma, que modificado, perdura, como os nomes Mayas, Nahuas, Quichos, da America do Norte, tem tambem resistido aos embates do tempo e do meio. As crenças tambem

(1) Este facto deu-se, segundo os calculos de Landa, em 1446, visto como se passou 120 annos antes da epocha, 1566, que escreveu o mesmo Landa a sua *Relação*.

(2) *Rel. de las cosas de Yucatan*. P. 39.

perdura  
serpente  
gullham  
o para  
se tem  
As mod  
stiluidas  
ellas se  
sassem  
muitas  
das pala  
como B  
ricanas  
plus non

Alér  
as duas  
como se  
que repr  
O id  
mesma  
zonas,  
procurar  
quasi se

Que  
vezes, d  
outras,  
fonte, n  
tumes e  
outro; n  
uma só  
tadas, n

Vim  
margem

(1) Le



perduram; tanto assim, que a tribo peruana descende das serpentes, como destas descende a mexicana, e disso se orgulham. A pequena mudança, no nome Cocoma, de um *o* para *a* nada é, em comparação de outras palavras que se tem modificado, cuja corruptella é facil e bem provada. As modificações, comtudo, não impedem que sejam reconstituídas as primitivas; sempre que factos ethnologicos a ellas se liguem, não admira que do norte para o sul passassem palavras, quando, como vimos, da Asia para aqui muitas vieram. Muitos duvidarão, negarão a existencia das palavras sanscritas que tenho apresentado, porém direi como Brasseur de Bourbourg, tratando das linguas americanas e do sanscrito «s'y trouve des racines communes, plus nombreuses qu'on ne le pense généralement». (1)

Além dos costumes, das crenças, que encontro entre as duas tribus Cocamas, que as identificam, e mostram como se povoou o sul da America, ha ainda a idolatria, que representava os seus deuses da mesma fórma.

O ídolo de Yucatan, descripto por Diêgo de Landa, é da mesma escola, representa a mesma idéa da dos do Amazonas, é sempre um animal poderoso, devorando, ou procurando dominar outro tambem forte, apparecendo quasi sempre a serpente, da idolatria asiatica.

Que a America do sul recebeu o embate, por muitas vezes, das ondas de povos que desciam do norte, com outras, que do sul subiam, vindo, anteriormente, da mesma fonte, não resta duvida, e desses embates nasceram costumes e dialectos modificados de um lado, adulterados de outro; mas, quasi todos, quando bem estudados, prezos a uma só raiz, que as lendas, si bem que, tambem, inxertadas, nos illuminam.

Vimos, por exemplo, na lenda do Pahy-tunarê, da margem do Amazonas, que Pahy-tuna quando se viu só,

(1) *Les choses de Yucatan*, pag. III, em nota.

depois de abandonado pelas mulheres, quando voltava da roça para casa, encontrava a comida feita por um papagaio ou arara, que não era mais do que uma mulher metamorphoseada, pois bem, em Quito apparece quasi a mesma lenda. Dizem os indios, dahi, que no começo do mundo, havendo uma grande inundação salvaram-se apenas dous irmãos, que consumindo em poucos dias os viveres que tinham, iam diariamente aos valles vizinhos procurar outros, e, quando voltavam á cabana, achavam iguarias preparadas por mãos desconhecidas. Apoiarei agora o meu dizer com uma autoridade.

« Curieux de pénétrer ce mystère, ils convinrent au bout de quelques jours, que l'un des deux resterait au logis et se cacherait pour decouvrir les êtres bienfaisants à qui ils étaient redevables de ces soins. Retiré dans un coin, celui-ci vit avec surprise entrer deux araras, aux visages de femme, qui préparèrent aussitôt le maïs et les viandes qui devaient servir au repas. En l'apercevant, les deux oiseaux voulurent s'enfuir, mais il en saisit un, que devint sa femme. » (1)

A identidade do final da lenda é perfeita, por onde se vê, que das altaneiras serras, que descambam para o Oceano Pacifico, desceram, percorrendo milhares de leguas para chegar á margem do Amazonas.

Com as lendas desceu o muyrakylã, que, tambem do Golpho do Mexico, pelas Guyanas, chegou ao rio-mar. Pedro Barrère affirma que as pedras verdes « sont fort estimées par tous les sauvages de la Guyane ; les indiennes surtout regardent ces sortes de pierre, qui font leur plus grande passion. » (2)

Pelo dialecto karayba, tem ahi o nome de *Takoura-oua* ou *Takourave*. Esta palavra pura karany ou tupi, como é o Galiby, adulterado pela phonetica franceza, não é mais

(1) Bras. de Bourbourg, *Les choses de Yutestan*, pag. xxxii.

(2) *Essai d'hist. nat. de la France équinoxiale*, 2<sup>me</sup> edit. 1749. pag. 214.

do que o  
de pedr

Como  
pedra div  
da Asia  
e as mes  
senão por  
parecend  
ver que s  
é que exi  
se encont  
tasia da m  
em Arab  
jade ou m  
cach ( q  
dont les p  
de lá aux  
dans la

O jas

Os P

os Chins  
o de Kas

Existi  
sentada, p

As va  
letos, e as  
mesmas c  
couleur es  
par excell  
Sa coulet  
foncé. On  
qu'il vient

(1) *Hist.*

(2) *Des*

do que o *Takuru-ua* ou *itákuru-uac*, que significa *pedaço de pedra do céu*, ou *pedra divina*.

Como temos visto e tenho procurado demonstrar, esta pedra divina, apreciada, desde os tempos bíblicos, do centro da Asia até á America, sempre, com os mesmos attributos e as mesmas propriedades, não podia assim generalisar-se senão por uma grande immigração, que ella nos prova, apparecendo soterrada, como balizas de uma passagem. Já fiz ver que só em Kotan, no districto de Yuthian, no Turkestan é que existem as pedreiras, que dão as *muyrakyfãs*, que se encontram no Brazil, e para provar que não é pura fantasia da minha parte, citarei o que diz o Scheriff Eddin, que, em Arabe, escreveu a historia de Timur-Bei. Tratando da jade ou nephrite, assim nos diz: « Il y a deux rivières Orancasch (que outros escrevem *jurang-kasch*), et Karacasch, dont les pierres sont des jaspes (yeschm), que l'on porte de lá aux autres pays. Ces deux rivières ont leur source dans la montagne Carangontan. » (1)

O jaspe (yeschm) não é mais do que a jade.

Os Persas dão á esta rocha o nome de *Yeschm*, como os Chins o de *Yu*, os Japonezes o de *Tama* e os Mongolios o de *Kasch*.

Existindo a jade, só em Yuthian que appareça representada, pelos *muyrakyfãs*, no Brazil, como aqui veio parar?

As variedades de jade que tenho, representadas em amuletos, e as que me passaram pelas mãos e ns estudei, são as mesmas que Dutens (2) trata: « La jade d'un verd clair. Sa couleur est olivâtre au celadon. C'est celui que l'on nomme par excellence « Pierre Divine ». La jade d'un verd foncé. Sa couleur rassemble à la Pierre d'émeraude d'un vert foncé. On l'appelle aussi « Pierre des Amazones » parce qu'il vient des bords de la rivière des Amazones. »

(1) *Hist. de Timur Rey*, traduzida em 1722 por Pétis de la Croix.

(2) *Des pierres précieuses et des pierres fines*. Paris, 1776, pag. 116.

Pela descoberta do Amazonas eram ainda esses amuletos communs, porém, depois desapareceram pela seguinte razão, que nos dá La Condamine: « à cause du grand nombre, qui a passé en Europe ».

Como os Cocamas, também os Malankongs, os Uaymarás, os Crichanás, do alto rio Branco, de Roraimá e do Orenoco, usaram o Muyrakytã e se unem pelas crenças e pelas festas de Izy. Por que razão toda a região entre o golpho do Mexico, o Pacifico e o Amazonas, estendendo-se pela Bolivia, Matto Grosso e Paraguay, cheia de povos diferentes, formando hoje tribus distinctas e até inimigas, hão de estar ligadas por uma só crença e ter usado o Muyrakytã? Eram tão vulgares outr'outra as jazidas dessa rocha nessa região?

Porque desapareceram, a ponto de nem haver vestígios ou tradição dellas?

Da Asia passou á California e ao Mexico, deste ás Antilhas, ás Guyanas, á Columbia e ao Amazonas, vindo com ella as crenças do passado e da sua origem.

São meras hypotheses, é fantasia, são coincidencias, são homonomias, dirão os criticos, de gabinete, repimpados em sua poltrona, sem estudo especial do assumpto, ou conhecedores de oitiva, mas não serão para aquelle que palmar as regiões, observando, estudando, indagando, e comparando; para aquelle cuja mesa de trabalho tem sido a natureza, com todas as suas agruras, o contacto com as tribus, suas crenças e seus artefactos, o estudo dos terrenos, dos dialectos, das lendas, das superstições e profundamente meditado sobre tudo, por espaço de cinco lustros.

Ahi fica registrada a minha opinião, ou a hypothese de uma phantasia arrojada, se quizerem; agora, os que melhores estudos tenham feito, que restabeleçam a verdade e expliquem por que, em torno do amuleto, usado na Asia de uma rocha da Tartaria, achado na America, onde não ha jazidas da mesma, se accumulam e se prendem tantos factos ethnologicos.

Finda  
para com  
dade do u  
mesmas p  
entre aqu  
mente em  
O uso  
com o pr  
Assim  
considera  
ella se pr  
No an  
que Deus  
quando di  
vestri, ut  
11).

Appar  
ia para o  
et circume

No an  
Christo, já  
Moysés: «  
et *faber in*

Entreta  
como o ou  
Dominus a  
secundo fil

O Padre  
o *acutissim*  
que devia

(1) Et cro  
tambem praticac  
(2) Biblia  
do texto origina

Findando aqui os meus commentarios só me resta, para completar o estudo, dizer alguma cousa da antiguidade do uso da jade, servindo, sempre, de amuleto, com as mesmas propriedades, em todos os povos do mundo, mesmo entre aquelles em cujos paizes não existe a rocha, naturalmente em jazidas, como na Europa e na America.

O uso da jade é tão antigo, que, pôde-se dizer, nasceu com o primeiro homem.

Assim é que a jade desde os tempos biblicos já era considerada, pôde-se dizer, uma pedra divina, tanto que com ella se preparavam as facas para as circumcisiões.

No anno 2107, <sup>(1)</sup> isto é, 1897 annos antes de Christo, foi que Deus estabeleceu a circumcisão para os filhos de Israel, quando disse a Moysés: « circumcidetis carnem praeputii vestri, ut signum foederis inter me et eos ( Gen. cap. XVII, 11 ).

Apparecendo mais tarde Deus a Moysés, quando este ia para o Egypto « Tulit illicó Saphora acutissimam petram et circumcidit preputium filli sui. » ( Exod., cap. IV., 25 ).

No anno 130, da criação do mundo, isto é, 3874 antes de Christo, já o ferro era conhecido, como nos diz, claramente, Moysés: « Sella quoque genuit Tubalcain, qui fuit malleator et faber in cuncta opera aeris et ferri. » ( Gen., cap. IV., 22 ).

Entretanto sendo conhecido o ferro e trabalhado, assim como o ouro, a prata e outros metalles: « Eo tempore ait Dominus ad Jossué: *Fac tibi cultros lapideos* et circumcide secundo filios Israel. » ( Jossue, cap. V, 2 ).

O Padre Antonio Pereira de Figueiredo, <sup>(2)</sup> interpretando o *acutissima pedra*, de que se servio Saphora, nos diz que devia ser uma pederneira, isto é, um sillex. Presumo

<sup>(1)</sup> E' creança que, antes, os Egypticos já tinham o uso da circumcisão, que era tambem praticada entre os primitivos americanos.

<sup>(2)</sup> *Biblia sagrada*, traduzida da *Vulgata*. Esta foi traduzida por S. Jeronimo, do texto original, no anno 384.

não ser exacta esta interpretação, se bem que a mais natural, porquanto o silex ou a pederneira, como foi perpetuado em hebraico, é **הלםש**, *halsas*, traduzido por **πᾶσις**, em grego.

A pedra empregada, como adiante veremos, deveria ser uma pedra especial, tida por preciosa, e não uma pedra

commum, **אבן**, *eben*, **באבנים**, *ba abanin*, no plural, a **λῆθος** dos gregos, como claramente se vê no Genesis, em Jossué (1.<sup>2</sup>) e nas *Chronicas* (3.<sup>4</sup>).

Para perpetuar um signal de Deus, como nos diz Moysés, « inter me et vos, » não empregariam um calhão commum, mesmo porque, é Moysés quem affirma que, o Senhor ordenava que tudo quanto tivesse relação com a sua Divindade deveria ser especial e do melhor. Assim é que para edificação do tabernaculo, disse elle aos filhos de Israel:

« *Ist est sermo quem praecepit Dominus:*

Separate apud vos *primitiis Domino*. Omnis voluntarius et prono animo offerate as Domino: *aurum et argentum et eas hyacinthum et purpuram, coccumque bis tinctum, et byssum, pilis caprarum, etc.* » (Exod. cap. XXXV v. 4, 5 et 6. )

Cumprindo-se a ordem do Senhor, apezar de ser conhecido o ferro, a circumcisão, nos primitivos tempos, foi sempre feita com instrumento de pedra, tanto que até hoje os arabes teem, para designar *o que opera a circumcisão*,

a palavra **حجر**, *h'adjjam*, cuja radical é **حج**,

(<sup>1</sup>) Cap. XXIX. v. 18.

(<sup>2</sup>) Cap. XXIV. v. 26.

(<sup>3</sup>) Cap. II. v. 14.

(<sup>4</sup>) Cap. IX, v. 27.

*h'ajar* ou  
ou *ergelina*

Essa pe-  
cada pelo S  
*pedra Divin*

Creio que

motivo que  
*taspiis* e os  
ainda hoje, o  
tigos, como  
wen-kian-lo,

Penso, o  
era perpetua  
ruptella tam  
mentos, im  
teem havido

tica, porque  
mais facilme

Si este  
prova muito  
de Moysés, é  
migração, en  
mundo.

Emfim, a  
samaritano, o

Este é es  
que foram r  
daicos, quar  
ritanos, depo  
esses dous te  
ritano ha un

(<sup>1</sup>) *Hist. de la*

*h'ajar* ou *h'adjara*, pedra, segundo a pronuncia asiatica ou argelina.

Essa pedra, para mim, era a jade que, pela preferencia, dada pelo Senhor, passou a ser conhecida mais tarde por *pedra Divina*, *ebem micodeset*, em hebraico.

Creio que o יִשְׁפָּר, *iaschpé*, designava a jade, pelo

motivo que adiante apresento, rocha que os gregos fizeram *ἴασπις* e os arabes *Jescheb*, *Jeschef*, *Jeschem*, nome que, ainda hoje, dão á verdadeira jade, o *jaspis viridis* dos antigos, como nos diz Mohammed Ibn Mansour e Si-you-wen-kian-lo, citados por Abel Remusat. (1)

Penso, outrosim, que a palavra *Khasch*, que na nossa éra perpetúa o nome da jade, no Turkestan, é uma corruptella tambem do *iaschpé*. As invasões, lutas, cruzamentos, immigrações que, desde os primitivos tempos, teem havido nessa região, autorisam a modificação phonetica, porque assim como fizeram *Chamen* de *Sramana*, mais facilmente de *iaschpé* fizeram *Kiasch* ou *Khasch*.

Si este vocabulo é corruptella do outro, é uma prova muito concludente de que o jaspe verde, o beryllo de Moysés, é a verdadeira jade que se introduziu, por immigração, em quasi todos os povos do velho e novo mundo.

Emfim, a duvida será tirada, compulsando-se o texto samaritano, original dos livros de Moysés.

Este é escripto em hebraico com caracteres phenicios, que foram modificados e mesclados a caracteres chaldaicos, quando os judeus se separaram dos samaritanos, depois do captiveiro de Babilonia. Ha, pois, hoje, esses dous textos que se consideram originaes. Do samaritano ha uma edição, feita em 1631, pelo Padre João

(1) *Hist. de la ville de Khotan, tirée des Ann. de la Chine, 1820.*

Morino, da Congregação do Oratorio de Paris, que passa por ser a fonte mais pura.

As versões gregas e latinas, sempre com o fim de expurgar erros, modificaram muita cousa, e, é natural, que o palavra pedra, que apresenta as edições latinas, já não exprima a verdade, por ter sido alterada a orthographia primitiva ou mesmo pela audição.

Sabemos que no primitivo hebraico a escripta era feita só com as consoantes, o que difficultava a interpretação, e que foi só no seculo VI, da nossa era, que se empregaram os signaes e os pontos massoreticos, como vogaes. Comtudo a falta de um ponto ou a sua má collocação, dá assim mesmo logar a interpretações erroneas, porque muda completamente o sentido das radicaes.

Assim é que para uns, com se vê nas interpretações biblicas, o *schaked* é *amendoeira*, para outros *vara que verga*; *lus* é *amendoa* para uns, *nós*, para outros; *tap-puakh* é *batata* e é *laranja*; *teénah* é *banana* e é *figo*; e dahi a duvida, si Eva se cobriu com folhas de *banana* ou com as da *figueira*.

Segundo uma autoridade ingleza, sobre o assumpto os textos estão alterados, primeiro: « that it has come down to us in an absolutely faultless condition, by miraculous preservation », segundo: « that it has been wilfully and and unscrupulously falsified by the jews. »

Assim é que Max Müller (1) nos apresenta um exemplo de alterações na passagem de algumas palavras não hebraicas, mas sanscritas para o chinez: « Qui aurait pu jamais deviner que *Fo-to*, ou plus frequemment *Fo*, est mis par *Boudha*, *Ko-lo-keoulo* pour *Rahula*, fils de *Boudha*, *Polo-naï* pour *Benarès*, *Keng-ho* pour *Gange*, *Niepan* pour *Nirvana*, *Chamen* pour *Sramana*, *Feito* pour *Veda*, *Tcha-ll* pour *Kohattrya*, *Siu-to-lo* pour *Sudra*, *Fan* ou *Fan-lon-mo* pour *Brahma* ? »

(1) Essais sur l'hist. des religions, pag. 359.

A verdade  
consultei, em  
que a palavra  
que se lê n  
allema (luth-

que reza o tex

*sharp knives*  
mente, se su  
O versicu

braicas, reza  
cortante.

Si bem q  
comtudo indi  
deve se refer  
commun, de  
sim da jade,  
por varios pe

O nome  
ao verdadeiro  
chegou ao Oc  
ptores dos pr

Tanto este  
que faziam par  
ctivo do mag  
as doze tribus

Entre a es

a amethysta,

לְשֵׁפֶרֶת, ia

(1) Exodo, cap.

(2) Ibidem, cap.



A verdade é que nas muitas edições, hebraicas, que consultei, entre ellas uma de 1656, de um rabbino, noto que a palavra *pedra* do versículo 2 do cap. V, de Jossué, que se lê nas versões latina, portugueza, grega e até allemã (lutherana) não existe. As versões inglezas dizem o

que reza o texto hebraico **חַרְבֵי אֲרָיִם**, *aserim*, *sharp knives*, facas cortantes ou agudas, onde, naturalmente, se sub-entende que eram de pedra.

O versículo 25 do cap. IV do Exodo, nas edições hebraicas, reza **צֶרֶף לְתִבְרָח**, *dsor*, *sharp stone*, pedra cortante.

Si bem que a palavra hebraica não denomine a pedra, contudo indica uma qualidade que, devemos crer, não deve se referir ahí a um simples seixo vulgar, ou silex commum, de que se faziam pontas de flechas e facas, e sim da jade, que para esse fim também era empregada por varios povos do Oriente.

O nome jaspe, dado então á *jade*, e posteriormente ao verdadeiro *beryllo*, foi o que mais se vulgarisou, o qual chegou ao Occidente, e o de que se occuparam os escriptores dos primeiros tempos.

Tanto este jaspe era pedra preciosa, que era uma das que faziam parte do *Racional*, (2) ou grande pendente distinctivo do magno sacerdote Aarão, pedras que designavam as doze tribus de Israel.

Entre a esmeralda, a saphira, o diamante, a sardonía, a amethysta, etc. figuravam, o **יְהוֹלֵם**, *ihalon*, e o **לִישְׁפָּה**, *iaschêpé*. O primeiro querem alguns interpretes

(1) *Exodo*, cap. XXVIII, v. 1.

(2) *Ibidem*, cap. XXVIII, v. 22.

que seja o diamante e a segunda o beryllo ou jaspe verde.

O beryllo vulgar, que hoje é conhecido, e está identificado com o *amazonstone*, não figuraria, forçosamente nesse sagrado distinctivo, encastoadado em ouro muito puro (ouro purissimo) como nos diz Moysés.

Nechepso, rei do Egypto, contemporaneo de Moysés, Herodoto, Hypocrates, Aristoteles, Theophrasto, Strabão, antes de Christo, da jade (jaspe) se occuparam como pedra maravilhosa.

No começo da nossa éra, Plinio (1) affirmou que em todo o Oriente o jaspe verde se usava em amuletos: «Totos vero Oriens pro amuleto gestare eas traditur. Quae ex iis *smaragdus similis ut.*»

Galeno, que morreu na Sicilia no anno 201, tambem nos diz: (2) «Proprietatem nonnulli lapidibus quibusdam testimonis suo adseribunt, tale qualem revera habet *jaspe vivens* nempe stomachum adhaesu ventrisque os adjuvans. Ac nonnulli quoque *annullis inserunt scalpuntque in eo draconen radios habentum...* Torquem enim ex hujus modi lapellis confectum a *collo suspendi* ita ut lapides os ventris contingerunt.»

Nos hymnos gregos da Argonautica, attribuidos a Orpheu, em uma traducção latina de 1689, tratando das propriedades das pedras, lê-se o seguinte: «Inde etiam contra lethalem aspidem novi aspectum fui valida esse remedia homines servans *divine lapis*, cui nomen *color est viridis possi.*»

Marco Paulo, em 1323, tambem trata do jaspe (Khasch) de Khotan, no Turkestan.

Não preciso ir buscar outras fontes para mostrar como a jade, ou a nephrite, de epochas immemoriaes, era apreciada, pelas suas virtudes, pelos povos asiaticos. Então foi

(1) Liv. XXXVII, 4.

(2) *De simplicium medicam*, 1550, liv. XI, cap. XXVI, pag. 243.

sempre com  
*jaspe*, como  
na origem d  
nome de *ped*  
trazida ao pe  
de todos os m

Esta é a  
muirakytã de  
ropa, provada  
prios amuleto

E' sabido  
amuletos de  
Russia, na A  
em diversos l  
assim como e  
quaes foram c  
objectos havia  
de linhas migr  
apresentava u  
mentos seguro

Esse escl  
nos dar as d  
Troya, pelo S  
migração Euro  
desenterrou in  
ouro, de bronz  
e multissimos  
celts, e verda  
em *materia, f*  
uso, e feitos p

Compulsan  
liemann, exan  
photographadas  
pierre verte tr  
teem encontra  
cultura, nos

sempre conhecida, segundo os primitivos escriptores, por *jaspe*, como depois o foi por *feldspatho*. Nasceu o amuleto na origem dos povos do Oriente, e, com elles, appareceu o nome de *pedra divina*, que os acompanhava, como talismã, trazida ao pescoço, para lhes dar fortuna, saude e os livrar de todos os malifícios.

Esta é a antiguidade, na Asia, da jade, da qual é feito o *muirakytã* do Brazil, e mostrarei agora a que tem na Europa, provada, não pelos escriptores, mas sim pelos proprios amuletos, reconhecidos pela sciencia.

E' sabido que em diversos museus da Europa existem amuletos de jade e jadeite, encontrados soterrados, na Russia, na Allemanha, na Grecia, em Troya (Peloponezo), em diversos logares, e nas palafites da Italia e da Suissa, assim como em França, na Hespanha e em Portugal, os quaes foram chimica e mineralogicamente estudados. Estes objectos haviam sido encontrados espalhados como balizas de linhas migratorias e, á excepção dos das palafites, nenhum apresentava um logar, que precisamente desse esclarecimentos seguros de uma estadia no caminho migratorio.

Esse esclarecimento, essa prova veio, ha poucos annos, nos dar as descobertas feitas nas excavações da antiga Troya, pelo Sr. Dr. Henrique Schliemann, o que liga a migração Europeia á Asia. Nas profundas camadas d'onde desenterrou innumerous objectos de terra-cotta, de pedra, de ouro, de bronze, etc., como vasilhame, utensilios, estatuetas e multissimos outros objectos, encontrou tambem muitos celtas, e verdadeiras *muyrakytãs*, iguaes aos da America, em *materia, fórma e dimensões*, consagrados ao mesmo uso, e feitos para serem trazidos *suspensos ao pescoço*.

Compulsando-se as *Antiquidades Troyanas* do Dr. Schliemann, examinando-se as suas numerosas estampas, photographadas, encontram-se muitos amuletos «d'une pierre verte tres dure», inteiramente iguaes aos que se tem encontrado no Brazil, filhos da mesma escola de esculptura, nos mostrando a mesma origem de crenças.

Estes amuletos, segundo o mesmo investigador, (1) quando trata da fórma de um delles, « et d'autant plus remarquable qu' elle a été trouvée à 14 mètres de profondeur, dans les couches de decombres du peuple que á précédé les Troyens.»

Ora, sabemos que o povo Troyano ou Helleno, primitivo, compunha-se de varias tribus, entre as quaes figuravam os Karios e os Pelagios.

Este povo heroico, que Homero immortalizou, existiu duzentos annos antes do mesmo Homero, foi contemporaneo de Salomão; por conseguinte, viveu 2500 annos, pouco mais ou menos, (2) antes de Christo. São, por conseguinte, dessa epocha fabulosa, os amuletos achados por Schliemann e dessa éra, mais ou menos, datam, naturalmente, os que tem sido encontrados disseminados pela Europa, levados por immigrantes. Desse achado se prova que a immigração da Asia para America é, mais ou menos, contemporanea da que se dirigiu para Troya, nos tempos fabulosos ou mythologicos, fazendo ambas parte de um só povo com os mesmos usos e crenças, que se dispersou, talvez, pela mesma causa. Segundo o meio e os recursos locais, cada um dos bandos migratorios desenvolveu-se a seu modo, com os elementos artisticos e moraes que consigo levavam e que, combinados com outros, que nas marchas encontravam, em outros povos, deram, posteriormente, resultados differentes. Dahi, os monumentos europeus e os americanos.

Pelo que acabo de expor se vê que a antiguidade da Jade na America acompanha a que ella tem na Asia, e na Europa e que os muyrakytás que se encontram hoje soterrados são reliquias archeologicas, que datam de muitos

(1) Atlas des Antiquités Troyennes. Illustrations photographiques faisant suite au Rapport sur les fouilles de Troie. 1874, pag. 7.

(2) A lei escripta foi dada a Moysés 430 annos depois da vocação de Abrahão, a ruína e a tomada de Troya foi 308 annos depois da sahida do Egypto, 1864 depois do diluvio ou 2840 annos antes da era christã.

seculos e  
temporan

De u  
duas mir  
dente, co  
Europa, o  
Outro pel  
o oceano,  
caminhos  
taram e  
á Americ  
Este artis  
pectuaran  
suas virtu  
não como  
de verdade  
degenerad  
veram a f

Si não  
american  
buscou de  
mesmas v  
de suas ja  
immenso f  
virtudes ic  
furou-a, su  
verenciou ?

De ond  
de escola a  
que estavan  
differentes?

Os sabi  
ponto, dizer

(1) La thec  
Vol. VI, 1895,  
2258

seculos anteriores á vinda do Salvador ao mundo, e contemporaneos dos tempos mythologicos dos Gregos.

De um exodo do planalto central da Asia desceram duas miracemas, uma para o Oriente e outra para o Occidente, como já vimos. Uma pela Asia menor, entrou na Europa, onde espalhou-se e um ramo atravessou os mares. Outro pelo sul da China e pelo Japão, tambem atravessou o oceano, chegando ambos á America, em epochas e por caminhos diferentes, por onde se esgalharam, se inxertaram e se dividiram ambos os ramos, porém, chegaram á America presos por um só elo, o *muirakytá*, de jade. Este artistico monumento que se perpetuou, como se perpetuaram pelas tradições, pelas lendas e pela lingua, as suas virtudes e o seu emprego, chegou até nós, para, se não como verdadeiro foco luminoso, ao menos como facho de verdadeira luz, nos mostrar a origem dessa raça, hoje, degenerada, e desgraçada pelos seus descendentes, que tiveram a fortuna de achar, elementos de prosperar.

Si não é assim, porque razão o *autochthone* (??) americano, que não descende da Asia, e nunca lá foi, buscou de preferencia uma pedra asiatica, para lhe dar as mesmas virtudes e o mesmo emprego que tem na patria de suas jazidas? Porque preferio a pedra verde, que, com immenso trabalho esculpiu, dando-lhe fórmas, dimensões e virtudes identicas ás que no Oriente se dava? Porque perfurou-a, suspendeu-a ao pescoço, ligou-lhe poder e a reverenciou?

De onde vejo essa unidade de pensamento, de creença, de escola artistica, de gosto e de perpetuidade, entre povos que estavam separados, por mares vastissimos, e em meios diferentes?

Os sabios que respondam, porque, por emquanto, façam ponto, dizendo como o Professor Raymond de Girard: <sup>1</sup> Nous

(<sup>1</sup>) La theorie sismique du deluge. Bull. de la Soc. Friburgoise de Sciences nat. Vol. VI, 1895, pag. 541.

avons pleine conscience de tout ce qui manque à notre œuvre: nous sommes prêt à renoncer devant les preuves à toute théorie préconçue et, si nous estimons que les théories sont nécessaires pour jalonné la marche de la science, en revanche, nous reconnaissons qu'à l'heure actuelle, tout système ne peut être que provisoire, si on compare le peu qui l'on sait à la masse énorme de ce qui reste à savoir.»

Tratando da antiguidade da jade, devo, para finalizar, fazer ver que tanto, sempre, foi tida como pedra de propriedade sobrenatural que além dos amuletos, faziam-se della, de jadeite e de chloromelanite, também pequenos machados, (*celts*) votivos, lisos, simplesmente polidos ou mesmo muito ornamentados com emblemas allegoricos, como o muito representado e conhecido por *Celt de Humboldt*, originario do Mexico. Estes machadinhos são mais vulgares, e, em sepulturas, em grande quantidade tem sido encontrados.

Escasseando a jade delles se aproveitaram para ser transformados em amuletos. Para esse fim eram serrados em laminas mais ou menos finas, no sentido vertical ou transversal e mesmo pelo meio. Obtidas essas laminas que algumas conservam, ainda, a forma do corte dos machadinhos, eram perfuradas, então quasi sempre, com um só furo para ser trazido suspenso ao pescoço. Essas mesmas laminas, para mostrar o apreço em que eram tidas, ás vezes também, ainda eram subdivididas, e perfuradas, e raras esculpidas.

Em Costa Rica e em Nicaragua, esse processo de multiplicar a jade foi muito usado. O professor Putnam, em 1886, apresentou muitos especimens desta natureza, á Sociedade dos Antiquarios Americanos.

O Sr. Jorge Kunz, no Congresso Internacional de Anthropologia e de Archeologia, que se reuniu em 1889, em Pariz, apresentou ao mesmo não só um modelo de um grande machado votivo, achado em Oaxaca, no Mexico, ha mais de trinta annos, como um *pectoral de jadeite* re-

presentar  
ser o s  
nos *Cod*

Este  
O<sup>m</sup>,1 de  
zido sus  
lhe foi c  
ou amu

Os r  
como na  
panheir  
dades de  
presentar

Pelas  
alem-tur  
frimentos  
virtudes  
morte se  
rakyatá s  
com este  
porém, o  
sem ter e

O m  
élo que s  
acompanh  
americano  
proas das

Tal e  
tiguidade  
fins muito  
era ella e  
bolo relig  
rocha; ap  
dias, não  
por aquel  
tinham o

presentando uma cara ou mascara humana, que parece ser o symbolo de *Achau*, representado commummente nos *Codez Mayas*.

Este grande pectoral tem  $0^m,16 \times 0^m,12$ , mede apenas  $0^m,1$  de espessura e tem os dous furos precisos para ser trazido suspenso ao pescoço de onde o nome de *pectoral* que lhe foi dado quando não passa de um verdadeiro *Muyrakytā* ou amuleto.

Os machados votivos são communs, não só na America como na Europa, não fallando nos da Asia. Eram os companheiros dos mortos, os que levavam e provavam as saudades dos vivos, que nas sepulturas iam deposital-os representando as suas preces.

Pelas suas virtudes e propriedades supersticiosas de alem-tumulo, preservavam, talvez, ahi, os mortos dos sofrimentos e lhes davam o gozo de uma vida feliz. Suas virtudes eram funerarias, só eram exercidas quando a morte se apoderava do individuo, emquanto que o *Muyrakytā* só exercia o seu poder durante a vida. Muitos com este baixavam á terra, sem os machados votivos; porém, outros tinham as suas sepulturas ornadas destes sem ter em vida possuido o outro.

O machado votivo, de jade ou jadeite, é ainda um elo que se liga á longa cadêa que se prende á Asia e que acompanhou os passos dos primeiros que pisaram o solo americano, que traziam ao pescoço os *Muyrakytās* e nas proas das canoas e nos templos conservavam os idolos.

Tal era, pois, o apreço que desde a mais remota antiguidade se ligava á pedra divina, ou á jade que, só para fins muito especiaes e mesmo, por assim dizer, sagrados, era ella empregada. O uso do machado votivo, como symbolo religioso, data dos tempos do primeiro apreço dessa rocha; apreço supersticioso que foi perpetuado até nossos dias, não só pelos povos selvagens como, principalmente, por aquelles que destes directamente descendem, os que tinham o culto do Sol das serpentes.

Desapparecendo completamente a vinda da jade para a America, no Brazil, pelo menos, foi ella substituida pelo diorito e pelo quartzo, para a factura dos machados votivos, como na Europa pelo silex onde não chegou a jade. Encontrei alguns com 0,02 de tamanho. Desses machados apenas vi dous de nephrite, cuja origem era desconhecida. Um em mãos de um particular e outro, com forma semelhante á dos machados de diorito, do Sul do Brazil, e que existe, ha mais de quarenta annos no Museu Nacional.

Presumo que, apezar de sua fórma, não seja brasileiro. Este machado está figurado á pag. 483 do VI volume dos *Archivos* do mesmo *Museu*.

Finalmente, o uso supersticioso do machado votivo de jade, ainda prende os povos primitivos americanos, aquelles que, na Europa, tambem tinham o mesmo culto supersticioso e que empregavam então o silex, rocha que tinham á mão, para substituir a que só existia na mãe patria.

Os machados votivos, que abundavam nos terrenos primitivos na Europa, eram de silex, grosseiramente talhados. Encontram-se centenas em uma só sepultura, «c'est qu'en effet», nos diz Boucher de Perthes (1) occupando-se com os do *diluvium* «elles n'étaient pas destinées á l'usage journalier: c'étaient des *ex voto*, un hommage aux morts, qu'on fabriquait á la hâte pour la circonstance, et qu'on jetait á la place où reposait la cendre du défunt.»

Este uso perpetuou-se modificado até nós. Não sei si nos veio de Portugal; porém na Bretanha, ainda não ha muito tempo, era adoptado. Em vez do machado empregamos, uma pedra, qualquer, que se ache ao alcance da mão.

No interior do Rio de Janeiro e em Minas Geraes se vêem pelas estradas cruces de madeira, que assignalam uma morte, ou mesmo protegem um morto, que se levantam de montes de milhares de pedras. Tenho visto algumas que até aos braços estão encobertas pelos callhões. Todo viajante

(1) Antiquités celtiques et antideluviennes, III pag. 351.

que passe  
um *Pate*.  
Brazil é u  
é dos prí

Creio  
dos indio  
ellas o ch

Nos t  
que, la a  
Alors cha  
matière a  
même».

Os Es  
Arctico, c  
belá de p  
uso da pe  
funerarias  
atiravam

Estas  
tivo comr  
de crer c  
sepultura  
uso da pe  
onde elle  
o machad  
iukaçauas  
perfeitam  
culto reli  
era tamb

Na E  
encontrad  
tram tam  
trados en

(1) Co



que passa nella colloca uma pedra, que representa, dizem, um *Pater noster* pela alma do que ali jaz. Si no Sul do Brazil é uso posterior ao da descoberta do Brazil, no Norte é dos primitivos tempos.

Creio que os portuguezes receberam antes este costume dos indios, que, adoptando as suas crenças, adaptaram a ellas o christianismo.

Nos tempos primitivos, « dans l'origine, il est à croire que, la aussi, elle était travaillée et sur un type donné. Alors chacun apportait la sienne toute préparée, ou si la matière abondait dans les lieux, il la taillait à l'instant même ».

Os Esquimãos, que habitam as praias do Oceano Glacial Arctico, desde a Siberia até Groelandia, que usam o tembetá de pedra ou de osso, como usaram os lupis, teem o uso da pedra votiva. O capitão Cook viu monticulos de pedras funerarias em Onalaska, e notou que todos que passavam atiravam nelles uma pedra. (1)

Estas pedras votivas de hoje representam o machado votivo commum de outras éras; porém o de jade ou de jadeíte é de crer que acompanhasse sómente o corpo dos chefes á sepultura. No valle do Amazonas, onde ha o Muyrakytá, o uso da pedra votiva não existe; entretanto em Minas Geraes, onde elle não apparece, é vulgar a pedra votiva. Todavia o machado votivo no valle do Amazonas se encontra nas iucaçauas, não os de jade, mas os de diorito e de syenito, perfeitamente polidos e bem acabados, pelo que se vê que o culto religioso dos povos primitivos da Europa e da Asia era tambem commum na America.

Na Europa os celtis votivos de nephrite ou jadeíte são encontrados, principalmente, nas palafites, onde se encontram tambem Muyrakytás iguaes aos que foram encontrados em Troya, e em diversos logares da Europa, pare-

(1) Cook, *Voyage dans l'Océan Pacifique*, page. II 595.

cendo que, como na America, andavam sempre ligados, e presos pela mesma superstição religiosa.

Para estes celts votivos escolhiam-se sempre as melhores rochas «et une des preuves les plus frappantes de ce fait nous est fournie par les haches de jade...bien qu'on ne trouve la jade nulle part en Europe.» (1)

Emfim a jade, desde os tempos mythologicos da Europa e dos biblicos asiaticos, foi até nossos dias sempre considerada uma rocha maravilhosa, empregada, sobretudo em objectos de culto religioso. Esse mesmo emprego, e esse mesmo culto existiram na America e porque então se duvidar da origem da raça americana e não se querer que seja asiatica?

Não são simples ou meras hypotheses; é um objecto palpavel, é uma rocha que se presta a analyses, que balisa a marcha dos immigrants, é uma prova material que nos guia, e que brilha atravez dos seculos, nos mostrando o caminho da verdade.

(1) *L'homme prehistorique*, 1876, pag. 72.

~~~~~  
 F I M  
 ~~~~~

Ao te  
 uma excu  
 Museu Pa  
 um object  
 pela sua  
 distico —  
 Sobre  
 se sabe q  
 Sertorio,  
 Sendo-  
 fiança, pel  
 o estudei  
 E' um  
 nephrite, o  
 na falta de  
 ao lacre, r  
 zada, com  
 mas presun  
 oleosa, por  
 bituminoso  
 E' uma  
 se liga pel  
 de fazer os

## ADDENDA.

### UM FALSO MUYRAKYTĀ.

Ao terminar a impressão deste volume, tive de fazer uma excursão ao Estado de S. Paulo, e, ahi, visitando o Museu Paulista, deparei na sala 12, Armario S. 33, com um objecto que immediatamente chamou a minha attenção pela sua fórma, tamanho e esculptura, e que tinha o distico — *Amuleto dos Indios do Brazil*.

Sobre o seu historico não ha informação alguma; apenas se sabe que fazia parte das collecções do antigo *Museu Sertorio*, que pertencia a um particular.

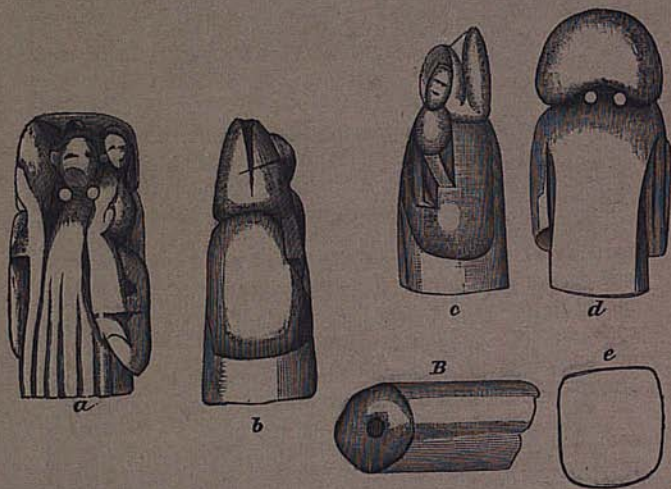
Sendo-me gentilmente cedido esse objecto, em confiança, pelo Director do mesmo museu, o Sr. Dr. Ihering, o estudei e aqui apresento o que me parece.

E' um verdadeiro modelo de Muyrakytā, feito não de nephrite, ou de outra qualquer rocha de que se lançasse mão, na falta della, mas de uma massa homogenea, semelhante ao lacre, muito dura, preta, leve e, pelo atrito, invernizada, com a apparencia da turmalina negra. Não arde, mas presumo ter entrado na sua composição alguma parte oleosa, porquanto ante o fogo desprende um leve cheiro bituminoso. Raspada dá um pó cõr de ferrugem.

E' uma verdadeira cópia de um Muyrakytā, ao qual se liga pelo tamanho, fórma, estylo esculptural, maneira, de fazer os desenhos e de perfuração. Como os Muyra-

kylás, tem os dous furos, para passagem do fio, para o trazer pendente ao pescoço. Naturalmente teve o seu uso.

Ignora-se a sua origem ou procedencia, como disse; mas creio que si não é Amazonense, veio trazido do Mexico ou das Antilhas. O Museu Sertorio possuia grande cópia de objectos ethnographicos e archeologicos, do valle do grande rio, e entre elles é possível que tivesse vindo o amuleto em questão.



Attesta uma alta antiguidade, pelo que a parte oleosa que entrou na sua composição desapareceu. Não é modelado, foi esculpido com algum instrumento cortante, depois da massa endurecida e representa um homem ou mulher vestido de uma longa samarra, que pende do pescoço, tendo os braços occultos por baixo de uma especie de capa, que vista pelas costas assemelha-se a um Mac-

Ferland  
deixa ver

Latera  
passam d

No al  
capa, fica  
dos trans  
como se c  
sentam ev  
de cordõe

Do la  
haver out  
semi-zoom

Do lac  
A figura d  
cabellos.

Em to  
maneira d  
que é um  
mente se l  
rocha asiat  
que pudess

Muyrakytã

Não lh  
com que  
preta, que  
param os  
armas e er  
da fumaça.

brilho, com  
côr ferrug

Falsos  
tenho visto  
primeiro, p

Devo n  
em um fino

Ferland. A parte inferior do rosto está partida, porém deixa ver perfeitamente os olhos.

Lateralmente ao pescoço ficam os dous furos, que passam de um para outro lado.

No alto, por detraz da cabeça da figura, encostado á capa, fica um terceiro furo perpendicular, que se liga a um dos transversaes. Este furo, entretanto, não era utilizado, como se deprehe de do seu exame. Os transversaes apresentam evidentes signaes de terem sido gastos, pelo attrito de cordões, emquanto que o perpendicular está perfeito.

Do lado direito, visto o objecto de frente, parece haver outra mulher, nua e vista de lado, com o corpo semi-zoomorpho.

Do lado esquerdo apparece um desenho de phantasia. A figura do centro, além dos olhos, mostra as orelhas e os cabellos.

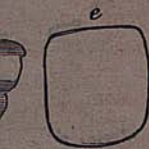
Em todos os traços do desenho, nas suas fórmãs, na maneira de esculpir, se impõe o Muyrakytã, pelo que se vê que é um amuleto filho da mesma escola e a elle naturalmente se ligavam as virtudes do de nephrite. A falta da rocha asiatica, a difficuldade da esculptura em outra rocha, que pudesse ser polida, levou o artista a fazer este falso Muyrakytã.

Não lhe deu a côr verde por não encontrar substancia com que pudesse preparar a massa, sendo mais facil a preta, que é a que em geral dão ao *cerol*, com que preparam os seus objectos e ligam os seus instrumentos, armas e enfeites. A côr negra é produzida pela fuligem da fumaça. O *cerol*, que é perfeitamente negro, e toma brilho, com o uso, raspado ou pulverisado, dá um pó de côr ferruginea.

Falsos muyrakytãs, feitos de rocha, que não a nephrite, tenho visto; porém feitos de outra substancia este é o primeiro, pelo que em tempo aqui o noticia.

Devo notar que esse falso Muyrakytã estava enfiado em um fino cordel de fibra vegetal, perfeitamente enrolado

o, para o  
o seu uso.  
mo disse;  
razido do  
uia grande  
s, do valle  
esse vindo



parte oleosa  
Não é mo-  
nto cortante,  
a homem ou  
ue pende do  
uma especie  
a um Mac-

e encerado com seiva, tambem vegetal, que, pela cõr e consistencia, julgo ser da de alguma Byrsonima (murchy).

No mesmo cordel está tambem enfiada uma conta, partida de um lado, de uma massa vitrea, transparente, de um azul claro ultramarino, mas que, pelo longo uso, a parte externa está gasta e opaca.

A conta é alongada, pentaedrica e perfurada longitudinalmente, como o são os myrakytās desse systema. Creio estar quebrada pelo meio, pelo que presumo que teria 35 a 40 milímetros de comprimento. Esta conta é de origem europea, mas remonta á alta antiguidade e como esta muitas teem sido encontradas soterradas na America do Norte, as quaes, para alguns, passam por serem de industria phenicia.

Pelas figuras que apresento aqui, todas de tamanho natural, poder-se-ha melhor julgar esse falso Myrakytā.

Em A. *a*, é visto de frente, em *b* e *c* de lado, em *d*, pelo dorso, e em *e* pela base. A figura B. representa a conta azul.

an  
outo  
Lod  
Neph  
Lod

NEPHRITE VERDE

PESO

Ja  
Ja  
Ja  
Ja  
Ja  
Ch

ANALYSES de algumas nephrites, jadeites e chloromelanites feitas por Fischer, Frenslay e Damour

Peso específico	NEPHRITE VERDE DO TURKESTAN								Neph. Branca	Jadeit. e	Chloromelanite
	2,33	2,937	2,968	2,974	2,980	3,00	2,970	3,34			
Silica . . . . .	55,44	50,50	59,32	59,24	58,42	55,48	58,45	59,17	22,58	14,76	59,40
Alumina . . . . .	—	0,53	0,65	0,50	0,70	0,31	—	—	—	—	—
Oxido de ferro . . . . .	4,81	0,70	—	0,34	—	6,27	—	—	—	—	3,27
Ferro oxydulado . . . . .	—	—	0,76	0,97	0,67	—	1,15	1,56	2,68	6,05	—
Cal. . . . .	13,42	40,47	13,58	14,51	13,85	42,88	42,06	27,09	1,45	1,82	5,49
Magnesia. . . . .	22,92	24,24	24,50	23,55	24,39	22,55	27,09	—	—	—	—
Oxydo de manguez . . . . .	—	0,55	0,51	0,53	0,46	Vestig.	—	—	—	—	0,66
Soda . . . . .	—	1,02	—	0,19	—	—	—	—	—	—	—
Potassa . . . . .	—	—	—	—	0,10	—	—	—	—	—	—
Agua . . . . .	—	0,62	1,05	0,78	1,20	2,65	—	—	—	—	—
Fluorsilica . . . . .	—	1,28	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	98,87	100,14	100,37	98,76	100,39	100,14	98,76	100,07	100,07	99,66	99,66

PESO ESPECIFICO DAS VARIEDADES PRINCIPAES DA JADE

SEGUNDO

M. DAMOUR

Jade branca ou oriental . . . . .	2,969
Jade cinzenta . . . . .	3,003
Jade escura . . . . .	3,047
Jadeite, branca acinzentada . . . . .	3,331
Jadeite cinzenta-azulada . . . . .	3,396
Jadeite imperial, verde-esmeralda . . . . .	3,338
Chloromelanite . . . . .	3,413

**Page.**

XXV

84

85

88

90

91

96

96

97

97

101

101

103

103

103

104

104

105

106

106

106

106

111

118

121

121

121

121

123

123

124

124



## ERRATA

Pags.	Linhas	Onde se lê	Leia-se
XXV	3	asde	as de
84	9	loempietar-se	loempietarem-se
85	13	para as	nas
88	20	mesmos,	mesmos:
90	3	referindo	referindo-se
91	29	Nestas, em	Nestas como em
96	8	ser	serem
96	10	segur	segurem
97	12	demonio.	demonio;
97	17	tudo	por tudo
101	18	convidam	convida
101	19	Izy,	Izy;
103	11	repeti, baseado	repeti. Baseado
103	12	e no	no
104	10	moradores do	moradores
104	15	e os	e
105	3	a	as
106	6	estrutura	estrutura
106	12	formam	fôrma
106	22	da	do
106	25	destruição	destruição foi
111	4	Columbianos,	Columbianos;
118	22	e só,	e, só
121	7	vê-se	vêm-se
121	8	ordenado	ordenados
121	14	afim	afim
121	16	usada	usado
123	12	asiatica.	asiatica;
123	17	via,	via. Vejamos
124	5	fol-he	foram-lhe
124	5	entregue	entregues

Paga.	Línhas	Onde se lê	Leia-se
126	31	aguas,	aguas;
126	31	parece,	parece
129	6	estende	estende-se
132	5	radicaes	radicaes
132	31	conserva	conservam
133	7	vêm	vê, em
134	1	a	ã
134	2	ã lenda	a lenda
135	21	modificada	modificadas
135	21	corrompida	corrompidas
135	21	mitilada	mitiladas
135	23	das quaes	de que
135	36	tem	têm
139	16	par	pas
146	29	este	estes
150	4	talismans	talisman
150	6	legislador,	legislador;
150	11	baseado	baseados
151	13	como foi	como
154	29	a	ã
156	8	Chibeha	Chibeha
156	12	ao	o
157	24	sol	sol;
161	7	comprehendia	comprehendiam
164	10	vê	vêm
164	12	'significa	significam
164	14	vê-se	vêm-se
166	16	tem	têm
167	4	differente	differentemente
178	13	Asia,	Asia:
179	6	Votan,	Votan ?
181	17	descendencie	descendencia
181	18	tem	têm
184	14	melhor, comtudo	comtudo, melhor
197	17	permitta-se	permitta-se-me
199	12	prova,	prova :
200	10	fazer	fazerem
201	22	a	ã
204	8	a	ã
204	30	figuram	figura
213	30	inxertadas	enxertadas
216	22	polltronas	polltronas
216	28	e	e que tiver,

Além destes erros escaparam, á revisao, outros assim como desentidos de pontuação, que o leitor, benevoloo, desculpará.

## INTRODUÇÃO . . . . .

- I. Os Karas, os Ka
- II. Como conheci e
- III. Origem do muyr
- IV. Jazidas e disper
- V. A raiz da arvore  
os Karaybas  
peruanos. Os
- VI. Os symbolos de  
a um muyr  
amazonense.
- VII. Fórmãs, côres e
- VIII. O tombetá e o r
- IX. Os Drs. A. B. M
- X. Observações sobre  
tradição do

- O
- I. Idolo amazonico
- II. Idolo da pesca.
- III. Idolo protector.
- IV. Idolo da fecundid
- V. Idolo dos comba
- VI. Kãmocy, o idolo  
Côres dos muyrakytãs .  
Explicação das estampas  
Errata . . . . .

# INDICE GERAL

## PRIMEIRO VOLUME

	PAG.
INTRODUÇÃO . . . . .	VII

### PRIMEIRA PARTE

#### O Muyrakytã

I. Os Karas, os Karaybas e o Muyrakytã . . . . .	3
II. Como conheci e por que liguei importancia ao muyrakytã . . . . .	21
III. Origem do muyrakytã e sua natureza . . . . .	32
IV. Jazidas e dispersão da jade. Considerações. . . . .	47
V. A raiz da arvore anthropogonica americana. Parò tuna. Ainda os Karaybas. Os Karanys. Os muyrakytãs mexicanos e peruanos. Os Araucanos e as Ikamyabas . . . . .	67
VI. Os symbolos de Yang e de Yn, chinezes, ligados a Votan e a um muyrakytã amazoneuse. As palafites e o teyupar amazonense. . . . .	96
VII. Fórmãs, côres e fabrico dos muyrakytãs. . . . .	111
VIII. O tombetã e o muyrakytã . . . . .	123
IX. Os Drs. A. B. Meyer e Virchow, e a questão da nephrite . . . . .	131
X. Observações sobre a arvore monogenica dos povos que tinham a tradição do muyrakytã. . . . .	162

### SEGUNDA PARTE

#### Os idolos symbolicos

I. Idolo amazonico ou da caça . . . . .	205
II. Idolo da pesca. . . . .	212
III. Idolo protector. . . . .	223
IV. Idolo da fecundidade. . . . .	229
V. Idolo dos combates . . . . .	238
VI. Kãmocy, o idolo da embriaguez . . . . .	245
Côres dos muyrakytãs . . . . .	254
Explicação das estampas . . . . .	257
Errata . . . . .	267

## SEGUNDO VOLUME

INTRODUÇÃO . . . . .	V
----------------------	---

## PRIMEIRA PARTE

## Lendas

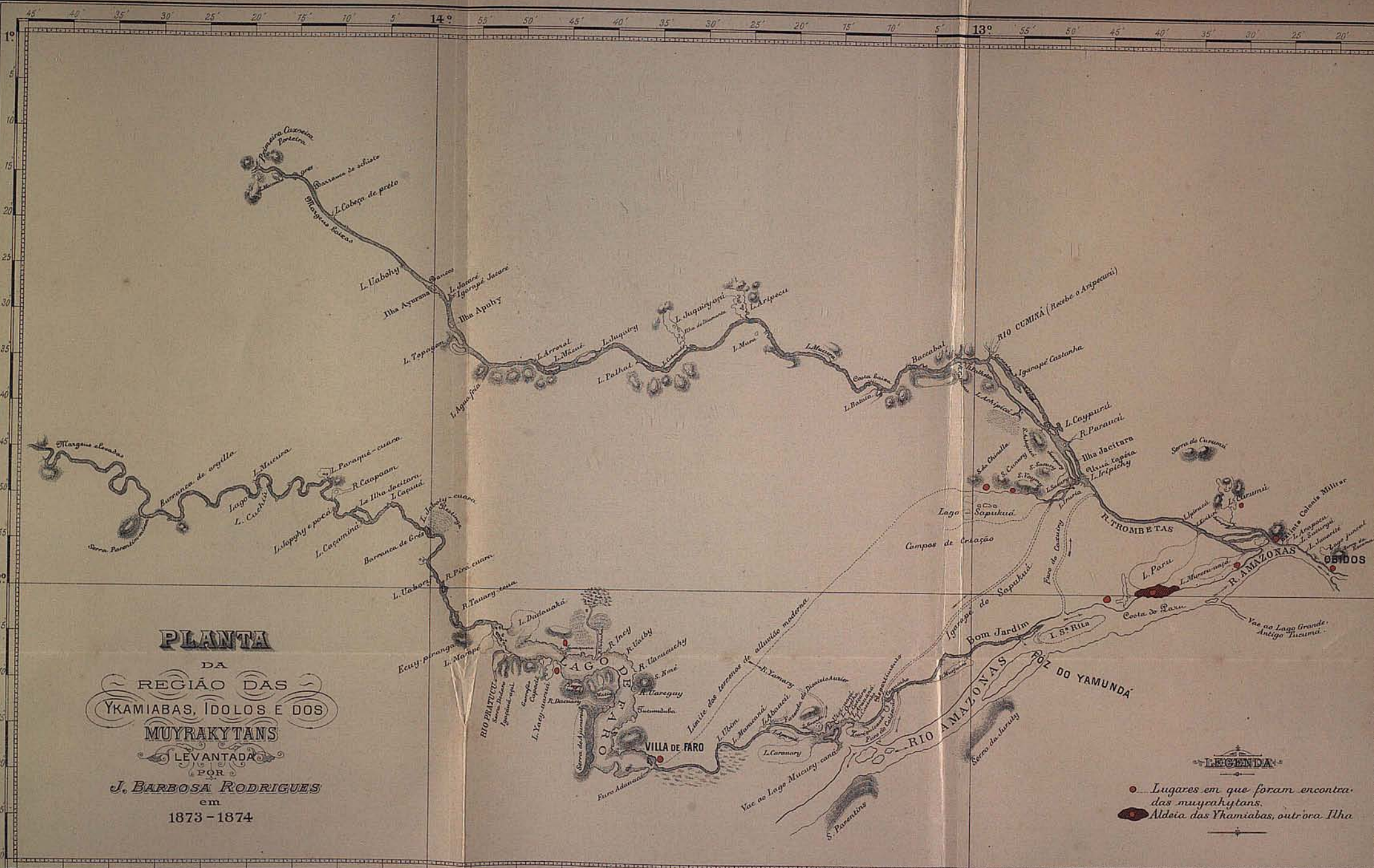
I. Iacy-uauá . . . . .	3
II. Versão do Rio Yamundá . . . . .	4
Versão dos índios Uaboys . . . . .	6
III. As Ikamiabas . . . . .	7
IV. Pahy-tunaré . . . . .	8
V. Uaupe ipyrongaua . . . . .	12
VI. Izy . . . . .	14
VII. Izy ipyrongaua . . . . .	17
VIII. Canhambuou etá maloca . . . . .	29
IX. As vespas e os reis do Xibalba . . . . .	36
X. Micura cenemue irumo . . . . .	39
XI. Urubu taira etá mena irumo . . . . .	44
XII. A lenda sagrada de Izy ou Bokan . . . . .	50
XIII. Nauinaul . . . . .	72

## SEGUNDA PARTE

## Historico e commentarios

I. Historico dos índios Uaupés. Izy, o Votan Amazonico, e os seus dabukury. . . . .	77
II. O exodo das Ikamiabas e o genesis Uaupé . . . . .	103
III. O Jurupari e a tradição dos Nahuás . . . . .	117
IV. O Sol e os amuletos. Ophiolathria. Votan e Bokan. Os Omauas e os Nahuás, Platycephalia. A estoléca. A pintura dos dentes. O Solimões. O cáucho e o jogo da péla. Os Mayas e os Mayrunas, Um king. . . . .	150
V. A casa das virgens. Analogias. Os eclipses. As vespas. Os genros e os netos . . . . .	102
VI. Os Cocomas e os Cocomas. A jade e a sua antiguidade. Conclusão. . . . .	210
Addenda. Um falso muyrakytá . . . . .	231
Errata . . . . .	237

NOTA.— Por um descuido, de revisão, sahio a numeração dos capitulos errada, o que aqui corrijo, pedindo desculpa ao leitor.



**PLANTA**  
 DA  
 REGIÃO DAS  
 YKAMIABAS, IDOLOS E DOS  
 MUVRACYTANS  
 LEVANTADA  
 POR  
**J. BARBOSA RODRIGUES**  
 em  
 1873 - 1874

**LEGENDA**

- Lugares em que foram encontra-  
das murychytans.
- Aldeia das Yhamiabas, outrora Ilha